

ARTHUR C. CLARKE

E GENTRY LEE

**O BERÇO
DOS
SUPER
HUMANOS**





**BIBLIOTECA
DO EXILADO**

O BERÇO DOS SUPER HUMANOS

Arthur C. Clarke e Gentry Lee

Uma gruta submarina vigiada por baleias que parecem drogadas. Um míssil secreto desaparecido. Trilhas de esteiras de tanques no fundo do mar. Um tridente que muda de aparência. Um planeta misterioso com dois sois, três luas e fantásticas criações. Três aventureiros participam das experiências mais eletrizantes até desvendar tantos mistérios.

É mais um romance criado por Arthur C. Clarke, mestre da ficção científica contemporânea que há mais de 40 anos cativa leitores em todo o mundo, e pelo escritor e cientista Gentry Lee, um dos autores da série “Cosmos”, realizada para a televisão.

É uma obra-prima da mais elevada imaginação visionária, destinada a se tornar tão popular como os clássicos de Clarke: 2001 -UMA ODISSÉIA NO ESPAÇO, 2010, 2061, OS NÁUFRAGOS DO SELENE, CANÇÕES DA TERRA DISTANTE, A SONDA DO TEMPO, ENCONTRO COM RAMA e UM DIA NA VIDA DO século XXI.

Título original: CRADLE

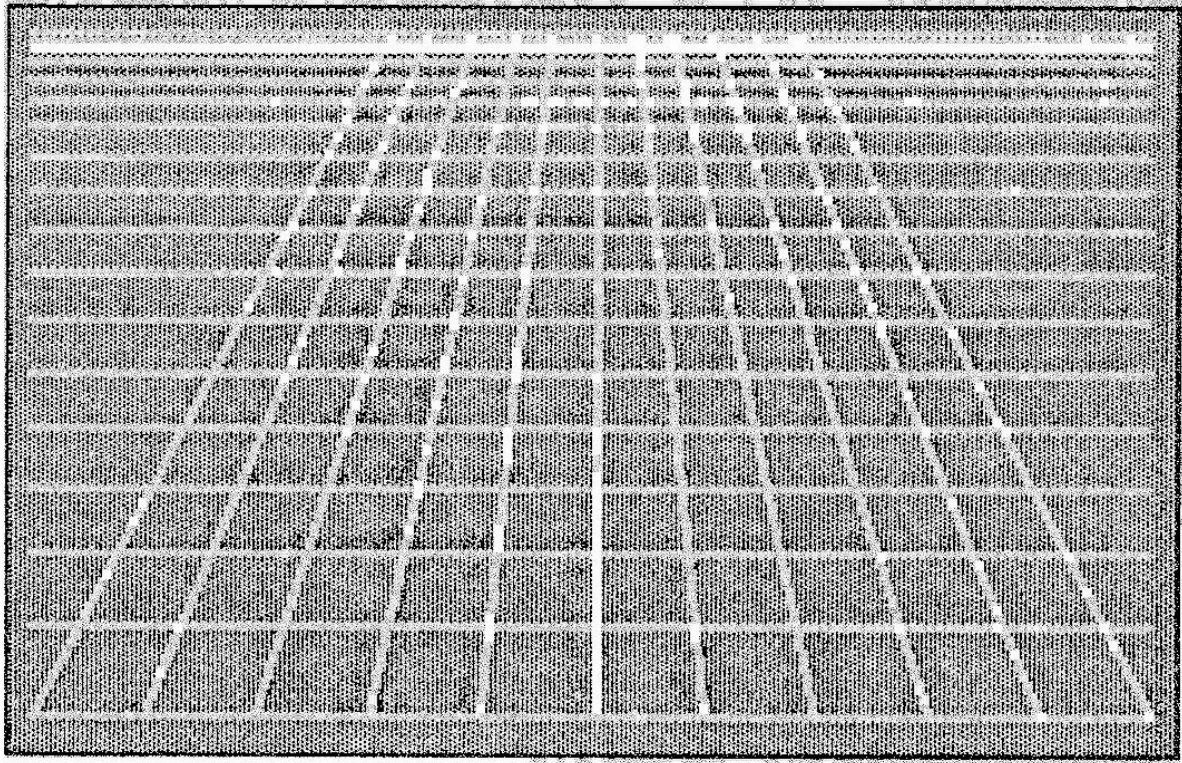
© 1988 by Arthur C. Clarke e Gentry Lee

*Este livro é dedicado às quatro
crianças mais novas de nossas
famílias, Cherene, Tamara,
Robert e Patrick.
Que suas vidas sejam repletas
de alegrias e surpresas.*

CRÉDITOS

Produtor executivo.....Peter Guber
Realizadores.....Roger Bimbaum e Lucy
Fisher
Planejador da produção.....Arthur C. Clarke
Diretor de locação.....Gentry Lee
Logística e catering.....Hector Ekanayake e Valerie
Ekanayake
Assistentes de pesquisa.....Gerry Snyder e Alan
Ladwig
Consultores de enredo.....Cooper Lee e Austin Lee
Diretor de elenco.....Stacey Kiddoo Lee
Diretor assistente.....Russell Galen
Produtor.....Gentry Lee
Diretor.....Arthur C. Clarke

ESPÉCIE AMEAÇADA



A água verde-esmeralda bate contra os rochedos vulcânicos. A espuma branca é lançada sobre a pedra áspera, deixando-a coberta por um véu rendado que brilha na luz fraca. À distância, dois sóis amarelos se põem simultaneamente, a uns 40 graus um do outro, desaparecendo no horizonte. Do outro lado do céu azul-escuro, do outro lado do istmo que desce dos penhascos vulcânicos em direção ao mar, duas luas nascem enquanto os sóis desaparecem. Seus clarões, embora bem mais fracos que o brilho dos sóis poentes, são bastante fortes para provocar sombras dançantes no mar próximo ao istmo rochoso.

Enquanto as luas nascem do lado oriental do istmo, uma luz começa a brilhar no horizonte contíguo a uns 20 graus ao sul. A princípio o brilho lembra as luzes de uma cidade distante, mas aos poucos vai ficando mais intenso até se espalhar pelo céu.

Por fim começa a aparecer a ponta do arco de uma terceira lua monstruosa sobre o horizonte quando as duas luas se encontram a dez graus acima do mar. Os dois mares ficam calmos por alguns segundos, como se o mundo sob o gigantesco astro tivesse parado para prestar uma homenagem ao espetáculo. A enorme lua amarela, com a superfície marcada por crateras, parece observar seu território enquanto se ergue lentamente no céu e banha os mares com um brilho misterioso. Ela é cem vezes maior que a menor das luas e seu brilho é mais forte que o emitido pelos dois sóis poentes minutos antes.

Abaixo dos penhascos, sob o luar da grande lua, um objeto longo e sinuoso de uns cinco metros de altura vem à tona. O espectro gira em direção aos penhascos e se lança à frente no momento em que um som agudo de clarim reverbera nas pedras e alcança o istmo. Em seguida ouve-se outro som, um eco abafado ou possivelmente uma resposta vinda do outro mar. A criatura nada graciosamente sob o luar, seu longo pescoço flexível azul-cobalto sobre um corpo cinza quase totalmente submerso.

Agora a serpente de pescoço azul se estica e se inclina em direção à terra, sua cara visível ao luar. Suas feições são retorcidas e complexas, com varies orifícios de finalidade ignorada. Ao se esticar ao máximo, a criatura contorce a cara e ouve-se uma mistura de sons; agora o clarim está acompanhado por um oboé e um órgão. Após um breve intervalo, uma resposta abafada mas com a mesma complexidade de sons chega por sobre o istmo.

A serpente nada para o norte ao longo da costa. atrás dela, meia dúzia de

pescoços sinuosos aparecem na superfície. Essas criaturas são um pouco menores e o azul de seu pescoço menos brilhante. O grupo emite em uníssono o som de seus clarins em direção ao leste. Outra vez há um intervalo antes da resposta esperada e logo o som mais baixo de vários clarins atravessa o istmo. Imediatamente as seis criaturas e seus companheiros distantes inciam uma comunicação musical complexa que aos poucos vai ficando mais intensa até o prelúdio atingir um crescendo e então diminuir abruptamente.

Após alguns momentos, os mares de ambos os lados do istmo tomam-se mexidos, coalhados de serpentes de todos os tamanhos. Centenas, milhares de serpentes a perder de vista começam a espichar o pescoço e a girá-lo como se olhando ao redor, e juntam-se ao canto. As serpentes do mar oriental são ligeiramente menores que suas companheiras ocidentais. O pescoço das serpentes orientais é azul-claro em vez de cobalto. Estas estão acompanhadas por um grupo de criaturas minúsculas, cujos pescoços são de um azul ainda mais claro e cujo canto agudo e irregular lembra flautins entremeados por sinos de cristal.

As águas verdes dos mares começam a encapelar-se, subindo pelas pedras do lado ocidental, cobrindo rapidamente enormes extensões de terra e descendo pela encosta que mergulha no mar oriental. O encontro das três luas ocasiona uma maré alta que cobre totalmente o istmo, unindo os dois mares. Enquanto os mares vão se aproximando, o canto dos milhares de serpentes intensifica-se em grandeza, inundando a região de uma música magnífica. O canto é ao mesmo tempo um lamento de ânsia e expectativa. O clamor universal de um desejo há muito contido na iminência de ser satisfeito.

As grandes serpentes de pescoço comprido de Cantor encerram a sinfonia anual de acasalamento no momento em que os dois mares se juntam e os seres de cada um vão a procura de seus pares. Há cinco noites em cada ano cantoriano em que as forças das marés atuam em conjunto e cobrem o istmo, permitindo o cruzamento das serpentes. Cinco noites de alegria e paixão, de renovação e segurança, até o necessário retomo aos mares isolados e a longa espera pela próxima maré cheia.

Para as menores, as novas serpentes geradas no último acasalamento e chocadas pelas mães no mar oriental, a maré alta deixa-as agitadas e tristes. É tempo de se separarem de suas companheiras, de abandonarem a infância. Metade delas também deve abandonar suas mães e juntar-se às serpentes adultas azuis-cobalto.

a quem jamais viram. Este grupo, após ter vivido exclusivamente entre as companheiras de suas mães, cruzará o istmo na quinta noite em companhia de seus pais. Quando chegarem ao mar ocidental, seus pescoços azul-pálidos começarão a escurecer com a transição da puberdade até a idade adulta. E no próximo ano suas vozes baixas terão amadurecido a ponto de cada uma delas receber uma resposta positiva ao seu amado durante a sinfonia de acasalamento.

Milhares de anos se passaram no planeta Cantor. As forças da natureza agiram contra as belas serpentes de pescoço azul. Primeiro, uma longa era glacial cobriu a água do planeta com calotas de gelo, diminuindo a superfície dos mares. O número de dias de maré alta foi reduzido para quatro, depois para três, e finalmente para dois dias apenas. O complicado ritual de acasalamento das serpentes, invariável por centenas de gerações, surte mais efeito em cinco dias. Durante as centenas de anos em que apenas duas noites eram propícias ao acasalamento, o número anual de crias caiu vertiginosamente. O número de serpentes cantorianas tomou-se perigosamente pequeno.

Finalmente a energia dos dois sóis aumentou ligeiramente e Cantor livrou-se da era glacial. O nível dos mares se elevou e o número de dias para o acasalamento voltou a cinco. A sinfonia das serpentes, que havia ganhado um tom melancólico durante os difíceis anos em que os acasalamentos foram reduzidos, voltou a ser cheia de alegria.

Por várias gerações a população de serpentes aumentou. Mas então as adoráveis criaturas tiveram de enfrentar outro adversário.

Havia outra forma de vida inteligente se desenvolvendo em algum lugar de Cantor durante quase um milhão de anos, umas criaturas atarracadas e ferozes, cujo apetite de domínio era insaciável. A era glacial favoreceu a rápida evolução dessa espécie pela dos mais fortes e inteligentes.

Esta espécie, produto dos milhares de anos da era glacial em Cantor, é mais inteligente e mais capaz de lidar com o meio ambiente. Foi capaz de fabricar ferramentas e aprendeu a se beneficiar das riquezas do planeta. Não há criatura em Cantor capaz de se igualar à habilidade desses seres ou de ameaçar sua existência. Por isso eles se multiplicaram e povoaram o planeta, dominando-o completamente com sua ganância voraz.

As serpentes de pescoço azul não haviam tido inimigos naturais por centenas de milênios. Por isso não desenvolveram uma natureza agressiva, necessária para defender seu território e sobreviver quando ameaçadas. Sua alimentação sempre consistiu de plantas e animais marinhos. Os mares cantorianos oferecem uma enorme quantidade de alimentos, por isso, quando essa estranha espécie começou a cultivar os mares em proveito próprio, as serpentes não se sentiram ameaçadas. No entanto, para esses seres, cuja ganância por territórios não conhece limites, as serpentes representavam no mínimo um concorrente à fartura dos mares e possivelmente, pelo seu tamanho e inteligência, uma ameaça a sua sobrevivência.

Chegou mais uma vez a época da maré alta e as serpentes machos completaram a migração a tempo, agrupando-se como sempre ao lado das rochas vulcânicas. Agora há apenas umas poucas centenas de serpentes machos, bem diferentes dos anos tranquilos quando coalhavam o mar a perder de vista.

A lua gigante, cheia, surge como há milhares de anos, seguindo as duas menores, e este prelúdio anuncia a sinfonia de acasalamento. Mas quando a maré sobe e começa a cobrir o istmo, as serpentes percebem que há algo errado. Um som cacofônico se insinua no canto místico de acasalamento, provocando uma ansiedade de ambos os lados do istmo. Quando finalmente o mar alcança o topo do penhasco, o momento em que a sinfonia atinge seu ponto culminante, o lamento das serpentes enche a noite cantoriana.

As criaturas atarracadas haviam erguido uma barreira ao longo do istmo. Cuidadosamente calculada para ser suficientemente alta para impedir a passagem da maior das serpentes, essa barreira opressora permite às adoráveis criaturas de pescoço azul, se elas se esticarem, perceberem a presença bem próxima das companheiras, mas impede que se toquem. As noites de maré cheia são um espetáculo triste. De ambos os lados as serpentes se jogam desesperadamente contra o muro, tentando em vão tocar seus pares. Mas é inútil. O muro não permite. As serpentes estão impedidas de cruzar. Machos e fêmeas retomam aos seus respectivos mares, extremamente infelizes e conscientes das consequências que a barreira trará ao seu futuro.

Algumas serpentes quase perderam os sentidos ao tentarem derrubar o muro. Estas, de ambos os lados do istmo, ficaram para trás a fim de se recuperarem, enquanto as outras, continuando a migração periódica como se o acasalamento tivesse ocorrido, começaram a se afastar, melancólicas, cada sexo rumando ao

seu ninho em algum lugar de Cantor.

Já faz duas noites que a maré baixou, deixando descoberta a terra entre os dois mares. Duas serpentes machos, com os pescoços ainda feridos devido a inútil tentativa de ultrapassar a abominável barreira, nadam juntas lentamente ao luar. Uma estranha luz vinda do céu aproxima-se rapidamente. As serpentes espicham o pescoço para ver o que está acontecendo, que luz é aquela que incide sobre elas.

Neste momento elas se inclinam e se jogam na água. Da luz sai um objeto, uma espécie de cesta, que desce até a água. As serpentes são apanhadas e içadas silenciosamente por algum pescador desconhecido lá de cima. A mesma cena se repete uma dúzia de vezes, primeiro no mar ocidental, cujas serpentes têm pescoço azulcobalto, e depois no mar oriental, o das serpentes de pescoço azulclaro. É como se uma triagem estivesse sendo feita, retirando-se as serpentes exaustas incapazes de se juntarem às companheiras para a migração periódica.

Bem longe acima de Cantor uma gigantesca nave espacial cilíndrica espera pela volta de seus robôs auxiliares. Com 32 quilômetros do comprimento, este planeta viajante se abre para receber uma frota de veículos do tamanho de aviões de carreira que trazem o material de Cantor. O cilindro gira devagar enquanto Cantor e sua enorme lua brilham ao fundo. Um veículo retardatário retorna, uma porta na traseira da nave se abre para recebê-lo, e por alguns instantes tudo fica quieto. Por fim o cilindro gira para um lado e dispara vários pequenos foguetes. Em poucos segundos já sumiu de vista, partindo de Cantor para outros mundos.

A neve cai sobre o homem alto que caminha em silêncio pela floresta. Vestido de peles, carregando um fardo às costas e uma lança comprida na mão, ele vira o rosto barbado e maltratado para os que o seguem, sua família, e resmunga para que se apressem. São cinco ao todo, um bebê no colo da mulher e dois jovens adolescentes. Esses dois também vestem peles como os pais e carregam grandes fardos às costas. O menino também leva uma lança. De perto se vê que todos estão muito cansados, próximos à exaustão.

Eles deixam a floresta e se aproximam de um lago congelado rodeado por uma relva. A neve continua a cair, aumentando a camada de dez centímetros que já cobre o chão. O homem faz sinal para a família esperar e se aproxima do lago com cuidado.

Enquanto a família se junta para se proteger do frio, ele tira uma ferramenta primitiva de dentro do fardo e, depois de tirar a neve de uma pequena área, começa a quebrar o gelo. Quase uma hora se passa. Finalmente ele consegue, solta um grunhido de satisfação e se curva para beber a água. Pega uma espécie de saco de pele, enche-o e leva água para a mulher e os filhos.

A menina sorri para o pai, um sorriso cheio de amor e admiração, quando ele lhe passa a água. Seu rosto exprime cansaço, revelando as marcas de sol, vento e frio.

Ela estende a mão para apanhar a água. De repente seu rosto se contorce numa expressão de medo, ela grita e o pai se volta a tempo de se proteger de um lobo em pleno bote. Ele dá um forte golpe no lobo com o braço e o afasta, e então corre em direção ao lago para pegar a lança. Apanha a lança e se vira depressa, pronto para defender a família.

Três lobos a tinham atacado. O menino enfiara sua lança na barriga de um deles, mas outro lobo estava prestes a avançar sobre ele, indefeso sobre a neve, antes que ele tivesse tempo de retirar a lança e se defender. Desesperado, o pai enfia sua lança no animal que atacava o filho. Mas é tarde demais. O lobo faminto já havia avançado no pescoço do menino e decepado a veia jugular com uma violenta mordida.

O homem se vira e parte para cima do último lobo. Sua mulher sangra estendida na neve e o bebê desprotegido chora a uns seis metros da mãe. Ao sentir que o homem se aproxima, o lobo avança para ele e depois para o bebê. Antes que o homem pudesse reagir, o lobo abocanha o bebê e corre para a floresta.

A menina não foi ferida, mas estava chocada com a morte do irmão e com o desaparecimento da irmãzinha. Ela segura a mão do irmão morto e chora sem parar. O homem põe neve limpa sobre as feridas da mulher e então a coloca nas costas junto com o pesado fardo. Ele resmunga com a filha duas vezes até que ela, relutante, se levanta e começa a juntar os pertences que restaram em outro fardo.

Quando a noite cai, os três sobreviventes chegam perto de uma gruta na margem da floresta. O homem beira a exaustão devido ao peso da mulher e dos pertences da família. Ele se senta um pouco para descansar. A filha se joga no chão e deita a cabeça no seu colo. Ela chora em silêncio e o pai enxuga suas lágrimas com

carinho.

De repente uma luz forte vinda de cima brilha sobre eles e no momento seguinte os três estão inconscientes.

Uma cesta metálica trançada de quatro metros por um metro e meio desce e pousa suavemente na neve ao lado das três pessoas. Os lados da cesta abrem-se para baixo e dali saem Cintas metálicas que prendem os três. Eles são puxados para a

cesta, lados desta se fecham e o estranho objeto se ergue da neve. Em poucos segundos a luz se apaga e a vida volta ao normal na floresta. pré-histórica.

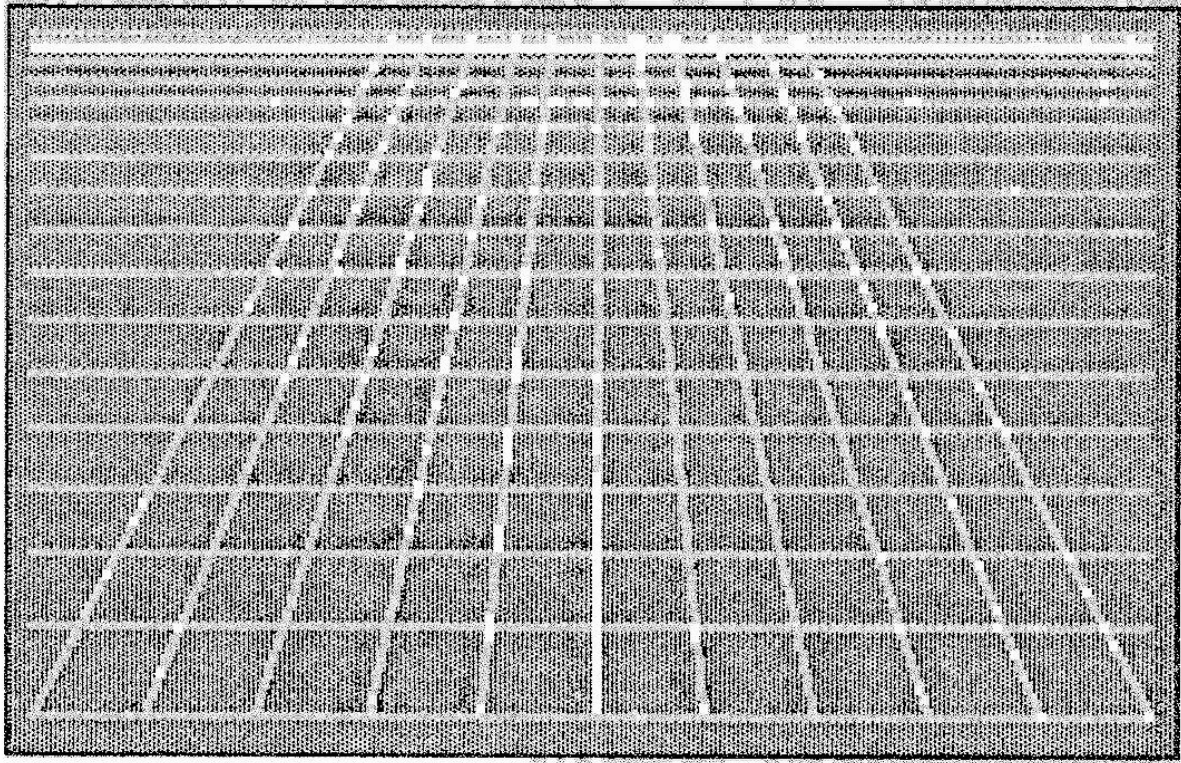
Pairando sobre a Terra, o enorme cilindro espera pela volta de seus mensageiros. há poucas nuvens cobrindo o planeta abaixo e os grandes oceanos azuis refletem a luz do sol como diamantes. Onde a noite já vai caindo, os raios de sol incidem obliquamente sobre uma vasta extensão de gelo que desce do Polo Norte, cobrindo quase um continente inteiro. A oeste, do outro lado de um grande oceano e além de uma ilha branca ao norte, o sol do meio-dia brilha sobre outro grande continente. Este também é quase totalmente coberto de gelo. Aqui o gelo cobre dois terços da terra em direção ao sul e só desaparece completamente no ponto em que o continente se afunila e é banhado pelo mar do sul.

Os foguetes lançados pelo grande cilindro retomam à base e descarregam a carga.

O homem, a mulher ferida e a filha adolescente estão dentro do veículo espacial em companhia de mais umas 50 ou 60 pessoas evidentemente capturadas em diferentes pontos da Terra. Todas estão imóveis. Após os veículos terem se acoplado à nave-mãe, os humanos pré-históricos são transportados em um vagão até uma estação receptora. Lá são admitidos e catalogados, e então levados para dentro de um enorme módulo onde se reproduziu o ambiente terrestre.

Muito acima da Terra, o último veículo explorador retorna ao cilindro. há uma breve pausa, como se alguma listagem estivesse sendo conferida, e então a nave cilíndrica desaparece.

QUINTA-FEIRA



1

Quando o dia clareou, elas estavam lá. Durante a noite, sete baleias haviam encalhado em Deer Key, oito quilômetros a leste de Key West. As gigantescas criaturas das profundezas, de três a cinco metros de comprimento, pareciam indefesas debatendo-se na areia. Outros seis membros desse pequeno cardume desorientado de falsas baleias-assassinas nadavam em círculos nas águas rasas em frente à praia, certamente perdidas e confusas.

For volta das sete horas daquela clara manhã de março, biólogos especialistas em baleias vieram de Key West e já começavam a organizar um trabalho em conjunto com pescadores e velejadores a fim de arrastar as baleias de volta ao mar. Então a tarefa seguinte seria tentar levar o cardume para o golfo do México. As chances de sobrevivência dos animais eram quase nulas caso não voltassem ao mar aberto.

Carol Dawson foi a primeira repórter a chegar. Estacionou sua nova camioneta esporte no acostamento da estrada, bem em frente à praia, e saltou para estudar a situação.

A praia de Deer Key formava uma enseada que lembrava uma lua crescente.

Uma linha imaginária entre as duas pontas da enseada teria uns 800 metros. Além da linha ficava o golfo do México. As sete baleias tinham entrado na enseada e estavam encalhadas no ponto mais distante do mar aberto. Estavam a uns dez metros umas das outras e a sete metros da água. O resto do cardume encalhara nos bancos de areia a menos de 30 metros da praia.

Carol foi até a traseira da camioneta. Antes de tirar sua grande bolsa com o material fotográfico, parou para ajustar o cordão da calça. (Ela se vestira rapidamente pela manhã no hotel em Key West ao receber o telefonema de Miami. Não costumava trabalhar com o agasalho de ginástica, pois esconde seu corpo esbelto e bem-feito que não parece ser de uma mulher de 30 anos, e sim de 20.) Dentro da bolsa havia várias câmeras, tanto fotográficas quanto de vídeo. Ela escolheu três câmeras, comeu uns confeitos de chocolate e seguiu para a

praia. Enquanto andava pela areia em direção às pessoas e às baleias, parou algumas vezes para fotografar a cena.

Carol aproximou-se primeiro de um homem com o uniforme do Centro de Pesquisa Marinha do sul da Florida. Ele estava de frente para o mar conversando com dois oficiais da marinha do setor de patrulhamento marítimo da Base Aérea Naval de Key West. Pouco mais de dez voluntários cercavam os três a uma certa distância, mas ouviam atentamente a conversa. Carol chegou ao lado do homem do Centro de Pesquisa e segurou seu braço.

-Bom dia, Jeff -disse ela.

Ele virou-se e olhou para Carol. Logo a reconheceu e sorriu.

-Carol Dawson, do Miami Herald -antecipou-se Carol. -Nós nos conhecemos no Instituto Oceanográfico de Miami. Eu estava com Dale Michaels.

-Claro, eu me lembro de você -disse ele. -Como poderia me esquecer de um rosto lindo como o seu? -Depois de uma pausa, continuou: -O que está fazendo aqui? Que eu saiba, ninguém sabia que essas baleias estavam aqui até uma hora atrás. E Miami fica a 160 quilômetros daqui.

Carol riu, e seu olhar agradeceu a Jeff pelo elogio. Ela ainda não apreciava, mas acostumara-se a aceitar o fato de que as pessoas, especialmente os homens, se lembrassem dela pela sua beleza.

-Eu já estava em Key West fazendo outra reportagem. Dale me telefonou de manhã assim que soube das baleias. Desculpe interromper, mas eu queria algumas explicações técnicas. Para a reportagem, é claro.

Enquanto falava, Carol pegou a câmera de vídeo, um dos modelos mais recentes, uma Sony 1993 do tamanho de um caderninho de notas, e começou a entrevistar o dr. Jeff Marsden, “a maior autoridade em baleias das ilhas da Florida”. A entrevista seguiu o padrão, e Carol poderia ter respondido ela mesma as perguntas. Mas a srta. Dawson era uma boa repórter e sabia da importância de uma opinião abalizada em situações como essa.

O dr. Marsden declarou que os biólogos marinhos ainda não tinham encontrado uma explicação para tal fenômeno, embora o aumento das ocorrências no final

da década de 80 e início de 90 tenha proporcionado amplas oportunidades para pesquisa.

Segundo ele, a maioria dos estudiosos acredita que a causa do fenômeno sejam parasitas que infestam as baleias que comandam os cardumes. Segundo a teoria mais aceita, esses parasitas perturbam o complexo sistema de orientação das baleias.

Em outras palavras, a baleia-piloto acha que a trajetória da migração é em direção à praia através da terra; as outras a seguem devido à rigorosa hierarquia do cardume.

-Algumas pessoas dizem, dr Marsden, que o aumento dos encalhes se deve à poluição que provocamos. O senhor poderia comentar a acusação de que nosso lixo assim como a poluição acústica e eletrônica têm prejudicado os biosistemas sensíveis que orientam as baleias?

Carol aproximou a imagem na câmara de vídeo para captar a ruga na testa de Jeff Marsden. Era evidente que ele não esperava dela uma pergunta tão capciosa àquela hora da manhã.

Depois de pensar um pouco, ele respondeu:

-Tem-se tentado explicar por que esse fenômeno é mais frequente hoje em dia. A maioria dos pesquisadores chega à inevitável conclusão de que alguma coisa mudou no ambiente das baleias nos últimos 50 anos. Não é absurdo imaginarmos que podemos ter sido responsáveis por essas mudanças.

Carol sabia que já tinha as citações certas para uma breve reportagem de televisão. Então, rápida e profissionalmente, fechou a entrevista, agradeceu ao dr. Marsden e aproximou-se do grupo de curiosos. Em menos de um minuto várias pessoas se ofereceram para levá-la até o meio da enseada para que ela pudesse fotografar de perto as baleias desorientadas. Em poucos minutos Carol não só tirara vários discos de fotografia como também colocara a câmera de vídeo sobre um tripé num dos barcos e gravara um clip de si mesma explicando a ocorrência

Antes de deixar a praia em Deer Key, Carol Dawson abriu a traseira da sua camioneta.

Lá havia um laboratório fotográfico portátil. Primeiro ela rebobinou e checou a fita gravada, verificando se o barulho das baleias se debatendo era ouvido ao fundo quando ela estava no barco. Depois colocou os discos das máquinas fotográficas no aparelho de leitura para ver se as fotografias estavam boas. Gostou do trabalho. Sorriu, fechou a traseira da camionete e voltou para Key West.

2

Carol terminou a transmissão redundante do vídeo taípe através do modem para Joey Hernandez em Miami e então chamou outro número. Ela estava sentada dentro de um dos compartimentos reservados do novo centro de telecomunicações do Hotel Marriott em Key West. A tela a sua frente indicava que a ligação já tinha sido feita, mas ainda não havia imagem. Ela ouviu uma voz de mulher:

-Bom dia, escritório do dr. Michael.

-Bom dia, Bernice, aqui é Carol. Estou no vídeo.

A tela ficou clara e logo uma simpática mulher de meia-idade apareceu.

-Olá, Carol. Vou dizer a Dale que você está na linha.

Carol sorriu ao ver Bernice girar a cadeira e alcançar um painel de botões à sua esquerda.

Ela estava quase totalmente rodeada pela mesa. À sua frente Havia dois teclados ligados a duas grandes telas, vários disc-drives e algo parecido com um telefone embutido em outro painel. Aparentemente não sobrara lugar para o painel de comunicações ao lado do telefone, por isso Bernice teve que deslizar a cadeira quase um metro para informar ao dr. Dale Michaels que havia uma chamada para ele, que a chamada estava em vídeo, que era de Carol, que estava em Key West. O dr. Dale, como todos o chamavam menos Carol, gostava de ter todas as informações antes de atender uma chamada.

Tanto à esquerda quanto à direita de Bernice havia prolongamentos da mesa, sobre os quais se amontoavam pilhas de disquetes de diversos tamanhos (as pilhas estavam etiquetadas “corrigir”, “arquivar”, “correspondência”), revistas e pastas com cópias impressas pelos computadores. Bernice apertou um botão no painel mas nada aconteceu. Ela olhou para Carol na tela sobre o telefone.

-Desculpe, Carol. -Bernice estava um pouco perturbada. -Talvez eu não tenha teclado corretamente. O dr. Dale mandou instalar um sistema novo esta semana e eu não tenho certeza se...

Uma mensagem apareceu em um dos monitores.

-Certo -continuou Bernice, agora sorrindo. -Eu teclei certo. Ele vai falar com você num minuto. Tem uma pessoa com ele, mas vai despachá-la para falar com você. Espero que não se importe de esperar na linha.

Carol balançou a cabeça e a imagem de Bernice desapareceu da tela, surgindo em seu lugar um documentário informativo sobre criação de ostras. O filme era muito bem-feito e utilizava os mais avançados equipamentos fotográficos. A voz suave da narração era do dr. Dale, e o filme chamava atenção para a relação entre as descobertas feitas pelo Instituto Oceanográfico de Miami (do qual o dr. Dale Michaels era fundador e diretor) e o rápido crescimento de zonas de criação de todos os tipos.

Mas Carol não pode deixar de rir. A música de fundo, que aumentava de volume quando não havia narração, era Canon de Pachelbel. Era a música favorita de Dale (ele era tão previsível -Carol sempre sabia o que vinha depois quando Dale colocava o CD de Pachelbel em casa), mas era estranho ouvir o ritmo alegre das cordas e ao mesmo tempo ver uma imagem aproximada de ostras se desenvolvendo.

De repente o filme foi interrompido e apareceu a imagem de um amplo escritório.

Dale Michaels estava sentado num sofá, do lado oposto de onde ficava sua mesa, olhando para um dos três monitores de vídeo da sala.

-Bom dia outra vez, Carol -disse com entusiasmo. -Como foi lá? E onde você está? Eu não sabia que os quartos do Marriott já tinham terminais de vídeo.

O dr. Michaels era alto e magro. Os cabelos louros e levemente cacheados estavam começando a rarear nas têmporas. Ele deu um sorriso rápido e fabricado, mas seus olhos verdes revelavam carinho.

-Estou no centro de telecomunicações do hotel -respondeu Carol. -Acabei de

mandar em disquete para o Herald, a reportagem sobre o encalhe das baleias. Senti tanta pena daqueles pobres animais, Dale. Como podem ser tão inteligentes e perder o senso de orientação?

-Ninguém sabe, Carol -respondeu Dale. -Mas lembre-se de que inteligência para nós é completamente diferente de inteligência animal. Além disso, não é de surpreender que elas sigam seu sistema interno de orientação mesmo quando estão correndo perigo. Imagine uma situação em que você simplesmente desprezasse informações que seus olhos lhe dão. É a mesma coisa. Estamos diante de um caso de mau funcionamento de seu sistema de orientação.

Carol ficou calada por um momento.

-Acho que entendi o que você disse, mas dá muita pena ver as baleias tão impotentes. Mas de qualquer maneira, gravei a reportagem em vídeo também. Aliás, a nova tecnologia integrada de vídeo é excelente. Acabaram de instalar aqui no Marriott um modem cujo coeficiente de dados para vídeo é altíssimo e pude transmitir os oito minutos da reportagem para Joey Hernandez no canal 44 em apenas dois minutos. Ele adorou. Como você sabe, ele apresenta o jornal do meio-dia. Assista se você puder e depois me diga o que achou. -Carol fez uma pausa. -E mais uma vez, Dale, obrigada pela dica.

-Fico feliz em ajudar você. -Dale estava radiante. adorava poder ajudar Carol em sua carreira. há quase um ano e meio ele vinha se dedicando a ela com seu jeito prático. Mas não tinha conseguido convencê-la de que um relacionamento estável seria bom para ambos. Ou pelo menos ele achava que o problema era esse.

-Acho que essa história das baleias pode estar encobrindo muita coisa -dizia Carol. -Fiquei preocupada em não chamar muita atenção com seu telescópio. E o papel de caçadora de tesouros não vai convencer se alguém me reconhecer. Mas acho que posso me valer dessa história das baleias como pretexto. O que você acha?

-Me parece razoável -respondeu Dale. -Aliás, outros dois incidentes com baleias também foram noticiados pela manhã: metade de um cardume encalhou em Sanibel e um suposto ataque a um barco pesqueiro ao norte de Marathon. O dono do barco era um Vietnamita um bocado nervoso. É raríssimo ouvirmos falar de um ataque de baleias-assassinas a pessoas. Mas talvez você possa

amarrar os três episódios.

Carol viu que ele levantara do sofá e andava pela sala. O dr. Dale Michaels tinha tanta energia que era quase impossível para ele ficar quieto ou relaxar. Faltavam poucos meses para ele completar 40 anos, mas ainda tinha o entusiasmo de um adolescente.

-Tente não deixar que ninguém da Marinha saiba que você está com o telescópio continuou ele. -Telefonaram outra vez hoje de manhã pedindo um terceiro conjunto de equipamentos. Eu disse a eles que o terceiro telescópio estava emprestado e sendo usado em pesquisas. O que quer que estejam procurando deve ser muito importante. -Ele voltou-se e olhou para a câmera. -É ultrassecreto. O tal do tenente Todd fez questão de me lembrar mais uma vez pela manhã, quando fiz algumas perguntas técnicas, que aquilo era assunto da Marinha e que não podia me dar qualquer informação.

Carol fez umas anotações num caderninho.

-Assim que você me contou essa história ontem -disse Carol -, achei que ela tinha um grande potencial. Tudo indica que alguma coisa de anormal e secreta está ligada à Marinha. Eu mesma fiquei surpresa com o jeito amadorístico com que Todd cortou nossa conversa telefônica ontem e me perguntou quem tinha citado o nome dele para mim. Eu disse a ele que uma fonte do Pentágono havia sugerido que alguma atividade altamente prioritária estava em andamento na Base Aérea Naval de Key West e que ele, Todd, estaria envolvido. Ele pareceu acreditar na história. Mas estou convencida de que o pateta do relações-públicas da Marinha aqui não sabe nada sobre o que quer que possa estar acontecendo.

Carol bocejou e rapidamente colocou a mão sobre a boca.

-É tarde demais para voltar para a cama. Acho que vou fazer uns exercícios e depois procurar aquele barco de que falamos. Sinto como se estivesse procurando uma agulha num palheiro, mas o seu palpite pode estar certo. De qualquer maneira, vou começar pelo mapa que você me deu, E se eles realmente perderam um míssil explorador por aqui e estão tentando dissimular, certamente seria um grande furo de reportagem para mim. Falo com você depois.

Dale despediu-se e desligou. Carol saiu do centro de telecomunicações e se dirigiu para os fundos do hotel. O quarto dela era no primeiro andar, de frente

para o mar.

O Herald não pagaria por esses luxos, mas dessa vez ela decidira gastar mais para se satisfazer. Enquanto vestia o maiô justo de natação, ficou pensando na conversa com Dale. Ninguém jamais saberá que Dale e eu somos amantes. Ou pela menos parceiras de sexo. Tudo é tão prático e objetivo como se fôssemos companheiros de equipe. Nada de “benzinho” ou “meu amor”. Fez uma pausa e então completou seu pensamento.

Será que foi culpa minha?, perguntou-se.

Eram quase nove horas e as pessoas estavam acordando quando Carol saiu do quarto. Os empregados do hotel tinham acabado de chegar na praia e arrumavam cadeiras e barracas na areia para os que chegassem cedo. Carol aproximou-se do jovem salva-vidas (um típico gostosão, pensou Carol sarcasticamente ao vê-lo empertigado no alto de sua cadeira) e disse-lhe que ia nadar bem longe para se exercitar.

Por duas vezes ela se esquecera de avisar aos salva-vidas de praia que nadaria oitocentos metros para fora, e ambas as vezes foi “socorrida”, o que a deixou assustada e aborrecida.

Ao encontrar seu ritmo de braçadas, Carol começou a sentir o relaxamento muscular, o alívio da tensão que a acompanhava quase o tempo todo. Embora ela dissesse às pessoas que praticava exercícios físicos regularmente para manter a forma, o motivo pelo qual Carol passava ao menos 45 minutos pela manhã correndo, nadando ou andando rápido era porque precisava se exercitar para aguentar a vida agitada que levava. Somente depois de um exercício pesado sentia-se calma e em paz com o mundo.

Enquanto nadava longas distâncias, Carol costumava deixar seus pensamentos ao sabor do vento. Esta manhã se lembrou de quando nadou certa vez nas águas frias do Pacífico perto de Laguna Beach, na Califórnia. Carol tinha oito anos e tinha ido à festa de aniversário de uma amiga, Jessica, que conhecera num estádio de futebol durante o verão. Jessica era rica. Sua casa custara mais de um milhão de dólares e Jessica tinha muito mais brinquedos e bonecas do que Carol poderia imaginar.

É, pensava Carol enquanto se lembrava da festa de Jessica com palhaços e pôneis.

Isso foi quando eu ainda acreditava em contos de fadas. Isso foi antes da separação e do divórcio...

O alarme do relógio de Carol soou, interrompendo seus devaneios, e ela deu meia-volta e se pôs a nadar de volta a praia. Nesse momento ela percebeu alguma coisa estranha com o canto do olho. A menos de 20 metros surgiu uma enorme baleia, e Carol sentiu um calafrio e uma descarga de adrenalina percorrerem seu corpo. A baleia mergulhou, e apesar de Carol ter esquadrinhado o mar à sua volta, não a viu mais.

Por fim Carol recomeçou a nadar em direção à praia. O ritmo cardíaco já estava voltando ao normal após o insólito encontro, e ela agora pensava na fascinação que sempre tivera por baleias. Lembrava-se de ter ganhado uma baleia de brinquedo em San Diego quando tinha sete anos. Qual era mesmo o nome dela? Shammy. Shamu. Ou coisa parecida. Então lembrou-se de uma experiência mais remota, da qual não se recordava há uns 25 anos.

Carol tinha cinco ou seis anos. Estava no quarto, pronta para ir para a cama, quando seu pai entrou com um livro cheio de figuras. Sentaram-se juntos na cama e ficaram recostados no papel florido da parede enquanto ele lia para ela. Carol adorava quando ele colocava o braço por trás dela e virava as páginas em seu colo. Sentia-se protegida e satisfeita. O pai leu para ela a história de uma baleia que parecia gente e um homem chamado Capitão Ahab. As figuras eram assustadoras, e uma delas mostrava um barco sendo arremessado para longe por uma gigantesca baleia com um arpão enfiado nas costas.

Quando o pai a colocou na cama aquela noite, cobriu-a de beijos e abraços carinhosos, parecendo não querer sair dali. Ela viu as lágrimas em seus olhos e perguntou-lhe se havia algo de errado. Ele balançou a cabeça e disse-lhe que a amava tanto que isso às vezes o fazia chorar.

Carol estava tão concentrada nessas recordações que deixou de prestar atenção na direção em que nadava, tinha sido levada pela corrente para oeste e mal conseguia ver o hotel. Em poucos minutos se orientou e voltou a nadar na direção certa.

3

O tenente Richard Todd esperava impaciente que a assistente de processamento de dados fizesse as últimas correções no relatório.

-Vamos, ande logo. A reunião vai começar daqui a cinco minutos, e ainda temos duas coisas para corrigir.

A moça estava atarantada em frente ao monitor, pois o oficial estava debruçado sobre seu ombro. Ela corrigiu alguns erros de grafia numa folha e apertou o botão de retorno. Na tela apareceu um mapa computadorizado do sul da Florida. Com uma caneta luminosa, ela tentou seguir as instruções do tenente Todd e colocou em evidência as áreas específicas designadas por ele.

-Pronto -disse ele afinal. -Está ótimo. Isso encerra o trabalho. Agora aperte o botão de cópia impressa. Qual é o código inicial? 17BROK01? Certo. Nos dados confidenciais? Certo. Qual é a senha de hoje?

-Matisse, tenente -respondeu ela, levantando-se para apanhar atrás do computador a cópia impressa do relatório do tenente. Todd estava confuso. -Foi um pintor francês -disse a moça com uma ponta de sarcasmo. -M-A-T-I-S-S-E, é como se escreve.

Todd rubricou sua cópia do material e escreveu “Matisse” num pedaço de papel.

Agradeceu à moça meio sem jeito, saiu da sala, deixou o prédio e atravessou a rua.

O centro de conferências da Base Aérea Naval de Key West ficava do outro lado da rua. Era um prédio de arquitetura moderna recém-construído, um dos poucos que quebravam a monotonia do que poderia ser classificado de “estruço branco, Segunda Guerra Mundial”. O tenente Todd trabalhava num desses prédios brancos indescritíveis na chefia de Projetos Especiais daquela área. Ele e seu grupo eram os quebra-galhos do comando, excelentes engenheiros de sistemas que estavam sempre mudando de um projeto para outro conforme as necessidades. Todd tinha 28 anos; era formado em engenharia aeroespacial pela

Universidade de Annapolis, um solteiro convicto nascido e criado em Littleton, subúrbio de Denver, Colorado. Era ambicioso e impaciente. achava que estava marcando passo em Key West e ansiava por uma chance de ir para algum lugar onde pudesse provar seu valor. Um centro de projetos de armas, por exemplo, ou mesmo o Pentágono.

Na porta do centro de conferências lia-se CONFIDENCIAL -FLECHA QUEBRADA. O tenente Todd olhou para o relógio. Faltava um minuto para as 9:30, a hora da reunião.

Ele digitou um código alfanumérico na fechadura da porta e entrou numa sala de conferências de tamanho médio com três grandes telas na frente. Seu grupo de cinco jovens oficiais e mais dois membros do pessoal mais antigo já tinham chegado.

Estavam ao redor de uma mesinha com café e bolinhos. O comandante Vernon Winters estava sentado sozinho no centro de uma mesa comprida que praticamente dividia a sala ao meio. Estava de frente para as telas e de costas para a entrada.

-Vamos, vamos começar -disse Winters, olhando ao redor e depois para o relógio digital no canto superior esquerdo da parede. -Vamos começar. Está pronto, tenente Todd? -Os outros oficiais se sentaram a mesa. No último minuto, outro oficial veterano entrou na sala e sentou-se numa das cadeiras de trás.

Todd encaminhou-se para a frente da sala, onde havia um pequeno monitor e um teclado embutidos numa mesa, e olhou para o comandante Winters.

-Sim, senhor -respondeu Todd. Ele acionou o sistema do computador na mesa. especificou que queria acesso aos dados confidenciais. Então digitou vários números e letras, que eram a primeira parte do código. Em seguida o monitor da mesa pediu a senha do dia. A primeira tentativa de Todd foi frustrada, pois não se lembrava da grafia correta. Pôs-se então a apalpar os bolsos a procura do pedaço de papel.

O outro teclado da sala ficava no centro da mesa comprida à qual Winters estava sentado. Enquanto o tenente Todd se encontrava às voltas com a procura, o comandante, sorrindo, digitou a senha e acrescentou um código próprio. A tela do centro se iluminou em cores vivas, mostrando uma mulher de vestido amarelo

sentada ao piano, enquanto em segundo plano dois meninos jogavam xadrez. Era uma reprodução de um quadro de Matisse nos últimos anos que passou em Nice, e a projeção estava magnífica. O tenente Todd estava admirado. Dois oficiais veteranos riram.

Winters sorriu.

– Há coisas surpreendentes que podem ser feitas com um decompositor de intensidade de uma imagem 4K por 4K e um armazenamento de dados quase infinito. Houve um silêncio meio constrangedor e então Winters continuou: - Acho que é inútil tentar aumentar os conhecimentos dos jovens oficiais desta base. Continue. Já digitei seu código para acesso aos dados confidenciais e qualquer outra informação anulará a imagem.

Todd preparou seu espírito. Esse Winters é um faroleiro, pensou. Na noite anterior, o almirante responsável pela base de Key West tinha designado a chefia dessa importante investigação do míssil Panther ao comandante. Winters tinha uma vasta experiência em mísseis e em engenharia de sistemas, mas onde já se viu dar início a uma reunião tão importante com um quadro na tela? Todd digitou 17BROK01 e, após contar as pessoas, o número 9. Em poucos segundos uma máquina num dos cantos da sala já havia produzido e grampeado cópias do relatório para os participantes.

Todd chamou no computador a primeira imagem (intitulada “Introdução e Histórico”) para a tela do centro com outro toque no teclado.

-Ontem pela manhã -disse ele -foi realizado um teste com o novo míssil Panther no Atlântico Norte. O míssil foi disparado às 7 horas de um avião a 24 mil metros próximo à costa do Labrador. O seu alvo, um velho porta-aviões americano. Estava próximo as Bahamas. Após descrever uma trajetória balística normal até a região onde estava localizado o navio, o Panther deveria ter ativado o sistema de direção final que se utiliza do sistema-padrão de reconhecimento avançado, ou SPRA. O míssil então deveria ter localizado o porta-aviões e, utilizando os jatos de controle de reação como seu principal dispositivo de direcionamento, ter feito qualquer correção necessária para atingir o velho navio no meio do convés.

Quando Todd pressionou outra tecla, apareceu na tela da esquerda um mapa da costa leste americana, incluindo a área de Labrador e Cuba.

-Esse míssil era um protótipo definitivo -continuou -exatamente como serão produzidos os outros, a não ser pelo conjunto de comando e pela ogiva. O teste seria o mais longo já realizado e foi planejado para se avaliar a nova versão 4.2 do programa recentemente instalado no SPRA. Portanto o míssil não estava carregado, é claro.

O tenente pegou uma caneta luminosa em cima da mesa e encostou-a no pequeno monitor à sua frente. As marcações apareceram imediatamente na tela grande atrás dele para que todos pudessem seguir suas explicações.

-Vocês podem ver nesta imagem a trajetória preestabelecida e a trajetória real do míssil ontem. Aqui, a aproximadamente 16 quilômetros a leste de Cabo Canaveral, quando tudo parecia normal, o sequenciador acionou as câmeras. após umas duzentas imagens de calibragem, uma espécie de teste do próprio SPRA, os algoritmos de orientação final foram ativados conforme estava previsto. De acordo com a telemetria da hora exata, nada de estranho aconteceu até esse momento.

A tela da direita mostrava agora um mapa detalhado do sul da Florida e das ilhotas, inclusive o alvo nas Bahamas. Os mapas expostos nas telas laterais permaneceram lá até o fim da explanação, mas o tenente Todd substituiu constantemente os textos da tela do meio para manter os ouvintes atentos.

-A princípio a posição do alvo, onde as câmeras deveriam ter localizado o porta-aviões, era aqui em Eleuthera, nas Bahamas. O algoritmo de busca deveria ter delimitado um círculo a partir dali e, se tivesse funcionado direito, ter localizado o alvo em 15 segundos aproximadamente. Esta (Todd indicou uma linha pontilhada no mapa detalhado) deveria ter sido a trajetória de impacto.

-No entanto -continuou Todd -com base nos dados telemétricos que analisamos até agora, parece que o míssil virou repentinamente para oeste, em direção à costa da Florida, logo depois que o sistema de direcionamento final foi ativado. Só conseguimos reconstituir sua trajetória até este ponto, a aproximadamente quatro quilômetros e meio a oeste de Miami Beach, a uma altitude de três mil metros. Depois disso os dados telemétricos se tomam descontínuos e sem lógica. Mas temos certeza de que todos os instrumentos de orientação final estavam funcionando no momento em que perdemos os dados. Pela projeção da direção do míssil, esta área em evidência, incluindo os Everglades, as ilhotas até Cuba,

representam o provável local do pouso do míssil.

O tenente Todd fez uma pausa e o comandante Winters, que ficara tomando notas dos pontos importantes num bloquinho durante a explanação, tomou a palavra.

-Algumas perguntas, tenente, antes de prosseguirmos -disse Winters, num tom de autoridade. -Em primeiro lugar, por que o míssil não foi destruído logo que saiu da trajetória?

-Não estamos bem certos, comandante. O aparelho de comando de teste e o explosivo foram instalados, é claro, para esta finalidade específica. A mudança de direção do míssil foi tão brusca e inesperada que não reagimos suficientemente rápido. Quando emitimos o comando, talvez já estivesse fora de alcance. Tudo o que sabemos é que não houve qualquer explosão. A nossa hipótese é que...

-Depois voltaremos a esse erro operacional -interrompeu Winters novamente. Todd empalideceu ao ouvir a palavra "erro" e agitou-se atrás da mesa. -Em que ponto teria sido o impacto, baseando-se nos coeficientes de orientação no momento da última mensagem telemétrica completa? E quanto tempo levaremos para obter maiores informações dos dados descontínuos?

O tenente Todd percebeu que o comandante dominava o assunto. Winters já havia participado de outras investigações sobre irregularidades. Todd explicou então que se os coeficientes de orientação não tivessem mudado outra vez, o funcionamento continuado dos motores teria levado o míssil a um ponto de impacto aproximadamente 30 quilômetros ao sul de Key West.

-No entanto -acrescentou Todd -o programa permite que os coeficientes mudem a cada cinco segundos. E realmente mudaram em duas das cinco últimas telemetrias. Portanto é improvável que não tenham mudado depois que recebemos a última mensagem telemétrica completa. Embora todos os coeficientes -mesmo os que ainda estão sendo calculados pelo SPRA -fiquem armazenados no computador de bordo, infelizmente só transmitimos os coeficientes com a telemetria da hora exata por causa das limitações de amplitude da faixa. Agora estamos revendo o restante dos dados para ver se conseguimos descobrir mais alguma coisa a respeito dos coeficientes.

Um dos oficiais fez uma pergunta sobre a probabilidade do míssil ter atingido Cuba. O tenente Todd respondeu “muito baixa” e acionou um comando que recobriu o mapa da direita com uma trajetória pontilhada. A linha começava em Coral Gables, ao sul de Miami, passava por parte do sul da Florida, golfo do México, através das ilhotas e outra vez pelo mar.

-É ao longo desta linha que pretendemos concentrar as buscas. A menos que o míssil tenha enlouquecido, sua trajetória terá sido na direção de um alvo perceptível localizado em algum ponto desta linha. E já que não temos notícia de qualquer impacto em terra próximo a áreas habitadas, estamos inclinados a admitir que o míssil caiu nos Everglades ou no mar.

O tenente Todd tinha conversado brevemente com Winters na noite anterior a respeito do assunto da reunião. Esta tinha sido programada para durar apenas uma hora, mas a quantidade de perguntas fez com que se estendesse por mais meia hora. Todd foi minucioso e preciso em sua explanação, mas ficou um tanto perturbado com as insistentes insinuações de Winters quanto à possibilidade de ter havido falha humana. O tenente admitiu abertamente a falha no momento de destruir o míssil quando este saiu da rota, mas defendeu sua equipe alegando as circunstâncias fora do comum e os testes quase perfeitos a que o Panther fora anteriormente submetido.

Ele disse também que as embarcações de busca iriam ser equipadas com os melhores instrumentos disponíveis (“inclusive como novo telescópio oceânico desenvolvido pelo Instituto Oceanográfico de Miami) e começariam seu trabalho com afinco nas áreas demarcadas no dia seguinte.

Winters fez várias perguntas sobre a possível causa do estranho comportamento do míssil. Todd lhe disse que ele e sua equipe estavam convencidos de que fora um problema com o programa, que algum algoritmo novo ou atualizado na versão 4.2 do programa teria de alguma maneira misturado tanto a sequência de inicialização quanto os parâmetros de alvo armazenados visualmente. Por fim Winters aceitou as explicações, mas mediante uma análise completa das possíveis falhas da aparelhagem e do programa, assim como falhas operacionais (Todd estremeceu quando Winters mencionou isso novamente) que possam ter levado a esse tipo de problema.

No final da reunião, Winters reiterou o sigilo do assunto e salientou que a

imprensa deveria ficar completamente alheia ao projeto Flecha Quebrada.

-Comandante -interrompeu Todd, quando Winters explicava a conduta a ser tomada com relação a imprensa. O tenente começara a reunião muito seguro de si, mas foi ficando cada vez mais perturbado. -Comandante, eu recebi um telefonema ontem à tarde de uma jornalista, Carolyn ou Kathy Dawson, do Miami Herald. Ela me disse que tinha ouvido falar a respeito de alguma atividade especial nesta área a qual eu estaria ligado. Disse que sua fonte era alguém do Pentágono.

Winters balançou a cabeça.

-Ora, tenente, por que não disse isso antes? Pode imaginar o que vai acontecer se souberem que um dos nossos mísseis andou perambulando sobre Miami? -Ele fez uma pausa. -O que disse a ela?

-Não disse nada. Mas acho que ela ainda está desconfiada. Falou com o serviço de relações-públicas depois de falar comigo.

Winters deu ordens para que a investigação do projeto Flecha Quebrada fosse mantida em segredo e que toda e qualquer novidade fosse comunicada a ele. Convocou então a próxima reunião para as 15 horas do dia seguinte, sexta-feira, quando (disse ao tenente Todd) gostaria de receber o resultado da análise da telemetria descontinua, um exame lógico mais minucioso das falhas e uma lista de itens recentemente abertos do programa 4.2.

O tenente Richard Todd deixou a reunião ciente de que essa tarefa teria um impacto significativo na sua carreira. Estava claro para o tenente que sua competência já estava sendo questionada por esse comandante Winters. Todd pretendia enfrentar esse desafio de forma positiva. Primeiro convocou uma reunião com seus subordinados.

Disse a eles (eram todos jovens, recém-saídos da universidade com um curso para oficiais da reserva da Marinha) que estavam todos com a faca no pescoço. Determinou então uma função para cada um, o que os manteria trabalhando a maior parte da noite. Era imprescindível que Todd estivesse bem preparado para a próxima reunião.

4

Key West estava orgulhosa de sua nova marina. Terminada em 1992, logo após o incremento dos cruzeiros marítimos que trouxeram novos visitantes à velha cidade, a marina era o que havia de mais moderno. Espalhadas por todos os cais, Havia câmeras automáticas que vigiavam permanentemente a marina. Essas câmeras e os outros sistemas eletrônicos de segurança eram apenas dois dos complexos dispositivos que protegiam os barcos quando os donos estavam ausentes. Outra inovação da Marina Hemingway (em homenagem ao mais famoso morador de Key West) era um centro de controle de navegação. Nesse centro, um único controlador, utilizando-se de um sistema praticamente automático de controle de tráfego, era capaz de transmitir instruções a todas as embarcações no ancoradouro e orientar as manobras do tráfego.

A marina ficava na baía de Key West, onde anteriormente fora a parte decadente do porto. Comportava aproximadamente 400 embarcações e sua estrutura transformou o comércio da cidade. Para ficarem próximos a seus barcos, jovens profissionais logo compraram e reformaram as maravilhosas casas construídas no século XIX nas ruas Caroline e Eaton, local agora conhecido como Pelican Path. Lojas requintadas, restaurantes da moda e até cinematecas proliferaram em torno da marina, criando uma atmosfera alegre e movimentada. Havia inclusive um hotel japonês, o Miyako Gardens, famoso pela magnífica coleção de pássaros tropicais expostos em seu átrio em meio a cascatas e samambaias.

Um pouco antes do meio-dia, Carol Dawson chegou à sede da marina e se dirigiu a mesa de informações no centro de um grande salão. Ela vestia uma blusa de seda roxo-clara e uma calça branca de algodão que cobria parte de seu tênis branco. No braço direito colocara duas pulseiras de ouro com rubis e no pescoço um pingente de ametista e ouro que ia bem com o decote em "V" da blusa. Estava encantadora, parecendo uma turista rica disposta a alugar um barco para um passeio vespertino.

A moça da mesa de informações tinha seus vinte e poucos anos. Era loura e atraente, uma americana típica. Ela olhou para Carol com uma ponta de inveja.

-Alguma informação? -perguntou com um sorriso forçado, quando Carol se aproximou.

-Eu gostaria de alugar um barco até o final da tarde -disse Carol. -Quero nadar e mergulhar um pouco e quem sabe observar alguns navios afundados. -Ela não queria dizer não sobre baleias até chegar no barco.

-Pois veio ao lugar certo -respondeu a moça, e virou-se para o computador à sua esquerda. -Meu nome é Julianne e uma das minhas funções é ajudar o turista a achar o barco que gostaria de alugar. -Carol notou que Julianne parecia ter decorado o texto. -Tem ideia do preço que quer pagar? Embora a maioria das embarcações aqui em Hemingway seja de particulares, temos de todos os tipos para alugar e certamente haverá algum que lhe agrade. Se estiverem disponíveis, é claro.

Carol assentiu com um movimento de cabeça e em poucos minutos tinha nas mãos uma listagem de computador com o nome de nove embarcações.

-Esses são os barcos disponíveis -disse a moça. -Como eu disse, há barcos de todos os preços.

Carol leu a lista. O maior e mais caro era o Ambrosia, que media 54 pés e custava 800 dólares por dia, ou 500 por meio dia. Havia também dois barcos de tamanho médio e dois pequenos, de 26 pés, que custavam a metade do preço.

-Gostaria de conversar com o comandante do Ambrosia primeiro -disse Carol, após uma breve hesitação. -Onde posso encontrá-lo?

-Você conhece o comandante Homer? -perguntou Julianne, com um estranho sorriso no canto da boca. -Homer Ashford -disse devagar, como se o nome fosse conhecido. Carol pôs a memória para funcionar. O nome era familiar. Onde tinha ouvido este nome? há muito tempo atrás, num noticiário da televisão...

Carol ainda estava tentando se lembrar das circunstâncias quando a moça prosseguiu:

-Vou avisar a eles que você está a caminho. -Sob o balcão havia centenas de interruptores que eram ligados ao sistema de intercomunicações. Julianne apertou um dos interruptores e virou-se para Carol: -Só um minuto -disse.

-O que é, Julianne? -disse uma voz feminina uns 20 segundos depois. O sotaque era carregado, alemão com toda a certeza. E o tom de voz era impaciente.

-Há uma moça aqui, Greta, a senhorita Carol Dawson de Miami. Ela quer falar com o comandante Homer sobre o aluguel do iate para hoje a tarde.

Após alguns segundos, ouviu-se a voz de Greta outra vez:

-Está bem, diga a ela para vir até aqui.

Julianne fez um sinal para Carol contornar a mesa até onde havia um teclado sobre o balcão. Carol já passara por isso inúmeras vezes, desde que o SUI (Sistema Universal de Identificação) foi implantado em 1991. Ela digitou seu nome e o número de registro na previdência social. Carol ficou imaginando qual seria a comprovação de identidade que o computador pediria desta vez. Local de nascimento? O nome de solteira da sua mãe? A data de nascimento do pai? Podia ser qualquer informação dentre 20 dados individuais invariáveis. Para fazer-se passar por alguém era realmente difícil.

-Srta. Carol Dawson, Oakwood Gardens 1418, apartamento 17, Miami Beach. - Carol assentiu com a cabeça.

Julianne evidentemente gostava de verificar os dados dos prováveis clientes - Qual a data do seu nascimento? -perguntou a Carol.

-27 de dezembro de 1963 -respondeu Carol. A expressão de Julianne indicou que a resposta de Carol estava correta. Mas Carol viu algo mais naquela expressão, qualquer coisa desdenhosa e até arrogante, do tipo “Há, Há, Há, sou muito mais nova que você”. Geralmente Carol não se importava com essas insignificâncias, mas hoje por alguma razão estava desgostosa do fato de já ter 30 anos. Pensou em externar sua irritação pela presunçosa Julianne, mas achou melhor ficar calada.

Julianne indicou o caminho.

-Saia por aquela porta ali a direita e vá direto até o ais nº 4. então vire à esquerda e introduza este cartão na fechadura do portão. o Ambrosia está atracado no ancoradouro P. É uma boa caminhada até o final do cais, mas é fácil encontrar o

iate. É um dos maiores e mais bonitos aqui em Hemingway.

Julianne tinha razão. Era uma caminhada e tanto até o final do cais nº 4. Carol deve ter passado por umas 30 embarcações de todos os tamanhos, de ambos os lados do cais até chegar ao Ambrosia. Quando chegou ao ancoradouro, a umidade e o calor do sol do meio-dia já a tinham deixado molhada de suor.

O comandante Homer Ashford veio até a prancha de desembarque para receber Carol. Ele tinha entre 55 e 60 anos, media mais de um metro e oitenta e pesava mais de 100 quilos. Ainda tinha bastante cabelo, mas já estava totalmente grisalho. O olhar ansioso do comandante Homer seguiu os passos de Carol com indisfarçável deleite.

Carol percebeu o olhar e sua reação foi de revolta e nojo. Virou-se para voltar para a sede da marina mas se deteve, dando-se conta de que seria uma longa caminhada e já estava cansada e morta de calor. O comandante Homer, evidentemente percebendo que não tinha agradado, mudou seu olhar malicioso para um sorriso cordial.

-Srta. Dawson -disse o comandante, inclinando-se levemente e fazendo-se de gentil. -Seja bem-vinda a bordo do Ambrosia. Comandante Homer e sua tripulação às suas ordens.

Carol deu um sorriso forçado. Pelo menos esse boboca com essa escandalosa camisa havaiana parecia não levar tudo a sério. Ainda meio desconfiada, ela aceitou a Coca-Cola que ele lhe ofereceu e seguiu-o pelo ancoradouro onde o iate estava atracado. Os dois então entraram no Ambrosia. O iate era enorme.

-Julianne nos disse que você está interessada em alugar o iate à tarde. Seria um prazer levá-la a um dos nossos locais prediletos, Dolphin Key. -Eles estavam em frente à porta para o interior do iate enquanto conversavam. O comandante Homer estava vendendo seu peixe. Carol ouviu um barulho metálico por perto. Parecia ser de halteres.

-Dolphin Key é uma belíssima ilha deserta -continuou o comandante -perfeita para um banho de mar e até para um banho de sol sem roupa, se for do seu gosto. Tem também um navio naufragado do século XVIII a menos de três quilômetros dali, se você quiser mergulhar.

Carol tomou outro gole de Coca e olhou para Homer, mas desviou rapidamente o olhar. Ele estava novamente com aquele sorriso malicioso estampado na cara. A ênfase que deu a expressão “sem roupa” fez Carol mudar a ideia que fizera de Dolphin Key de paraíso tropical para um local de libertinagem e voyeurismo. Ela recuou quando o comandante Homer encostou-se nela para mostrar o resto do iate. Este sujeito é um boboca, pensou. Eu devia ter seguido minha intuição e dado meia-volta.

O som metálico ficou mais alto ao passarem pela porta da cabine em direção à proa do luxuoso iate. Carol estava intrigada e curiosa; o barulho parecia tão impróprio para aquele lugar. Quase não prestava atenção às explicações do comandante Homer sobre as características do iate. Quando finalmente pode ver o convés do Ambrosia, constatou que o barulho era mesmo de halteres. Lá estava uma loura de costas para eles se exercitando com pesos.

O corpo da mulher era lindíssimo, excitante. Ela se esforçava para manter o ritmo, levantando os pesos acima da cabeça. O suor escorria pelos braços musculosos desde os ombros. Ela vestia uma malha preta bastante decotada nas costas e com alças tão finas que pareciam que iam arrebentar a qualquer momento. O comandante Homer tinha parado de falar sobre o barco. Carol reparou que ele estava embevecido, paralisado pela beleza sensual daquela mulher com a malha molhada de suor. Este lugar é esquisito, pensou Carol. Talvez seja por isso que a moça me perguntou se eu conhecia esse pessoal.

A mulher pôs os pesos no seu devido lugar e pegou uma toalha. Quando se virou, Carol constatou que ela devia ter entre 35 e 40 anos e seu porte atlético era bonito. Os seios eram grandes e firmes e bem visíveis sob o sumário maiô. Mas eram seus olhos que chamavam atenção. Eram cinza-azulados e pareciam olhar através a pessoa. Carol achou que aquele olhar penetrante era hostil, quase ameaçador.

-Greta -disse o comandante Homer, quando ela se voltou para ele após encarar Carol -, esta é a srta. Carol Dawson. Ela está pensando em alugar o barco à tarde.

Greta não sorriu nem disse coisa alguma. Limpou o suor da testa, respirou fundo duas vezes e colocou a toalha sobre os ombros. Endireitou-se e pôs-se de frente para Carol e o comandante Homer. Depois, com os ombros para trás e as mãos nos quadris, flexionou os músculos peitorais. A cada flexão seus fartos seios

pareciam subir em direção ao pescoço. Enquanto isso seus olhos quase transparentes avaliavam Carol, analisando seu corpo e roupas nos mínimos detalhes. Carol estremeceu.

-Ola, Greta -disse ela, sem a costumeira pose nesse momento constrangedor prazer em conhecê-la. -Meu Deus, pensou Carol quando Greta ficou olhando um bom tempo para, sua mão estendida, preciso sair daqui. Devo estar num planeta estranho ou então estou tendo um pesadelo.

-Às vezes greta gosta de se divertir com nossos fregueses -disse o comandante Homer para Carol. -Mas não fique aborrecida. -Estaria ele irritado com Greta? Carol percebeu que Greta e o comandante Homer trocaram olhares, pois finalmente Greta sorriu. Mas foi um sorriso artificial.

-Seja bem-vinda a bordo do Ambrosia -disse Greta, repetindo as primeiras palavras do comandante Homer. -É um prazer ter você aqui. -Greta levantou os braços sobre a cabeça e, encarando Carol novamente, começou a se alongar. - Venha conosco ao paraíso.

Carol sentiu a mão grossa do comandante Homer segurando seu braço. Também pensou ter visto o comandante lançar um olhar irado para Greta.

-O Ambrosia é o melhor barco de aluguel em Key West -disse ele, levando-a de volta a popa e voltando a vender seu peixe. -E o mais confortável e luxuoso. Tem telão e TV a cabo, CD quadrifônico, cozinha automática, programada para preparar mais de cem pratos especiais, e massagem mecânica computadorizada. E ninguém conhece os Keys melhor que o comandante Homer. há 50 anos que eu mergulho e pesco nestas águas.

Eles tinham parado na entrada da cabine no meio do 1ate. Através da porta de vidro, Carol viu uma escada que descia para outro andar.

-Gostaria de descer para conhecer a cozinha e o quarto? -perguntou o comandante Homer, com um toque insinuante. Ele era um camaleão esperto, não havia dúvidas. Carol reconsiderou a primeira impressão a seu respeito -um boboca. Mas o que a musculosa Greta tinha a ver com isto aqui, seja ela quem for, pensou Carol. E o que está acontecendo aqui? Por que eles são tão estranhos?

-Não, obrigada, comandante Ashford. -Carol percebeu a oportunidade de ir-se embora. Entregou-lhe o que restava da Coca-Cola. -Já vi o suficiente. É um iate magnífico, mas é caro demais para uma mulher sozinha passar uma tarde relaxante. De qualquer maneira, desculpe ter tomado seu tempo e muito obrigada.

Quando ela já estava sobre a prancha, o comandante Homer contraiu o cenho e disse:

-Mas sequer falamos do preço, srta. Dawson. Tenho certeza de que podemos chegar a um bom preço.

Carol sabia que ele não a deixaria ir-se embora sem mais argumentos. Quando ela estava saindo do iate, Greta aproximou-se do comandante Homer.

-Você teria uma ótima matéria para o seu Jornal -disse Greta, com um sorriso bizarro. -Um assunto fora do comum.

Carol virou-se, espantada

-Então você está me reconhecendo -disse ela. O estranho casal estava sorrindo. - Por que não disse nada?

O comandante Homer deu de ombros.

-Pensamos que não quisesse ser reconhecida, ou estivesse querendo se divertir, ou talvez até fazendo uma reportagem... -Calou-se. Carol sorriu e balançou a cabeça. então acenou em sinal de despedida, subiu na rampa de desembarque e saiu caminhando pelo ancoradouro em direção à sede da marina. Quem são essas pessoas? perguntou-se novamente. Agora tenho certeza de que já as vi antes. Mas onde?

For duas vezes Carol olhou para trás para ver se Greta e o comandante Homer ainda a estavam observando. Da segunda vez, quando ela já estava a uns cem metros de distância, não os viu mais. Suspirou com alívio. Aquilo tudo a deixara temerosa.

Carol foi caminhando devagar. Tirou a listagem que Julianne lhe dera de uma bolsinha lilás. Nesse instante ouviu um telefone tocar à sua esquerda e

instintivamente levantou os olhos para ver de onde vinha o som. Era o telefone de um barco bem à sua frente. Um sujeito robusto com pouco mais de 30 anos estava sentado numa cadeira dobrável no tal barco. Vestindo apenas um calção de banho, um boné de beisebol e óculos escuros, assistia atentamente a um programa de TV num aparelho pousado sobre uma frágil bancada. Segurava um sanduíche (Carol podia ver a maionese escorrendo entre as fatias de pão, mesmo a uma distância de uns dez metros) e uma lata de cerveja. Ele não parecia ter ouvido o telefone tocar.

Carol aproximou-se, curiosa. Era um jogo de basquete a que ele assistia. Quando o telefone tocou pela sexta vez, o homem deu um grito de incentivo ao time (com a boca cheia de comida), tomou um gole de cerveja e pulou da cadeira para atender a chamada. O telefone estava debaixo de uma cobertura no centro do barco, numa parede de madeira atrás do timão e próximo a umas prateleiras embutidas onde ficavam o rádio e os aparelhos de navegação do barco. O homem ficou mexendo com o timão enquanto falava ao telefone, mas não tirou os olhos da televisão. Pôs o fone no gancho, deu outro grito de incentivo e sentou-se novamente.

Carol estava no ancoradouro a meio metro da proa do barco e a menos de três metros do sujeito. Mas ele estava concentrado demais no jogo para notar sua presença.

-É isso mesmo! -gritou feliz com alguma jogada, e deu um pulo. Sua empolgação fez o barco balançar e a bancada onde estava a televisão deslizou. O sujeito conseguiu segurar o aparelho antes que caísse no chão, mas com isso se desequilibrou e caiu, batendo com o cotovelo no chão.

-Merda --disse, fazendo uma careta de dor. Estava estirado, os óculos tortos no rosto. mas a televisão continuava a transmitir o jogo. Carol não conseguiu conter o riso. Percebendo que não estava mais sozinho, Nick Williams, dono e comandante do Florida Queen, virou-se na direção da risada feminina.

-Me desculpe -disse Carol amistosamente. -Eu estava passando e vi quando você caiu... -Ela se calou. Nick não estava achando graça nenhuma.

-O que você quer? -perguntou Nick com um olhar feroz. Levantou-se, ainda segurando (e olhando) a televisão, e tentou colocar a bancada de pé. Mas não conseguia fazer tudo com duas mãos apenas.

-Posso ajudar você, se isso não ferir seu orgulho masculino -disse Carol sorrindo.

Ora, ora, pensou Nick, mais uma mulherzinha abusada.

Nick colocou a televisão no chão e pôs a bancada de pé.

-Não, obrigado. Posso fazer isso sozinho -disse e, ignorando Carol, colocou a televisão sobre a bancada, sentou-se novamente na cadeira e pegou o sanduíche e a cerveja.

Carol achou engraçado o que Nick pretendia ser uma esnobada. Ela olhou para dentro do barco. Limpeza não era o forte do proprietário. Bugigangas, máscaras, respiradouros, toalhas e até restos de lanches estavam espalhados por toda parte no barco. Num canto alguém havia retirado parte de um equipamento eletrônico, talvez para consertar, e deixara tudo uma bagunça. Numa das paredes havia duas tabuletas, uma com o nome do barco e a outra pedia para não se fumar.

O barco destoava daquela marina moderna e limpa, e Carol imaginou a reação de desagrado dos proprietários de outros barcos ao passarem pelo Florida Queen. Ela olhou para a listagem do computador que tinha nas mãos. Quase caiu na gargalhada quando viu que o barco estava entre os nove disponíveis para alugar.

-Por favor -disse Carol, querendo saber da possibilidade de alugar o barco à tarde.

Nick suspirou fundo e tirou os olhos da televisão. A expressão de enfado era evidente. Queria dizer: "O que? Você ainda está aqui? Pensei que não tivesse mais nada para falar. Agora dê o fora e me deixe curtir a tarde no meu barco."

Carol não podia perder a oportunidade de molestar o arrogante sr. Williams (ela supôs que o nome na listagem e aquele homem à sua frente fossem a mesma pessoa, pois não poderia imaginar um membro da tripulação agindo com tanta autoridade em barco alheio).

-Quem está jogando? -perguntou animadamente, como se não tivesse percebido que Nick queria se livrar dela.

-Harvard e Tennessee -disse ele ríspidamente, surpreso por ela não ter entendido o recado.

-Qual é o placar? -perguntou Carol rapidamente, divertindo-se com a brincadeira. Nick voltou-se novamente, e sua expressão denunciava sua irritação. -31 a 29 para Harvard -disse ele secamente. -Quase final do primeiro tempo. -

Carol ficou parada. Apenas sorriu e retribuiu seu olhar ameaçador sem piscar os olhos. -É a primeira rodada do campeonato universitário nacional e o jogo é pelo torneio regional do sudeste. Mais alguma pergunta?

-Só uma -disse ela. -Eu gostaria de alugar este barco a tarde. você é Nick Williams?

Ele foi pego de surpresa.

-O que? -disse Nick. Nesse instante o Tennessee empatou o jogo novamente, deixando-o ainda mais perturbado. Ficou algum tempo olhando para a televisão e então tentou se acalmar. -Mas Julianne não me telefonou. Quem quiser alugar um barco aqui em Hemingway tem que ir primeiro ao balcão...

-Eu vim ver outro barco, mas não gostei. Ai parei aqui quando já voltava. -Nick estava olhando para a televisão outra vez e Carol já estava perdendo a paciência. A princípio tinha sido divertido. Pelo menos não preciso me preocupar com o fato desse sujeito querer me agarrar, pensou ela. O cara nem consegue prestar atenção na minha proposta de alugar o barco. -Escute -acrescentou Carol -você quer ou não alugar o barco? O primeiro tempo do jogo chegou ao fim.

-Está hem... achoo que sim -disse ele devagar, pensando consigo mesmo: só porque preciso de dinheiro. Fez um gesto para Carol entrar no barco. -Só vou dar uma ligada para Julianne para saber se você se identificou. Hoje em dia nunca se sabe.

Enquanto Nick confirmava a identificação de Carol com a sede da marina, um homem preto de vinte e poucos anos se aproximou e parou ao lado do Florida Queen.

-Ei, professor -disse ele quando Nick pôs o fone no gancho. -Cheguei na hora errada? -Fez um gesto na direção de Carol. -Você não me disse que ia levar uma

beldade para passear. Uau! Olha que joia. E a blusa de seda! você quer que eu volte depois para ouvir sua história? -Ele piscou o olho para Carol. -Ele não é de nada, menina. Todas as garotas dele acabam me namorando.

-Corta essa, Jefferson -disse Nick. -Esta moça quer alugar o barco. E você está atrasado, como sempre. Como é que você quer que eu alugue o barco se não tenho ideia de quando ou se minha tripulação vai aparecer?

-Professor -o recém-chegado pulou para dentro do barco e aproximou-se de Carol -se eu soubesse que teríamos aqui alguém assim hoje, eu teria chegado antes do sol nascer. Olá, senhorita, meu nome é Troy Jefferson. Sou a tripulação deste manicômio em forma de barco.

Carol ficara meio perturbada com a chegada de Troy e com o diálogo que se seguiu. Mas logo se tranquilizou. Apertou a mão de Troy e sorriu. Ele se curvou e quase roçou o rosto no dela.

-Uau! -Troy sorriu. -Senti o perfume de Oscar de lá Renta. Professor, não disse que esta moça tinha classe? Bem, menina -ele olhou para Carol com pretensa admiração -gostaria de externar meu prazer por ter alguém como você nesta banheira. Geralmente são velhotas, bem velhas, a fim de...

-Chega, Jefferson -interrompeu Nick. -Temos trabalho a fazer. Já é quase meio-dia e ainda vamos levar uma meia hora até aprontarmos tudo. Sequer sabemos ainda o que a senhorita Dawson pretende fazer.

-Podem me chamar de Carol -disse ela. Ficou calada por um momento, avaliando os dois homens à sua frente. Tudo bem, pensou, ninguém suspeitará de nada se eu estiver com esses dois. -Eu disse para a moça do balcão que queria sair para nadar e mergulhar. Mas isso é só metade da verdade. O que eu quero mesmo é ir até aqui (ela tirou um mapa dobrado da bolsa e mostrou a eles uma área de aproximadamente 25 km do golfo do México até o norte de Key West) para procurar baleias.

Nick franziu o cenho. Troy olhava para o mapa por cima do ombro de Carol.

-O comportamento das baleias tem sido bastante anormal nesta área ultimamente, inclusive um encalhe coletivo em Deer Key hoje de manhã -continuou Carol. Quero ver se há alguma idiossincrasia no comportamento delas.

Vou precisar mergulhar, portanto um de vocês terá de me acompanhar. Suponho que um dos dois tenha autorização para mergulhar e que o equipamento esteja a bordo.

Os dois olhavam incrédulos para ela. Carol se colocou na defensiva.

-Na verdade... sou jornalista -explicou. -trabalho no Miami Herald. Acabei de fazer uma reportagem sobre o encalhe em Deer Key.

Troy virou-se para Nick:

-É, professor, acho que temos trabalho. A moça diz que quer procurar baleias no golfo do México. O que você acha? Devemos aceitar o dinheiro dela?

Nick deu de ombros e Troy tomou isso como uma resposta positiva.

-Está bem, menina -_ disse Troy a Carol. -Estaremos prontos em meia hora. Nós dois temos autorização para mergulhar se precisar de nós. Nosso equipamento está a bordo e podemos arranjar um para você. Por que não vai logo fazer o pagamento a Julianne e pegar suas coisas?

Troy deu meia-volta e se encaminhou para os aparelhos eletrônicos espalhados na proa do barco. Pegou um dos aparelhos com as paredes parcialmente removidas e pôs-se a consertá-lo. Nick tirou outra cerveja da geladeira e abriu os armários, deixando o rádio e outros aparelhos à mostra. Carol não saiu do lugar. Após uns 20 segundos Nick percebeu que ela ainda estava lá.

-Bem -disse ele em tom de despedida -não ouviu o que Troy falou? só estaremos prontos daqui a meia hora. -Deu meia-volta e se encaminhou para a popa.

Troy levantou os olhos do trabalho. já estava achando engraçado o atrito entre Nick e Carol.

-Ele é sempre tão simpático? -_ Carol perguntou a Troy, fazendo um movimento na direção de Nick. Ela estava sorrindo, mas o tom de voz transmitia uma certa irritação.

-Tenho uns poucos equipamentos que quero levar a bordo. você pode me dar uma mão?

Meia hora depois Troy e Carol voltavam ao Florida Queen. Troy sorria e assoviava enquanto puxava um carrinho de mão pelo ancoradouro. No carrinho havia um bar cheio até a metade. Troy mal podia esperar para ver a cara de Nick quando ele visse os “poucos equipamentos” de Carol.

Troy estava animado com aquilo tudo. Sabia que não seria um passeio comum. Os jornalistas, mesmo os bem-sucedidos (e a perspicácia de Troy já percebera que Carol não era uma repórter comum), não tinham acesso frequente aquele tipo de equipamento que trouxera consigo. Troy estava certo de que a história das baleias era um pretexto. Mas não ia dizer nada por enquanto, ia esperar para ver o curso dos acontecimentos. Troy simpatizou com essa moça tão segura de si. Não havia o menor sinal de superioridade ou preconceito em seu modo de agir. E tinha um ótimo senso de humor. Depois de terem aberto a mala da camioneta e Carol ter lhe mostrado o baú cheio de equipamentos, ela percebeu que Troy entendia muito bem de eletrônica.

Reconhecera imediatamente o emblema do Instituto Oceanográfico de Miami no telescópio oceânico de Dale, chegando inclusive a adivinhar o significado da sigla IPL na parte posterior do equipamento de armazenamento de dados. Quando olhou para Carol em busca de uma explicação, ela riu e disse:

-Preciso de equipamento auxiliar para encontrar as baleias, é só isso.

Carol e Troy colocaram o equipamento no carrinho de mão e deixaram o estacionamento.

A princípio ela ficara um pouco assustada com o fato de Troy ter identificado a origem do equipamento e com suas perguntas cordiais e interessadas (as quais respondeu habilmente com evasivas -ajudou-a o fato de que Troy estivesse mais interessado no funcionamento da aparelhagem eletrônica e ela não entendesse absolutamente nada daquilo). Mas enquanto conversavam, Carol foi simpatizando com Troy.

Sua intuição lhe dizia que ele era um aliado e que poderia contar com sua discrição sobre qualquer informação importante.

Mas Carol não havia previsto que passaria por uma revista dentro da sede da Marina Hemingway. Um dos chamarizes na época do lançamento da nova

marina tinha sido o moderníssimo sistema de segurança oferecido aos proprietários de barcos. Qualquer pessoa que entrasse ou saísse da marina tinha que passar por um portão computadorizado do lado de fora da sede. Toda noite computador imprimia uma listagem de todas as pessoas que haviam entrado e saído, inclusive a hora, e arquivava no departamento de segurança como precaução, para o caso de acontecer qualquer coisa suspeita.

Qualquer equipamento que entrasse ou saísse da marina também era examinado (e registrado) pelo chefe da segurança a fim de evitar o roubo de equipamentos de navegação caríssimos e outros aparelhos eletrônicos. Carol só ficou aborrecida quando, após ter pago o aluguel, Julianne pediu-lhe que escrevesse num papel o conteúdo daquele baú fechado. Mas Carol só protestou quando o chefe da segurança, um típico irlandês de Boston que se aposentara em Key West, obrigou-a a abrir o baú para verificar o conteúdo. De nada adiantaram os protestos de Carol e o apoio de Troy. Ordens são ordens.

Como o carrinho não passava pela porta da seção de segurança, o baú foi aberto no saguão da sede. Alguns curiosos, inclusive uma quarentona alta e amável chamada Ellen (Troy a conhecia, provavelmente era proprietária de algum barco, pensou Carol), aproximaram-se e ficaram observando enquanto o guarda O'Rourke cotejava cuidadosamente o conteúdo do baú com a lista feita por Carol.

Carol ainda estava um pouco irritada enquanto caminhava ao lado de Troy pelo ancoradouro, em direção ao Florida Queen. Esperava chamar o mínimo de atenção possível e agora estava revoltada consigo mesma por não ter previsto a fiscalização da segurança. Enquanto isso, Nick, após ter feito alguns preparativos de rotina no barco e aberto outra cerveja, estava novamente entretido com o jogo de basquete. Seu querido Harvard estava perdendo para o time do Tennessee. só ouviu o assovio de Troy quando este já estava a poucos metros dele.

-Poxa -Nick virou-se -pensei que vocês tivessem se perdido... -Calou-se ao ver o carrinho com o baú. -Que porra é essa?

-É o equipamento da srta. Dawson, professor -respondeu Troy com um largo sorriso. Ele abriu o baú e retirou um cilindro com uma lente de vidro e um objeto que lembrava uma lanterna grande fixado sobre um suporte. Tinha meio metro de comprimento e pesava 5 quilos aproximadamente. -Isto aqui por exemplo, é

um telescópio oceânico, conforme ela me disse. É para ser fixado no fundo do barco por este suporte e tirar fotografias que aparecerão neste monitor de televisão e estas serão armazenadas neste outro aparelho, uma espécie de gravador...

-Alto lá -interrompeu Nick. Subiu a rampa e olhou incrédulo para dentro do baú. Balançou a cabeça e olhou para Troy e depois para Carol. -Vamos ter que montar esta tralha toda para irmos até o golfo por uma tarde procurar baleias? -Olhou furioso para Troy. -Onde está com a cabeça, Jefferson? Esse troço pesa, leva tempo para montar e já passa do meio-dia. E quanto à sua amiguinha -continuou, virando-se para Carol -que leve seus brinquedos e seu mapa do tesouro para outro lugar. Sabemos o que está querendo e temos coisas mais importantes a fazer.

-Já terminou? -exclamou Carol quando Nick voltava ao Florida Queen. Ele parou e virou-se ligeiramente. -Escute aqui, seu grosso -esbravejou Carol, dando vazão à frustração e à raiva que aumentavam dentro de si -você tem todo o direito de não me deixar usar o seu barco. Mas não tem o direito de agir como Deus todo-poderoso e tratar a mim ou a qualquer outra pessoa com tamanha grosseria só porque eu sou mulher e você está a fim de implicar com alguém. -Deu um passo na direção de Nick, que recuou. -Eu disse a você que quero procurar baleias e é isso que pretendo fazer. O que você imagina que eu esteja querendo fazer não me interessa. Quanto às coisas importantes que você tem a fazer, tenho certeza de que não tirou os olhos dessa droga de jogo nos últimos 60 minutos, a não ser para pegar mais cerveja. Se você não atrapalhar, Troy e eu podemos montar tudo isso em meia hora. E além do mais -Carol abaixou um pouco a voz, sentindo-se meio envergonhada com sua explosão -já paguei o aluguel e você sabe como é complicado corrigir as contas computadorizadas desses cartões de crédito.

-Uau, professor -Troy sorriu com ar travesso, e piscou o olho para Carol. -Ela não é o máximo? -Calou-se e ficou sério. -Escute, Nick, nós precisamos do dinheiro. Eu ficaria satisfeito em poder ajudar. Podemos desembarcar alguns equipamentos de mergulho que estão sobrando se o barco ficar muito pesado.

Nick sentou-se novamente na cadeira em frente à televisão. Tomou outro gole de cerveja e ficou de costas para os dois.

-Está bem -disse com alguma relutância. -Podem começar. Mas se não

estivermos prontos para partir a uma hora, nada feito. -Os jogadores de basquete corriam de um lado para o outro. Harvard tinha empatado outra vez. Mas desta vez ele não estava prestando atenção. Estava pensando na explosão de Carol. Será que ela tem razão? Será mesmo que eu acho que as mulheres são inferiores? Ou piores?

5

O comandante Vernon Winters estava tremendo quando pôs o fone no gancho.

Sentia-se como se tivesse acabado de ver um fantasma. Jogou o miolo da maçã no lixo e tirou do bolso o maço de cigarros. Sem pesar em nada, levantou-se e foi até a grande janela que dava para o gramado do prédio principal da administração. A hora do almoço tinha acabado de terminar na Base Aérea Naval. O trânsito de pessoas indo e voltando do restaurante já era bem fraco. Um fuzileiro naval estava sentado na grama lendo um livro à sombra de uma árvore.

O comandante Winters acendeu o cigarro sem filtro e deu uma longa tragada. Soltou a fumaça rapidamente e suspirou.

-Ei, Indiana -dissera a voz dois minutos atrás -aqui é Randy. Está lembrado de mim? -Como se pudesse esquecer aquela voz nasalizada de barítono. E então, sem esperar a resposta, a voz se materializou num rosto sério no monitor de vídeo. O almirante Randolph Hilliard estava sentado a sua mesa numa grande sala no Pentágono. -Ótimo -continuou ele -agora podemos nos ver.

Hilliard fez uma pausa e então inclinou-se em direção à câmera.

-Gostei de saber que Duckett encarregou você do problema com o Panther. Precisamos descobrir o que houve, depressa e sem publicidade. Eu e o secretário contamos com você.

O que respondera ao almirante? O comandante Winters não conseguia se lembrar, mas supôs que tivesse sido uma boa resposta. E lembrava-se das últimas palavras, quando o almirante Hilliard disse que telefonaria depois da reunião de sexta-feira à tarde. há oito anos Winters não ouvia aquela voz, mas reconheceu-a imediatamente. E todas as recordações vieram a seguir.

O comandante deu outro trago no cigarro e deu as costas para a janela. Caminhou devagar pela sala. Seus olhos percorreram o ambiente mas sem perceber a magnífica pintura de Renoir, “Duas jovens ao piano”, o objeto de maior valor de seu escritório. Era seu quadro predileto. Sua mulher e seu filho

havam lhe dado a reprodução aumentada no seu quadragésimo aniversário; várias vezes por semana ele parava em frente ao quadro para admirar sua harmonia beleza. Mas duas lindas jovens estudando piano não era bem no que ele deveria estar pensando.

Vernon Winters sentou-se a mesa e cobriu o rosto com as mãos. Lá vem outra vez, pensou. Não dá para evitar, ainda mais depois de ver Randy e ouvir aquela voz. Olhou em volta e apagou o cigarro no cinzeiro em cima da mesa. Por alguns instantes brincou com dois porta-retratos que ficavam sobre a mesa (uma fotografia de um garoto pálido de 12 anos e uma mulher feiosa já na casa dos 40; a outra era a foto do elenco da peça Gata em teto de zinco quente, encenada pelo grupo de teatro amador de Key West em março de 1993, em que Winters trajava um terno claro). Algum tempo depois ele pôs as fotografias de lado, recostou-se na cadeira, fechou os olhos e se entregou às recordações. Uma cortina se abriu e ele foi transportado para uma noite quente há quase oito anos, em abril de 1986. O primeiro som que ouviu foi a voz fanhosa e animada do tenente Randolph Hilliard.

-Ei, Indiana, acorde. Como pode dormir tanto? Sou eu, Randy. Precisamos conversar. Estou tão excitado que poderia tirar as calças pela cabeça. -Vernon Winters tinha pegado no sono há apenas uma hora. Olhou inconscientemente para o relógio. Quase duas horas. O amigo estava ao lado da sua cama, sorrindo de orelha a orelha. -só faltam três horas para atacarmos. Finalmente vamos mandar aquele louco daquele árabe terrorista para junto de Alá. Porra, meu companheiro, chegou a nossa hora. Foi para isso que trabalhamos a vida inteira.

Winters balançou a cabeça e começou a acordar. Levou alguns segundos para se lembrar que estava a bordo do Nimitz próximo á costa da Líbia. O primeiro ataque de sua carreira militar estava prestes a acontecer.

-Escute, Randy -dissera Winters (naquela noite há quase oito anos atrás) -, não devíamos estar dormindo? E se os líbios nos atacarem amanhã? Temos que estar alertas.

-Não, meu companheiro -disse seu amigo e colega de patente, ajudando-o a se sentar e lhe oferecendo um cigarro. -Aqueles vampiros de meia-tigela jamais atacam alguém que tem condições de lutar. São terroristas. Só sabem lutar contra gente desarmada O único sujeito corajoso lá é o coronel Kadhafi e ele é louco de dar nó. Depois de mandarmos ele para o além, será o fim da batalha. Além disso,

estou com tanta adrenalina no sangue que poderia ficar acordado durante 36 horas fácil.

Winters sentiu a nicotina correndo pelo corpo. Isso fez com que reanimasse a expectativa que finalmente vencera uma hora antes quando pegou no sono. Randy falava sem parar.

-Nos temos muita sorte. Durante seis anos fiquei imaginando como um oficial pode se sobressair em tempo de paz. Agora estamos aqui. Algum maluco coloca uma bomba numa boate em Berlim e por acaso estamos de serviço no Mediterrâneo. Aquela conversa de estar no lugar certo na hora exata. Porra, já imaginou quantos oficiais da nossa turma não dariam uma orelha para estar aqui no nosso lugar? Amanhã matamos aquele louco e estaremos a caminho da patente de capitão, talvez até almirante, daqui a uns cinco ou oito anos.

Winters não concordou com a sugestão de que uma das vantagens do ataque contra Kadhafi seria um empurrão em suas carreiras. Mas não disse nada. Já estava mergulhado em seus pensamentos. Ele também estava irrequieto mas não sabia bem por quê. A agitação era semelhante à que sentira nas quartas de final do torneio de basquete no ginásio. Mas o tenente Winters não imaginava que aquela ansiedade daria lugar ao medo quando estivessem se preparando para uma batalha real.

Durante quase uma semana eles se prepararam para o ataque. Era normal dentro da Marinha cancelarem tudo um dia antes da data prevista depois de uma longa preparação para um combate. Mas dessa vez tudo foi diferente desde o início. Hilliard e Winters perceberam logo que havia uma postura de seriedade entre os oficiais mais graduados que eles jamais haviam visto. Daquela vez não houve as costumeiras brincadeiras durante os testes com os aviões, mísseis e armamentos. O Nimitz estava se preparando para uma guerra. E ontem, quando o treinamento deveria terminar, o comandante reuniu todos os oficiais e comunicou-lhes que recebera ordens de atacar ao amanhecer. O coração de Winters disparou quando o comandante expôs o objetivo do ataque americano contra a Líbia.

A última tarefa de Winters, logo após o jantar, foi repassar os alvos com os pilotos mais uma vez. Dois aviões seriam mandados para bombardear a casa onde Kadhafi estaria dormindo. Um dos pilotos estava extasiado; percebeu que fora escolhido para bombardear o principal alvo do ataque. O outro piloto, o tenente Gibson, de Oregon, estava quieto mas concentrado em seus preparativos.

Estudava atentamente com Winters o mapa dos depósitos de armamentos líbios. Gibson só reclamou da boca seca e tomou vários copos d'água.

-Sabe o que está me chateando, Indiana? Esses pilotos vão participar do ataque enquanto nós vamos ficar trancados aqui sem fazer nada a não ser que aqueles árabes loucos decidam nos atacar. Como podemos participar? Espere. Acabei de ter uma ideia. -O tenente Hilliard continuava a falar sem parar. já eram mais de três horas e já haviam repassado tudo relacionado ao ataque pelo menos duas vezes. Winters estava se sentindo exausto e deprimido devido à falta de sono, mas Hilliard continuava a vender animação.

-Que grande ideia. -continuou Randy falando consigo mesmo. -Mas podemos fazê-la. Você repassou os alvos com os pilotos à noite, não foi? Então você sabe qual é o alvo de cada um. -Vernon concordou com a cabeça. -então ótimo. Vamos escrever "foda-se" no míssil que vai cair na casa de Kadhafi. Assim um pouco de nós estará participando da batalha.

Vernon não teve energia para dissuadir Randy desse plano louco. Próximo da hora do ataque, os tenentes Winters e Hilliard foram ao hangar do Nimitz e localizaram o avião do tenente Gibson (Winters nunca soube por que, mas tinha certeza de que seria o tenente Gibson o escolhido para bombardear a casa de Kadhafi). Às gargalhadas, Randy explicou ao sentinela o que ele e Vernon iam fazer. Eles levaram quase meia hora para encontrar o avião e identificar o míssil que seria lançado contra a casa de Kadhafi.

Os dois discutiram durante quase dez minutos acerca da mensagem que escreveriam no papel a ser colado no míssil. Winters queria algo mais profundo, quase filosófico, como "Este é o fim justo da tirania do terrorismo". Hilliard argumentou que a mensagem de Winters era muito obscura. Por fim Winters concordou com a mensagem curta e grossa escrita por seu amigo. "MORRA, SEU FILHO DA PUTA" foi a mensagem que os dois escreveram no míssil.

Winters voltou exausto à cabine. Cansado e ainda um pouco perturbado pela importância dos acontecimentos do dia seguinte, apanhou a Bíblia para ler alguns versículos. Mas não conseguiu se consolar. Tentou rezar, primeiro as orações comuns e depois mais específicas, como era seu costume em momentos críticos de sua vida. Pediu a Deus para olhar por sua família e para estar com ele nesse momento de trabalho. E então, sem refletir, o tenente Vernon Winters pediu a Deus que o míssil acertasse em cheio Kadhafi e sua família.

Oito anos depois, sentado em seu escritório na Base Aérea Naval em Key West, o comandante Winters se lembraria daquela oração e sentiria um aperto por dentro. Mesmo em 1986, assim que acabou de rezar, sentiu-se estranho e desorientado, como se tivesse metido uma blasfêmia e ofendido a Deus. O sono que dormiu em seguida foi terrível, cheio de gárgulas e vampiros. Na manhã seguinte assistiu à decolagem dos aviões numa espécie de transe. Sentiu um gosto amargo de metal ao apertar a mão de Gibson e desejar boa sorte.

Desde então Winters se arrepende diariamente daquela oração. Tem certeza de que Deus permitiu que aquele míssil atirado por Gibson matasse a filha pequena de Kadhafi para dar uma lição a Winters. Naquele dia, refletiu, refletiu, sentado à mesa numa quinta-feira de março de 1994, eu cometi um sacrilégio e abusei da sua confiança. Fui longe demais e perdi meu lugar privilegiado em seu santuário. Desde então tenho pedido perdão diversas vezes mas não me sinto aliviado. Quanto tempo mais terei que esperar?

6

Vernon Allen Winters nasceu em 25 de junho de 1950, o dia em que os norte-coreanos invadiram a Coreia do Sul. Seu pai sempre lhe lembrava da importância daquela data. Chamava-se Martin Winters, um trabalhador dedicado, homem religioso, proprietário de uma fazenda de plantação de milho em Indiana quando Vernon nasceu.

Quando Vernon tinha três anos e sua irmã Linda seis, a família se mudou para Columbus, uma cidade de classe média de 30 mil habitantes no sul de Indiana. A mãe de Vernon se sentia isolada na fazenda, especialmente no inverno, e queria mais companhia. A venda da fazenda rendeu um bom dinheiro. O sr. Winters, então com quase 40 anos, reservou parte do dinheiro e tomou-se um banqueiro.

Martin Winters tinha orgulho de ser americano. Sempre que falava com Vernon sobre o dia de seu nascimento, dava ênfase às notícias do início da Guerra da Coreia e como foi o comunicado do presidente Truman à nação.

-Naquele dia -costumava dizer o sr. Winters -tive certeza de que não era coincidência. Deus nos trouxe você naquele dia porque tinha uma missão especial para você. E tenho certeza de que Ele quis que você fosse um defensor deste maravilhoso país que construímos.

Mais tarde o banqueiro Winters esperava ansiosamente todos os anos pelo jogo de futebol entre o Exército e a Marinha e costumava dizer aos amigos, particularmente quando ficou óbvio que Vernon era um bom estudante, que “o menino ainda está decidindo qual das academias vai cursar”. Nunca perguntaram nada a Vernon.

A família Winters vivia uma vida simples, típica do meio-oeste. O sr. Winters foi bem-sucedido, tornando-se vice-presidente do maior banco de Columbus. A principal atividade social da família era a igreja. Eles eram presbiterianos e passavam quase todo o domingo na igreja. A sra. Winters dava aulas de catecismo aos domingos. O sr. Winters era diácono e gerenciava voluntariamente o dinheiro da igreja. Vernon e Linda ajudavam a supervisionar as crianças

menores durante as aulas e eram responsáveis pelos murais das salas do jardim de infância e do primário.

Durante a semana, a sra. Winters costurava e assistia a novelas e as vezes jogava bridge com as amigas. Nunca trabalhou fora de casa. Sua família era o seu emprego. Era uma mãe zelosa e paciente que não se cansava de levar os filhos às várias atividades que praticavam durante a adolescência.

Vernon participava de todos os esportes no ginásio; futebol e basquete porque esperavam isso dele, e beisebol porque gostava. Sobressaia-se em todos os esportes. “Todas as atividades são importantes, especialmente os esportes”, costumava dizer Winters Com convicção. “A universidade dá importância a muitas outras coisas além das notas que você tira”. A única decisão significativa que Vernon teve que tomar em 18 anos foi qual das três armas seguir. (O sr. Winters estava preparado para defender diplomaticamente qualquer uma delas. Ele insistiu para que Vernon prestasse exames nas três só para garantir.) No primeiro ano ginásial em Columbus, Vernon fez um teste vocacional e um de conhecimentos e se saiu tão bem que ficou óbvio que seria capaz de fazer sua própria escolha. Escolheu Annapolis e ninguém perguntou seus motivos. Caso tivessem perguntado, diria que gostava da ideia. de se ver vestido num uniforme da Marinha.

A adolescência de Vernon foi um tanto monótona, especialmente se considerarmos que foi numa época de grande agitação social nos Estados Unidos. A família Winters rezou junta durante horas depois do assassinato de Kennedy, preocupou-se com os rapazes que participavam da guerra no Vietnã, ficou perturbada quando três rapazes do ginásio se recusaram a cortar o cabelo e foram expulsos do colégio, e participou de algumas reuniões na igreja quando se discutiram os efeitos maléficos da maconha.

Mas todas essas preocupações não abalaram a harmonia cotidiana da família Winters. As músicas dos Beatles e dos Rolling Stones conseguiram penetrar na casa dos Winters, é claro, e até algumas músicas de protesto cantadas por Bob Dylan e Joan Baez eram tocadas na vitrola. Mas nem Vernon nem sua irmã Linda prestavam muita atenção nas letras.

Era uma vida tranquila. Os amigos de Vernon eram todos de famílias iguais à sua. As mães não trabalhavam, os pais eram banqueiros ou advogados ou homens de negócios, quase todos republicanos (mas um democrata patriótico era bem-

aceito) e acreditavam fervorosamente em Deus, no país e na eterna ladainha de que tudo sempre acaba bem. Vernon era um "bom garoto", até mesmo um "garoto excepcional", que chamava atenção pela participação nas peças encenadas no Natal e na Páscoa. O pastor da igreja acreditava piamente que a encenação do nascimento e da crucificação de Cristo, representados pelas crianças da cidade, era uma maneira segura de confirmar a fé dos cidadãos do lugar. E o reverendo Pendleton estava certo.

Quando os participantes da igreja e seus amigos viram os filhos fazendo o papel de José, Mafía e até Jesus, ficaram tão emocionalmente envolvidos que ficou claro que não haveria outro jeito de reviver a fé em tão alto grau.

O reverendo Pendleton tinha dois elencos para cada peça, para que mais crianças pudessem participar, mas Vernon era sempre a estrela. Quando ele tinha 11 anos representou pela primeira vez o papel de Cristo na peça da Páscoa, e a coluna religiosa do jornal de Columbus registrou que sua interpretação de Jesus carregando a cruz "captou todos os sofrimentos da humanidade". Durante quatro anos seguidos ele fez o papel de José no Natal e de Jesus na Páscoa, até que não teve mais idade para participar das peças. Nos dois últimos anos, quando Vernon tinha 13 e 14 anos, o papel da Virgem Maria foi representado pela filha do pastor, Betty. Vernon e Betty passavam a maior parte do tempo juntos quando estavam ensaiando, para encanto das duas famílias. Os pais não faziam segredo de que aprovavam se, "Deus querendo", a amizade de Vernon e Betty se transformasse em algo mais sério.

Vernon adorava a atenção que recebia pela participação nas peças. Embora Betty ficasse envolvida pelo sentimento religioso das representações (ela permaneceu devotada a Deus, sem qualquer abalo, por todos os momentos da vida), o prazer de Vernon era ficar ao lado dos pais após cada apresentação e receber as glórias. No ginásio participou do pequeno grupo teatral e todos os anos organizava a peça. Seu pai tinha algumas objeções, mas sua mãe apoiava ("Afinal de contas, querido", dizia ela, "ninguém vai pensar que Vernon é maricas, já. que ele faz três esportes.") porque ela adorava os aplausos.

Durante o verão de 1968, antes de entrar para Annapolis, Vernon trabalhou nas plantações de milho do tio. A pouco mais de cento e cinquenta quilômetros aconteciam distúrbios na Convenção Democrática em Chicago, mas Vernon passava as noites em Columbus com Betty, conversando com amigos e tomando cerveja no drive-in. De vez em quando Winters jogava minigolfe com Vernon e

Betty. Os pais orgulhavam-se dos filhos, que não eram hippies ou drogados. O último verão de Vernon em Indiana foi, em resumo, disciplinado e muito agradável.

Como era de se esperar, foi um estudante exemplar em Annapolis. Estudava muito, obedecia a todas as normas, aprendia o que o professor ensinava, e sonhava em ser comandante de um porta-aviões ou de um submarino nuclear. Não era muito sociável, pois os rapazes das grandes cidades eram muito experientes e ele não se sentia à vontade quando conversavam sobre sexo. Era virgem e não tinha vergonha disso.

Só não sentia necessidade de contar isso para toda a Academia. Saía duas vezes por mês com garotas, nada de especial, só quando a ocasião exigia. Depois de sair a primeira vez com Joanna Carr, torcedora da Universidade de Maryland, sem conhecê-la, saíram juntos diversas vezes. Ela era animada, encantadora, divertida e moderna. Era uma ótima companhia, fazia Vernon rir e até relaxar. Foi com ele passar um fim de semana em Filadélfia para os jogos entre o Exército e a Marinha. (Durante os anos que passou na Academia, Vernon ia para casa nas férias de verão e nos feriados de Natal. Ficava sempre com Betty Pendleton quando estava em Indiana. Betty terminou o colégio e entrou para uma faculdade de Educação. Uma ou duas vezes por ano, em ocasiões especiais, no aniversário do primeiro beijo ou na véspera de Ano-Novo, ele e Betty comemoravam com alguma intimidade, trocando carícias -somente fora de casa - ou se beijando deitados. Nunca um ou outro sugeriu alguma quebra naquela rotina.)

Junto com Vernon e Joanna, foram um colega dele, seu companheiro mais chegado da Marinha mas que ele não considerava como amigo, Duane Eller, e sua namorada de Columbia -uma garota extremamente espalhafatosa e ousada chamada Edith.

Vernon nunca tinha passado muito tempo ao lado de uma garota da cidade de Nova Iorque e achou Edith extremamente chata. Ela era radicalmente contra Nixon e contra a Guerra do Vietnã e parecia, apesar de seu companheiro naquele fim de semana estar seguindo a carreira militar, ser antimilitarista também. Os planos para o fim de semana tinham sido estabelecidos conforme os costumes, e poderiam até ser considerados retrógrados, pois em 1970 as relações sexuais já eram rotina nas universidades.

Vernon e Duane ficariam num quarto e as garotas em outro. Enquanto comiam pizza na noite anterior aos jogos, Edith não parou de provocar Joanna e Vernon (“Senhorita vamos-lá-meu-time” e “Avante soldados de Cristo, Deus está do nosso lado”), mas Duane não interveio. Percebendo que Joanna estava chateada, Vernon sugeriu-lhe que seria melhor que dormissem no mesmo quarto em vez de seguirem os planos originais. Ela prontamente concordou.

Vernon não tomara qualquer iniciativa sexual nas quatro ou cinco vezes em que saíram juntos. Foi atencioso, deu-lhe um beijo de boa-noite em duas ocasiões e ficou segurando sua mão a maior parte do tempo no último encontro. Tudo muito digno, mas na verdade nunca houve oportunidade para maiores intimidades. Portanto, Joanna não sabia o que esperar de Vernon. Gostava daquele fuzileiro, e por duas vezes pensara na possibilidade de seus encontros se tomarem algo mais sério. Mas Vernon ainda não era “especial” para ela.

Depois da troca de quartos (que Edith, já alta, tomou mais constrangedora ao fazer comentários obscenos), Vernon disse a Joanna que dormiria no carro se ela estivesse se sentindo ofendida. O quarto obedecia aos padrões dos motéis -duas camas separadas. Joanna riu.

-Sei que você não planejou isso -disse ela. -Se precisar de proteção, eu aviso.

Na primeira noite ficaram assistindo televisão e tomando cerveja no quarto. Ambos se sentiram meio constrangidos. Na hora de dormir beijaram-se apaixonadamente, riram e cada um foi para sua cama.

Na noite seguinte, depois da festa organizada pela Academia Naval num hotel no centro de Filadélfia, Joanna e Vernon voltaram ao motel pouco antes da meia-noite. Já tinham trocado de roupa e Vernon estava escovando os dentes quando alguém bateu a porta. Joanna abriu a porta e Duane Eller estava lá com um sorriso malicioso estampado na cara e segurando alguma coisa na mão.

-Este troço é fantástico -disse ele, colocando um baseado na mão de Joanna. você tem que experimentar. -Duane saiu rapidamente com um sorriso mais malicioso ainda.

Joanna era uma moça inteligente. Mas não lhe ocorreu que seu amigo jamais tivesse visto um baseado, muito menos que nunca tivesse fumado maconha. Ela tinha fumado mais de dez vezes num período de quatro anos, desde o primeiro

ano de ginásio. Ela apreciava a droga, desde que o ambiente e a companhia fossem agradáveis; evitava quando não podia ter controle sobre a situação. Mas ela tinha gostado daquele fim de semana com Vernon e achou que a maconha poderia deixá-lo mais solto.

Vernon teria se recusado a fumar maconha praticamente em qualquer circunstância, não apenas porque era contra drogas, mas também porque ficaria apavorado se algum oficial descobrisse e o expulsasse de Annapolis. Mas ali estava a sua garota, uma bela jovem de Maryland, e ela tinha acabado de acender um baseado e estava lhe oferecendo. Joanna logo percebeu que ele nunca tinha fumado. Ensinou a ele como inalar e segurar a fumaça nos pulmões e como usar um gancho (um de seus grampos de cabelo) para fumar até o fim. Vernon esperava se sentir como se tivesse bebido. Ficou surpreso ao constatar que se sentia mais alerta. Para espanto seu, começou a recitar poemas que havia aprendido em literatura. E então ele e Joanna começaram a rir. Riam de qualquer coisa -de Edith, do futebol, da Academia Naval, dos pais e até da Guerra do Vietnã. Riram tanto que chegaram quase a chorar.

De repente começaram a sentir uma fome incontrolável. Vestiram os casacos e saíram pela noite fria de dezembro à procura de alguma coisa para comer. A quase um quilômetro do hotel encontraram uma mercearia ainda aberta. Compraram Coca-Cola e batata frita. Joanna abriu o saco de batatas fritas ainda na loja. Pôs uma na boca de Vernon e puseram-se a rir junto com o vendedor.

Vernon estava achando deliciosa a batata frita. Comeu o saco inteiro enquanto voltavam ao motel. Quando terminou, pôs-se a cantar Maxwell's Silver Hammer, dos Beatles. Joanna acompanhava, "Bang, bang, Maxwell's Silver Hammer came down upon his head..." Levantou a mão, fechou o punho e deu um soco leve na cabeça de Vernon. Ele se sentia lépido, solto, como se conhecesse Joanna há muitos anos. pôs o braço em volta dela e beijou-a com vontade ao chegarem em frente ao motel.

Sentaram-se no chão com as comidinhas à frente. Vernon ligou o rádio; estava tocando uma sinfonia. Ele ficou hipnotizado pela música. Pela primeira vez na vida conseguiu ouvir cada instrumento da orquestra em separado. Visualizou um palco e viu os músicos tocando violinos. Estava fascinado e emocionado. Vernon disse a Joanna que todos os seus sentidos estavam vivos.

Para Joanna parecia que Vernon finalmente estava se liberando. Quando se

inclinou para beijá-la, ela estava bastante desejosa. Beijaram-se apaixonadamente diversas vezes durante a sinfonia. Quando pararam para comer um pouco mais, Joanna sintonizou o rádio numa estação de rock. A música mudou o ritmo das carícias e os beijos tomaram-se mais apaixonados. Vernon fez Joanna deitar-se no chão e ficou ao seu lado, beijando-a sem parar, ambos ainda vestidos. Estavam fascinados com a intensidade da excitação.

O rádio começou a tocar Light My Fire, dos Doors. E Vernon Allen Winters de Columbus, Indiana, do terceiro ano da Academia Naval, não seria mais virgem quando a música terminasse. “Não é mais hora de hesitar, de afundar na lama, tente, você só tem a perder, e o nosso amor se transformará numa pira funerária... Vamos, garota, acenda a minha chama...”

“Vamos, garota, acenda a minha chama.” Vernon jamais perdera o autocontrole.

Mas quando Joanna passou a mão sobre seu pênis por fora do jeans, foi como se uma enorme muralha de concreto e aço tivesse sido derrubada. Anos depois Vernon ainda se admirava com a paixão animalesca que sentiu durante dois, talvez três minutos.

Os beijos de Joanna, o efeito da maconha e o ritmo agitado da música levaram-no ao limite. Ele era um animal. Ainda no chão, puxou com força a calça dela várias vezes, e por pouco não a rasgou ao passá-la pelos quadris. A calcinha quase veio junto. Vernon puxou-a até o joelho enquanto tentava tirar seu próprio jeans.

Joanna tentou acalmá-lo, sugerindo que talvez fosse melhor na cama. Ou que pelo menos seria mais agradável se eles tirassem os sapatos e as meias e não fizessem amor com as calças na altura dos joelhos atrapalhando seus movimentos. Mas Vernon não lhe deu ouvidos. Anos e anos de repressão impediam-no de controlar seu imenso desejo. Estava fora de si. Deitou-se sobre Joanna com uma expressão muito séria. Pela primeira vez ela sentiu medo, e esse medo fez aumentar seu desejo.

Durante alguns segundos, Vernon ficou tentando avidamente (a música estava agora na pane mais frenética) encontrar o lugar certo, e então penetrou nela com força. Joanna sentiu ele penetrar uma, duas vezes e então tremer todo. Em dez segundos estava tudo terminado. Intuitivamente ela sabia que tinha sido a primeira vez que Vernon fazia amor e isso fez com que superasse a mágoa pela

sua falta de delicadeza.

Vernon não disse nada e logo dormiu no chão ao lado de Joanna. Ela tirou a colcha da cama, aninhou-se nos braços de Vernon e cobriu-se e a ele com a colcha. Sorriu consigo mesma e fechou os olhos para dormir, ainda um pouco intrigada com aquele rapaz ao seu lado. Mas sabia que agora um significava muito para o outro.

Quanto, Joanna nunca saberia. Quando Vernon acordou de madrugada, foi tomado por um forte sentimento de culpa. Não podia acreditar que fumara maconha e possuía à força uma garota que pouco conhecia. Perdera o controle. não fora capaz de parar o que estava fazendo e ultrapassara os limites da decência. Estremeceu ao imaginar o que seus pais (ou pior, Betty e o reverendo Pendleton) pensariam dele se soubessem o que tinha feito. Então a culpa deu lugar ao medo. Vernon pôs-se a imaginar que Joanna estava grávida, que ele teria que deixar Annapolis e se casar com ela (O que iria fazer? Que tipo de emprego iria arrumar se não fosse um oficial da Marinha?), que teria que se explicar aos pais e aos Pendletons. Pior ainda, ficou imaginando que a polícia poderia dar uma batida no motel e encontrar a bagana no cinzeiro. Primeiro, ele seria expulso da academia por uso de drogas, para depois descobrir que tinha engravidado uma garota.

Agora Vernon Winters estava realmente com medo. Deitado no chão do quarto de um motel nos subúrbios de Filadélfia às 3 da manhã de um domingo, começou a rezar contritamente. “Meu Deus”, orava Vernon, pedindo por si mesmo pela primeira vez desde que pedira a Deus para ajudá-lo no dia dos exames para a academia, “faça com que eu saia dessa e prometo que serei o oficial mais disciplinado da Marinha que o Senhor já viu. Dedicarei minha vida ao meu país que tanto o honra. Por favor, me ajude.”

De vez em quando cochilava. Mas era um sono intermitente, agitado. Em um dos sonhos que teve, estava de uniforme de fuzileiro no palco da igreja presbiteriana em Columbus. Era a representação da Páscoa e ele era Cristo outra vez, carregando a cruz para o Calvário. A quina Áspera da cruz tinha rasgado a camisa do uniforme e machucava seu ombro, e ele estava aflito que não fosse passar na inspeção. Tropeçou e caiu, e a cruz rasgou mais ainda a camisa e a pele, fazendo escorrer sangue pelo braço. “Crucifiquem-no!”, Vernon ouviu alguém gritar no sonho. “Crucifiquem-no!”, gritou um grupo na plateia que Vernon, ofuscado pelas

luzes, não conseguia ver. Acordou molhado de suor. Por alguns segundos ficou desorientado. Depois o sentimento de culpa deu lugar à depressão e esta ao medo, quando se pôs a pensar nos acontecimentos da noite anterior.

Joanna mostrou-se meiga e carinhosa ao acordar, mas Vernon estava muito distante.

Desculpou-se dizendo que estava preocupado com as próximas provas. Por duas vezes Joanna começou a falar sobre a noite anterior, mas ele mudava rapidamente de assunto. Vernon ficou atormentado desde o café da manhã até deixar Joanna no alojamento de College Park. Ela tentou beijá-lo ao se despedirem mas Vernon não retribuiu. Tinha pressa em esquecer todo o fim de semana. sozinho em seu quarto em Annapolis, pediu a Deus mais uma vez que o deixasse sair incólume daquilo tudo.

O fuzileiro Vernon Winters cumpriu com sua palavra. Não apenas não se encontrou mais com Joanna Carr (por duas vezes ela o chamou, mas não conseguiu alcançá-lo; mandou-lhe duas cartas, mas não recebeu resposta, e finalmente desistiu) também não saiu mais com garotas durante os 18 meses finais em Annapolis. Estudava obstinadamente e ia à igreja duas vezes por semana, conforme prometera a Deus.

Formou-se com louvor e fez sua primeira viagem de serviço a bordo de um grande porta-aviões. Dois anos depois, em junho de 1974, após Betty Pendleton ter tirado seu diploma de professora, eles se casaram na igreja presbiteriana de Columbus, onde haviam representado José e Maria 12 anos antes. Mudaram-se para Norfolk, na Virginia, e Vernon acreditava que seu padrão de vida estivesse estabelecido. Sua vida seria ficar no mar por longos períodos e pouco tempo em casa com Betty e as crianças que viessem a ter.

Vernon frequentemente agradecia a Deus por ter cumprido Sua parte no trato e se orgulhava de ser o oficial mais dedicado da Marinha dos Estados Unidos. Todas as avaliações que recebia elogiavam sua segurança e perfeição. Seus superiores lhe diziam que ele era o protótipo do almirante. Até o incidente na Líbia. Ou melhor, até ele voltar para casa depois do combate líbio. Pois para Vernon Allen Winters o mundo inteiro se transformou nas semanas seguintes ao ataque americano contra Kadhafi.

7

Carol e Troy estavam sentados em espreguiçadeiras na proa do Florida Queen. Estavam olhando o mar, de frente para o sol forte daquela tarde. Carol havia tirado a blusa e estava de maiô azul e calça branca de algodão. Troy estava de bermudão branco que cobria boa parte de suas belas pernas. Seu corpo era forte, proporcional mas sem excesso de músculos. Conversavam animadamente e de vez em quando davam uma risada. Atrás deles, sob a cobertura, Nick Williams lia A Fan's Notes, de Fred Exley. Vez por outra olhava para os dois por algum tempo e depois voltava à leitura.

-Então por que você não fez faculdade? -Carol perguntou a Troy. -Você poderia ter sido um excelente engenheiro.

Troy levantou-se, tirou os óculos escuros e foi até a borda do barco.

-Meu irmão, Jamie, disse a mesma coisa -disse devagar, olhando para o mar. Mas eu era rebelde demais. Quando finalmente terminei o colégio, tinha muita vontade de saber como era o mundo. Por isso saí fora. Andei por todos os Estados Unidos e Canadá durante dois anos.

-Foi então que aprendeu eletrônica? -perguntou Carol. Ela olhou para o relógio.

-Isso foi mais tarde, bem mais tarde -disse Troy. -A única coisa que aprendi nesses dois anos foi como sobreviver à minha própria custa. Além de saber o que é ser um negro num mundo de brancos. -Olhou para Carol. Não viu qualquer reação. Devo ter tido uns cem empregos diferentes -continuou, voltando a olhar para o mar. -Fui cozinheiro, mensageiro, barman, operário. Até dei aulas de natação num clube particular. Fui vigia num hotel de veraneio, jardineiro de um clube de golfe... -Troy riu e virou-se para ver se Carol estava prestando atenção. -Mas acho que você não está interessada nessa...

-É caro que estou -disse ela. -É fascinante. Estou tentando imaginar você metido num uniforme de vigia de hotel. E se o capitão Nick estiver certo, ainda temos dez minutos até chegarmos. -Ela abaixou a voz. -Pelo menos você conversa. O

professor não é exatamente o que se pode chamar de sociável.

-Ser um vigia negro num hotel de veraneio no Mississípi foi uma experiência e tanto -disse Troy sorrindo. Adorava contar histórias da sua vida. Gostava de ser ouvido. -Imagine você, menina, eu com 18 anos trabalhando no Gulfport Inn em frente à praia. Quarto e comida e mais as gorjetas. Era tudo o que eu queria. Pelo menos até o chefe dos porteiros e vigias, um homenzinho impossível chamado Fish, me levar até o alojamento dos empregados do hotel e me apresentar como “o novo vigia negro”. após ouvir daqui e dali, tive certeza de que o hotel estava metido numa encrenca qualquer por discriminação racial, e o fato de terem me dado o emprego foi uma forma dos donos se redimirem.

-Meu quarto no alojamento -continuou -ficava bem atrás do 12º buraco do campo de golfe. Uma cama, um guarda-roupas embutido, uma mesa com um abajur, uma pia para escovar os dentes e lavar o rosto -isso foi meu quarto durante seis semanas. Do outro lado do prédio ficava o banheiro, que se esvaziava quando eu entrava. No ginásio que frequentei em Miami só havia cubanos e negros, por isso eu conhecia muito pouco sobre os brancos. Os livros e a televisão nos dão uma imagem dos brancos como sendo generosos, competentes, bem-educados e ricos. Há! minha fantasia foi-se num piscar de olhos. você não pode imaginar o tipo de gente que trabalhava naquele hotel. O tal de Fish, o chefe, fumava maconha toda noite com o filho de 16 anos, Danny, e sonhava com o dia em que alguém esqueceria um milhão de dólares num dos quartos. O outro objetivo de sua vida era continuar trepando com a mulher do gerente, Marie, todos os dias na despensa. O outro porteiro era um pobre coitado chamado Saint John -seus pais pensavam que Saint era um nome próprio. Tinha só seis dentes, usava óculos de lentes grossas e tinha um enorme tumor debaixo do olho esquerdo. Saint John sabia que era feio e sua preocupação constante era perder o emprego por causa de sua aparência. Então Fish o explorava ao máximo, atribuindo-lhe as piores tarefas e o obrigando a lhe dar parte do salário e das gorjetas que recebia. O outro porteiro também não deixava Saint John em paz e sempre que podia fazia dele o alvo de suas brincadeiras.

-Certa noite -continuou Troy -eu estava quieto no meu quarto lendo um livro quando alguém bateu a porta. Era Saint John e parecia confuso. Numa das mãos segurava uma caixa e na outra uma embalagem com seis cervejas. Depois de alguns instantes, perguntei-lhe o que queria. Ele olhou inquieto para os lados e então me perguntou se eu sabia jogar xadrez. Quando eu disse que sim e que gostaria de jogar, John sorriu de orelha a orelha e falou qualquer coisa sobre ter

tido sorte de encontrar alguém. Convidei-o para entrar, e então jogamos, conversamos e bebemos cerveja por quase duas horas. Ele tinha sido uma criança pobre do interior do Mississípi e tinha oito irmãos. Enquanto jogávamos, Saint John deixou escapar que não me convidara antes para jogar porque Fish e Miller disseram-lhe que os negros eram burros demais para jogar xadrez. Saint John e eu nos tomamos amigos pelo resto das semanas que fiquei por lá. Estávamos unidos pelos laços mais estreitos, éramos forasteiros naquela estranha estrutura social criada pelos empregados do Gulfport Inn. Foi Saint John quem me alertou sobre o preconceito dos brancos do sul em relação aos negros. -Troy riu. -Sabe, um dia Saint John foi comigo ao banheiro para comprovar que o meu não era maior que o dele.

Troy sentou-se novamente e olhou para Carol. Ela estava sorrindo. Não era difícil divertir-se com as histórias de Troy. Ele as contava com muito entusiasmo. Nick também havia posto o livro de lado e ouvia a conversa.

-E tinha também um sujeito enorme de seus vinte e poucos anos chamado Farrell, que se parecia com Elvis Presley. Vendia bebida aos hóspedes com desconto, tinha um serviço de acompanhantes por telefone e levava as sobras da cozinha para vender no bar da irmã. Alugava um pedaço do meu quarto para guardar parte da bebida. Quando havia convenções, ele juntava o resto do suco de laranja das jarras em garrafinhas e as revendia. Certo dia o gerente do hotel achou uma caixa cheia de garrafinhas escondida temporariamente numa sala e foi saber do que se tratava. Farrell me puxou num canto e disse que queria fazer um trato. Se eu confessasse que tinha pego o suco, ele me daria 20 dólares. Explicou que se eu confessasse nada aconteceria comigo, pois era de se esperar que os negros fizessem esse tipo de coisa. Mas se ele fosse descoberto, perderia o emprego...

Nick se aproximou.

-Desculpem interromper -disse com um que de sarcasmo na voz -mas segundo nosso computador de navegação, estamos no limite sul da região assinalada no mapa. -Entregou o mapa a Carol.

-Obrigado, professor. -Troy riu. -Acho que salvou Carol de um papo sem fim. Levantou-se e foi até onde os monitores haviam sido colocados e ligou o circuito. Menina, venha me mostrar como isso funciona.

O telescópio oceânico de Dale Michaels fora programado para tirar três fotografias simultâneas de cada imagem. A primeira era uma fotografia comum, a segunda em infravermelho e a terceira uma imagem ecotelemétrica composta. O subsistema ecotelemétrico reproduzia apenas o contorno dos objetos, mas seu alcance era muito maior que os outros dois e podia ser usado mesmo em águas turvas.

Fixado no fundo de praticamente qualquer barco, o telescópio compacto, munido de um pequeno motor interno, tinha uma mobilidade de 30° a partir da vertical. O plano de observação era definido por um programa. Os detalhes dessa sequência e os parâmetros óticos do telescópio ficavam armazenados no microprocessador; no entanto o programa podia ser modificado a qualquer momento pelo operador.

Os dados obtidos pelo telescópio eram enviados para os outros equipamentos eletrônicos do barco através de finíssimas fibras óticas. Aproximadamente 10% das fotografias obtidas eram projetados (apos uma ampliação) no mesmo instante no monitor do barco. Mas todas as imagens captadas pelo telescópio eram armazenadas automaticamente na unidade de memória de 100 gigabites ao lado do monitor. Outra série de fibras óticas ligava a unidade de memória ao sistema central de navegação do barco e ao servomotor que controlava o telescópio. Esses circuitos emitiam impulsos a cada dez milésimos de segundo para que a orientação do telescópio e a localização do barco a cada imagem fotografada pudessem ser armazenadas no arquivo.

Próximo ao monitor, do lado oposto da unidade de memória, ficava o painel de controle do sistema. O Dr. Dale Michaels e o Instituto Oceanográfico de Miami eram mundialmente famosos pela engenhosidade de suas invenções; porém essas engenhosidades não eram fáceis de operar. Dale tentou ensinar a Carol em poucas horas o funcionamento do sistema na noite anterior à sua chegada em Key West, mas foi praticamente inútil. Frustrado, Dale programou no microprocessador uma sequência fácil que esquadrinhava a área debaixo do barco em padrões regulares. Depois ajustou as amplificações óticas para valores normais e disse a Carol para não mudar absolutamente nada.

-Tudo o que tem a fazer -dissera o Dr. Michaels ao colocar o painel de controle do sistema na camioneta -é apertar este botão e então cobrir o painel para que ninguém mexa no comando errado.

Portanto Carol não poderia explicar a Troy como aquilo funcionava. Ela se aproximou de Troy, pôs a mão em seu ombro e sorriu encabulada.

-Não queria desapontá-lo, caro amigo curioso, mas não sei nada sobre o funcionamento disso além do que já disse quando estávamos instalando o equipamento. Para que funcione, só precisamos ligar o circuito e depois apertar este botão.

Carol apertou o botão no painel. Uma imagem nítida do mar a uns 15 metros de profundidade apareceu imediatamente no monitor. A imagem era de uma nitidez surpreendente.

Os três observaram admirados um tubarão-martelo atravessar um cardume de peixinhos cinzentos e engolir centenas deles.

-Segundo me disseram -disse Carol, enquanto os dois continuavam grudados no monitor -o sistema do telescópio faz o resto, seguindo os planos armazenados em seu programa. Obviamente podemos ver no monitor as imagens que ele capta. Pelo menos podemos ver a imagem visual. As imagens infravermelha e ecotelemétrica ficam armazenadas. Meu amigo do Instituto Oceanográfico de Miami tentou me explicar como eu poderia trocar para as imagens infravermelha e ecotelemétrica, mas não é simples. Nada parecido com um botão para cada imagem. Deve-se acionar mais de dez comandos só para mudar o sinal de saída para o monitor.

Troy estava impressionado. Não apenas com o telescópio oceânico, mas também com Carol, uma leiga em relação à engenharia e à eletrônica, mas que tinha uma boa noção de tudo aquilo.

-O componente infravermelho do telescópio mede a noção térmica -disse ele devagar -pelo que me lembro da física que aprendi no colégio. Mas como é que as variações térmicas da água podem nos informar alguma coisa sobre baleias?

Nick balançou a cabeça e afastou-se do monitor. Tinha consciência de sua ignorância sobre o assunto e sentia-se constrangido de admitir isso para Carol e Troy. Nick também não acreditava que Carol tivesse trazido toda aquela parafernália eletrônica só para localizar baleias desgarradas. Foi até a geladeira e pegou outra cerveja.

-E o que vamos fazer nas próximas duas horas, se entendi bem, é ficar para lá e para cá com o barco enquanto você procura as baleias nessa tela, certo?

O comentário irônico de Nick foi uma provocação, pois interrompeu a amigável conversa entre Carol e Troy. Ela se irritou mais uma vez com a atitude de Nick e contra-atacou:

-Esse era o plano inicial, sr. Williams, conforme lhe informei quando saímos de Key West. Mas Troy me disse que o senhor é um caçador de tesouros. Ou pelo menos era, há alguns anos. E já que está convencido de que estou à procura de tesouros, talvez fosse melhor se sentar ao meu lado para que eu não perca nenhuma baleia. Ou tesouro, no caso.

Nick e Carol ficaram se encarando por algum tempo, e então Troy interrompeu-os.

-Escute, professor... E você também, menina... não entendo por que vocês dois resolveram implicar um com o outro, mas eu acho isso muito chato. Será que dava para esfriar um pouco? Afinal -acrescentou Troy, olhando para Nick e depois para Carol -se vocês vão mergulhar, são parceiros. A vida de um pode depender do outro. Portanto, vamos parar por aí.

Carol deu de ombros e assentiu com a cabeça.

-Por mim, tudo bem -disse. Mas como não visse qualquer reação por parte de Nick, não pôde resistir a outra alfinetada. -Contanto que o sr. Williams reconheça sua responsabilidade e esteja suficientemente sóbrio para mergulhar.

Nick ficou furioso. aproximou-se da borda do barco e entornou teatralmente sua cerveja no mar.

-Não se preocupe comigo, minha cara -disse, forçando um sorriso -sei tomar conta de mim. Preocupe-se apenas com você.

O microprocessador do telescópio oceânico tinha um dispositivo especial de alarme que disparava uma campainha semelhante à de telefone em determinadas condições.

A pedido de Carol, Dale Michaels ajustara o algoritmo de alarme para que

disparasse quando passasse pelo campo de visão uma criatura de tamanho considerável ou algum objeto fixo “não identificado” de tamanho significativo. Depois de concluir essas pequenas modificações e enviá-las ao departamento de programação para codificação e análise. Dale sorriu consigo mesmo. Achava divertida a cumplicidade dele e de Carol. Esse subterfúgio tecnológico certamente convenceria os acompanhantes de Carol, quem quer que fossem, de que ela estava mesmo à procura de baleias.

Mas ao mesmo tempo, o alarme também dispararia se o que Carol estava na verdade procurando, provavelmente um míssil perdido (e secreto) em fase de testes, aparecesse debaixo do barco.

A estrutura básica dos dois algoritmos de alarme era fácil de entender. Para identificar um animal em movimento, bastava sobrepor duas ou três fotografias tiradas em menos de um segundo (em qualquer comprimento de onda, embora com maior precisão no processo de imagens visuais mais nítidas), e então comparar os dados. As diferenças significativas (na sobreposição das imagens) indicariam a presença de alguma criatura em movimento.

Para identificar objetos estranhos no campo de visão, o algoritmo de alarme valia-se da enorme capacidade de armazenamento da unidade de memória do sistema de processamento de dados do telescópio. As imagens infravermelha e visual, praticamente simultâneas, eram enviadas à unidade de memória e analisadas sob um conjunto de dados com um parâmetro-padrão de reconhecimento para ambos os comprimentos de onda. Esses parâmetros-padrão foram desenvolvidos durante anos de pesquisa e postos recentemente em prática pelo Instituto Oceanográfico de Mia-mi, que incluiu praticamente tudo (plantas, animais, arrecifes) que pudesse ser encontrado no fundo do mar nas proximidades das ilhotas da Florida. Qualquer objeto que não correspondesse aos padrões seria captado e o alarme soaria.

Com o alarme não era necessário que se ficasse sentado pacientemente em frente à tela estudando os milhares de dados à medida que fossem sendo recebidos. Até Troy, cuja sede de saber era quase insaciável, cansou-se de olhar para o monitor depois de 10 minutos, pois a profundidade era muito grande e pouco se podia ver.

Dois tubarões solitários fizeram com que o alarme disparasse, criando uma certa expectativa uns 20 minutos após Carol ter ligado a aparelhagem. Mas depois

houve um longo período de silêncio. Com o passar do tempo, Nick foi ficando cada vez mais impaciente.

-Não sei como pude entrar nessa -resmungou para si mesmo. -Poderíamos estar preparando o barco para alugar por todo o fim de semana.

Carol ignorou as palavras de Nick e continuou estudando o mapa. já tinham atravessado de sul a norte a região que ela e Dale haviam demarcado e agora navegavam devagar na extremidade norte em direção a leste. Dale definira a área de busca baseado nas conclusões que tirou depois do interrogatório da Marinha. Com algumas poucas perguntas, provavelmente teria conseguido delimitar a área com maior precisão, mas não queria levantar qualquer suspeita.

Carol sabia que a busca seria como procurar uma agulha num palheiro, mas achou que valeria a pena pelos prováveis resultados. Se ela encontrasse e fotografasse um míssil secreto da Marinha que caiu próximo a uma área povoada... Que furo de reportagem!

Mas ela também já estava começando a ficar impaciente depois de passar boa parte da tarde ao sol. Eles teriam que retornar em breve para Key West para chegarem antes do anoitecer. Pelo menos eu tentei, pensou resignada. E como papai dizia, quem não arrisca, não petisca.

Ela estava na proa do barco quando de repente o alarme da unidade de memória começou a soar. Uma vez, duas, e depois um breve silêncio. Uma terceira vez, logo seguida por outra. Carol correu para o monitor. -Pare o barco -gritou para Nick. Mas era tarde demais. Quando ela chegou em frente ao monitor, o alarme havia parado e a tela estava vazia.

-Faca meia-volta, meia-volta -disse, notando que Nick olhava fixo para ela.

-Vamos, comandante -disse Nick, girando o leme com uma força tal que Carol perdeu o equilíbrio. O monitor e os outros equipamentos eletrônicos começaram a escorregar de seus apoios; foram salvos na hora “H” por Troy. O Florida Queen fez uma curva fechada. Apesar do mar estar calmo, uma pequena onda subiu pelo deck e molhou as pernas de Carol. Sua calça ficou encharcada do joelho para baixo, assim como a meia e o tênis. Nick não disfarçou seu contentamento.

Quando Carol já ia lhe dizer umas ironias, o alarme soou novamente. Recobrando o equilíbrio, viu no monitor que estavam sobre um arrecife de coral. E lá embaixo no fundo, bem visível na tela, havia três baleias da mesma espécie das que ela vira pela manhã em Deer Key. Nadavam aparentemente sem direção certa. Mas havia algo mais. O código específico indicava que também havia um objeto estranho próximo à área onde se encontravam as baleias. Carol estava exultante. Bateu palmas.

-Lançar âncora, por favor! -gritou, e então começou a rir ao ver que Troy já o fizera.

Poucos minutos depois, Carol vestia-se apressadamente no camarote. A máscara e os pés-de-pato já estavam ajustados a seu lado no deck. Troy a ajudou a colocar a garrafa.

-Não se preocupe com Nick -disse Troy. -Ele hoje está rabugento por alguma razão, talvez porque Harvard perdeu o jogo de basquete, mas ele é um excelente mergulhador. E dizem que é o melhor instrutor de mergulho dos Keys. -Troy sorriu. -Afinal, aprendi com ele em dois meses, e em tão pouco tempo não se aprende nem a nadar.

Carol sorriu e balançou a cabeça.

-Você nunca fala nada a sério, não é? -disse ela. Enfiou o braço pela segunda abertura e o colete foi para o lugar. -A propósito -continuou -para uma autoridade em mergulho, seu amigo usa um equipamento ultrapassado. -Neste momento ela se arrependeu de ter deixado no carro sua roupa de mergulho sob medida que sempre usava quando mergulhava com Dale. Era o que havia de mais moderno em trajes de mergulho e tinha um bolso para a máquina fotográfica e um moderno artifício, a CAF (compensação automática de flutuação). Mas depois de toda aquela confusão ao passar com o baú de equipamentos eletrônicos, Carol decidira não chamar mais atenção e deixar a roupa no carro.

-Nick acha que as novas roupas facilitam demais para o mergulhador. Ele prefere ajustar a flutuação manualmente para saber a que profundidade está. -Troy olhou para Carol. -Você é bem leve. Este cinto deve bastar. você costuma usar peso?

Carol fez que sim com a cabeça e colocou o cinto. Nick apareceu trazendo a

máscara e os pés-de-pato. Estava pronto, com a garrafa às costas e o peso na cintura.

-Suas baleias ainda estão no mesmo lugar -disse ele. -Nunca vi baleias ficarem paradas assim. -Passou para Carol um pouco de fumo de mascar. Ela esfregou o tabaco no vidro da máscara (para não embaçar) enquanto Nick verificava o nível de ar da garrafa dela e o bocal auxiliar, que seria necessário numa emergência.

Nick falava com Carol enquanto fazia as últimas verificações em seu equipamento.

-Foi você quem alugou o barco -disse num tom cordial -portanto vamos poder ir para qualquer lado lá embaixo. O mergulho não vai ser difícil, já que a profundidade é de apenas 15 metros. Porém -Nick colocou-se de frente para Carol e olhou-a nos olhos -quero que fique bem claro o seguinte: este barco é meu e eu sou o responsável pela segurança das pessoas. Inclusive pela sua, quer você goste ou não. Antes de descermos, quero ter certeza de que vai seguir minhas ordens lá embaixo.

Carol teve que reconhecer que Nick estava tentando ser diplomático. Chegou até a achá-lo atraente em trajes de mergulho. Decidiu ser simpática.

-De acordo -disse ela. -Mas só mais uma coisa antes de descermos. Lembre-se de que sou uma jornalista. Estou levando uma máquina fotográfica e posso às vezes querer que você saia da frente. Portanto não fique zangado comigo se eu fizer sinal para que saia da frente.

Nick sorriu. -Está bem -disse ele. -Vou tentar me lembrar disso.

Carol calçou os pés-de-pato e colocou a máscara . Então pegou a máquina fotográfica e pendurou-a pela alça no pescoço. Troy ajudou-a a ajustar a alça. Nick estava sentado na borda do barco, ao lado da escada que Troy tinha acabado de colocar.

-Já verifiquei a água -disse Nick. -Tem uma corrente forte aqui em cima. Vamos descer pelo cabo da âncora até chegarmos ao fundo. De lá você escolhe o caminho.

Nick deu uma cambalhota para trás e caiu na água. Logo apareceu cuspidando

água. Carol respondeu ao seu sinal de positivo (o sinal usado pelos mergulhadores para dizer que está tudo bem) e sentou-se na borda do barco. Troy ajudou-a a fazer um último ajuste na roupa.

-Boa sorte, menina -disse Troy. -Espero que encontre o que está procurando. E tome cuidado.

Carol mordeu o bocal, tomou ar e imitou a cambalhota de Nick. A água do mar refrescou suas costas queimadas de sol. Em poucos segundos alcançou Nick no cabo da âncora e ambos repetiram o sinal de positivo. Nick desceu na frente, colocando uma mão depois da outra, devagar, sem largar o cabo. Carol o seguia com cuidado.

Podia sentir a forte corrente que Nick mencionara. Puxava bastante, mas ela não largava o cabo. A cada dois ou três metros, Nick parava para aliviar a pressão dos ouvidos e para ver se Carol estava bem. Então continuava a descer.

Não havia muita coisa para ser vista até alcançarem o arrecife. As fotografias do telescópio eram tão nítidas que enganavam. O arrecife com sua profusão de cores e excesso de animais e vegetais parecia estar bem debaixo do barco devido à focagem automática do sistema ótico. Mas 15 metros é muita coisa. Um edifício de três andares colocado no fundo não teria alcançado o casco do Florida Queen.

Quando finalmente chegaram ao local onde estava a âncora, Carol percebeu que havia cometido um erro. Ela não conseguia reconhecer o local e portanto não sabia que direção tomar para encontrar as baleias. Repreendeu-se por não ter estudado por mais tempo o monitor para decorar as marcas do fundo. Mas agora é tarde demais, pensou Carol. Vou escolher uma direção e pronto. Além disso, não tenho a mínima ideia de onde está o objeto que disparou o alarme.

A visibilidade debaixo d'água estava bem razoável, talvez uns 25 a 30 metros em todas as direções. Carol ajustou a flutuação e apontou para uma falha entre dois arrecifes, ambos cobertos de algas, anêmonas e coral. Nick fez que sim com a cabeça.

Colocando os braços diante do corpo e batendo os pés, Carol nadou em direção à falha.

Atrás, Nick admirava Carol nadar com graça e coordenação. Ela se movimentava na água com o mesmo encanto que os peixes coloridos a seu lado. Nick não perguntara muito a respeito da experiência de Carol e não sabia o que esperar. Imaginava que ela soubesse usar o equipamento e que mergulhasse com frequência, mas agora via que ela era tão boa quanto ele. Com exceção de Greta, Nick jamais vira uma mulher que se sentisse tão a vontade quanto ele.

Nick adorava a quietude e a paz daquele mundo sob a superfície. O único som que ouvia lá embaixo era o de sua própria respiração. À sua volta uma gama inimaginável de beleza e complexidade pululava de vida nos arrecifes de coral. Naquele momento, debaixo dele, uma garoupa descansava no fundo e deixava uma dúzia de peixinhos comerem os parasitas grudados sobre ela. A seguir, Nick espantou uma arraia enorme escondida sob a areia. Essa arraia, chamada peixe-diabo pelos estudiosos, quase acertou Nick com sua perigosa cauda.

Nick Williams sentia-se em casa nesse mundo aquático no fundo do golfo do México. Era o seu lazer e refúgio. Sempre que se sentia cansado ou perturbado com acontecimentos lá na superfície, sabia que mergulhando encontraria paz e tranquilidade. Mas neste dia sentia uma emoção indescritível, uma vaga sensação que trazia lembranças de anos atrás. Ele estava seguindo uma linda sereia nadando por sobre o coral e isso mexia com ele. Me comportei como uma criança, pensou, e chata. Ou pior. Por que? Porque ela é bonita? Não. Porque é cheia de vida. Muito mais que eu.

Carol e Nick fizeram duas tentativas diferentes a partir do cabo da âncora, mas não encontraram baleias ou qualquer coisa incomum. Quando chegaram no cabo após a segunda tentativa, Nick apontou para o relógio. Já estavam debaixo d'água há quase meia hora. Carol fez que sim com a cabeça e apontou, indicando que iria fazer mais uma tentativa em outra direção.

Encontraram as baleias logo após passarem por uma grande protuberância vertical que ficava a cinco metros da superfície. Nick as viu primeiro e apontou. As três baleias estavam a uns oito metros abaixo deles e uns 30 metros à frente. Ainda nadavam devagar, mais ou menos juntas e em círculo, como Nick e Carol tinham visto na tela.

Carol fez sinal para Nick sair da frente e apertou para a máquina fotográfica. Então nadou em direção as baleias, tirando fotografias e se aproximando delas, sem se esquecer de compensar a flutuação e de aliviar a pressão dos ouvidos.

Nick nadava a seu lado. Ele tinha certeza de que as baleias os tinham visto, mas por algum motivo não fizeram menção de fugir. Durante anos e anos como mergulhador, Nick só vira uma única vez uma baleia em mar aberto aceitar a presença próxima de um ser humano. Era uma baleia grávida, cujas dores de parto eram mais fortes que seu medo instintivo de seres humanos. Aqui, mesmo quando Carol chegou a uns seis ou sete metros, elas continuaram seu curso. Pareciam estar perdidas, ou talvez até drogadas.

Carol resolveu não se aproximar mais e tirou mais algumas fotos. Fotografias em close de baleias em seu hábitat natural ainda eram raras, portanto sua matéria já seria um sucesso jornalístico. Mas ela também estava intrigada com o seu comportamento.

Por que ignoravam sua presença? E o que estariam fazendo nadando em torno deste ponto em particular? Ela também ficara surpresa com a presença daquela baleia solitária quando nadara pela manhã e perguntou-se se esses estranhos acontecimentos estariam relacionados.

Nick estava à sua direita, a uns 20 metros de distância. Estava apontando para algum lugar ao lado das baleias e fazia sinais para que Carol fosse até lá. Ela deixou as baleias e nadou em direção a Nick. Viu imediatamente o que chamara sua atenção.

Debaixo das baleias, logo acima do fundo, havia um buraco escuro num grande arrecife.

À primeira vista parecia ser a entrada de alguma gruta submarina. Mas os olhos aguçados de Carol notaram que a fissura era extremamente lisa e simétrica, quase um indício de que aquilo era alguma espécie de estrutura. Ela riu consigo mesma enquanto nadava com Nick. Aquele incrível mundo subaquático e o bizarro comportamento das baleias pareciam um quebra-cabeças.

Nick apontou para o buraco e depois para si mesmo, indicando que ia descer para verificar mais de perto. Quando começou a nadar, Carol pensou em segurar seu pé e puxá-lo de volta. Logo depois, enquanto ele nadava, foi tomada por um medo enorme, sem causa aparente. Começou a tremer. Sentiu sua pele arrepiar-se toda e teve uma vontade quase incontível de ir-se embora, de escapar antes que algo terrível acontecesse.

Logo depois viu uma baleia nadar na direção de Nick. Se estivesse fora d'água, gritaria; mas a 15 metros de profundidade não havia como chamar alguém àquela distância.

Quando Nick chegou perto do buraco, alheio a qualquer perigo, foi empurrado por uma das baleias com tanta força que chocou-se contra o arrecife e voltou. Caiu sobre uma pequena porção de areia no fundo do mar. Carol nadou rapidamente em sua direção sem se descuidar das baleias. O respirador tinha saído de sua boca e ele não parecia estar fazendo qualquer esforço para recolocá-lo. Ela pôs-se a seu lado e fez o sinal de positivo. Não houve resposta. Os olhos de Nick estavam fechados.

Carol sentiu uma descarga de adrenalina ao pegar o respirador de Nick e colocá-lo em sua boca. Deu umas pancadinhas em sua máscara. Após alguns poucos e longos segundos, Nick abriu os olhos. Carol fez o sinal de positivo outra vez. Nick balançou a cabeça, como se estivesse espantando o sono, sorriu e fez o sinal para Carol. Começou a nadar mas Carol segurou-o. Gesticulou para que ficasse quieto para que ela pudesse examiná-lo. Pela força com que se chocou contra o arrecife, Carol temia o pior. Mesmo se a roupa estivesse inteira, a pele certamente estaria ferida pelo impacto contra as pontas de coral. Mas inacreditavelmente parecia não haver grandes danos em Nick e no equipamento. Tudo o que encontrou foram dois pequenos arranhões.

As três baleias continuavam no mesmo local de antes. Olhando para elas ali debaixo, Carol achou que se pareciam com sentinelas vigiando um local específico do oceano.

Nadavam para lá e para cá, descrevendo um círculo de uns duzentos metros de diâmetro. O que quer que tenha motivado uma delas a sair do círculo e atacar Nick ainda era um mistério. Mas Carol não queria arriscar outro acidente. Fez sinal para Nick acompanhá-la, e nadaram uns 30 metros até um banco de areia entre os arrecifes.

Carol pretendia retornar à superfície assim que tivesse certeza de que nada de sério acontecera a Nick. Mas enquanto ela examinava seu corpo para ter certeza de que não deixara passar nenhum machucado maior, Nick descobriu duas marcas paralelas na areia. Segurou o braço de Carol para mostrar o que tinha encontrado. Pareciam marcas de tanques e tinham sete centímetros de

profundidade. Pareciam ser recentes. Para um lado, as marcas iam em direção ao buraco debaixo das três baleias. Para o outro, as linhas paralelas iam até onde eles podiam ver, sobre o banco de areia entre os dois principais arrecifes.

Nick apontou para o arrecife e começou a nadar naquela direção, atraído pelas marcas. Não olhou para trás para ver se Carol o estava seguindo. Carol nadou em direção ao buraco o mais rápido possível. (Estaria ela imaginando, ou as três baleias observavam-na enquanto nadava? Aproximou-se até onde sua ousadia permitiu para tirar algumas fotografias e para verificar se as marcas vinham mesmo do buraco no arrecife. Pensou ter visto um entrelaçamento de marcas semelhantes convergindo em frente à abertura, mas não se aproximou. Não queria ficar longe de Nick neste lugar mal-assombrado. Quando se virou, Nick estava bem longe. Mas felizmente ele havia parado quando percebeu que Carol não o estava seguindo. Nick fez um gesto pedindo desculpas quando ela por fim chegou até ele.

Num certo ponto as linhas paralelas desapareceram quando terminou o banco de areia, mas Nick e Carol localizaram a continuação das marcas uns 50 metros adiante.

Às vezes as marcas tornavam-se tão estreitas que eles eram obrigados a subir uns três metros para não esbarrarem nas pedras e corais de ambos os lados. Logo depois as marcas e o banco de areia viraram para a esquerda e desapareceram sob uma saliência.

Carol e Nick pararam e ficaram boiando de frente para o outro. começaram a conversar por meio de gestos. Por fim decidiram que Carol desceria primeiro para ver se havia alguma coisa debaixo da saliência, já que ela queria fotografar de perto o desaparecimento das marcas.

Carol desceu até o banco de areia, tomando cuidado para não se encostar nos corais.

Debaixo da saliência, onde as marcas desapareciam, a largura do banco de areia era de menos de um palmo. A saliência ficava a meio metro do fundo, mas não havia como ela se curvar e olhar para dentro sem arranhar o rosto ou as mãos. Com muito cuidado, Carol enfiou a mão sob a saliência na direção das marcas. Nada. Ela teria que se segurar nos corais para conseguir enfiar a mão mais para o fundo.

Enquanto Carol tentava arrumar uma posição melhor, perdeu o equilíbrio e sentiu o coral arranhar a parte de trás da sua coxa esquerda. Ai, pensou ao colocar a mão direita sob a saliência, um a zero. Uma lembrança física de um dia surpreendente. Singular, eu diria. Baleias bizarras. marcas de tanques no fundo do mar... o que é isso?

Carol segurou algo parecido com uma haste metálica de dois centímetros e pouco de espessura. Ficou tão surpresa que imediatamente retirou a mão e sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Seu coração disparou e ela tentou respirar devagar para se acalmar. Então colocou a mão outra vez e segurou o objeto. Ou seria outro objeto?

Desta vez ela sentiu o metal, mas o objeto parecia ser mais grosso e ela percebeu quatro dentes como os de um garfo. Carol passou a mão mais abaixo e achou a haste.

De onde estava, Nick viu que Carol tinha descoberto alguma coisa. Agora era ele quem estava nervoso. Desceu até lá enquanto ela tentava puxar o objeto. Trocaram de lugar, e Nick sentiu primeiro algo liso e esférico do tamanho da palma de sua mão. Ele percebeu que a parte de baixo da esfera estava apoiada no chão e que havia uma haste de vários centímetros. Nick se apoiou e deu um puxão na haste, que se moveu um pouco. Deslizou a mão pela haste e puxou outra vez. Com mais alguns puxões o objeto saiu de baixo da saliência.

Durante mais de um minuto, Nick e Carol ficaram olhando para o objeto dourado sobre a areia. Sua superfície era lisa e tinha ao todo quase meio metro de comprimento.

Não se via nada além da superfície polida, o que sugeria que o objeto era, sem dúvida, feito de algum metal. O longo eixo do objeto era uma haste de dois centímetros e pouco de espessura que terminava, num dos lados, numa espécie de gancho.

A dez centímetros do gancho havia uma esfera, simetricamente colocada em torno da haste, cujo raio tinha pouco mais de cinco centímetros. A esfera maior que Nick sentira debaixo da saliência tinha um raio de dez centímetros. e ficava bem no meio da haste. Essa esfera também havia sido colocada de forma perfeitamente simétrica em torno da haste. Além das duas esferas, o objeto era

liso até a outra extremidade, onde a haste se dividia em quatro -os dentes que Carol sentira.

Carol fotografou o objeto em frente à saliência. Antes que ela se desse por satisfeita, Nick apontou para o relógio. Já estavam debaixo d'água há quase uma hora. Carol verificou o nível de ar e viu que já estava quase no vermelho. Fez um sinal para Nick e ele desceu para apanhar o objeto. Era extremamente pesado, mais ou menos uns dez quilos pelo que Nick avaliou. Então não estava preso a nada quando eu tentava puxar, pensou Nick. É pesado mesmo.

O peso do objeto só fez aumentar a excitação de Nick, que começara quando ele viu a cor dourada. Embora ele nunca tivesse visto nada parecido com essa haste e gancho com esferas, lembrou-se de que as peças mais pesadas do Santa Rosa eram todas feitas de ouro. E essa peça era mais pesada do que qualquer outra que ele já vira. Meu Deus, pensou enquanto retirava alguns pedaços de chumbo do cinto para facilitar o transporte do objeto até o barco, se houver pelo menos quatro quilos de ouro puro aqui a uma cotação de mil dólares a onça, dá 160 mil dólares, e isso pode ser apenas o começo. De onde quer que are troço venha, deve haver mais. Muito bem, Williams. Hoje pode ser o seu dia de sorte.

A cabeça de Carol estava a mil por hora enquanto nadava ao lado de Nick em direção ao cabo da âncora. Tentava armar o quebra-cabeças de tudo o que vira na última hora. Estava convencida de que de alguma maneira tudo aquilo estava associado ao míssil perdido da Marinha -o comportamento das baleias, o objeto dourado, as marcas de tanques no fundo do mar. Mas Carol ainda não tinha ideia de como aquilo tudo estava associado

Enquanto subia, Carol se lembrou de ter lido há alguns anos uma história sobre marcas de submarinos russos no fundo do mar próximo a um estaleiro sueco. Com seu espírito jornalístico, começou a imaginar uma história fantástica mas plausível para explicar tudo o que vira. Talvez o míssil tenha caído perto daqui e tenha continuado a enviar dados mesmo debaixo d'água, pensou consigo mesma. Seus sinais eletrônicos deixaram de alguma forma as baleias confusas. E talvez esses mesmos sinais tenham sido captados por submarinos russos. E americanos. Sua imaginação se esgotou por alguns instantes. Exstem pela menos duas hipóteses, portanto, voltou a pensar depois de nadar mais um pouco e observar Nick se aproximar do cabo da âncora, segurando firmemente o objeto dourado. Ou eu descobri um plano secreto russo para encontrar e roubar um míssil americano, ou as marcas e o objeto dourado fazem parte de uma missão

americana para encontrar o míssil sem chamar atenção do público. Não tem importância. De qualquer maneira é uma ótima reportagem.

Mas preciso levar aquela coisa dourada para ser analisada por Dale e pelo Instituto Oceanográfico de Miami.

Tanto Nick quanto Carol estavam com o suprimento de ar perigosamente baixo ao chegarem à superfície. chamaram Troy para dar uma mãozinha com o achado. Carol e Nick estavam exaustos ao subirem no barco. Mas também estavam excitadíssimos com as descobertas daquela tarde. Todos começaram a falar ao mesmo tempo. Troy também tinha o que contar, pois vira algo incomum no monitor enquanto Nick e Carol seguiam as marcas no banco de areia. Nick tirou uma cerveja e sanduíches da geladeira enquanto Carol cuidava de seus cortes. Os três sentaram-se no deck enquanto o sol se punha. Tinham muito o que contar durante os noventa minutos da volta para Key West.

8

Conversaram animadamente durante quase todo o percurso até a marina. Nick nem parecia aquele sujeito taciturno. Animado pelo que acreditava ser a descoberta inicial de um tesouro afundado, era o próprio tagarela. Pelo menos por duas vezes contou sua versão do encontro com a baleia. Tinha certeza de que o choque fora acidental, que a baleia tinha ido até lá por alguma outra razão sem ver que ele estava ali.

-Impossível -zombou Nick, quando Carol sugeriu que a baleia poderia ter batido nele de propósito porque ele estava nadando em direção ao buraco no arrecife - Ninguém nunca ouviu falar de baleias tomando conta de um lugar no fundo do mar. Além disso, se a sua teoria está certa, por que então a baleia não me esmagou, não acabou comigo? Você está querendo me convencer de que as baleias estavam protegendo uma gruta submarina? E que tentaram me avisar para ficar longe dali com um leve empurrão? -Ele riu jovialmente. -Vou lhe fazer uma pergunta, srta. Dawson -disse ele. -você acredita em contos de fadas?

-De onde eu estava -replicou Carol -pareceu que tudo foi planejado. -Ela não tentou ir mais longe. Na verdade, após as primeiras explosões, Carol não falou muito durante o percurso de volta para Key West. Ela também estava excitada, e se falasse demais talvez deixasse escapar alguma coisa sobre a possível ligação entre o que haviam visto e o míssil perdido. Portanto não mencionou o medo que sentiu logo antes de Nick ser atingido pela baleia nem o entrelaçamento de marcas na entrada do buraco.

Quanto a Nick, tinha certeza de que o objeto fazia parte de um tesouro. Não tinha importância que estivesse escondido debaixo de uma saliência quando terminavam as marcas estranhas. Sua explicação era que talvez alguém tivesse achado o tesouro afundado vários anos antes e tentado esconder algumas das melhores peças. (Mas por que as marcas eram recentes? E eram marcas de que? Carol queria discutir esses pontos, mas achou que era melhor que Nick se convencesse de que achara um tesouro.) Nick ignorava todos os fatos e argumentos que não sustentassem sua teoria.

Era emocionalmente importante para Nick que o objeto dourado fosse a primeira

peça de uma grande descoberta. E como muitas pessoas, Nick era capaz de esquecer a ironia quando envolvido emocionalmente com alguma coisa.

Quando Nick e Carol finalmente se calaram, Troy conseguiu contar sua história.

-Depois que vocês saíram da área debaixo do barco, fiquei preocupado e comecei a prestar mais atenção ao monitor. Já então, as três baleias estavam nadando em círculo por mais de uma hora. Por isso eu não estava prestando muita atenção nelas.

Troy estava de pé, andando para lá e para cá na frente de Nick e Carol. A noite estava escura; nuvens baixas haviam vindo do norte, escondendo a lua e a maioria das estrelas. A lâmpada pendurada sob a cobertura por vezes iluminava o rosto de Troy.

-Eu queria achar vocês, portanto liguei o alarme novamente e ouvia a toda hora o ding-dong-ding das três baleias. Agora escutem isso. Depois de uns dois minutos, ouvi um quarto alarme. Olhei para o monitor esperando ver um de vocês, mas vi outra baleia, da mesma espécie, nadando debaixo das outras três e na direção oposta. Em dez segundos as três baleias se viraram, quebrando aquele padrão de comportamento, e seguiram a quarta baleia, sumindo do monitor. E não voltaram mais.

Troy contou a história com uma entonação dramática, fazendo Nick cair na gargalhada.

-Meu Deus, Jefferson, você sabe contar uma história. Acho que agora vai me dizer que as baleias ficaram lá esperando e que chegou um sujeito dando novas ordens. Ou coisa assim. Você e Carol querem que eu acredite que as baleias estão de alguma forma organizadas. -Nick fez uma pausa. Troy ficou desapontado por Carol não ter dito nada.

-Mas agora -continuou Nick, ignorando a história de Troy e voltando ao assunto em que vinha pensando há quase uma hora -temos um assunto importante a discutir. Resgatamos um objeto que pode valer um bocado de dinheiro. Se ninguém reivindicar e provar sua posse, então pertence a quem o achou. -Nick olhou para Carol e depois para Troy. -Apesar de ser comandante e dono deste barco e de ter trazido esse objeto do fundo do mar, proponho que o lucro seja dividido entre nós três. Vocês dois acham justo?

Houve um longo silêncio até que Troy respondesse:

-Claro, Nick, acho justo.

Nick sorriu e foi apertar a mão de Troy. Depois estendeu a mão para Carol.

-Só um minuto -disse ela devagar, olhando para Nick sem lhe dar a mão. -já que você decidiu tocar neste assunto, há alguns pontos que precisam ser discutidos. Não é simplesmente uma questão de dinheiro. há também a questão da posse do objeto. Com quem vai ficar? Quem vai decidir que o preço oferecido por ele é justo? O que concordamos em dizer, ou não, para os outros? E se outros objetos forem encontrados lá por um ou dois de nós? Dividimos por três? Temos que chegar a vários acordos antes de desembarcarmos.

Nick franziu a testa.

-Agora entendo por que estive tão quieta durante os últimos minutos. Estava pensando na sua parte. Eu me enganei a seu respeito. Pensei que não fosse criar mais problemas...

-Quem falou em problemas? --interrompeu Carol, com a voz um pouco mais alta. -Para o seu governo, não estou tão interessada na porcaria do dinheiro. Aceitarei com prazer a minha parte do dinheiro, pois certamente eu mereço. Mas se houver mais peças valiosas lá embaixo e se você e Troy as resgatarem sozinhos, eu quero algo em troca.

Os dois homens ouviam atentamente.

-Em primeiro lugar, quero todos os direitos sobre esta história, e isso significa segredo absoluto sobre o que encontramos, quando e onde encontramos e qualquer outra coisa ligada a isso -pelo menos até termos certeza de que não há nada mais lá embaixo. Em segundo lugar, quero ficar com o objeto pelas próximas 48 horas, antes que alguém mais saiba da sua existência. Depois disso vocês podem levá-lo para ser avaliado pelas autoridades.

Oh, oh, pensou Carol depois de ver os olhares que despertara entre Nick e Troy. Eu me excedi. Eles suspeitam de alguma coisa. É melhor recuar um pouco.

-Bem -sorriu com ar amistoso -esta é minha posição inicial. Mas estou aberta a negociações.

-Uau, menina -disse Troy, dando uma risada -que discurso! Por um instante cheguei a pensar que havia outra transação em jogo e que você estivesse dando as cartas sozinha. É claro que eu e o professor gostaríamos de chegar a um acordo com você, não é, Nick?

Nick assentiu. Mas ele também ficara impressionado com os argumentos de Carol. Pareciam não corresponder ao valor jornalístico do achado. Será que ela estava tentando fazer disso uma espécie de disputa entre três? pensou consigo mesmo. Ou será que não estou entendendo direito?

Já tinham chegado a um acordo quando o Florida Queen atracou em Key West.

Nick levaria o tridente dourado (os dois gostaram do nome que Carol deu ao objeto) na sexta-feira de manhã. Havia uma senhora em Key West que era uma autoridade em tesouros e poderia avaliar e dizer a idade e a origem do objeto. Ela também serviria de testemunha caso o tridente se extraviasse. Na sexta-feira à tarde, os três se encontrariam no barco ou no estacionamento da marina às quatro horas. Nick entregaria o objeto para Carol, que ficaria com ele durame o fim de semana. Depois que o devolvesse a Nick na segunda-feira de manhã ele seria o responsável pela sua guarda e eventual venda. Os três tinham interesse pelo tridente, mas Carol não mostrou qualquer interesse em futuras descobertas. Carol escreveu os termos do acordo no verso de um cardápio de restaurante que havia em sua bolsa. Os três assinaram, e ela prometeu trazer as cópias no dia seguinte.

Troy estava calado enquanto guardava o equipamento de Carol no baú. Colocou o baú no carrinho e começou a empurrá-lo pelo cais. Carol andava a seu lado. Deviam ser umas nove horas e tudo estava quieto na marina. As luzes fluorescentes se refletiam de forma estranha sobre o cais de madeira.

-É, menina -disse Troy ao chegarem na sede da marina -foi um dia e tanto. Gostei muito da sua companhia. -Ele parou e virou-se para olha-la. O cabelo preto de Carol havia secado e estava um pouco despenteado, mas seu rosto estava lindo refletido pela luz.

Troy olhou para o outro lado, em direção ao mar e aos barcos.

-As vezes essa vida é engraçada. você conhece alguém por acaso, faz uma amizade e logo -puf -adeus. E tudo tão... tão transitório.

Carol aproximou-se dele e beijou seu rosto.

-Também gosto muito de você -disse ela, dando um sorriso e deixando claro que tipo de amizade poderia haver entre eles. -Mas anime-se. Nem tudo está perdido. Estaremos juntos amanhã e também na segunda-feira quando eu devolver o tridente dourado.

Eles deram-se os braços enquanto andavam pelo cais.

-E quem sabe -Carol riu -volta e meia estou por aqui. Poderíamos tomar uns drinques e então você me contaria mais histórias. -Mal podiam ver as luzes do Florida Queen a uns cem metros de distância. -Dá para ver que seu amigo professor ainda esta trabalhando. O forte dele não é dar até logo. Ou qualquer outra demonstração de boas maneiras, que eu saiba.

Ela deu meia-volta, trocando de braço, e tomaram o caminho da sede. Atravessaram em silêncio a sede aparentemente deserta da marina. Após Troy ter colocado o baú na camioneta, Carol deu-lhe um abraço.

-Você é um cara legal, Troy Jefferson -disse ela. -Desejo tudo de bom para você.

Nick estava quase pronto quando Troy voltou ao barco. Estava guardando algumas coisas numa pequena sacola.

-Está bem disfarçado, não esta, Troy? Ninguém jamais ira suspeitar que aqui dentro está guardado um dos grandes tesouros do fundo do mar. -Fez uma pausa e mudou de assunto. -Levou-a até o carro? Ótimo. Ela é meio estranha -nervosinha e agressiva, mas também bonita. O que será que a deixa tranquila?

Nick fechou a sacola e deu a volta no leme.

-Cuide apenas do equipamento de mergulho. não se preocupe com o resto do barco; cuidamos disso amanhã. Agora vou para casa sonhar com tesouros.

-Por falar em tesouros, professor -disse Troy sorrindo -e aquele empréstimo de

cem dólares que lhe pedi na terça-feira? Não me deu uma resposta, apenas “veremos”.

Nick foi até onde Troy estava e ficou parado bem na frente dele. Falou bem devagar:

-Eu deveria ter feito um discurso quando você me pediu dinheiro emprestado pela primeira vez. E agora estamos aqui outra vez, e eu não gosto disso. Vou emprestar-lhe os cem dólares, sr. Troy Jefferson, mas pela última e derradeira vez. Por favor, não me peça mais. Esses empréstimos para as suas invenções estão tornando difíceis nossas relações de trabalho.

Troy ficou um pouco surpreso com o tom severo e inesperado de Nick. Mas ele também ficou revoltado com a conotação da última frase.

-Você está sugerindo -disse Troy devagar, sem demonstrar sua revolta -que não falo a verdade quando digo que o dinheiro está sendo usado nas minhas experiências eletrônicas? Ou está tentando me dizer que não acredita que um negro sem escolaridade seja capaz de inventar qualquer coisa de valor?

Nick encarou Troy novamente.

-Poupe-me de sua indignação racial. Não se trata de preconceitos ou mentiras. É dinheiro, pura e simplesmente. Esse negócio de emprestar dinheiro está minando a nossa amizade. -Troy começou a falar mas Nick interrompeu-o. -Escute, o dia foi longo e cansativo. E fascinante. Eu já disse tudo o que queria dizer sobre isso e considero o assunto encerrado.

Nick pegou sua sacola, disse boa-noite e desembarcou. Troy foi cuidar do equipamento de mergulho. Dez minutos depois, quando estava quase terminando, ouviu alguém chamá-lo:

-Troy... Troy, é você? --disse uma voz carregada de sotaque.

Troy deu a volta e viu Greta no cais, em pé, debaixo da lâmpada fluorescente. Embora estivesse já um pouco frio, ela estava com um sumário biquíni que deixava à mostra seu maravilhoso físico. Troy abriu um largo sorriso.

-Ora, ora; vejam sô! Como vai você? Vejo que ainda cuida muito bem desse

magnífico corpo.

Greta esboçou um sorriso.

-Homer, Ellen e eu vamos dar uma festinha esta noite. Reparamos que você ainda estava trabalhando e pensamos que talvez gostasse de se juntar a nós quando terminar.

-É uma ideia -disse Troy, balançando afirmativamente a cabeça. -É uma ideia.

9

– Ora, não podemos parar agora? Por favor... Esta tão quieto aqui agora. -Ela falava com as estrelas.

A cabeça do velho tombou para a frente quando ele deu o último suspiro. Hannah Jelkes ajoelhou-se a seu lado para ver se ele estava realmente morto e então, após dar um beijo em sua testa, olhou novamente para o alto com um sorriso tranquilo. A cortina se fechou e abriu outra vez após alguns segundos. O elenco juntou-se rapidamente no palco.

-Chega por hoje, pessoal. Bom trabalho -disse o diretor, um homem de 60 e poucos anos, já meio calvo, ao subir no palco. -Grande desempenho, Henrietta. Tente repetir isso na estreia amanhã a noite. A combinação certa de força e vulnerabilidade. -Melvin Burton andava de um lado para o outro no palco. -E você, Jessie, se fizer Maxine mais sensual, vão nos obrigar a fechar o teatro. -Ele deu uma pirueta e riu juntamente com duas pessoas que estavam nas primeiras filas.

-Muito bem, pessoal. -Melvin virou-se outra vez para o elenco. -Agora cada um para sua casa e descansem bastante. Hoje estava bem melhor. Ah, comandante, poderia vir até aqui com Tiffani depois de se trocarem, por favor? Tenho mais algumas dicas para vocês.

Ele desceu do palco e se dirigiu a quarta fila onde estavam seus dois sócios. Um deles era uma mulher, mais velha que Melvin mas com dois olhos verdes vivíssimos por trás dos óculos de vovó que usava. Trajava um vestido estampado bem colorido.

A outra pessoa era um homem de uns 40 anos, com uma expressão atenta e simpática.

Melvin queixou-se ao se sentar.

-Fiquei preocupado quando escolhemos A noite do iguana, que talvez fosse de difícil compreensão para a população de Key West. Não é tão conhecido quanto

Carro de aluguel ou A coleção. Em alguns aspectos os personagens são tão estranhos quanto os de Verão passado. Mas parece estar quase bom. Se pudéssemos entrosar mais Shannon e Charlotte...

-Esta arrependido de ter incluído o zoólogo? -perguntou a mulher. Amanda Winchester era uma pessoa respeitada em Key West. Entre outras coisas, havia fundado uma organização de empresários teatrais na nova cidade. Era proprietária de dois teatros próximos à marina e responsável pela formação de pelo menos três grupos teatrais. adorava peças e o pessoal de teatro. E Melvin Burton era seu diretor favorito.

-Não, Amanda, não estou. Pelo contrário, acho que está bem melhor com o prólogo. E sem a cena de sexo entre Charlotte e Shannon naquele quartinho de hotel, acho que o público não acreditaria no caso dos dois. -Fez uma pausa. -Houston fez a mesma coisa no filme.

-Mas a cena de sexo não esta boa -disse o outro homem. -Na verdade, chega quase a ser cômica. Aqueles abraços me lembram os abraços que meu irmão dá nas filhas.

-Fique calmo, Marc -disse Melvin.

-Alguma coisa tem que ser feita, ou então é melhor tirarmos o prólogo -concordou Amanda. -Marc tem razão, a cena estava quase cômica. Parte do problema é que Charlotte parece mais uma criança na cena. -Ela fez uma pausa antes de continuar. -A moça tem um lindo cabelo comprido preso no alto da cabeça para parecer formal e respeitável. É claro que ela não o usaria solto durante o dia no verão mexicano. Mas que tal se ela o soltasse ao entrar no quarto de Shannon?

-E uma ótima ideia, Amanda. Como eu sempre digo, você teria dado uma excelente diretora. -Melvin olhou para Marc e sorriram um para o outro. então o diretor sentou-se na cadeira e começou a pensar no que ia dizer aos dois atores dali a alguns minutos.

Melvin Burton era um homem feliz. Morava com seu companheiro Marc Adler há 15 anos numa casa de praia em Sugarloaf Key, a 15 quilômetros de Key West. Melvin havia dirigido peças na Broadway por quase dez anos e desde a década de 50 tinha alguma ligação com o teatro. Sempre cuidadoso com seu dinheiro,

Melvin já possuía uma boa poupança em 1979. Preocupado com os efeitos da inflação sobre o dinheiro, foi pedir conselhos a um contabilista que era amigo de um diretor. Foi quase amor à primeira vista. Marc tinha 28 anos na época, tímido, solitário e inseguro naquela roda-viva de Nova Iorque. O jeito caloroso e o savoir-faire de Melvin mostraram para Marc alguns aspectos da vida que ele desconhecia.

Quando a bolsa de valores atingiu seu pique em meados da década de 80, Melvin viu sua fortuna atingir quase um milhão de dólares. Mas outros aspectos de sua vida não eram tão felizes. A epidemia de Aids atingiu impiedosamente a comunidade teatral de Nova Iorque e tanto Melvin quanto Marc perderam muitos amigos de longa data. E a carreira de Melvin parecia estar em decadência; ele não era mais tido como um dos melhores diretores.

Certa noite, a caminho de casa de volta do teatro, Marc foi atacado por um grupo de adolescentes. Bateram nele, roubaram-lhe o relógio e a carteira e o deixaram sangrando na rua. Enquanto cuidava das feridas do amigo, Melvin tomou uma decisão.

Eles iriam embora de Nova Iorque. Melvin venderia as ações e empregaria o dinheiro em outros investimentos. Comprariam uma casa onde fosse seguro, onde pudessem relaxar, ler e nadar juntos. Talvez se empenhassem em algum empreendimento teatral, mas isso não era o mais importante. O que importava realmente era que aproveitassem os últimos anos de vida de Melvin.

Melvin conheceu Amanda Winchester quando passava férias com Marc em Key West. Eles haviam trabalhado juntos num projeto que não foi adiante uns 20 anos antes. Amanda lhe disse que tinha acabado de formar um grupo amador para apresentar duas peças de Tennessee Williams por ano. Estaria Melvin interessado em dirigi-los?

Melvin e Marc mudaram-se para Key West e começaram a construir a casa em Sugarloaf Key. Ambos adoraram o trabalho com os atores de Key West. Eram pessoas comuns, dedicadas e sinceras. Alguns já tinham uma certa experiência em teatro.

Mas a maioria -secretárias, donas-de-casa, advogados, oficiais e funcionários da Base Aérea Naval -era inexperiente e tinha uma coisa em comum: todos tinham seu momento de glória no palco, e Melvin queria tirar o melhor proveito disso.

O comandante Winters saiu primeiro do vestiário. Estava de uniforme (tinha vindo da Base direto para o ensaio) e parecia um pouco constrangido. Sentou-se numa das poltronas próximo a Amanda Winchester.

-Fiquei feliz em vê-lo em cena novamente -disse Amanda, tomando sua mão. Gostei muito do Goberto que você fez no último outono.

Winters agradeceu educadamente. Amanda mudou de assunto.

-Como estão as coisas na Base? Li outro dia no Miami Herald um artigo sobre as modernas armas da Marinha, submarinos não tripulados, aviões que decolam na vertical e torpedos de caça e destruição. Parece não ter limites a nossa capacidade de construir brinquedos de guerra cada vez mais poderosos e perigosos. Você está metido nisso'?

-Apenas indiretamente -respondeu o comandante Winters delicadamente, e inclinou-se para frente para que pudesse ver também Melvin e Marc. -Me desculpem se estive pouco empenhado esta noite -disse. -Estamos com sérios problemas na Base e talvez eu tenha estado um pouco distraído, mas amanhã estarei pronto...

-Não -disse Melvin, interrompendo-o -não é sobre isso que eu queria conversar. É sobre a sua primeira cena com Tiffani... Ah, aí vem ela. Vamos para o palco.

Tiffani Thomas tinha quase 17 anos e cursava a escola secundária de Key West.

Desde o jardim de infância já frequentara sete colégios diferentes. Seu pai era um oficial subalterno que fora designado para Key West três meses antes. Ela tinha sido recomendada a Melvin Burton pela professora de arte dramática da escola quando ficou patente que Denise Wright não poderia fazer o papel de Charlotte Goodall.

-Até agora só tive oportunidade de vê-la nos ensaios -dissera a professora. -Mas decora bem os textos e tem um que a destaca dos outros. E já representou outras peças antes. não sei se poderá se preparar em três semanas, mas é a melhor que posso indicar.

Tiffani provavelmente não seria considerada bonita pelos colegas de colégio.

Suas feições eram bastante diferentes dos padrões comuns para serem apreciadas por rapazes do curso secundário. Ela tinha olhos verde-oliva, serenos e meditativos, pele bem clara com algumas sardas, cílios longos levemente ruivos e um lindo cabelo castanho-avermelhado. Sua postura era ereta, não era curvada como a da maioria dos adolescentes. Amanda achou-a “admirável” quando a viu pela primeira vez.

Ela estava de pé no palco vestindo um jeans e uma blusa de mangas curtas quando os dois homens se aproximaram. Havia feito um rabo-de-cavalo, como seu pai gostava. Tiffani estava muito nervosa. Estava preocupada com o que o sr. Burton tinha a lhe dizer. Ouvira por acaso um colega comentar que Melvin poderia tirar a parte de Charlotte se “a garota nova não corresponder”. Eu me esforcei tanto por esse papel, pensou Tiffani. Oh, tomara que não seja uma má notícia.

Tiffani estava olhando para o chão quando Melvin Burton e o comandante Winters juntaram-se a ela no palco.

-Bem -disse Melvin -, vamos diretamente ao ponto. A primeira cena com vocês dois no quarto de hotel não está boa. Na verdade, está um horror. Vamos ter que fazer algumas mudanças.

Melvin viu que Tiffani não estava olhando para ele. Segurou o queixo dela com delicadeza e levantou seu rosto.

-Tem que olhar para mim, menina, pois estou tentando dizer umas coisas muito importantes. -Ele reparou que seus olhos estavam cheios d’água e seus longos anos de experiência lhe revelaram imediatamente o que havia de errado. Melvin se curvou e sussurrou para que ninguém mais ouvisse: -Eu disse que íamos fazer umas mudanças, e não eliminar a cena. Agora fique calma e escute.

Burton virou-se então para Winters:

-Nessa cena, comandante, o seu personagem Shannon e a jovem srta. Goodall dá início a carícias amorosas que terminam num ato sexual mais tarde. Na cena seguinte eles são pegos em flagrante delito pela srta. Fellowes. E isso cria uma situação grave que faz com que Shannon corra para Maxine e Fred no Costa Verde. Mas essa cena não está boa porque ninguém vai identificar o que vocês estão fazendo como carícias amorosas. Mas eu posso mudar um pouco a cena

para ficar mais fácil -fazer com que Shannon já esteja deitado na cama ao descobrir Charlotte atrás da porta seria uma saída -e posso mudar as roupas de Charlotte para que pareça menos com uma garotinha, mas há uma coisa que eu não posso fazer... -Melvin calou-se e olhou para Tiffani e depois para Winters. Ambos estavam atentos.

-Venham cá, venham cá, vocês dois -disse Melvin impaciente. Baixou a voz novamente. Com a mão esquerda segurou a mão de Tiffani e com a direita, a do comandante Winters. -Nesta peça, vocês são amantes por uma noite. É essencial que o público acredite nisso, caso contrário não vão entender por que Shannon está angustiado, como o iguana. Shannon está desesperado porque havia sido expulso da sua igreja por ter-se entregue às mesmas luxúrias...

Ambos ouviam atentamente, mas a intuição de Melvin lhe dizia que eles não estavam entendendo perfeitamente. Teve outra ideia. Pegou a mão de Tiffani e colocou-a na mão do comandante, e ficou segurando as duas.

-Fiquem se olhando por algum tempo. Isso mesmo. -E virando-se para Winters: Ela é uma linda jovem, não é, comandante?

Eles se entreolhavam.

-E ele é um belo homem, não é, Tiffani? Quero que você imagine que tem um incontável desejo de tocá-lo, de beijá-lo, de ficar nua com ele. -Tiffani enrubesceu. Winters ficou claramente perturbado. Melvin podia jurar ter visto uma atração mútua, embora passageira.

-Muito bem. Amanhã à noite -continuou, olhando para Tiffani e soltando as mãos dos dois -quero que sinta a mesma coisa quando estiver escondida no quarto dele. Quero ver o desejo saindo de você quando ele vir que você está lá. E você, comandante -virou-se para o oficial de meia-idade -está dividido entre uma vontade incontável de possuir fisicamente esta jovem e a certeza quase absoluta de que isso será a perdição tanto da sua vida quanto da sua alma. Você está num beco sem saída. Lembre-se, você teme que Deus já o tenha abandonado por conta de seus pecados. Mas apesar disso, você se entrega à luxúria e comete outro pecado imperdoável.

Tiffani e o comandante Winters perceberam praticamente ao mesmo tempo que ainda estavam de mãos dadas. Olharam-se por alguns instantes e então,

embaraçados, soltaram as mãos. Melvin Burton meteu-se no meio dos dois e pôs os braços em volta de seus ombros.

-Podem ir para casa agora, mas pensem no que eu disse. Quando voltarem amanhã, quero que façam o melhor possível.

Vernon Winters estacionou o Pontiac em frente à sua casa nos subúrbios de Key West poucos minutos antes das 11 horas. A casa estava em silêncio; as únicas luzes acesas eram a da garagem e a da cozinha. Pontuais como as estrelas, pensou Vernon. Hap val para a cama às dez, Betty às dez e meia. Podia ver sua mulher indo ao quarto do filho, como fazia todas as noites, ajeitar os lençóis e a colcha.

-Já fez suas orações?

-Sim, senhora. -Era o que ele sempre respondia.

Então ela lhe dava um beijo de boa-noite na testa, apagava a luz ao sair e ia para o seu quarto. Em dez minutos vestia o pijama, escovava os dentes e lavava o rosto. então se ajoelhava ao lado da cama, com os cotovelos sobre o cobertor e as mãos postas.

-Meu Deus -dizia em voz alta, e então rezava até dez e meia exatamente, mexendo a boca silenciosamente, com os olhos fechados. Cinco minutos depois estaria dormindo.

Vernon sentiu-se ligeiramente irrequieto ao cruzar a sala e se dirigir aos três quartos ao longo do corredor. Era uma sensação estranha, alguma coisa que ele não conseguia identificar, mas achou que tinha a ver com o nervosismo da noite de estreia ou com o repentino reaparecimento de Randy Hilliard em sua vida. Precisava falar com alguém.

Parou primeiro em frente ao quarto de Hap. O comandante Winters entrou cuidadosamente no escuro e sentou-se na beira da cama do filho. Hap dormia pesado, deitado de lado. Uma luz fraca ao lado da cama iluminava seu rosto. Como você se parece com sua mãe, pensou Winters. E na maneira de ser também. Vocês são muito unidos. Sou quase um intruso na minha própria casa. Pousou a mão delicadamente no rosto de Hap. O menino não se mexeu. Como posso recuperar todo o tempo que estive longe?

Winters sacudiu o filho levemente para acordá-lo.

-Hap -sussurrou -é o papai. -Henry Allen Pendleton Winters esfregou os olhos e sentou-se na cama.

-Sim, senhor -disse ele. -Alguma coisa errada? Mamãe está bem?

-Não -respondeu o pai, e depois riu. -Quero dizer: sim. Mamãe está bem. não há nada de errado. Eu só queria conversar.

Hap olhou para o relógio sobre a mesinha-de-cabeceira.

-Hum... Está bem, papai. Sobre o que quer conversar?

Winters ficou calado por um momento.

-Hap, você já leu a copia do texto que eu trouxe para você e para sua mãe, o texto da minha peça?

-Não, senhor. Não li muito -respondeu Hap. -Me desculpe, mas não consegui entender. Talvez seja muito difícil para mim. -Ele se alegrou. -Mas estou ansioso para ver o senhor amanhã à noite. -Ficou um longo tempo calado. -Mas a peça é sobre o que?

Winters se levantou e olhou pela janela aberta. Podia ouvir o barulho dos grilos.

-E sobre um homem que perde seu lugar ao lado de Deus porque não consegue ou não quer controlar seus atos. E sobre... -Winters virou-se rapidamente e viu que o filho olhava para o relógio. Sentiu uma pena enorme do filho. Esperou um pouco e deu um suspiro. -Bem, nós podemos falar sobre isso uma outra hora. Só agora percebi que já é muito tarde. Dirigiu-se para a porta. -Boa noite, Hap -disse ele.

-Boa noite, papai.

Vernon Winters passou pelo quarto da mulher e foi até o terceiro quarto, no final do corredor. Despiu-se devagar, agora ainda mais consciente do que antes de um desejo não realizado. Pensou por um instante em acordar Betty para conversar e

talvez... Mas desistiu. Não faz o gênero dela, pensou, nunca fez. Mesmo quando dormíamos juntos. E depois da Libia, e dos sonhos e lágrimas à noite, ninguém pode culpá-la de querer ter seu próprio quarto.

Enfiou-se na cama, de cuecas. O barulhinho dos grilos envolveu-o. E além do mais, ela tem seu Deus e eu tenho meu desespero. Não restou nada entre nós, a não ser Hap. Vivemos como dois estranhos. Ambos temendo alguma descoberta.

10

“A sala de comunicação fechará dentro de cinco minutos. A sala de comunicação fechará dentro de cinco minutos.” A voz gravada, impessoal, parecia cansada. Carol Dawson também estava exausta. Falava com Dale Michaels no vídeofone. Fotografias espalhavam-se pela mesa por baixo da tela e da câmera de vídeo.

-Tudo bem -dizia Carol -acho que concordo com você. A única forma de eu decifrar este mistério é levar todas as fotos e a gravação do telescópio de volta para Miami. -Suspirou e bocejou. -Estarei lá de manhã bem cedo, no vôo que chega às sete e meia, para o IPL começar a ser fotografado nos dados registrados. Mas lembre-se de que preciso voltar para cá a tempo de pegar o tridente dourado às quatro horas. O laboratório pode processar todos os dados em duas horas?

-Não é essa a dificuldade. Tentar analisar os dados e juntar uma história coerente em uma ou duas horas é que vai dar trabalho. -O dr. Dale estava sentado num sofá da sala do seu espaçoso apartamento, em Key Biscayne. À sua frente, em cima da mesa de centro, via-se um lindo tabuleiro de xadrez de jade, com quadrados verdes e brancos. Seis peças esculpidas ainda estavam no tabuleiro, as duas rainhas oponentes e quatro peões, dois de cada lado. -Sei como isso é importante para você. Cancelei minha reunião das onze horas para poder ajudá-la.

-Obrigada -disse Carol automaticamente, sentindo-se um pouco irritada. Por que será, pensou, enquanto Dale falava sobre um de seus projetos no IOM, que os homens sempre pedem gratidão por qualquer sacrifício? Quando a mulher muda seu horário em função de um homem, isso é o que se espera dela. Mas quando o homem refaz seu precioso horário, é uma coisa do outro mundo.

Dale continuou. Agora lhe falava com entusiasmo sobre um novo plano do instituto para inspeção dos vulcões submarinos em volta de Papua, na Nova Guiné. Poxa, riu Carol para si mesma, ao perceber que o egocentrismo de Dale a incomodava, eu devo estar realmente exausta. Acho que estou a ponto de fazer

uma sacanagem.

-Ei -Carol interrompeu-o. -Levantou-se e começou a juntar as fotografias espalhadas. -Desculpe acabar com essa festa, mas a sala vai ser fechada e eu estou exausta. Vejo você amanhã de manhã.

-Não vai fazer uma jogada? -respondeu Dale, apontando para o tabuleiro de xadrez.

-Não, não vou -disse Carol, mostrando uma ponta de irritação. -E talvez nunca mais faça. Qualquer jogador razoável teria aceito o empate que tivemos no fim de semana passado e ido fazer coisas mais importantes. Mas o seu ego desgraçado não aguenta a ideia de eu poder empatar com você nem uma vez em cinco partidas.

-É sabido que as pessoas fazem erros no final da partida -respondeu Dale, evitando o tom emocional da observação dela. -Mas sei que está cansada. Vou esperar você no aeroporto para tomarmos o café da manhã.

-Tudo bem, boa noite. -Carol desligou o videofone um tanto bruscamente e colocou todas as fotografias dentro da mala. Assim que saiu da marina, levou a máquina e o filme direto para a câmera escura do Key West Independent, onde passara uma hora revelando e estudando as fotos. Os resultados eram intrigantes, em especial duas ampliações. Numa pode ver claramente quatro trilhas separadas, convergindo para um ponto bem debaixo da fissura. Em outra, as três baleias foram captadas numa pose que dava ideia de que estavam conversando.

Carol atravessou o largo saguão do Hotel Marriott. O piano-bar estava quase deserto.

O pianista preto tocava uma música antiga de Karen Carpenter, Goodbye to Love. Um homem bonito, perto dos quarenta anos, beijava uma jovem loura num canto do lado direito. Carol empertigou-se. A mocinha não deve ter mais que 23 anos, disse consigo mesma, provavelmente sua secretária ou coisa parecida.

Enquanto fazia as curvas ao longo do corredor até chegar a seu quarto, pensava sobre a conversa com Dale. Ele lhe dissera que a Marinha tinha pequenos veículos robôs, alguns provenientes de desenhos originais do IOM, que bem

podiam ter feito as marcas. então era quase certo que os russos tinham veículos semelhantes. Ele tinha considerado o comportamento das baleias irrelevante, mas achara que sua incapacidade de descobrir se havia alguma coisa a mais por baixo da saliência tinha sido um erro grave. É claro, pensara Carol quando ele dissera aquilo, que eu devia ter olhado mais um pouco. Que droga, espero não ter estragado tudo. Relembrando, pensou com cuidado em toda a cena da saliência, para ver se havia alguma indicação de que pudesse haver mais alguma coisa escondida lá.

A maior surpresa na conversa com Dale foi quando ela, ao passar, tinha elogiado a forma como o novo algoritmo do alarme funcionara. Dale de repente ficara muito interessado.

-Então o código de alerta leu definitivamente 101? -perguntara ele.

-Sim -respondera -por isso não fiquei tão surpresa quando encontramos o objeto.

-De jeito algum -dissera ele enfaticamente. -O tridente não poderia ter causado o código de alerta. Mesmo estando na borda do campo de visão do telescópio (e isso não é provável, considerando até onde você seguiu a falha), é pequeno demais para acionar o alarme do objeto estranho. E como poderia ter sido visto por baixo da saliência? -Dale fizera uma pausa por um instante. -Você não olhou para nenhuma imagem infravermelha no tempo real, olhou? Bem, podemos processá-las amanhã para vermos se descobrimos o que acionou o alarme.

Carol sentiu-se estranha e derrotada quando abriu a porta do quarto. É só cansaço, disse a si mesma, sem querer admitir que a conversa com Dale a fizera sentir-se ineficiente. Colocou a maleta em cima de uma cadeira e foi até o banheiro lavar o rosto. Dois minutos depois estava dormindo na cama, com a roupa de baixo. As calças, a blusa, os sapatos e as meias estavam empilhados num canto.

No sonho era uma menininha de novo, com um vestido listado de azul e amarelo que seus pais lhe tinham dado no seu sétimo aniversário. Estava passeando com o pai em Northridge Mall, numa manhã de sábado. Passaram por uma grande loja de doces. Ela soltou a mão dele e correu para a loja, olhando pelo vidro todos os chocolates.

Apontou para umas tartarugas de chocolate quando o homem por trás da vitrine lhe perguntou o que queria.

No sonho, não conseguia chegar no balcão e não tinha dinheiro.

-Onde está sua mãe, menininha? -lhe perguntou o homem da loja.

Carol sacudiu a cabeça e o homem repetiu a pergunta. Ela ficou na ponta dos pés e sussurrou para o homem que sua mãe bebia muito, mas que seu pai sempre lhe comprava doces.

O homem sorriu, mas mesmo assim não lhe deu os chocolates.

-E onde está seu pai, menininha? -perguntou o homem.

Pelo vidro Carol viu o reflexo de um homem bom, que sorria por trás dela, emoldurado por duas pilhas de chocolates. Virou-se, esperando ver o pai. Mas o homem não era seu pai. Seu rosto era grotesco e desfigurado. Assustada, voltou-se para os chocolates.

O homem da loja estava agora tirando os chocolates da vitrine. Começou a chorar. Estava na hora de fechar a loja.

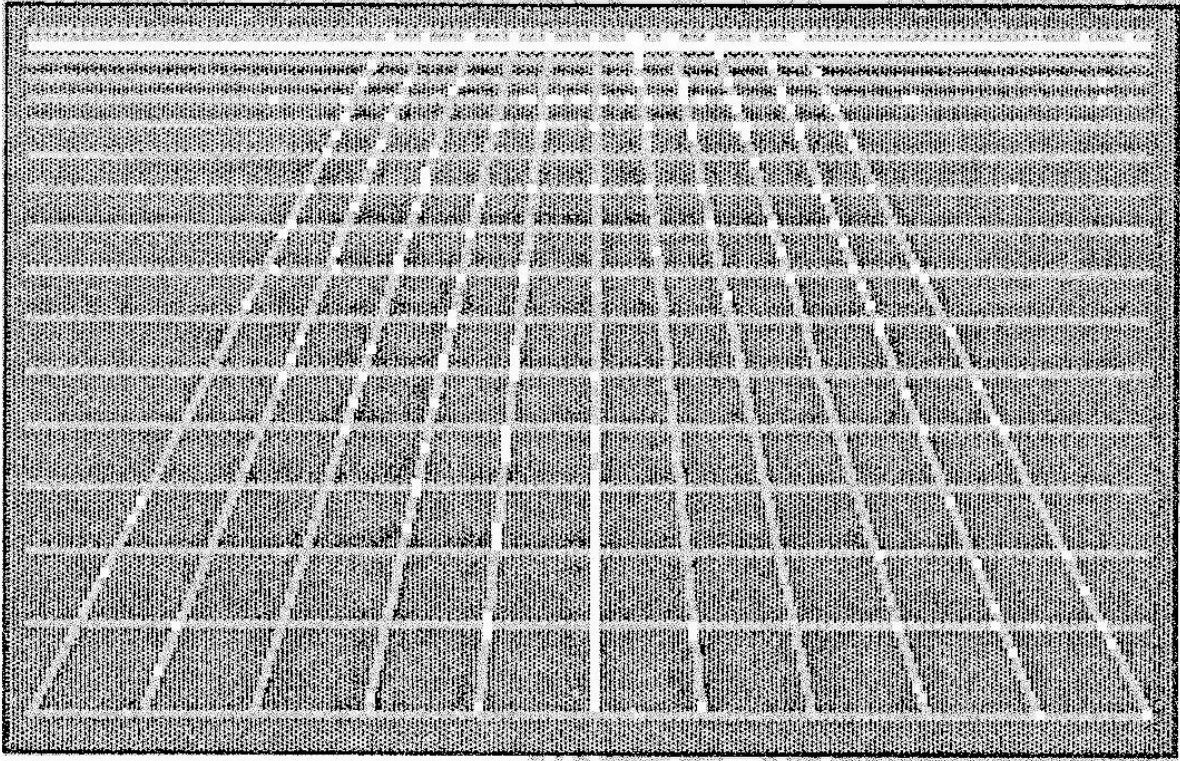
-Onde está seu pai, menininha? Onde está seu pai?

A menininha do sonho soluçava. Estava rodeada de adultos que lhe faziam perguntas.

Tapou os ouvidos com as mãos.

-Ele foi embora! -gritou finalmente. -Foi embora. Ele nos deixou e foi embora, e agora estou completamente sozinha!

CICLO 447



1

Contra o fundo escuro de estrelas espalhadas, os filamentos da Via Láctea parecem finos feixes de luz acrescentados pela mão de um artista. Aqui, na ponta extrema da Concha Externa, próximo do início do que os colonistas chamam de Fenda, não se faz ideia da imensa atividade da Colônia, a uns 24 miliciclos-luz de distância.

Uma quietude assombrosa e permanente compõe o fundo do céu escuro, de uma beleza estonteante, pipocado de estrelas cintilantes.

Subitamente vem do vazio um pequeno mensageiro robô interestelar. Procura e finalmente encontra um satélite esférico escuro, com cerca de cinco quilômetros de diâmetro, facilmente despercebido no grande panorama celeste. Um close revela atividade no satélite. Luzes artificiais esmaecidas iluminam agora partes da superfície.

Veículos automatizados trabalham na periferia do objeto, aparentemente mudando sua forma. Estruturas externas são desprendidas e levadas a uma área temporária de armazenamento a uma certa distância. Após algum tempo, o satélite original desaparece completamente, restando apenas duas longas traves paralelas de liga metálica, em seções de cerca de 200 metros cada, construídas com as peças que sobraram do satélite agora desaparecido. Cada trave tem 10 metros de largura e estão a aproximadamente 150 metros uma da outra.

As missões regulares até a área de armazenamento continuam, até o material útil se esgotar e os trilhos se estenderem a uma distância de quase 15 quilômetros. então a atividade para. As traves que vão do nada ao nada no espaço permanecem como lembranças mudas de alguma grande atividade de engenharia abandonada repentinamente.

Ou foi isso mesmo? Por baixo de um proeminente par binário, as duas luzes mais brilhantes do céu oriental, surge um pequeno ponto. O ponto cresce até dominar o quadrante oriental celeste. Uma dúzia, não, 16 grandes naves

cargueiras interestelares, com luzes vermelhas brilhantes, lideram uma procissão de veículos robôs.

As traves são rodeadas pelos recém-chegados. O primeiro cargueiro se abre, e surgem oito pequenos veículos que se põem em fila na direção de outro dos grandes cargueiros. Os veículos esperam silenciosamente do lado de fora das imensas naves até todo o carregamento chegar.

O último veículo é um pequeno rebocador espacial, puxando um objeto longo e fino, parecido com dois leques japoneses dobrados e presos pelas pontas, envolto por uma caixa protetora transparente feita de material muito fino. Oito veículos pequenos e velozes dançam como beija-flores ao longo de toda sua extensão, como se o estivessem guiando, guardando-o e ao mesmo tempo examinando-o.

As grandes naves cargueiras, semelhantes a dirigíveis antigos, agora se abrem e mostram seu conteúdo. A maioria carrega seções de traves amontoadas em pilhas enormes. Os pequenos veículos descarregam as seções em pilhas menores, que se alongam por quilômetros em ambas as direções a partir das traves originais. Quando as seções das traves já tinham sido quase todas descarregadas, quatro veículos aproximam-se do lado de uma das gigantescas naves cargueiras e esperam as portas arredondadas se abrirem. Do interior da nave saem oito máquinas que encostam nos veículos, duas a duas, desmontam-nos cuidadosamente e recolhem as peças para o interior escuro da nave cargueira. Alguns segundos depois um complexo alongado de maquinaria articulada surge de dentro da nave, esticando-se para fora como se fosse um banco de quase um quilômetro e meio de comprimento. A aproximadamente cada 100 metros ao longo deste banco, um grupo menor de componentes coordenados se juntava em grupos altamente organizados.

Este é o sistema de construção automatizado para diversos fins, um dos tesouros tecnológicos dos colonistas. O sistema inteiro se coloca na extremidade dos trilhos, e seus manipuladores remotos começam a puxar as seções das traves das diversas pilhas.

Suas mãos e dedos sofisticados colocam habilmente as novas seções em seus devidos lugares, prendendo-as com solda atômica. A velocidade é surpreendente.

Um quilômetro e meio de trilho fica pronto em minutos, e o grande sistema construtor move-se na direção de outra pilha de traves. Os trilhos prontos

estendem-se pelo espaço por quase 150 quilômetros.

Terminada uma tarefa, o sistema realiza sua próxima metamorfose. Quebrando-se em pedaços, começando pelas duas pontas do longo banco, a estrutura monolítica desaparece e reorganiza-se em milhares de componentes separados mas semelhantes.

Esses pequenos aparelhos, parecendo formigas, prendem-se em grupos a seções isoladas das traves. Medem com cuidado todas as dimensões e verificam todas as soldas entre as seções adjacentes. Depois, todas ao mesmo tempo, as traves das quatro extremidades dos segmentos do trilho começam a dobrar-se e elevar-se, puxadas pelos componentes-formigas. As traves se dobram cada vez mais para cima, trazendo junto todo o resto do trilho. As duas longas traves paralelas são então transformadas num gigantesco aro duplo, com mais de 15 quilômetros de raio, semelhante a uma roda-gigante de parque de diversões suspensa no espaço.

Ao terminar o aro duplo, o sistema de construção se transforma novamente. Alguns dos novos elementos do sistema apanham o objeto longo e fino, em forma de leque, e levantam-no até próximo ao aro (ele é, obviamente, quase do mesmo comprimento do diâmetro dos aros), sob a vigilância cuidadosa de seus beija-flores protetores.

Então o objeto é içado para seu devido lugar, servindo de raio norte-sul da estrutura de aro duplo. Alguns beija-flores produzem cabos invisíveis finíssimos e prendem o raio pelas duas extremidades na estrutura do aro. Os demais aparelhos mecânicos minúsculos e velozes criam uma teia que se enrosca ao redor da seção central e conecta a grande antena com o eixo leste-oeste dos aros.

A antena, agora conectada à sua estrutura de suporte, abre-se lentamente para o norte e para o sul do aro. Uma inspeção mais atenta revela que os beija-flores estão na realidade desfazendo as delicadas dobras. As dobras se abrem até todo o interior dos aros ficar coberto de uma mistura de malha, nervuras e tecidos incrivelmente complexos. A primeira fase está completa. O complexo de comunicação então passa por um elaborado autoteste, enquanto seus agentes de construção esperam, caso haja quaisquer problemas. Os testes são bons, e a estação é considerada operacional.

Dentro de algumas horas a falange de emissários robôs do universo desabitado

apanha todos os metais desgarrados e coloca-os dentro de uma das grandes naves de carga. Em seguida, à mesma velocidade que chegaram, os veículos robôs desaparecem na escuridão ao redor da estação, deixando apenas a imponente estrutura de aro como testemunho da presença de vida inteligente no universo.

Em volta da vasta Concha Externa, cujas 256 seções contém, cada uma, mais volume que a Colônia, mais de mil rampas semelhantes foram construídas durante o Ciclo 446, numa tentativa de estender adiantadas comunicações a novos locais. Esta é a última rampa de um grupo muito difícil de uma região próxima à Fenda. Este grupo atrasou-se várias vezes devido a um número imenso de defeitos de fabricação na indústria mais próxima, a uma distância de mais de dois miliciclos-luz. após diversas tentativas de detectar e solucionar os problemas, a fábrica foi fechada e toda reconstruída.

O atraso total do projeto foi de 14 miliciclos, exatamente o que o Conselho dos Engenheiros previra na pior das hipóteses quando da Proclamação do Ciclo 446.

À medida que o grande momento se aproxima, toda a atividade normal dentro da Colônia cessa. No último nanociclo não há atividade comercial, nem diversões. Os espaçopostos estão todos vazios. A precisamente 446.9, após 200 miliciclos de debates e discussões do Conselho dos Líderes, o esquema governamental para a próxima era será divulgado e toda a inteligência da Colônia estará ouvindo.

O transmissor gigantesco ativado na hora exata e a Proclamação do Ciclo 447 é ouvida a uma razão de cem trilhões de bites de informação por picociclo. A taxa real dos dados da poderosa fonte é muito mais elevada, mas a taxa de informações está reduzida para acomodar as exigências das sofisticadas codificações e dos sinais de erros internos aos dados. Com a codificação, só os receptores da Colônia equipados com algoritmos especiais de decifração podem compreender a mensagem a qualquer nível. E os sinais de consistência interna de cada pacote de dados da transmissão reduzem a praticamente zero a probabilidade de recebimento de informações erradas, mesmo a uma enorme distância.

Depois da organização e da agenda da Proclamação estabelecida na Era do Gênio, entre os Ciclos 371 e 406, o primeiro microciclo da transmissão é um sumário completo de todo o plano. Duzentos nanociclos deste sumário são dedicados a cada uma das cinco divisões governadas pelo Conselho dos Líderes: administração, informação comunicação, transporte e exploração. Após um

intervalo planejado de 400 nanociclos, para que sejam feitos ajustes no receptor ao longo do curso do sinal, a transmissão da verdadeira Proclamação do Ciclo 447 se inicia. E segue por muito tempo, só parando 20 microciclos mais tarde. Quatro microciclos completos são usados para cuidadosas explicações sobre os grandes projetos a serem realizados em cada uma das cinco disciplinas. De especial interesse para o Comitê da Concha Externa, o grupo que governa a imensa região concêntrica definindo o alcance mais distante em que os colonistas querem exercer jurisdição, é um plano da Divisão de Exploração anunciando a repatriação para a Concha Externa de quase um milhão de espécies do Sistema Zoológico 3.

(A transmissão da Proclamação, uma riqueza de informações que podem ser traduzidas em linguagem, imagens, sons, e outras impressões sensoriais, dependendo dos seres receptores e da sofisticação de seus equipamentos de decifração, é o início do processo governamental de cada ciclo. Baseados na Proclamação, os corpos regionais ou agências administrativas com jurisdições subordinadas ajustam seus planos para o ciclo para que sejam coerentes com aqueles anunciados pelo Conselho dos Líderes. Este procedimento é descrito em detalhes nos Artigos da Confederação Colonial.)

A Proclamação é retransmitida por toda a Colônia e regiões mais próximas da Concha Interna através de estações gigantescas de comunicação ao longo das desenvolvidas rotas de transporte. Essas estações, na realidade centros de informações que armazenam todas as mensagens da Colônia em suas extensas bibliotecas durante 100 ciclos, amplificam e retransmitem o sinal até a estação vizinha a uns dez microciclos-luz de distância. O extremo da Colônia (e portanto o início da Concha Interna) foi expandido pelo decreto de Fronteira da Proclamação do Ciclo 416, a fim de incluir todos os pontos até três miliciclos-luz do centro administrativo. Assim, na época em que a Proclamação alcançar o colossal Complexo Zoológico, uma combinação de três estrelas e 19 planetas (quatro deles artificiais) do outro lado do extremo da Colônia, a mensagem terá sido retransmitida a 300 estações.

O Comitê dos Zeladores Zoológicos espera com ansiedade a Proclamação para descobrir a resposta à sua recomendação para a expansão do Complexo Zoológico. Eles estão surpresos de ver sua proposta substituída por outro plano de repatriação. De outra vez, no Ciclo 429, tinham proposto uma expansão do zoológico para poder abrigar o aumento da população conseguido pela engenharia genética adaptável dos Ciclos 426 e 428. Naquela época seu pedido

também tinha sido negado, e o Conselho dos Líderes recomendara a repatriação como solução para o problema populacional. Do Ciclo 430 ao 436, a população do Complexo Zoológico manteve-se constante através dessas transferências regulares de espécies comuns a seus locais de origem.

Mas a partir do Ciclo 437 houve um rápido aumento de interesse na biologia comparativa, gerado pela descoberta de uma quinta classe de forma de vida, chamada de tipo E pelo Conselho de biólogos, na seção 28 da Concha Externa. Expedições subsequentes à mesma área mostraram não só que o tipo de vida dominante das seções 28 a 33 era do tipo E, como ainda que o tipo A estava incrivelmente presente também nessas seções. Esta foi a primeira vez que a evolução natural de uma região qualquer mostrara uma predileção por alguma forma de vida que não o tipo A dos colonistas e seus híbridos desenvolvidos. A pesquisa para entender essas criaturas estranhas levou espécies em perigo a expedições na Concha Externa nos Ciclos 440 e 441, e a criação, no Ciclo 442, de diversos mundos para que fossem estudadas as novas formas de vida do tipo E.

Muitas dessas novas espécies floresceram no Sistema Zoológico 3, causando novamente problemas populacionais e de espaço para o Comitê de Zeladores Zoológicos.

A escassez de espaço foi especialmente séria, e aumentou tanto pela necessidade de segregar todas as formas de vida do tipo E quanto pela sua rápida reprodução. Portanto, no início do processo de planejamento para esse Ciclo 447, o Comitê de Zeladores Zoológicos propusera uma pequena expansão do Complexo Zoológico, sugerindo não só um quarto Sistema Zoológico dedicado inteiramente às formas de vida do tipo E, como também uma forte campanha para que se completasse a repatriação de todas as espécies da Colônia e da Concha Interna com coeficientes de agressividade abaixo de 14.

O Comitê dos Zeladores Zoológicos está surpreso com a escala do plano de repatriação da Concha Externa contida na Proclamação do Ciclo 447. Numa discussão técnica catalisada pela inesperada proposta, os perigos de repatriação das formas de vida da Concha Externa aos seus planetas de origem são fortemente reconfirmados. O Comitê decide, experimentalmente, dar um passo raro -submeter uma variação da Proclamação ao Conselho de Líderes. Na minuta da variação, os Zeladores Zoológicos demonstram que muitas experiências genéticas foram realizadas com as novas formas do tipo E, que as possibilidades

evolutivas para as novas espécies são incertas, que as frequências de monitoração e os recursos para os testes na Concha Externa são inadequados e que os coeficientes de agressão para muitos do grupo ainda não estão catalogados com exatidão.

Antes de submeter a variação ao Conselho, no entanto, o Comitê percebeu que alguém deveria ter demonstrado todos esses fatores nos debates originais. Então por que a política de repatriação foi promulgada? Seria isso parte de uma estrutura monumental que subestima a importância das informações zoológicas? Ou a ideia é estritamente política e possivelmente ligada à Mensagem do Poder 2?

2

De acordo com as leis da Colônia que regem a disseminação e a preservação de importantes informações históricas, o comentário oficial das organizações-chave do Conselho-nível acompanha a transmissão da Proclamação do Ciclo 447. De especial interesse para aqueles envolvidos com o projeto de repatriação da Concha Externa são as seguintes citações do relato do Conselho de Engenheiros:

... A recente repatriação para a Concha Interna se deu numa base praticamente ad hoc, apenas transportando as formas de vida em massa para sua região de origem ou ambientação semelhante num setor próximo. Isto foi realizado levando-se um grupo de criaturas tranquilizadas em seus habitats zoológicos em imensas naves de carga, que mantém as condições equivalentes ao habitat, e espalhando-as por sua nova moradia. Este processo funcionou adequadamente nas pequenas transferências a curtas distâncias, e não foi oneroso. Contudo, apresentou muitas falhas sérias que tornaram o processo quase inútil em operações sistemáticas.

Em primeiro lugar, o desenvolvimento ontogenético das criaturas foi completamente interrompido pela repatriação. Elas ficaram assustadas com a remoção, aflitas com o local pouco espaçoso durante o trânsito e, uma vez em suas novas moradias, incomodadas até mesmo pelas diferenças mínimas com relação às suas casas anteriores. Suas memórias, embora apagadas eletronicamente, retinham uma forte sensação de perda que prejudicou muito sua adaptação. A reunião de todas essas condições levou a um marcante aumento filogenético do coeficiente de agressividade, além dos limites, que não foi significativamente superado em algumas espécies durante 10 a 15 gerações...

Do ponto de vista do projeto da espaçonave, tanto o tamanho quanto a distância das transferências propostas impediram o uso de

espécimes maduros muito antes dos problemas biológicos e de desenvolvimento serem completamente compreendidos. Quando a Proclamação do Ciclo 432 exigiu um aumento de repatriação dentro da Colônia e da Concha Interna, houve algum pânico no Conselho de Engenheiros, pois pensou-se que veículos de transporte numa escala planetária próxima pudessem ser requisitados. Felizmente, os Comitês de Engenharia Biológica e de Robótica Avançada propuseram que as transferências futuras fossem feitas usando-se zigotos suspensos e novas versões dos robôs superinteligentes servindo de monitores Zoológicos.

Após alguns problemas iniciais com a técnica zigótica, o processo foi mais ou menos aperfeiçoado, pelo menos para as formas de vida A e B, tão presentes na Colônias. Os índices de sucesso da repatriação dos últimos dez ciclos são muito altos, até mesmo para os tipos mais difíceis C e D. Entretanto, tais índices não deveriam ser esperados na implementação da Proclamação do Ciclo 447. Não só algumas formas de vida são as mais novas e menos compreendidas no Complexo Zoológico, como também serão repatriadas, em muitos casos, a uma ambientação biológica pouco documentada, onde a monitoração é tão esporádica quanto cada 300 ou 400 miliciclos. Algumas das formas mais avançadas do tipo E têm vida incrivelmente curta de inteligência, cerca de cinco a seis miliciclos, o que significa que podem se passar 50 a 100 gerações entre as verificações de progresso...

Mas num todo é um imenso desafio à engenharia. Muitos veículos de transporte irão voar bem longe da infraestrutura padrão de transporte, portanto deverão ser capazes de obter matérias-primas por conta própria. As condições nos mundos almejados talvez tenham mudado, portanto a adaptabilidade e o processamento de novas informações exercerão um papel crítico no projeto. Os componentes eletrônicos terão mais falhas devido aos longos tempos de vôo, o que significa que extraordinários sistemas de correção de erros deverão ser criados e testados...

E do Conselho dos historiadores:

É útil começar nosso comentário mais negativo sobre o plano de repatriação da Concha Externa lembrando a todos os colonistas que nosso Conselho inclui o grupo de inteligência ativa mais duradouro e continuo de qualquer Conselho do Diretório. Dois dos nossos grupos têm memórias diretas da Era dos Gênios através de muitas gerações de refrescamento biológico. Portanto é natural que nossa abordagem a qualquer projeto proposto seja a avaliação de seus méritos em termos de seu papel na evolução e/ou estratégia de nossa sociedade. Não desejamos arrefecer o entusiasmo juvenil que surge com a aquisição de novos conhecimentos ou a previsão de uma grande aventura; ao contrário, gostaríamos de dar um sentido de perspectiva a todos os empreendimentos da Colônia e avaliar o impacto de quaisquer mudanças percebidas na política básica...

... O esquema de repatriação proposto é ainda outro passo na brincadeira perigosa de fronteirismo desenfreado que começou, a nosso ver, com o Decreto de Fronteira do Ciclo 416. Ao invés de discutirmos os detalhes do plano proposto sem referência a seu contexto histórico (existem excelentes descrições dos elementos do plano no relatório do Conselho de Engenheiros - alguns dos riscos significativos de curto prazo estão enumerados no relatório do Conselho de Biólogos), gostaríamos de delinear seus perigos incluindo-o em nossa ampla denúncia de toda espécie de aventuras produzidas pelo Decreto de Fronteira...

... As justificativas dadas para o fronteirismo sempre parecem boas superficialmente. Seus proponentes mostram que a mudança social é produzida por novas informações externas ao fluxo regular de acontecimentos, que o fronteirismo tem como principal objetivo a produção deste tipo de novo conhecimento, e que a mudança resultante em perspectiva, que vem de uma 'nova visão do universo', força a avaliação apropriada e regular de nossa cultura.

A história geralmente está em harmonia com os defensores do fronteirismo, e isto é, sem duvida, a razão pela qual esta proposta de repatriação e as outras atividades semelhantes anteriores têm sido apoiadas com tanto entusiasmo. No entanto as vantagens resultantes de novas informações são limitadas, especialmente quando as

investigações de fronteira revelam um conhecimento contrário à estrutura fundamental da sociedade ou incompreensível aos seus grupos mais letrados. Nesses casos, a divulgação das novas informações para a sociedade é desordenada, e não enriquecedora e estimulante, e na verdade abala a segurança das instituições estáveis.

Um exemplo perfeito do que acontece quando o fronteirismo é adotado sem limitação pode ser visto nos acontecimentos dos últimos 30 ciclos que terminaram com o recebimento da Mensagem do Poder 2 no meio do Ciclo 444. O Decreto de Fronteira iniciou o processo estabelecendo, com efeito, um novo domínio jurisdicional aos colonistas. A antiga Colônia central não possuía fronteiras rigorosas. O desenvolvimento significativo estendia-se a apenas dois miliciclos-luz de distância do centro administrativo. A estação mais distante mantida permanentemente ficava naquela época a dez miliciclos-luz apenas. O Decreto do Ciclo 416 regularizou o universo próximo, criando quatro mundos concêntricos e expandindo a própria Colônia central a um raio de três miliciclos-luz. Três Conchas específicas também foram criadas, sendo a Concha Externa escolhida para constituir toda a região entre 12 e 24 miliciclos-luz de distância do centro administrativo.

Essa Concha Externa continha 50 mil sistemas estelares inexplorados num volume mil vezes maior que o da antiga Colônia central. No período entre os Ciclos 425 e 430, quase metade das principais iniciativas identificadas nas proclamações cíclicas incluíam, de uma forma ou de outra, a exploração da Concha Externa. (Deve-se salientar que durante esses cinco ciclos também houve especulação documentada de que uma expansão assim tão rápida da nossa base de conhecimentos poderia ter ramificações imprevisíveis, mas os negativistas, como eram chamados, entregaram-se à fascinação coletiva de histeria exploratória.) Portanto, no Ciclo 443, nossa nova classe de controladores interestelares, designados especificamente para estudar e categorizar os vários mundos da Concha externa, encontrou uma grande nave espacial, inerte, de origem desconhecida. Cuidadasas investigações in situ não lograram êxito ao tentarem correlacionar os componentes de engenharia da nave com qualquer base tecnológica conhecida de viajantes espaciais.

Não atendendo à precaução sugerida por muitos comitês, o Conselho de Líderes rebocou a enigmática nave espacial para uma das cidades desenvolvidas da Concha Interna. Lá ela foi exibida e analisada detalhadamente. A conclusão inicial dos controladores foi confirmada. A nave espacial não viera de nenhum local dentro do domínio da Colônia. O Conselho de Engenheiros concluiu que a capacidade tecnológica dos construtores era equivalente, grosso modo, à dos colonistas do início da Era do Gênio. Mas quando teria sido construída? E de onde viera? E, ainda mais importante, quem a teria construído?

Ao decidir devolver a nave espacial morta à civilização, o Conselho de Líderes garantiu basicamente que a questão não resolvida de sua origem permaneceria na cabeça dos colonistas. Essa busca desenfreada de qualquer informação mais uma vez serviu para desestabilizar a cultura. Toda a sociedade ficou tomada pelas explicações circulantes sobre as perguntas inquietantes e sem resposta com relação à nave espacial. Dominava a opinião de que a nave teria sido um protótipo da Colônia, nunca posto em execução, e que de alguma forma fora omitida da Enciclopédia de veículos Espaciais oficial. Tal opinião coincidia com a tendência geral dos colonistas de acreditarem que eram naturalmente superiores a todas as outras formas de vida.

Teria sido possível deixar as dúvidas e medos sobre a nave espacial desconhecida diminuírem, até desaparecerem de todo; mas o Conselho de Líderes ressuscitou a ansiedade coletiva ao anunciar, na Proclamação do Ciclo 434, que o novo empreendimento da Colônia seria o projeto e o consequente desenvolvimento de uma nova geração de dispositivos receptores na Concha Externa. O objetivo desses dispositivos seria interceptar e decodificar qualquer mensagem de rádio que pudesse estar emanando de dentro da Fenda. Era uma indicação clara de que o Conselho acreditava que a nave espacial misteriosa tinha origem extracolonial.

Nos Ciclos 435 e 436 ondas seguidas de informações preocupantes abalaram a Colônia. De início houve um anúncio prematuro de que muitas mensagens extracoloniais tinham sido decodificadas. Essa divulgação apoiou o boato reinante de que havia múltiplos Poderes

na galáxia, alguns bem mais evoluídos que a Colônia. Essa ideia assustadora permaneceu por meio ciclo, até que o Conselho de Astrônomos, respondendo a essas meias verdades proliferantes, finalmente anunciou que quase todas as mensagens podiam ser atribuídas a um único poder -o Poder 2 -cujo centro de atividade parecia estar a cerca de 200 miliciclos-luz de distância. Logo depois, seu próximo anúncio surpreendente foi a identificação inequívoca das transmissões do Poder 2 como sendo provenientes de fontes a uma distância de 150 miliciclos, ou seja, mais de três vezes o diâmetro de toda a jurisdição da Colônia!

Entre o Ciclo 438 e o recebimento da Mensagem, o Conselho de Líderes ignorou a advertência de que a Colônia deveria poupar cuidadosamente seus recursos enquanto analisava o impacto da descoberta da estranha nave espacial. Foram instituídos programas estrondosos de decodificação avançada, é verdade, inicialmente para amenizar as preocupações de que o Poder 2 pudesse estar monitorando todas as nossas transmissões. Esta ação foi saudada como um passo na direção certa. Contudo, ao mesmo tempo a exploração da Concha Externa intensificou-se, levando à identificação de novas formas de vida do tipo E e à subsequente movimentação das espécies mal disfarçadamente ameaçadas.

Todas as sugestões para que parassem ou moderassem o programa exploratório foram ignoradas. No Ciclo 442, na verdade, o Complexo Zoológico criou vários planetas artificiais só para conduzir experiências de capacidade genética com as espécies do tipo E.

Então veio a Mensagem do Poder 2. Tão simples, tão direta, tão aterrorizante. Foi codificada em nossos algoritmos mais desenvolvidos. Reconhecia nossa conscientização mútua uns dos outros e sugeria a abertura de comunicações bilaterais.

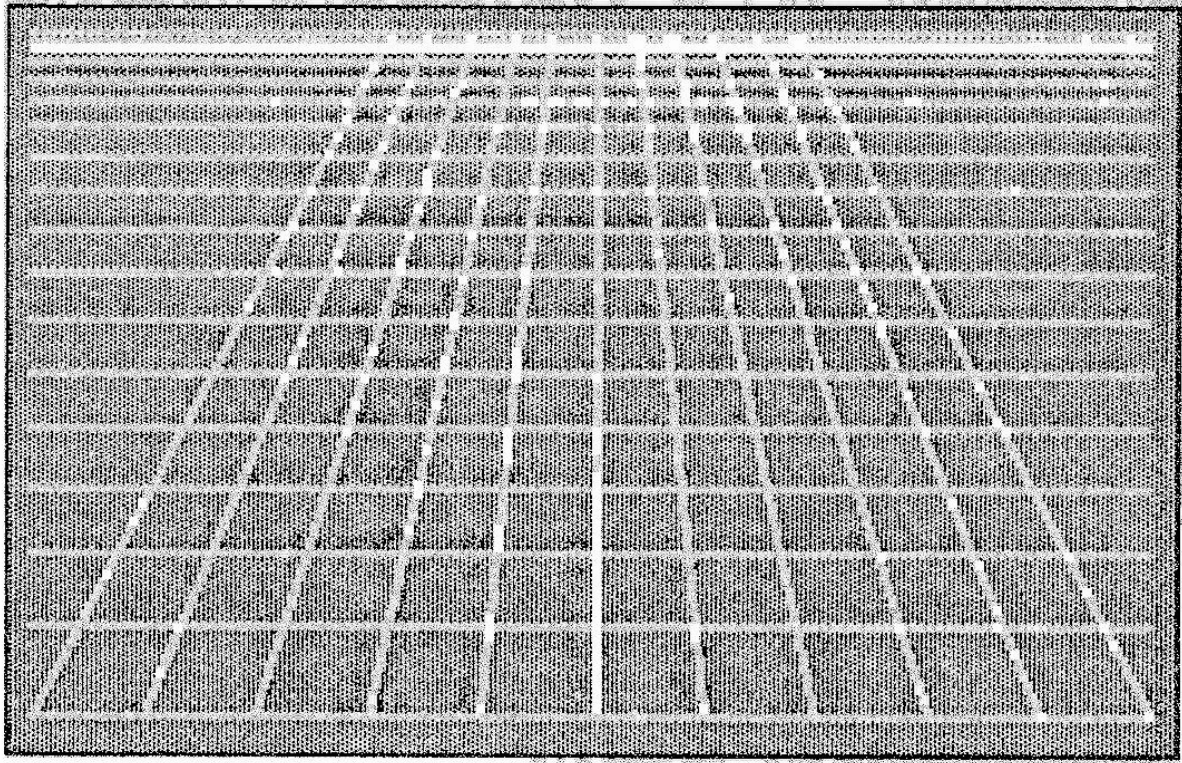
Nada mais. Fim da Mensagem...

... Não é o medo de hostilidade do Poder 2 que motiva nossa objeção à continuação de exploração da Concha externa. A contrário. Nós, como historiadores, achamos a preocupação nascente sobre uma

possível agressão do Poder 2 infundada. Os permanentes estudos mostraram que há uma significativa correlação positiva entre o alto coeficiente de agressão e a incapacidade de desenvolver-se numa sociedade com um limite maior que um único sistema solar. De fato, a probabilidade de uma sociedade adiantada como a nossa ter retido a agressão e a territorialidade como constituintes de sua disposição psicológica geral é muito remota.

Entretanto, acontecimentos tão grandiosos como o recebimento da Mensagem do Poder 2 pedem reflexão e síntese, e não atividades exploratórias adicionais. Deveríamos estar usando nossos recursos para estudar e compreender toda a gama de impactos que a Mensagem terá na nossa sociedade, e não malbaratá-los com esquemas ousados de repatriação. É uma questão de prioridades, e uma vez mais os defensores do fronteirismo -exaltando novas informações e desenvolvimento tecnológico sobre a estabilidade da sociedade -não vêem os riscos colaterais de seus empreendimentos...

SEXTA-FEIRA



1

Nick Williams acordou às cinco da manhã e não conseguiu mais dormir. Sua cabeça funcionava ativamente, lembrando os acontecimentos do dia anterior e os possíveis resultados do dia seguinte. O mesmo fenômeno ocorria frequentemente quando ele estava na escola na Virginia, e alguns anos mais tarde na Universidade de Harvard, em geral logo antes das competições de natação. Quando ficava muito excitado, sua cabeça não desligava o suficiente para ele poder conciliar o sono.

Ficou na cama durante quase uma hora, tentando forçar-se a dormir de novo ou deixando sua fantasia soltar-se, ao achar que o que descobrira no dia anterior era apenas o primeiro elemento de um vasto e valioso tesouro escondido. Nick adorava fantasiar. Era fácil para ele ver, em pensamento, todas as cenas dos romances que gostava tanto de ler. Agora imaginava cabeçalhos do Miami Herald anunciando sua descoberta de um grande tesouro afundado na costa de Key West.

For volta das seis horas desistiu de tentar dormir e saiu da cama. A pequena sacola de exercício estava perto da cômoda. Puxou o tridente dourado para olhá-lo, como já fizera quatro ou cinco vezes na noite anterior. O que era aquilo? perguntava a si mesmo. Deve ter tido algum uso prático, pois é feio demais para ser decorativo. Sacudiu a cabeça. Amanda deve saber. Se alguém puder me dizer de onde veio essa coisa, será ela.

Atravessou o quarto, foi até a porta de vidro e abriu as cortinas. Estava quase amanhecendo. Além da pequena sacada do lado de fora ele via a praia e o mar. Seu apartamento ficava no terceiro andar e dava vista para a superfície tranquila. Acima da água uns pelicanos escuros voavam em graciosa formação, esperando a oportunidade de descer até a água e apanhar um peixe incauto nadando próximo à superfície.

Nick ficou observando um casal por volta dos 17 anos que andava lentamente ao longo da praia. Estavam de mãos dadas e falavam mansamente; por duas vezes a

moça se afastou para apanhar umas conchas e guardou-as numa bolsinha.

Nick afastou-se da porta e pegou o jeans que tinha deixado no chão na noite anterior. Vestiu-o por cima da cueca e foi até a sala carregando a sacola com o tridente.

Colocou o objeto dourado cuidadosamente na mesa para estudá-lo, e depois foi à cozinha para ligar a máquina de café e o rádio.

Com exceção dos livros, a sala de Nick era decorada como centenas de apartamentos à beira-mar da Florida. O sofá e a poltrona eram confortáveis, de um bege brilhante, tendo ao lado duas samambaias verde-claras como decoração. Duas pequenas gravuras de pássaros aquáticos numa praia vazia eram o único enfeite das paredes. Cortinas bege-claras combinando com o tapete ladeavam as longas portas de vidro de correr que davam para a sacada, com a mobília rústica de vime.

Eram os livros que davam ao apartamento um certo toque pessoal. Na parede oposta ao sofá, entre a sala e o quarto, havia uma grande estante de madeira, ocupando quase todo o espaço entre as portas de vidro em frente à sacada e à porta do quarto. Embora a aparência geral do apartamento fosse descuidada (jornais e revistas de esporte jogados pela mesa de centro, roupas e toalhas no chão do quarto e do banheiro, louça suja na pia, a máquina de lavar pratos meio aberta e cheia de louça), a estante era muito bem arrumada. Devia haver cerca de 400 a 500 livros nas quatro longas prateleiras, todos encadernados, quase que só romances, e catalogados conforme o assunto.

Em frente a cada grupo de livros, presa com fita adesiva do lado de fora da prateleira, via-se uma folha de papel dando a categoria dos livros. Nick tinha terminado *A Fan's Notes* no barco, na quinta-feira, e já devolvera o livro ao seu devido lugar (na categoria “Americano, século XX, A-G”), ao lado de dezenas de obras de William Faulkner. Seleccionara para levar para a cama um romance francês do século XIX, *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert. Já o tinha lido no segundo ano da faculdade, em Harvard, e não achara lá grande coisa. Porém tinha se surpreendido de ver o livro em diversas listas como um dos dez melhores romances de todos os tempos, ao lado de obras-primas como *Crime e castigo*, de Dostoiévsky. Hum, talvez eu tenha perdido alguma coisa da primeira vez, dissera a si mesmo na noite anterior, antes de decidir ler o livro de novo.

Mas não tivera capacidade de se concentrar nas magníficas e detalhadas descrições da vida provinciana da França há 150 anos. À medida que seguia a história da bela Emma Bovary, mulher para quem a monotonia estupidificante de sua vida fora razão suficiente para ter casos que iriam escandalizar o vilarejo, o excitação de sua própria vida interferia na leitura. Não foi capaz de concentrar-se no romance.

Sua cabeça girava, pensando nas possibilidades oferecidas pelo objeto dourado na sacola de exercício.

Virou o objeto várias vezes nas mãos enquanto tomava o café da manhã. Então teve uma ideia. Voltou ao segundo quarto, em frente a cozinha e ao lado da lavanderia, e abriu a porta do armário. Usava a maior parte do armário para guardar bugigangas.

No canto viam-se quatro imensas caixas de papelão cheias de tralha velha que ele trouxera ao comprar o apartamento, sete anos antes. Nunca as abrira nem mesmo uma vez durante todo esse tempo, mas lembrava-se que em uma delas havia um punhado de fotografias de objetos que trouxera do Santa Rosa. Talvez olhando essas fotos, pensou, tentando encontrar a caixa certa a luz fraca do armário, eu encontre alguma coisa semelhante àquela coisa.

Finalmente localizou a caixa e carregou-a para o meio da sala. Em certa época talvez seu conteúdo tivesse estado arrumado, pois dentro havia umas pastas etiquetadas. Mas quase todos os papéis, fotos e recortes de jornais tinham saído do lugar, espalhando-se por toda a caixa. Nick enfiou a mão e tirou um recorte do Miami Herald.

Estava amarelado e amassado num dos cantos. Cinco pessoas, inclusive ele próprio, apareciam numa fotografia grande na primeira página.

Parou por um instante e olhou a foto e a legenda. Teria passado mesmo tanto tempo assim? pensou. Quase oito anos que achamos o Santa Rosa. A legenda identificava os cinco indivíduos da foto como a tripulação do Neptune, um barco de mergulho e salvamento, que encontrara um velho navio espanhol chamado Santa Rosa afundado no golfo do México a aproximadamente 25 quilômetros de Dry Tortugas.

Objetos de ouro e prata valendo mais de dois milhões de dólares tinham sido

retirados do navio e empilhados à frente da feliz e risonha tripulação. Da esquerda para a direita estavam Greta Erhard, Jake Lewis, Homer Ashford, Ellen Ashford e Nick Williams.

Isso foi antes deles começarem a comer, pensou Nick consigo mesmo. Ellen comia por causa de Greta, para ter uma desculpa de parar de pensar no que estava acontecendo com Homer. E Homer comia porque podia. Exatamente como faz tudo o mais. Para umas pessoas, o constrangimento é a única coisa que as salva. Dá a elas liberdade e as deixa frenéticas.

Procurou um pouco mais na caixa para ver se encontrava um conjunto de vinte fotos que mostravam a maior parte dos objetos de ouro retirados do Santa Rosa. Aos poucos foi achando algumas delas, umas quatro ou cinco em partes deferentes do que agora parecia uma pilha sem serventia no fundo da caixa. Cada vez que encontrava outras, puxava-as para fora, olhava-as com cuidado e sacudia a cabeça ao ver que o tridente dourado não se parecia com nada do que fora encontrado no Santa Rosa.

No fundo encontrou uma pasta amarelada com um elástico enrolado em volta.

Pensando pela primeira vez que aquela pasta poderia ter o resto das fotos do Santa Rosa, puxou-a, abrindo-a às pressas. Uma foto oito por onze de uma bela mulher de 30 e poucos anos escorregou e caiu no chão, juntamente com bilhetes, cartões, umas cartas dentro de envelopes e cerca de 20 folhas de papel datilografadas em espaço duplo. Suspirou. Como não tinha reconhecido aquela pasta?

A mulher da foto tinha cabelos curtos e pretos, ligeiramente crespos na frente.

Usava uma blusa de algodão vermelho ligeiramente decotada, deixando ver um colar de pérolas de três voltas. Em tinta azul, contrastando com o vermelho da blusa, alguém com uma caligrafia claramente artística escrevera “Mon Cher -Je t’aime, Monique” no canto inferior direito.

Nick ajoelhou-se para pegar o que estava dentro da pasta. Olhou a fotografia com cuidado, com o coração um tanto descompassado ao lembrar-se da beleza dela. Começou a juntar as páginas datilografadas, vendo no alto de uma delas, escrito em letras maiúsculas, “MONIQUE”, e abaixo “de Nicholas C. Williams.”

Começou a ler.

“A maravilha da vida está no seu imprevisto. Cada uma de nossas vidas é irrevogavelmente mudada pelas coisas que não podemos possivelmente prever. Passamos pela porta toda manhã para ir ao trabalho ou à aula, ou até mesmo ao mercado, e 90 vezes em 100 voltamos sem que alguma coisa tenha acontecido que nos faça lembrar dela pelo menos no próximo mês. Nesses dias nossas vidas são tragadas pela banalidade do viver, na cadência básica da existência rotineira. E outro dia, o dia mágico, aquele pelo qual vivemos.

Nesse dia mágico nosso caráter se define, nosso crescimento se acelera, nossas transições emocionais se consolidam. Às vezes, talvez uma vez só na vida inteira, há uma fileira desses dias mágicos, um após o outro, tão cheios de vida, mudança e desafio que nos transformamos completamente pela experiência, e nossa alma toma-se plena de uma alegria ilimitada. Durante esse tempo somos frequentemente dominados pelo milagre simples e incrível de estarmos vivos. Esta é uma história passada num desses períodos mágicos.

Era o início da primavera em Fort Lauderdale. A temporada de natação tinha terminado em Harvard, e meu tio me ofereceu seu apartamento na Florida por umas semanas pela passagem dos meus 21 anos, para que eu pudesse descansar dos estudos e do treinamento rigoroso...”

Nick não olhava para essas páginas há quase dez anos. Ao ler os primeiros parágrafos, lembrou-se nitidamente do êxtase em que tinha escrito. Foi duas noites antes da festa. Ela tinha um compromisso social naquela noite, chegaria tarde, mas iria aparecer cedo no dia seguinte. Não conseguiu dormir. Foi a primeira noite da semana que me separei dela. Parou por um instante revivendo antigas emoções que o deixaram tonto e ligeiramente nauseado. Leu o primeiro parágrafo de novo. Foi também antes da dor. Antes daquela dor miserável.

Durante quase meia hora o rádio estivera ligado. Nick ouvia a música mas não conseguia identificar as canções; ouvia como música de fundo. De repente, bem na hora em que se lembrava de Monique, a estação de clássicos de rock, WMIM 99.9 FM, começou a tocar o sucesso de 1984, cantado por Cyndi Lauper, Time After Time.

A música pareceu aumentar de volume. Nick precisou sentar-se para respirar fundo.

Até o começo da música conseguira se controlar ao lembrar de Monique, mas aquela canção -a que ele tocava no cassete do carro quase toda noite quando ia de Fort Lauderdale a Palm Beach para vê-la -lhe trazia de volta todo o amor juvenil, a alegria, o medo e a raiva que tinham marcado o caso dos dois. Nick ficou emocionado.

Ao sentar-se no sofá ouvindo a música, as lágrimas encheram seus olhos e começaram a rolar pelo rosto.

“... Deitado na cama, ouvi o tique-taque do relógio e pensei em você... com a cabeça rodando, a confusão não é novidade... Lembranças, noites quentes, quase esquecidas... Uma mala de lembranças... Uma após a outra.”

2

“Você diz vai devagar, eu caio atrás... A segunda mão se solta...”

Brenda inclinou-se para a frente e baixou o volume do rádio.

-É verdade, sou eu, sr. Stubbs. Brenda Goldfine. Não me reconhece? -gritava para um senhor de uniforme azul, sentado num banquinho numa pequena torre circular no meio da rua. -E esta é Teresa Silver, atrás. Ela não está se sentindo bem. Por favor, abra o portão para entrarmos.

O segurança levantou-se do banquinho e caminhou devagar até o velho Pontiac de Nick. Anotou o número da placa num bloco e aproximou-se da janela de Brenda.

-Tudo bem por hoje, Brenda, mas isso está fora do regulamento. Todos os visitantes que chegam a Windsor Cove depois das dez da noite devem ter permissão.

For fim o guarda levantou o portão e Nick pôs o carro em movimento de novo.

-Esse sujeito é mesmo um pé no saco -disse Brenda a Nick, mascando chiclete ao falar. -Meu Deus, parece até que é o dono deste lugar.

Nick tinha ouvido falar de Windsor Cove. Ou melhor, lera sobre o lugar. Uma vez, na casa do tio em Potomac, Maryland, estava folheando a revista Town and Country e leu sobre a 'vida gostosa em Windsor Cove'. Agora, passando de carro pelas propriedades da zona mais privilegiada de Palm Beach, estava atônito de ver tanta ostentação.

-É ali a casa de Teresa -disse Brenda, apontando para uma casa Colonial. que ficava a uns cem metros da rua. Nick passou com o carro por uma entrada semicircular e parou em frente à entrada da casa. Era um lugar imponente. Dois andares, seis colunas brancas de mais de seis metros de altura, uma porta de luxo

com o topo em arco, um vitral com uma garça branca voando num céu azul pontilhado de nuvens brancas.

Brenda olhou para o banco de trás, onde a amiga estava desmaiada.

-Olhe, é melhor eu cuidar disso. Eu subo e explico à sra. Silver tudo o que aconteceu, senão você pode ficar em maus lençóis. Às vezes ela tira umas tantas conclusões.

Quando Brenda chegou na porta da frente para tocar a campainha, a porta já estava aberta. Uma mulher atraente, com uma blusa vermelha de seda e umas pantalonas pretas finas, esperava. Nick imaginou que ela provavelmente tinha sido avisada pelo segurança. Não conseguiu ouvir muito da conversa, mas percebeu que a mão de Teresa fazia perguntas. Depois de uns minutos, Brenda e a mulher se aproximaram do carro.

-Você não me disse que ela ainda estava desmaiada -Nick ouviu uma voz muito rouca dizer. Havia também um pouco de sotaque, talvez europeu. -Sabe de uma coisa, Brenda? Esta foi a última vez que ela saiu com você. você não consegue controlá-la, e acho até que nem tentou. -A voz estava zangada mas não era estridente.

Nick abriu a porta e saiu do carro.

-Este é o rapaz de quem lhe falei, sra. Silver -disse Brenda. -Se não fosse ele, Teresa talvez ainda estivesse caída na praia.

A sra. Silver estendeu a mão. Nick cumprimentou-a, sentindo-se um pouco constrangido.

Não sabia apertar a mão de uma mulher.

-Sei que lhe devo um favor, meu rapaz -disse a sra. Silver gentilmente. -Brenda me disse que você salvou Teresa de uma situação desagradável.

A luz da rua iluminava seu rosto escultural. Sua mão era macia e sensual. Nick sentiu um leve perfume, um tanto exótico. Seus olhos estavam fixos nos dele, sem piscar, inquisitivos.

-Sim, senhora -disse Nick, sem graça. -Quer dizer, ela bebeu demais e eu achei que o bando de adolescentes com quem estava parecia descontrolado. -Calou-se.

Ela ainda o observava, avaliando-o. Ele estava ficando agitado e não sabia por que. Alguém tinha de ajudá-la, e eu estava por lá... -disse num tom fraco.

A sra. Silver agradeceu novamente e virou-se para Brenda.

-Sua mãe esta esperando por você, meu bem. Nós ficaremos aqui em frente até você chegar em casa. Pisque as luzes para sabermos que já está lá.

Brenda ficou contente de poder ir embora. Saiu pela noite na direção da casa mais próxima, a cerca de cem metros dali.

Houve uma pausa momentânea enquanto observavam a garota de dezesseis anos se afastar no escuro. Nick viu-se dando umas olhadas furtivas para o perfil da sra. Silver. Uma consciência incipiente do que estava sentindo tomou-o ainda mais nervoso.

Meu Deus, como ela é bonita. E jovem. Como pode ser mãe daquela garota? Lutava contra um montão de pensamentos quando viu as luzes piscarem à distância.

-Ótimo -disse ela, voltando-se para Nick com um sorriso. -Brenda chegou em casa. Agora podemos nos preocupar com Teresa. -Parou por um instante e riu. - Oh, quase me esqueci. Não fomos apresentados formalmente. Sou a mãe de Teresa, Monica Silver.

-Meu nome é Nick Williams -respondeu ele. Os olhos escuros dela estavam fixos nele de novo. À luz refletida, a expressão de seus olhos parecia variar. Num momento ela parecia zombeteira, em outro sedutora, e depois uma verdadeira mulher de sociedade de Palm Beach. Ou será que ele imaginava tudo isso? Não conseguiu mais olhá-la; sentiu o rosto corar ao desviar o olhar.

-Eu tive de carregá-la da praia até o estacionamento -disse Nick abruptamente, voltando para o carro e abrindo a porta de trás. A adolescente estava encostada na porta e quase caiu. A mulher não se moveu. Ele pegou Teresa e jogou-a por cima do ombro. -Portanto, não será nenhum problema carregá-la para a senhora agora. Já me acostumei.

Entraram calados na casa, atravessando o jardim da frente, Monica Silver um pouco adiante. Nick ficou observando-a. Ela se movia sem esforço, como uma dançarina, com uma postura quase perfeita. Seu cabelo preto estava preso num coque. Deve ser bem comprida, pensou com prazer, imaginando aqueles cabelos caídos pelos ombros.

A noite estava quente e úmida. Nick suava quando entrou na casa.

-Pode me fazer mais um favor, Nick? -pediu a sra. Silver. -Pode levá-la até o quarto? Meu marido não está e os empregados já foram dormir. E tenho a impressão de que ela não vai conseguir ficar de pé para subir as escadas, mesmo com a minha ajuda.

Nick seguiu as instruções da sra. Silver e carregou Teresa pelo vestíbulo, pela sala, chegou até a escada, subiu ao segundo andar e entrou no quarto. Era imenso, com uma cama gigante com quatro colunas, uma enorme televisão, uma estante com filmes de vídeo e um sistema de som que seria o orgulho de qualquer roqueiro. Por todo o quarto viam-se posters e fotos de Bruce Springsteen. Ela disse “Obrigada”, mostrando que estava ao menos semiconsciente. Sua mãe abaixou-se e deu-lhe um beijo.

Nick deixou-as sozinhas e desceu as escadas até a sala. Não podia acreditar que alguém pudesse morar numa casa daquelas. Só a sala era maior que a casa de Falls Church onde tinha sido criado. Havia pinturas originais nas paredes, candelabros de cristal pendendo do teto, objetos de arte e peças soltas nas mesas e em todos os cantos. Era demais para ele; estava atônito.

Sentiu uma mão em seu ombro e involuntariamente encolheu-se. Monica Silver brincou com ele:

-Meu Deus, você está assustado. Sou eu.

Ele virou-se e olhou-a. Estava imaginando ou ela tinha mesmo penteado o cabelo e ajeitado a maquiagem nos instantes em que estiveram separados? Pela primeira vez viu-a com boa luz. Era a mulher mais bonita que já vira em toda a vida. Ficou sem respiração e sentiu-se tonto. Do lado de fora não pudera ver muito bem sua pele. Agora olhava seus braços nus, seguindo o elegante contorno de seu pescoço. A pele parecia do marfim, e ele sentiu vontade de tocá-la.

Cuidado, Williams, ouvia uma voz interior dizendo-lhe, senão você vai fazer um papelão. Tentou acalmar-se.

Mas de nada adiantou. Não conseguia tirar os olhos dela. Ela dizia alguma coisa, estava fazendo uma pergunta. Ele não ouvia, de tão absorto que estava com tudo aquilo. Ela o levava para algum lugar lá dentro. Sua imaginação estava solta. Levou-o para uma pequena sala com uma mesa e disse que se sentasse.

-E o mínimo que posso fazer -dizia ela -pelo que você fez por Teresa. Sei que deve estar com fome, e ainda temos bastante comida que sobrou da festa desta noite.

Nick estava numa saleta de refeição perto da cozinha. à esquerda havia uma porta dando para o pátio e dali para o jardim de trás. As luzes à volta da imensa piscina ainda estavam acesas. Ele viu o jardim tratado, cheio de rosas abertas, cadeiras, guarda-sois coloridos, mesas brancas de ferro com pernas trabalhadas. Não podia acreditar que tudo aquilo fosse real. Sentiu-se transportado para outro mundo, um mundo existente só nos livros e no cinema.

Monica Silver colocou umas comidinhas na mesa. Salmão defumado, cebolas, alcaparras, queijo cremoso, dois tipos de pão e um prato de peixe que Nick não conseguiu identificar.

-Isso é arenque marinado -disse ela com um sorriso, notando a expressão de dúvida de Nick. Passou-lhe um copo de vinho. Ele pegou-o e inconscientemente olhou para ela, paralisado. Sentia-se fraco, como se estivesse sendo arrastado para seus olhos enfeitiçadores, para seu mundo de riqueza, luxo e beleza. Seus joelhos enfraqueceram, o coração estava acelerado e os dedos tremiam.

Ela serviu o vinho branco, primeiro no copo dele e depois no dela.

-E um esplêndido Burgundy, Clos des Mouches -disse, encostando seu copo no dele com um ligeiro tilintar. -Façamos um brinde.

Ela estava radiante, ele fascinado.

-À felicidade -disse ela.

Conversaram por mais de três horas. Nick soube que Monica Silver tinha sido

criada na França, que o pai era um pequeno comerciante de peles em Paris, e que ela conheceu o marido, Aaron (o maior peleteiro de Montreal), quando trabalhava na loja com o pai. Tinha 17 anos na época do romance. O sr. Silver se declarara sete dias depois de conhecê-la e ela aceitara imediatamente, apesar do noivo ser 20 anos mais velho que ela. Mudou-se para o Canadá e casou-se antes de completar 18 anos.

Teresa nasceu nove meses depois.

Nick lhe disse que estava no penúltimo ano de Harvard, estudando inglês e francês para ter uma boa base em ciências humanas e preparar-se para a faculdade de direito ou para uma pós-graduação. Assim que ela soube que ele estava no terceiro ano de francês, passou a falar na sua língua materna. Seu nome passou a ser Monique.

Ele perdia algumas coisas que ela dizia, mas não tinha importância. Ele compreendeu a intenção da coisa. E a voz dramática de Monique acrescida da língua estrangeira só faziam aumentar o poder do encantamento já iniciado com o vinho e a sua beleza.

Nick também tentou falar em francês em certos momentos. Toda a inibição que ele tinha normalmente foi varrida pela magia daquela conversa cada vez mais informal. Riam juntos quando surgiam os erros. Ela era graciosa e charmosa ao corrigi-lo, sempre dizendo “mais vous parlez français très bien”. Mais tarde, quando a conversa foi se tornando mais pessoal (Nick falou dos seus problemas com o pai; Monique pensou alto se haveria alguma coisa que uma mãe pudesse fazer para uma adolescente a não ser esperar que alguns valores básicos tivessem sido assimilados), Monique mudou para o tratamento mais pessoal “tu” durante a conversa. Isto estabeleceu mais intimidade entre os dois, que se aprofundou ao longo das horas mágicas da madrugada.

Monique falou sobre Paris, sobre o romance nas ruas, os bistrôs os museus, a história. Nick visualizou tudo e sentiu-se transportado com ela a cidade-luz. Ela falou de seus sonhos de adolescente, dos passeios pelo bairro rico -o arrondissement 16 das promessas a si mesma de um dia... Ele ouviu tudo, enlevado, com um sorriso quase beatificado nos lábios. No final, Monique teve de lhe dizer para ir embora pois teria aula de tênis bem cedo no dia seguinte. Já passavam de três da madrugada.

Ele desculpou-se a caminho da porta, e ela riu e disse que se divertira muito. Na porta ela ficou na ponta dos pés e deu-lhe um beijo no rosto, deixando seu coração descompassado ao toque dos lábios dela.

-Telefone um dia desses -disse ela com um sorriso maroto, ao fechar a porta.

Durante mais de 30 horas Nick não conseguiu pensar em mais nada que não fosse Monique. Conversava com ela em pensamento durante o dia, e à noite tomava-se seu amante em sonhos. Telefonou-lhe uma vez, duas, três, sempre falando com a secretária eletrônica. Na terceira vez deixou o número do telefone e endereço, e sugeriu que ela entrasse em contato quando tivesse uma folga no horário.

Ao meio-dia do segundo dia após a noitada na mansão dos Silvers, em Palm Beach, ele começou a acalmar-se e viu que não fazia sentido em continuar a adorar a imagem de uma mulher que vira apenas uma noite. Ainda por cima uma mulher casada.

No final da tarde foi para a praia jogar vôlei com uns estudantes que conhecera nos seus primeiros dias na Florida. Tinha acabado de dar uma cortada quando ouviu alguém o chamar com uma voz rouca cujo sotaque era inconfundível.

Por um momento achou que estava sonhando. De pé na areia, a menos de dez metros de distância, estava Monique. Usava um biquíni listado de vermelho e branco, e seus cabelos compridos e pretos caíam até acima da cintura. O jogo de vôlei parou, e seus amigos começaram a assoviar. Ele foi ao seu encontro, com o coração aos pulos e a respiração entrecortada. Monique sorriu e deu-lhe o braço. Explicou que tinha levado Teresa a Fort Lauderdale a uma festinha na escola, e como estava tão quente...

Passearam pela praia e conversaram enquanto o sol se punha por trás do condomínio de apartamentos, esquecendo-se dos jovens à sua volta. As ondas suaves molhavam seus pés com a água morna. Monique insistiu para que jantassem no apartamento de Nick, e eles foram comprar atum, tomate, cebola e maionese para os sanduíches. o jantar consistiu de cerveja gelada, batata frita e sanduíches, servido numa mesa de fórmica sem toalha; como sobremesa fizeram amor. Nick quase teve um orgasmo no primeiro beijo, e sua paixão fez com que ele parecesse desajeitado e engraçado ao tentar tirar o biquíni dela. Monique acalmou-o, sorriu com ternura, dobrou o biquíni e o calção dele com cuidado

(enquanto ele, é claro, estava frenético), e então deitou-se na cama com ele. depois de dois beijos, os dois nus, Nick teve um ataque de desejo. Rolou por cima de Monique sem o menor cuidado e começou a mexer os quadris. De início um pouco alarmada, Monique diminuiu o ritmo de Nick e depois encaminhou-o para dentro dela.

Seu corpo era quase perfeito. Seios fartos, belos e rijos (tinham sofrido uma plastica, naturalmente, depois de amamentar Teresa, mas como Nick podia saber ou ligar para isso?), cintura fina, traseiro arredondado e feminino (não desses masculinizados que as mulheres esquálidas têm), pernas musculosas, em boa forma através de muito exercício. Mas foi sua pele, aquela magnífica pele de marfim que levou Nick ao êxtase.

Tão macia e gostosa de tocar.

Sua boca parecia amoldar-se à dele perfeitamente. Nick tinha estado com duas mulheres antes: uma call-girl cara, que ganhara de presente de Natal do time de natação de Harvard quando descobriram que ele ainda era virgem no final do primeiro ano da escola; e Jennifer Bames, de Radcliffe, sua namorada mais ou menos estável durante seu segundo ano. Os dentes de Jennifer sempre batiam nos dele quando se beijavam. Mas esta não tinha sido a única dificuldade na relação; ela era física e sua abordagem ao sexo fora sempre clínica. Media o tamanho, a duração e a frequência, e até mesmo a quantidade da ejaculação. Depois de três “atuações cronometradas” com Jenny, Nick decidiu que não valia a pena.

Nick respirou fundo e deslizou para dentro de Monique. Os dois sabiam que iria acabar logo. Dois segundos depois Nick teve um orgasmo e fez menção de tirar o pênis mas Monique segurou-o com força pelos quadris e manteve-o no lugar, e agilmente (como conseguiu?) rolou sobre ele e ficou por cima. Nick agora não sabia o que fazer. Com sua experiência limitada, a saída era o passo seguinte ao orgasmo.

Não sabia o que Monique estava fazendo. Lentamente, com os olhos semicerrados e cantando baixinho uma música clássica para si mesma, Monique movia-se em cima dele para a frente e para trás, as paredes de sua vagina apertando com força seu pênis flácido. Após alguns minutos começou a esfregar sua pélvis para a frente enquanto se movia e, para espanto de Nick, à medida que a respiração dela encurtava ele se sentia de novo com desejo. Agora, com os

olhos fechados e o ritmo acelerado, ela esfregava-se com força fazendo seus ossos chegarem a doer um pouco. O pênis de Nick já estava completamente ereto, e ele começava a acompanhar seus movimentos.

Monique inclinou-se para a frente, concentrada mas sorrindo com os olhos fechados, preparando-se para o orgasmo. Estava plenamente consciente e encantada com o fato de Nick estar pronto de novo. Marcando seu próprio compasso com perfeição (e com total controle da situação), ela se inclinou ligeiramente e começou a mexer nos mamilos de Nick, no mesmo ritmo em que se esfregava para a frente. Nick ficou chocado, pois nunca ninguém tinha mexido em seu mamilo ao fazer amor. Mas a excitação tomou conta dele. Ela incrementou a brincadeira, chegando a beliscá-lo ao ver (e sentir) que ele correspondia. Enquanto ondas de prazer percorriam seu corpo, Nick deu um grito alto e teve seu segundo orgasmo em 15 minutos. No final do clímax estava completamente entregue ao prazer, fazendo ruídos animais e sacudindo-se involuntariamente, saciado de forma total.

Ficou um pouco sem jeito com o grito que deu, mas Monique assegurou-lhe, alegre e brincalhona, que estava tudo bem. Ela foi até o armário, tirou um dos três camisões de Nick e vestiu-o. Seus joelhos ficaram quase cobertos (ela media só 1,67m e Nick tinha quase 1,90m). Parecia uma garotinha, com seu sorriso maroto, cabelos compridos e camisa de homem. Nick começou a declarar seu amor, mas Monique fechou seus lábios com os dedos. Depois, beijando-o com ternura, disse que precisava pegar Teresa na festa, tomou uma chuveirada de um minuto, vestiu-se, beijou-o de novo e dirigiu-se à porta. Nick não se mexeu. Depois que ela saiu, dormiu um sono reparador. Dormiu mas não sonhou.

Durante os oito dias seguintes Nick sentiu-se no topo do mundo. Via Monique diariamente, a maioria das vezes na mansão de Palm Beach, mas às vezes no apartamento do seu tio. Faziam amor a cada oportunidade, cada vez de forma diferente.

Monique era cheia de surpresas. Na segunda vez em que Nick foi à sua casa, por exemplo, encontrou-a nos fundos, nadando nua na piscina. Ela lhe disse que tinha dado folga a todos os empregados. Em poucos minutos os dois rolavam e riam pela grama do jardim perto da piscina.

O romance deles era em francês. Monique ensinou-lhe sobre comidas e vinhos, e os dois trocaram conhecimentos de literatura francesa. Numa noite apaixonada

discutiram sobre a Sinfonia pastoral, de André Gide, antes e depois de fazerem amor.

Monique defendia o pastor e ria da insistência de Nick em dizer que a cega Gertrude era “uma inocente”. Noutra noite, quando Monique pediu que Nick usasse uma máscara preta do Dia das Bruxas e uma malha branca de balé durante o jantar francês, leram juntos *Le Balcon*, de Jean Genet, como um prelúdio ao sexo.

Os dias se passaram inexoravelmente, vestidos com a mágica do amor e da intimidade.

Certo dia Nick apareceu na mansão e Monique recebeu-o com um casaco incrível, até o pé, de pelo de foca do Alasca, debruado de pele de raposa na gola e na lapela, descendo pelas mangas desde os ombros até os punhos. O casaco era a coisa mais macia que Nick jamais tocara, até mais macio que a pele tentadora de Monique.

A amante brincalhona tinha ligado o ar-condicionado ao máximo para poder usar o casaco favorito. Por baixo não usava nada. Depois de fazerem amor naquela noite ela cobriu o corpo de Nick com um dos casacos de castor do marido, explicando que as seis peles estavam ali em Palm Beach porque “é nosso negócio e gostamos de ter alguns aqui para mostrarmos aos amigos e conhecidos caso eles se interessem em comprar”

Nick declarava seu amor com um zelo cada vez maior a cada vez que se encontravam.

Monique respondia com seu habitual “je t'aime”, mas não dava resposta às perguntas insistentes dele sobre o futuro. Evitava tudo o que dizia respeito às suas relações com o marido, dizendo só que ele era maníaco por trabalho e que ficava em Montreal a maior parte do ano. Ele comprara aquela casa em Palm Beach basicamente porque Monique não gostava do frio e queria uma vida social mais ativa do que a que tinham em Montreal. Monique em geral passava em Palm Beach os meses entre o Natal e a Páscoa; Teresa, que acabara de gozar as férias de primavera na escola particular que frequentava e tinha voltado para o Canada, visitava a mãe na praia o máximo possível.

Monique dava respostas curtas e sucintas sobre sua vida atual, mas falava

sonhadamente da infância em Paris. Nunca criticava o marido e nem se queixava da vida de casada, mas em compensação dizia a Nick que os dias que estava passando com ele tinham sido os mais felizes de sua vida. Também falava de algumas amigas suas, mas Nick nunca conheceu ninguém. Ficavam sempre sozinhos.

Certo dia ela o apanhou de Cadillac e foram para Key Largo, pois queriam dar um mergulho na área de Recreação Pennekamp. Como sempre, usava o anel de casada.

Naquele dia em especial Nick prometera a si mesmo conseguir alguma resposta quanto ao futuro deles, mas a presença constante daquela aliança o intimidou. Pediu que ela a tirasse, mas ela recusou-se delicadamente, ficando zangada quando ele insistiu.

Saiu da estrada que levava para Key Largo e desligou o motor.

-Eu sou de fato casada -disse, resolutamente -e tirar a aliança não vai mudar nada. Estou apaixonada por você, é claro, mas você sabia da minha situação desde o início. Se não consegue mais lidar com isso, talvez seja melhor cada um seguir sua vida.

Nick ficou chocado com a resposta. A ideia de ficar sem ela o aterrorizava. Desculpou-se e declarou seu amor, beijando-a apaixonadamente e levando-a para o banco de trás. Ela relutou um pouco, mas fizeram amor no Cadillac. Monique ficou quieta e pensativa pelo resto do dia.

Na sexta-feira, exatamente uma semana depois de terem se encontrado, Monique levou-o a uma loja especializada em smokings, para ele poder participar de um jantar a rigor que ela daria no sábado para uns amigos em sua casa. Então finalmente eles iriam ser vistos juntos. “Agora ela vai falar sobre nosso futuro”, pensou Nick. Ele deveria ir para Boston na segunda-feira e seus pais o esperavam no sábado à noite em Falls Church, mas convenceu-se de que poderia dirigir o dia todo (e a noite toda, se necessário, tão apaixonado estava por Monique) e chegar a Harvard na segunda-feira de manhã.

Estava cheio de esperanças e sonhos quando apareceu na mansão dos Silvers no sábado. Com a sua elegância, vestido a rigor e o sorriso que deu para Monique na porta, poderia ter ganho um prêmio. Mesmo na frente do empregado postado

à porta, entregou-lhe uma dúzia de rosas, beijou-a e lhe disse que a amava.

-E claro que você me ama -disse ela alegremente -todos não me amam também?

Levou-o para dentro e apresentou-o às quatro pessoas que já tinham chegado como “o rapaz que salvou nossa Teresa em Lauderdale um dia”. Depois pediu licença e retirou-se. Era o jeito dela, Nick entendeu mais tarde, convidar uns poucos amigos para chegarem mais cedo, recebê-los com uma roupa esporte e voltar uma hora mais tarde, quando todos tivessem chegado, fazendo uma grande entrada. Quando Monique subiu graciosamente as escadas da mansão, os olhos de Nick seguiram-na com um inconfundível ar de adoração.

-Não é uma maravilha? -perguntou-lhe um homem de cerca de 50 anos, bronzeado e tranquilo, oferecendo-lhe um martíni. Seu nome era Clayton. -Uma vez passei com ela um fim de semana no seu iate, quando Aaron estava em Montreal. Achei que tinha me convidado para um pequeno divertimento. -Riu. - Mas estava enganado. Ela só queria um pouco de companhia, e eu conheço bem a França e a Europa. Venha cá -deu o braço a Nick -para eu apresentar você ao grupo que foi convidado a chegar cedo hoje.

Nick foi tratado com extrema cortesia pelos outros convidados favoritos, mas foi cauteloso com as perguntas que lhe fizeram sobre Monique. Afinal, ele era um sulista, e se houvesse alguma coisa a ser dita sobre o relacionamento deles seria ela a pessoa a dizer. Respondeu com gentileza, mas com modéstia, e não se alongou muito.

Uma das duas mulheres que estavam no bar, que se apresentou como Jane alguma coisa, disse que era a amiga mais antiga de Monica em Palm Beach. (Todos a chamavam de Monica, mas Nick achava impossível chamá-la de outro jeito que não Monique. Ficou pensando se eles sabiam o que estava acontecendo ou se Monique lhes contara.) Jane estava perto dos quarenta anos, era gordinha, tinha a voz estridente e bebia e fumava muito. Tinha sido bastante atraente, mas levava uma vida dura muito cedo. Era uma dessas pessoas que pegam nas outras quando conversam, o que deixou Nick nervoso.

Os outros convidados começaram a chegar. Jane e Clayton (como em Clayton Poindexter III, de Palm Beach e Newport. Clayton, quando Nick perguntou o que fazia, respondeu: “NMVS”. Nick não entendeu nada do que ele quis dizer e ele riu. “NMVS: nenhum meio visível de sobrevivência -um termo usado por

todos os vagabundos") pareciam estar agindo como os donos da casa na ausência de Monique. Apresentaram-no a todo o mundo, e depois de três ou quatro martinis, Nick contou pelo menos sete vezes a história de Teresa num intervalo de uma hora.

A essa altura já estava bem falante. Cantou para si mesmo ao tomar outra dose de martini., servida na bandeja por um dos empregados. O álcool levantara seu espírito, fazendo-o sentir-se temporariamente cortês e desembaraçado. Estava no pátio conversando com a “parceira de equitação” de Monique, uma moça encantadora de vinte e poucos anos chamada Anne, quando ouviu aplausos vindos da sala.

-É Monica -disse Anne. -Vamos ver.

A grande escada da mansão colonial dos Silver tinha um patamar de cerca de dois metros acima da sala de visitas, dividindo-se depois em duas saídas de escadas que continuavam para o segundo andar. Monique estava de pé nesse patamar, recebendo os aplausos, com um vestido simples de tricô azul-marinho que modelava com perfeição seu belo corpo. O decote nas costas ia até a cintura. Quase coincidindo com o final da maravilhosa cabeleira (ela virou-se para agradar aos quarenta convidados presentes), e na frente, dois panos finos caíam até a cintura, cobrindo os seios mas deixando uma abertura indiscreta. Fascinado com a visão de sua rainha, Nick gritou com entusiasmo, um pouco alto demais, “Bravo! Bravo!” Monique parecia não estar ouvindo seus aplausos; tinha-se virado e olhava para o alto das escadas.

Nick levou provavelmente um minuto para compreender o que estava vendo. Um homem, muito distinto, por volta de seus 50 anos, usando um smoking bem cortado e um anel de safira no dedo mínimo, desceu as escadas e pôs os braços em volta da cintura de Monique. Ela ajeitou-se e beijou-o. Ele sorriu e acenou para os convidados, que aplaudiam educadamente. Desceram as escadas juntos até a sala.

Quem é? pensou Nick consigo mesmo, sabendo a resposta, apesar de todo o gim e vermute e os sentimentos incríveis que lhe passavam pela cabeça. É o marido dela, Aaron. O que estará fazendo aqui? Por que ela não me disse? E depois, pensando mais depressa. Como pôde fazer isso comigo? Eu a amo e ela me ama, e há alguma coisa muito, muito errada. Isto não pode estar acontecendo.

Tentou respirar, mas sentiu como se uma pedra muito pesada estivesse apertando seu peito. Instintivamente deu as costas para os dois, que desciam as escadas de braços dados. Ao virar-se, derrubou parte do martíni. no ombro de Anne, desculpando-se sem jeito. Agora, completamente perdido, debruçou-se no bar, tentando respirar melhor e diminuir as batidas do coração. Não. Não. Ela não pode estar fazendo isso. Deve haver algum engano. Sua cabeça não conseguia ler a mensagem que seus olhos lhe transmitiam. Bebeu outro martíni. depressa, mal percebendo o que se passava a volta ou os sentimentos que torturavam sua alma.

-Lá está ele. -Ouvii a voz dela por trás, a voz que passara a significar tudo o que tinha valor e importância na sua vida, a voz do amor. Mas dessa vez ficou apavorado.

Virou-se e deu com Monique e Aaron bem a sua frente.

-Então, finalmente conheço este rapaz de quem tanto ouvi falar -disse Aaron. Era um homem agradável, amigoso, com um tom de gratidão na voz. Sua mão estava estendida, e Monique sorria. Meu Deus, ela é bonita demais. Mesmo agora, quando eu devia odiá-la. Mecanicamente apertou a mão de Aaron, aceitando quieto os agradecimentos por “ter ajudado Teresa numa situação difícil”. Não disse nada, virando-se para olhar para Monique, que adiantou-se e deu-lhe um beijo no rosto. Ah, esses lábios. Como ainda desejo esses lábios. Por que? Por que? O que vai ser de nós agora?

De repente percebeu que estava com os olhos cheios de lágrimas. Oh, meu Deus.

Estou chorando. Muito sem graça, desculpou-se abruptamente e saiu para o pátio.

Agora as lágrimas escorriam, e ele teve medo de sentar-se na grama e começar a chorar que nem um bebê. Confuso, atônito, deu uma volta pelo jardim de cabeça baixa, tentando em vão respirar com regularidade.

Sentiu uma mão no seu ombro. Era Jane, a última pessoa do mundo que tinha vontade de ver naquela hora.

-Ela vem aqui fora para vê-lo dentro de um instante. Primeiro, ela e Aaron têm que dar uma volta pela sala; você sabe como se tem de fazer quando se é dono da festa.

Jane acendeu um cigarro, e Nick achou que ia vomitar. Virou-se rapidamente para lhe pedir que o apagasse, mas perdeu o equilíbrio.

Talvez fosse a bebida, talvez a adrenalina, talvez tudo fosse demais. Sua cabeça dava voltas, e ele encostou-se em Jane para se apoiar. Ela compreendeu mal, e puxou a cabeça dele para junto do seu ombro.

-Tudo bem, tudo bem -disse. -não leve isso tão a sério. Você e Monique ainda vão poder passar algum tempo juntos. Aaron só vai ficar aqui uns dois dias, depois volta para o trabalho em Montreal. Além do mais -disse, com satisfação - se você é tão bom quanto Monica diz, eu teria muito prazer em tomar conta de você enquanto ela estiver com Aaron.

Nick empurrou-a e deu um passo atrás. Sentia-se como se tivesse levado uma martelada na cara. O impacto do comentário de Jane foi se aprofundando devagar, dando lugar a uma mistura incontável de raiva e sofrimento. O quê? O quê? Ela sabe. Esta puta sabe. Talvez todos saibam. O quê? Que se foda tudo isso. Então, quase imediatamente, à medida que sua cabeça começava a medir os acontecimentos da noite: Como vou sair daqui? Onde é a saída?

Ao dar a volta na casa para chegar à frente (não estava a fim de entrar de novo), saiu de dentro dele um som, um som que aumentou e não pôde ser contido. Era o som da dor, o grito inelutável do animal em completo desespero. Os milênios de aculturação tornaram raro esse tipo de grito partindo dos seres humanos. Mas esse grito alto e rebelde, elevando-se pela noite de Palm Beach como uma sirene de carro de polícia, deu a Nick seu primeiro alívio. Enquanto os convidados tentavam decifrar o que tinham ouvido, ele entrava no seu Pontiac 1977 e partia.

Seguiu em direção a Fort Lauderdale, com o coração pulando como louco e o corpo tremendo de adrenalina. Não pensava em nada com coerência. As imagens que tinha na cabeça pareciam vir ao acaso, sem uma clara conexão entre si. Monique era o foco de todas elas. Monique com o casaco de pele de foca, Monique com o biquíni vermelho e branco, Monique com o vestido de festa daquela noite (Nick estremeceu, pois via Aaron descendo as escadas). Será que tudo tinha sido sem sentido? Teria sido só uma brincadeira? Ele era jovem demais para conhecer o lado cinzento da vida. Para ele era uma simples questão de preto e branco. Ou era maravilhoso ou uma merda. Monique ou amava-o apaixonadamente e queria abdicar de sua vida luxuosa para casar-se com ele ou

só o estava usando para satisfazer suas necessidades sexuais e seu ego. Então, concluiu, ao chegar ao apartamento do tio em Fort Lauderdale, eu fui mais um dos seus brinquedos. Fui como suas peles, seus cavalos, seus iates e suas roupas. Eu fiz com que ela se sentisse bem.

Desgostoso consigo próprio, altamente deprimido, com um início de dor de cabeça lancinante proveniente dos martinis, arrumou as malas rapidamente. Não tomou banho nem comeu. Levou as duas malas para o carro, deixou o smoking alugado com o gerente do condomínio e partiu na direção da Interstate 95. Uns três quilômetros antes de chegar a auto-estrada, desviou o carro para o acostamento e permitiu-se chorar um pouco. A dureza exterior que iria caracterizar os próximos dez anos de sua vida começou naquele momento. Nunca mais, disse a si mesmo. Nunca mais vou deixar uma puta me fazer de bobo. De jeito nenhum.

Dez anos depois, numa manhã de março no apartamento de Key West, Nick Williams brincava indolentemente com um objeto dourado metálico sentado à mesa do café, experimentando de novo a dor terrível de ver Monique com o marido na festa.

Com melancolia e uma espécie de tristeza amadurecida lembrou-se também que ao chegar a Interstate 95 virou para Miami e Keys, em vez de seguir para o norte na direção de Boston. Não teria podido explicar por quê, naquela ocasião. Talvez tivesse dito que Harvard era uma coisa trivial depois de Monique, ou que queria estudar a vida e não os livros. Não compreendeu que sua necessidade de começar absolutamente do zero derivava do fato de não poder olhar para si próprio.

Não trazia à tona a memória de Monique, do começo ao fim, há cinco anos. Naquela manhã, pela primeira vez, conseguira distanciar-se das emoções evocadas e olhar todo o caso com uma ponta de perspectiva. Reconheceu que sua paixão juvenil cega o tinha levado à angústia, mas ainda relutava em eximir Monique de culpa. Pelo menos a lembrança não o derrubava mais. Apanhou o tridente e foi até a janela. Talvez tudo esteja fazendo sentido agora, disse a si mesmo. Um novo tesouro. Uma mudança final da última angústia adolescente. Pensou em Carol Dawson. Ela era irritante, mas sua vivacidade o fascinava. Sempre um sonhador, visualizou Carol em seus braços e imaginou o calor e a maciez do seu beijo.

3

Carol olhava fascinada o polvo capturando a presa com os longos tentáculos.

-Imagine como seria ter oito braços -disse Oscar Burcham. -Pense na arquitetura cerebral que seria necessária para separar todos os movimentos, para identificar qual estímulo estaria vindo de qual membro, para coordenar todos os tentáculos de defesa ou de aquisição de comida.

Carol riu e virou-se para o companheiro. Estavam de pé em frente a uma grande janela de vidro translúcido dentro de um prédio mal iluminado.

-Oh, Oscar -disse ela ao senhor de olhos brilhantes -você não muda nunca. Só você poderia pensar em todas essas criaturas vivas como sistemas biológicos com arquiteturas. Nunca pensa nos seus sentimentos, seus sonhos quando estão dormindo, seus conceitos de morte?

-Bem, penso sim -respondeu Oscar, piscando o olho. -Mas é praticamente impossível para os seres humanos, mesmo com uma linguagem comum e práticas desenvolvidas de comunicação, descrever verdadeiramente seus sentimentos. Como poderíamos saber ou avaliar, por exemplo, o sentimento de solidão de um golfinho? Em nosso sentimentalismo, atribuímos a eles emoções humanas, o que é ridículo. -Fez uma pausa por um instante. -Não -continuou, -é mais proveitoso fazer pesquisa científica em níveis em que possamos compreender as respostas. A longo prazo, creio que sabendo como essas criaturas funcionam, no sentido científico, é mais provável que cheguemos aos seus quocientes emocionais do que fazendo experiências psicológicas cujos resultados não podem ser interpretados.

Carol aproximou-se e deu-lhe um beijo estalado.

-Você leva tudo o que eu digo tão a sério, Oscar. Mesmo quando estou brincando, você sempre presta atenção aos meus comentários. -Parou e olhou para longe. -Só você me leva a sério.

Oscar virou-se para trás teatralmente e pôs as mãos no ombro direito de Carol.

-Tem alguma coisa por aqui... Sei que é verdade... Esta quase aqui... Ah, encontrei. -Olhou-a, com conhecimento de causa. -Isso não fica bem, você sabe. Aqui está você, uma repórter de sucesso, até mesmo célebre, ainda sofrendo do que se pode chamar de insegurança terminal. O que é que há? você e seu chefe tiveram uma briga hoje de manhã'?

-Não -respondeu Carol, enquanto atravessavam a sala para o outro lado do aquário. -Bem, mais ou menos isso, eu acho. Você sabe como ele é. Toma conta de tudo. Estou trabalhando nessa história importante em Key West, Dale vai ao aeroporto me esperar, toma café comigo e fica falando exatamente o que eu deveria fazer na minha reportagem. Suas sugestões são quase todas boas, e eu aceito a ajuda dele em assuntos técnicos, mas é o modo como ele fala comigo. Como se pensasse que sou burra ou coisa parecida.

Oscar olhou para ela atentamente.

-Carol, minha querida, ele fala com todo o mundo desse jeito, inclusive comigo. Não tem nenhuma intenção com isso. Está absolutamente convencido de sua própria superioridade, e nunca nada aconteceu na sua vida para fazer com que mudasse de ideia. Já era milionário antes de formar-se pelo MIT.

Carol estava impaciente e frustrada.

-Eu sei disso tudo, Oscar, acredite, eu sei. Mas você o está protegendo de novo. Dale e eu somos amantes há quase um ano; ele diz a todos como se orgulha de mim, como se diverte sendo estimulado pela minha inteligência. Mas quando esta-mos juntos, trata-me como uma boba. Hoje de manhã chegou a discutir comigo sobre o que eu ia escolher para tomar no café. Meu Deus, fui indicada para o prêmio Pulitzer, mas o sujeito que quer se casar comigo acha que não sou capaz de escolher nem mesmo meu café da manhã.

Estavam de pé, em frente a um grande tanque de água cristalina. Cerca de doze baleias nadavam em círculos no tanque, subindo a superfície para pegarem ar.

-Você veio e pediu minha opinião no começo, minha jovem amiga -disse ele calmamente. -E eu disse que achava que suas almas não eram compatíveis.

Lembra-se do que você me disse?

-Sim -disse ela com um sorriso pesaroso. -Perguntei a você o que o cientista chefe do IOM poderia saber sobre o amor. Sinto muito, Oscar. Eu era tão cabeçadura. Dale parecia uma grande pessoa, e eu queria sua aprovação.

-Esqueça isso -interrompeu-a. -Sabe como gosto de você. Mas nunca subestime um cientista. Alguns deles -disse, distraído -querem conhecer os fatos e conceitos para que posteriormente possam entender a natureza conjunta de tudo. Inclusive do suposto amor.

-Agora, veja essas baleias -continuou Oscar, falando mais alto e mudando habilmente de assunto. -Temos mapeado o cérebro delas há quase uma década, isolando várias espécies de funções em locais específicos e tentando relacionar sua estrutura cerebral com a do ser humano. Tivemos um sucesso razoável. A função da linguagem que governa o canto delas foi separada, e o local dos controles físicos para todas as partes do corpo foi identificado. Na verdade descobrimos uma área no cérebro da baleia que corresponde à função equivalente para cada aptidão importante do cérebro humano. Mas há ainda um problema, um mistério, se preferir.

Uma das baleias parou no seu circuito normal dentro do tanque. Parecia estar observando-os.

-Há uma grande seção do cérebro delas que não conseguimos conferir a nenhuma função específica. Um cientista brilhante, há muitos anos, depois de ouvir os cantos das baleias ao migrarem, correlacionou esses cantos com o resto de seu comportamento e postulou que essa porção grande e não conhecida do seu cérebro era um dispositivo de memória multidimensional. Sua hipótese era que as baleias armazenam incidentes inteiros nesse dispositivo, inclusive visões, sons e até sentimentos, e que revivem esses incidentes durante a migração para aliviarem a monotonia. Nossos testes estão começando a confirmar esta teoria.

Carol ficou intrigada.

-Quer dizer que poderiam armazenar nesse dispositivo todo o conjunto de impressões sensoriais de alguma coisa importante, como o parto, e depois ter, em certo sentido, um replay completo e imediato durante uma parte especialmente monótona da rota de migração? Poxa! Isto é fascinante. Minha memória me

irrita todo o tempo. Seria ótimo se de alguma forma eu pudesse ir lá, num sentido direcionado, e tirar uma coisa que eu quisesse. Cheia de sentimentos. - Riu. - Houve épocas no verão em que eu não conseguia me lembrar exatamente como era bom esquiar e quase entrava em pânico ao pensar que aquele sentimento poderia ou não ir embora no inverno seguinte.

Oscar acenou para a baleia e ela afastou-se.

-Cuidado -disse ele. -Outras pessoas também pensaram que seria fantástico se nossa memória fosse mais completa, como a de um computador. Mas suponha que tivéssemos mesmo uma memória multidimensional perfeita como a da baleia, teoricamente. E suponha que tivéssemos a mesma falta de controle de entrada, que é característica da memória humana como ela agora existe. A parte daquilo que lembramos e quando nos lembramos não está sob nosso controle individual. Então haveria problemas. Poderíamos até ser não-funcionais como espécie. Uma canção, uma imagem, um cheiro, até mesmo o gosto de um bolo poderiam de repente nos forçar a confrontar outra vez com todas as emoções associadas à morte de uma pessoa querida. Poderíamos ter de ver de novo uma briga dolorosa de nossos pais. Ou até mesmo o trauma de nosso próprio nascimento.

Oscar ficou calado um instante.

-Não -disse finalmente. -A evolução nos prestou um bom serviço. Não podia desenvolver um mecanismo de controle de entrada para nossa memória. A fim de nos proteger, de não nos deixar desabar por erros ou acontecimentos passados, a evolução construiu um processo de enfraquecimento natural de nossa memória.

“Carol Dawson. Carol Dawson. Vá imediatamente à sala de conferência audiovisual ao lado do escritório do diretor.”

O alto-falante interrompeu a calma do aquário do IOM.

Carol deu um abraço em Oscar.

-Foi ótimo, Ozi, como sempre -disse, vendo-o estremecer ao ouvir seu apelido. Mas parece que eles terminaram de revelar os filmes. Aliás, acho que essa história sobre a memória das baleias é fascinante. Quero voltar e fazer um filme

sobre isso. Talvez na próxima semana. Dê lembranças à sua filha e ao seu neto.

Carol ficara tão absorvida pela conversa com Oscar que esquecera por um momento por que tinha ido até Miami naquela manhã. Agora sentia outra vez uma aguda excitação ao sair do aquário e voltar para o prédio principal da administração do IOM. Dale estava confiante, no café da manhã, que a revelação das imagens infravermelhas mostraria alguma coisa interessante.

-Afinal -dissera ele, com lógica -o alarme do objeto estranho foi acionado repetidamente. E não se pode ver nada nas imagens visuais. Portanto, ou as observações infravermelhas acionaram o alarme, ou o algoritmo não funcionou bem. A segunda possibilidade é muito improvável, pois eu próprio lancei o fluxo de dados e meus melhores programadores o testaram depois da codificação.

Dale estava com uma excitação pouco característica quando ela entrou na sala de conferência. Carol começou a lhe fazer uma pergunta, mas calou-se quando ele fez um movimento negativo com a cabeça. Estava conversando com dois técnicos de processamento de imagens.

-Está tudo pronto? Exponham as imagens nesta sequência. Vou pedir cada uma delas usando o controle.

Os técnicos saíram da sala. Dale aproximou-se e abraçou Carol.

-Você não vai acreditar -disse -que preciosidade. Que preciosidade! -Acalmou-se por um instante. -Mas vamos aos poucos. Eu me prometi que não iria estragar a coisa para você.

Mostrou-lhe um lugar para sentar a mesa da conferência, em frente à grande tela, e sentou-se a seu lado. Apertou o controle remoto, e na tela surgiu um quadro parado de três baleias numa área de arrecifes debaixo do barco. A fissura podia ser vista claramente à direita, além das baleias. Dale olhou para Carol.

-Estou vendo -disse ela. -Mas e daí? Tirei fotografias com minha máquina submarina que são tão boas quanto essas.

Dale voltou-se para a tela e apertou o controle remoto várias vezes. As cenas sucessivas passaram para o buraco no arrecife de coral, depois isolando e centrando num pequeno brilho na parte inferior esquerda da fissura. Novamente

Dale olhou para Carol.

-Eu tenho uma ampliação idêntica -disse ela pensativa. -Mas é impossível dizer se existe realmente alguma coisa ali ou se é um artifício do processo fotográfico. Fez uma pausa. -Ainda que duas técnicas diferentes, tendo revelado uma luz no mesmo lugar, sugeriram que não seja um defeito de revelação. -Inclinou-se para a frente, interessada. -E o que vem depois?

Dale não conseguiu conter-se mais. Levantou-se da cadeira e começou a andar pela sala.

-O que vem depois -começou -poderia ser seu convite para o jantar do prêmio Pulitzer em Nova Iorque. Agora vou mostrar a você exatamente a mesma sequência de imagens, só que essas foram tiradas em infravermelho uma fração de segundo depois. Observe bem, em especial no centro da fissura.

A primeira imagem processada em infravermelho cobria a mesma área debaixo do barco que a primeira imagem visual mostrara, mas nessa imagem o que se via eram variações térmicas da cena. Na revelação, cada pixel (um elemento isolado da figura na imagem) recebeu uma temperatura específica baseada na radiação infravermelha observada da porção da tela. Temperaturas semelhantes eram então agrupadas pelo processamento do computador com a mesma cor. Este processo criava regiões térmicas, ou regiões de temperatura quase iguais, visualmente ligadas pela cor. O resultado era que na primeira figura as baleias apareciam em vermelho, a maior parte das plantas dos arrecifes em azul, e a temperatura da água normalizada formava um fundo cinzento.

Carol levou um instante ajustando a exposição, enquanto Dale sorria triunfante. Antes que Carol focalizasse as duas pequenas regiões -uma vermelha e outra marrom -no centro do buraco do arrecife, o processo de aproximação começou.

Em alguns segundos um close da fissura mostrou claramente por que Dale estava tão excitado.

-Eu disse que havia alguma coisa debaixo do barco -disse ele, andando até a tela e apontando para um objeto marrom e alongado. O objeto era cilíndrico numa ponta e afunilava na outra. A fissura tinha sido ampliada pelo processo zoom de forma a ocupar quase toda a tela. Mesmo com todo esse aumento, a qualidade da imagem infravermelha era excelente. Dentro da abertura podiam-se ver três ou

quatro cores diferentes, porém só duas -a marrom e a vermelha -eram contínuas a um número significativo de pixels.

-Poxa vida -disse Carol, levantando-se instintivamente e andando até junto de Dale. -Aquela coisa marrom deve ser o míssil perdido. Estava debaixo da gente o tempo todo. -Pegou a ponteira e mostrou uma área na tela. -Mas que área vermelha é essa? Parece o gato de Alice no país das maravilhas.

-Não tenho muita certeza -respondeu Dale -e provavelmente não é nada de importante. Mas tive uma ideia maluca, que na verdade baseia-se no que você me disse a respeito do comportamento estranho das baleias lá embaixo. Pode ser a cabeça de outra baleia, afastada da luz, aparecendo fora da gruta ou o que quer que seja essa abertura. Olhe para isso. Aproximando um pouco a imagem obtemos uma única figura, mostrando ambas as regiões isotérmicas vermelhas. Olhe como a região vermelha do meio da fissura e a vermelha das suas baleias vigilantes parecem a mesma. não prova nada, mas certamente sustenta minha hipótese.

A cabeça de Carol estava mais adiante. Já planejava o que iria fazer em seguida.

Era essencial que fosse retirar aquele míssil antes que outra pessoa soubesse que estava lá. Precisava voltar a Key West o mais depressa possível. Apanhou a bolsa e a maleta.

-Alguém pode me levar até o aeroporto neste instante, Dale? Quero falar com aquele tenente Todd de novo e assustá-lo um pouco. Sabe, fazer com que ele se preocupe e nos dê alguma atenção.

Fez uma pausa, pensando em um milhão de coisas ao mesmo tempo.

-Mas não posso telefonar para ele daqui sem que fique desconfiado... E tenho que arranjar um barco para amanhã... Oh, por falar nisso, espero que você tenha cópia positiva dessas fotografias para me dar.

Dale assentiu.

-Tenho -disse. -Mas primeiro sente-se e descanse um pouco. Quero mostrar outra coisa. Ainda não sei se é fenômeno real, mas se for...

Carol começou a protestar, mas havia alguma coisa no jeito dele que lhe disse para concordar. Sentou-se, e ele começou a discursar sobre algoritmos de destaque, explicando como as informações das figuras podiam ser estendidas para realçar determinados aspectos, permitindo assim uma interpretação mais fácil.

-Certo -disse ela. -A linha básica é o que eu preciso. Já sei como você e seus engenheiros são inteligentes.

Dale projetou a primeira imagem infravermelha na tela, a que mostrava por inteiro as três baleias debaixo do barco.

-Esta figura não tem muita granulação térmica. Cada pixel da região em tom de vermelho, por exemplo, não corresponde à temperatura exatamente igual. Na verdade, a diferença em temperatura para cada cor é de aproximadamente 2,7 graus. Mas se esticarmos a imagem, fazendo com que as regiões isotérmicas englobem apenas um grau cada, obtemos esta imagem.

Na nova imagem havia dez cores diferentes. Era muito mais difícil ver características individuais, e os pontos de dados simulados tomavam a figura extremamente difícil de ser interpretada. Uma porção da frente de uma das baleias estava agora com uma cor diferente do resto do animal.

-O limite de precisão do equipamento, no momento em que os dados grosseiros do espectro são convertidos em temperaturas, é de cerca de 0,5 grau. Mostrando outra extensão da mesma figura, com as regiões isotérmicas ligadas agora cobrindo apenas uma extensão total de 0,5 grau cada, a figura quase se toma incompreensível. Agora há vinte cores diferentes para as regiões isotérmicas e, porque o ruído ou erro de cada ponto dos dados é da mesma magnitude que a extensão na região térmica, é quase impossível ver as figuras de objetos conhecidos como as três baleias. Estou dizendo tudo isso para ter certeza de que você compreende que o que vou lhe mostrar em seguida pode estar completamente errado. Porém é absolutamente fascinante.

A imagem seguinte projetada na tela era um close do fundo do mar, logo acima da falha que Carol tinha seguido quando procurava encontrar a origem das trilhas. As linhas paralelas mal apareciam na imagem infravermelha. A fissura mal aparecia no lado esquerdo da imagem. De cada lado da falha, o azul por vezes entremeado de verde marcava os dois arrecifes. Carol olhou para Dale

com uma expressão atônita.

-Este close tem a mesma granulação de 2,7 graus que a imagem grande de referência. Não há nada significativo aqui. -Passou para outra figura. -Nem aqui, onde aumentamos o número de cores para dez. Mas olhe isso.

Mais uma imagem apareceu na tela. Era muito difícil entender a figura, quanto mais interpretar. Vinte cores diferentes ligavam estranhas regiões ao que parecia serem padrões ao acaso. A única coisa regular na figura eram as rochas de fundo sobre as quais o coral e outras vidas marinhas viviam. E eram essas rochas que deixavam Dale tão excitado.

-Era isso que eu queria que você visse -disse, apontando para as rochas dos dois lados da fissura. -As duas estruturas de arrecifes não têm a mesma cor. Por alguma razão desconhecida e absolutamente inexplicável, toda a área da rocha ao fundo sobre este arrecife apresenta cor esverdeada. No arrecife oposto, do outro lado da brecha, a uma distância pequena, toda a rocha é amarela. Uma diferença de 0,5 grau. Mas se algumas partes amarelas fossem entremeadas com o esverdeado, e vice-versa, eu diria que os dados não tinham significância e que o que estamos vendo são indicações de ruído. Mas este padrão é fora do normal.

Carol estava perdida. Podia ver que as rochas num dos arrecifes eram esverdeadas e que o arrecife oposto era amarelo. Mas isso não lhe dizia nada. Sacudiu a cabeça, mostrando que precisava de maiores explicações.

-Você não compreende? -disse Dale com um toque teatral. -Se esses dados estiverem certos, encontramos outra coisa de grande importância. Ou existe alguma fonte dentro de um desses arrecifes tornando sua superfície uniformemente mais quente, ou, e admito que isso possa parecer realmente inacreditável, um dos dois não é um arrecife, mas outra coisa semelhante.

4

Era quase impossível encontrar um lugar para estacionar no meio de um dia de semana em Key West, perto da casa de Amanda Winchester. A Marina Hemingway dera maior movimento à parte antiga da cidade onde ela morava, mas como sempre não tinham pensado no problema do estacionamento. Todas as mansões repintadas e restauradas do século XIX, ao longo das ruas Eaton e Caroline, tinham cartazes com os dizeres NEM PENSE EM ESTACIONAR AQUI SE NÃO FOR RESIDENTE, mas de nada adiantava. As pessoas que trabalhavam nas lojinhas próximas da marina estacionavam onde lhes fosse conveniente, evitando a taxa cara do estacionamento da marina.

Depois de procurar por uma vaga por mais de quinze minutos, Nick Williams decidiu parar perto de um mercadinho e andar um ou dois quarteirões até a casa de Amanda. Estava estranhamente ansioso. Parte do nervosismo devia-se à excitação, mas também sentia-se um pouco culpado. Amanda tinha sido a grande patrocinadora da expedição original do Santa Rosa, e Nick passara um tempo considerável com ela depois de encontrarem o tesouro. Amanda, Nick e Jake Lewis achavam que Homer Ashford e seu trio tinham de alguma forma escondido parte do tesouro e trapacearam na hora da divisão. Nick e Amanda juntaram forças para tentar encontrar provas de que Homer os roubara, mas nunca conseguiram provar nada de concreto.

Durante esse período Amanda e Nick ficaram muito íntimos, vendo-se praticamente toda semana, e ele a considerava uma espécie de tia ou avó. Mas depois de mais ou menos um ano, deixou de visitá-la. não tinha compreendido na época, mas a razão verdadeira de começar a evitá-la foi que Amanda passou a gostar dele com muita intensidade e de uma forma muito pessoal. Fazia-lhe perguntas demais sobre o que estava fazendo da vida.

Naquela manhã ele não teve opção. Amanda era reconhecida como a especialista em tesouros afundados pela região, Havia dois elementos na sua vida -tesouro e teatro -e seu conhecimento dos dois era enciclopédico. Nick não telefonara antes porque não queria falar sobre o tridente a não ser que ela estivesse disposta a

recebê-lo. Portanto foi com essa preocupação que tocou a campainha da porta de sua bela casa.

Uma jovem, por volta dos 20 anos, apareceu e abriu uma fresta da porta.

-Sim? -disse, pondo a cabeça pela fresta com um ar de prudência.

-Meu nome é Nick Williams -disse ele. -Gostaria de ver a sra. Winchester, se possível. Ela esta em casa? -Fez uma pausa. -Sou um velho...

-Minha avó está muito ocupada agora -interrompeu a mocinha. -Talvez seja melhor telefonar e marcar uma hora. -Começou a fechar a porta, deixando Nick de pé do lado de fora com a sacola. Então Nick ouviu outra voz, e a porta abriu-se.

-Meu Deus -disse Amanda com os braços abertos. -Um cavalheiro me visitando. Entre, Nikki, e me dê um beijo.

Nick ficou encabulado. Deu um passo a frente e abraçou a senhora de modo formal, começando a desculpar-se.

-Sinto muito não ter vindo mais aqui. você sabe, meu horário...

-Tudo bem, Nikki, eu compreendo -interrompeu-o Amanda alegremente. Seus olhos estavam tão aguçados que disfarçavam a idade. -Entre e diga o que o traz aqui. Tanto tempo, meu Deus, já faz uns dois anos que tomamos conhaque depois do Bonde? -Levou-o para um escritório e sentou-se junto a ele no sofá. -Achei que seus comentários sobre a atriz que fazia o papel de Blanche DuBois foram os mais interessantes que li durante toda a temporada. Você tinha razão, ela não podia ter feito esse papel, a não ser pela loucura. A mulher simplesmente não tinha a menor noção a respeito do apetite sexual feminino.

Nick olhou em volta. A sala mudara pouco naqueles oito anos em que estivera longe.

O pé-direito era muito alto, talvez de uns cinco metros. As paredes eram cobertas de estantes de livros, com prateleiras até o alto. Do outro lado da porta havia uma tela com o retrato de Amanda e o marido, do lado de fora de sua casa de Cape Cod, em tamanho grande. No fundo do quadro via-se parcialmente um

Ford 1955 novo. Ela estava radiantemente linda, por volta dos 30 anos, com um vestido de noite branco, debruado de vermelho nos punhos e na gola. O marido usava traje a rigor preto. Era quase careca, com cabelo louro e meio grisalho nas têmporas, e seus olhos eram calorosos e temos.

Amanda perguntou se Nick queria chá e ele assentiu. A neta Jennifer desapareceu pelo corredor, e Amanda pegou as mãos dele.

-Que bom que você veio, Nikki, tenho sentido sua falta. De vez em quando ouço uma coisinha aqui e ali sobre você e seu barco, mas em geral informação de segunda mão é sempre errada. O que tem feito? Anda lendo muito? Tem alguma namorada?

Nick riu. Amanda não mudara nada. Nunca deixara de fazer perguntas diretas.

-Não tenho namorada -disse. -O mesmo problema de sempre. As moças inteligentes ou são arrogantes ou emocionalmente imaturas, ou as duas coisas; as que são sensíveis e carinhosas nunca leram um livro na vida. -Por alguma razão, Carol Dawson lhe passou pela cabeça e ele quase disse “exceto uma”, mas calou-se a tempo. -O que preciso -continuou -é de alguém como você.

-Não, Nikki -replicou Amanda, fazendo-se séria de repente. Dobrou os braços no colo e ficou olhando fixo para o outro lado da sala. -Não -repetiu suavemente, a voz aumentando de intensidade à medida que se virava para ele, -Nem mesmo eu sou perfeita o bastante para você. Lembro-me bem de todas as suas visões fantasiosas de deusas jovens e graciosas. Você de certa forma misturou as boas partes de todas as mulheres de seus romances favoritos com seus sonhos de adolescente. Sempre achei que você colocava as mulheres num pedestal; elas tinham de ser rainhas ou princesas. Mas nas garotas que realmente namorou, procurou fraqueza, sinais de mediocridade e indicações de comportamento comum. Era como se esperasse descobrir que eram imperfeitas, detectar frestas nas armaduras delas para que pudesse justificar sua falta de interesse.

Jennifer chegou com o chá. Nick estava sem jeito. Esquecera-se como era conversar com Amanda. Sua investigação sentimental e as observações sobre assuntos que não lhe diziam respeito fizeram com que ele se sentisse pouco à vontade naquela manhã. não tinha ido ali para dissecar sua atitude com as mulheres. Mudou de assunto.

-Por falar em tesouro -disse, baixando-se para pegar a sacola -encontrei uma coisa muito interessante ontem, quando sai para mergulhar. Achei que talvez você já tenha visto uma coisa assim antes. -Tirou o tridente e passou-o para ela, que quase o deixou cair, pois não estava preparada para segurar aquele peso.

-Meu Deus -disse, com o braço magro tremendo do esforço de segurar o tridente dourado. -De que será feito? É pesado demais para ser de ouro.

Nick inclinou-se para a frente e segurou o objeto, sustentando-o para ela, enquanto passava os dedos por aquela superfície excepcionalmente lisa.

-Nunca vi nada assim, Nikki. não preciso olhar os livros e fotografias para fazer comparações. A perfeição do acabamento não coincide com as técnicas europeias durante ou depois da época dos galeões. Isso deve ser moderno, mas não posso dizer nada além disso. Onde o encontrou?

Ele lhe contou o básico da história, cuidadoso como sempre para não passar informações importantes. Não era só o acordo que tinha feito com Carol e Troy; caçadores de tesouro nunca confiam realmente em ninguém. Mas disse que achava que alguém tinha escondido aquela peça, assim como outras, para ir buscá-la mais tarde. Insistiu que esta ideia sua era uma explicação perfeitamente plausível para as trilhas vistas no fundo do mar.

-Sua história me parece muito pouco provável -disse Amanda -embora eu admita que estou perdida e não tenho uma explicação melhor. Talvez a srta. Dawson tenha algumas fontes que possam dar alguma luz à origem da coisa. Mas há pouca chance de eu estar enganada. Tenho visto pessoalmente fotografias em close de todas as peças significativas de tesouros descobertos pela região no século passado. Pode me mostrar uma peça nova hoje que provavelmente serei capaz de dizer em que país da Europa ela foi feita, e em que década. Se o objeto vem de um navio afundado, é um navio moderno, certamente de depois da Segunda Guerra Mundial. Além disso, não posso ajudá-lo.

Nick guardou o tridente na sacola e pôs-se de pé para ir embora.

-Espere só um minuto, Nikki -disse Amanda, levantando-se. -Venha aqui um instante. -Levou-o pelo braço e postou-o em frente ao grande retrato. -Você teria gostado de Walter, Nikki. Ele também era um sonhador e adorava procurar tesouros. Todo ano passávamos uma ou duas semanas no Caribe a bordo de um

iate, aparentemente procurando um tesouro, mas de um modo geral só dividindo os sonhos um do outro. Às vezes encontrávamos objetos no fundo do mar que não podíamos compreender, e criávamos conjecturas fantasiosas para explicá-los. Quase sempre havia alguma explicação prosaica, inferior às nossas fantasias.

Nick estava de pé ao seu lado com a sacola na mão direita. Amanda virou-se para ele e pôs a mão gentilmente no seu braço esquerdo.

-Mas não faz mal. Não me importei de termos voltado de mãos abanando a maioria das vezes, pois sempre encontramos o verdadeiro tesouro, nosso amor um pelo outro. Sempre voltávamos para casa renovados, rindo, e agradecendo pela vida ter permitido que passássemos mais uma semana ou dez dias no lugar onde imaginávamos, fantasiávamos e caçávamos tesouros juntos.

Seus olhos estavam suaves e cheios de amor. Sua voz era baixa mas apaixonada.

-Não sei quando ou se você vai voltar, Nikki, mas há coisas que tenho vontade de lhe dizer há algum tempo. Se quiser, pode considerá-las delírios de uma velha sentimental, mas talvez eu não tenha outra oportunidade de lhe dizer essas coisas. Você tem todos os atributos que eu gostava em Walter: inteligência, sensibilidade, imaginação. Mas há alguma coisa errada. Você está sozinho, e por escolha. Seus sonhos de tesouros, seu encanto pela vida você não divide. É muito triste para mim ver isso. -Parou um instante e olhou para a pintura. Depois completou seu pensamento, quase como se estivesse falando consigo mesma. - Pois quando se tem 70 anos e olha-se para trás para ver o significado da vida, não se focalizam as atividades solitárias. O que a gente se lembra são os incidentes tocantes, as vezes em que a vida foi enriquecida por um momento compartilhado com um amigo ou um amor. E nossa conscientização mútua desse milagre chamado vida que nos permite aceitar nossa mortalidade.

Nick não estava preparado para um encontro emocional com Amanda. Tinha pensado que iria dar uma passada para vê-la por uns minutos, perguntar-lhe sobre o tridente e depois ir embora. Fazendo uma retrospectiva, percebeu que tinha tratado Amanda com muita insensibilidade durante aqueles anos. Ela lhe oferecera uma amizade genuína e ele a jogara fora, afastando-a completamente de sua vida quando a relação dos dois não mais o interessava. Estremeceu ao reconhecer como tinha sido egoísta.

Caminhando lentamente pela rua, olhando a esmo para as belas casas construídas há mais de cem anos, Nick respirou fundo. Tinha experimentado emoções demais para uma manhã. Primeiro Monique, depois Amanda. É parece que o tridente não vai resolver todos os problemas. Engraçado como as coisas nunca acontecem isoladamente.

Viu-se meditando que talvez houvesse muita verdade no que Amanda lhe dissera.

Reconhecia que vinha se sentindo muito sozinho ultimamente. E pensava se a vaga solidão estava na verdade ligada à conscientização incipiente de sua própria mortalidade, a passagem daquela fase de vida encerrada por Thomas Wolfe em sua frase “Pois éramos jovens, e sabíamos que não podíamos morrer nunca”. Sentiu-se muito cansado quando chegou no final da calçada e virou a esquina para chegar ao estacionamento do mercadinho.

Viu-a antes que ela o visse. Estava de pé ao lado de sua Mercedes esporte, nova em folha. Levava uma pequena sacola marrom no braço e olhava pela janela do carro ao lado do dela, o Pontiac 1990 de Nick. Ele sentiu um jato de adrenalina, e depois raiva e desconfiança. Finalmente ela o viu, assim que ele começou a falar.

-Oi, Greta, que surpresa! Que coincidência estarmos nesta parte de Key West hoje exatamente na mesma hora.

-É, Nick, achei que era o seu carro. Como vai? -Greta colocou a sacola no capô do carro e aproximou-se amigavelmente. Não tinha notado ou tinha ignorado o sarcasmo dele. Usava um corpete amarelo sem manga e um short azul apertado. O cabelo louro estava puxado para trás em dois rabos-de-cavalo.

-Não banque a inocente comigo, Fraulein -reagiu Nick. -Sei que você não veio aqui para fazer compras. -Estava quase gritando. Gesticulava para enfatizar seus comentários e bloquear a aproximação de Greta -Esta não é uma das suas paradas habituais. Você veio aqui para se encontrar comigo. O que quer agora? -Abaixou o braço.

Dois passantes tinham parado para observar o que estava acontecendo.

Greta olhou-o um instante com aqueles olhos claros como cristal. Estava sem maquiagem, parecendo uma garotinha, não fossem as rugas no rosto.

-Você ainda esta muito zangado, Nick? Depois de todos esses anos? -aproximou-se dele e sorriu intencionalmente. -Lembro-me de uma noite, há quase cinco anos -disse, brincando -em que você não estava zangado. Teve prazer em me ver, perguntou se eu ficaria com você uma noite sem perguntar nada, e eu concordei. você foi maravilhoso.

Naquele momento Nick lembrou-se da noite chuvosa quando segurou Greta no momento em que ela saia do pier. Recordou-se também de como estava desesperado e tinha que tocar em alguém, qualquer pessoa, naquela noite em especial.

-Aquele noite foi depois do enterro do meu pai -disse ele com rudeza -e não significou porra nenhuma. -Olhou para o outro lado; não queria devolver o olhar penetrante dela.

-Não foi essa a impressão que eu tive -continuou Greta no mesmo tom brincalhão, mas sem emoção. -Senti você dentro de mim, provei seus lábios. Você não pode dizer que...

-Escute -interrompeu Nick irritado. -O que você quer? Não vou ficar aqui de pé toda a manhã discutindo com você sobre uma noite idiota cinco anos atrás. Agora sei que está aqui por alguma razão. O que é?

Greta deu um passo para trás e fechou a cara.

-Você é um homem muito difícil, Nick. Poderia ser tão divertido fazermos certas coisas se você não fosse um, como vou dizer, pé no saco. -Parou um instante. -Estou vindo da casa de Homer. Ele tem uma proposta para você. Quer ver o que você encontrou ontem no mar e quem sabe propor uma sociedade.

Nick deu uma risada de triunfo.

-Então eu estava certo. Mandaram você vir me encontrar. E agora aquele filho da puta quer fazer uma sociedade. Há! De jeito nenhum. Vocês não vão me roubar de novo. Diga ao seu empregador, ou seu amante, ou o que for, para enfiar a proposta no rabo. Agora, com licença.

Ele rodeou Greta para abrir a porta do carro. A mão forte de Greta pegou no braço dele.

-Você está cometendo um erro, Nick. -Seus olhos penetraram nos dele de novo. Um grave erro. Não tem dinheiro para fazer tudo sozinho. O que encontrou provavelmente não tem valor, e se não tiver, deixe que ele gaste o dinheiro. - Seus olhos de camaleão mudaram novamente. -E seria muito divertido trabalharmos juntos de novo.

Nick entrou no carro e ligou o motor.

-Não adianta, Greta. Está perdendo seu tempo. Agora preciso ir embora.

Saiu do estacionamento e seguiu pela rua estreita. O tesouro era a única coisa em que pensava. Tinha ficado deprimido por um instante com o que Amanda lhe dissera sobre o tridente, mas o fato de Homer querer vê-lo deu a Nick uma sensação de poder. Mas, perguntou-se, como é que ele já sabe? Quem falou? Ou será que alguém nos viu?

5

Quando o comandante Winters voltou ao escritório, após uma reunião programada com o departamento de relações públicas, sua secretária Dora lia tranquilamente o jornal de Key West.

-Ah -disse ela, chamando sua atenção deliberadamente. -O Vernon Winters que trabalha em A noite do iguana, que será apresentado no teatro de Key West hoje, é alguém que eu conheço? Ou há dois deles com o mesmo nome?

Ele riu. Gostava de Dora. Ela tinha quase 60 anos, era preta, avó de mais de doze crianças, e uma das poucas secretárias da base que tinha verdadeiro orgulho do trabalho. Tratava a todos, inclusive o comandante Winters, como se fossem filhos.

-Então por que não me contou? -disse, fingindo-se ofendida. -E se eu tivesse perdido? Eu lhe pedi no ano passado que não deixasse de me dizer quando fosse se apresentar.

Winters pegou na mão dela e deu uma apertadinha.

-Eu ia lhe dizer, Dora, mas minha memória falhou. E você sabe que minhas atividades dramáticas não são exatamente apreciadas pela Marinha, portanto não vivo falando disso por aí. Mas vou arranjar entradas para você e seu marido para daqui a alguns dias. -Olhou para a pilha de recados em cima da mesa.

-Tudo isso, hein? E eu só fiquei fora duas horas.

-Dois são urgentes, imagino. -Olhou o relógio. -Uma certa srta. Dawson do Miami Herald vai telefonar dentro de uns cinco minutos, e o tenente Todd ligou a manhã toda. Insistiu em vê-lo antes do almoço, senão não estará devidamente preparado para a reunião da tarde. Evidentemente deixou um longo recado no seu telecorreio confidencial hoje de manhã. Agora está furioso comigo porque eu não quis interromper suas reuniões para lhe dar o recado. É mesmo tão

importante?

O comandante Winters deu de ombros e abriu a porta do escritório. O que será que Todd quer? pensou. Acho que deveria ter checado meu telecorreio antes de sair às pressas para a reunião com o chefe.

-Já colocou todos os outros recados no computador? -perguntou a Dora, antes de fechar a porta. Ela fez que sim. -Muito bem, eu falo com a srta. Dawson quando ela telefonar. Diga a Todd que vou vê-lo daqui a quinze minutos. -Sentou-se a mesa e ligou o computador. Ativou o subdiretório do telecorreio e viu que já tinha três entradas novas naquela manhã, uma delas na seção CONFIDENCIAL. O comandante identificou-se, entrou com a palavra-código para confidencial e começou a ler a transmissão do tenente Todd.

O telefone tocou. Após uns segundos Dora tocou a campainha para avisar que era a srta. Dawson. Antes de começarem a falar, o comandante Winters concordou que a entrevista seria no vídeofone e poderia ser gravada. Reconheceu Carol imediatamente das suas participações ocasionais na televisão. Ela explicou que estava usando a aparelhagem de comunicação do Aeroporto Interacional de Miami.

-Comandante Winters -disse, sem perder tempo -temos uma informação não confirmada de que a Marinha esta engajada na procura de uma coisa importante e secreta no golfo do México, entre Key West e os Everglades. Seus relações públicas e um certo tenente Todd negaram a informação e disseram que todas as perguntas deveriam ser feitas ao senhor. Nossa fonte também nos disse, e depois verificamos ambos os fatos, que há hoje um grande número de navios de pesquisa navegando no golfo e que vocês vêm tentando alugar sofisticados telescópios marinhos do Instituto Oceanográfico de Miami. Tem algum comentário a fazer?

-Certamente, srta. Dawson. --O comandante deu o melhor de seus sorrisos. tinha ensaiado com cuidado a resposta na reunião matinal com o almirante. -É realmente incrível como os boatos voam, especialmente quando alguém suspeita de ações nefastas da Marinha. -Deu um riso reprimido. -Toda a atividade é apenas a preparação de manobras de rotina para a próxima semana. Alguns marinheiros que lidam com os navios de pesquisa estão um tanto fora de forma e queriam praticar um pouco esta semana. Quanto aos telescópios do IOM, pretendemos usá-los em nossas manobras para checar sua qualidade na avaliação

de ameaças submarinas. -Olhou diretamente para a câmera. -É isso, srta. Dawson. Não há nada de especial acontecendo.

Carol observou o comandante no monitor do aeroporto. Esperava alguém com um ar imponente de autoridade. Aquele homem tinha uma doçura nos olhos, uma espécie de sensibilidade pouco comum a um oficial militar. Teve uma ideia. Chegou perto da sua própria câmera.

-Comandante Winters -disse afavelmente -vou lhe fazer uma pergunta hipotética. Se a Marinha estivesse testando um novo tipo de míssil e este fosse extraviado, possivelmente ameaçando centros urbanos, não seria provável que a Marinha, por razões de segurança nacional, como sua defesa, negasse que isto tinha acontecido?

Por uma fração de segundo a expressão dos olhos do comandante Winters se transformou. Pareceu chocado, mas depois voltou a controlar-se.

-E difícil responder a essa pergunta tão hipotética -disse num tom formal -mas posso dizer que é uma política da Marinha manter o público informado de suas atividades. Só quando o fluxo de informação ao público possa significar prejuízo à nossa segurança nacional é que algum tipo de censura acontece.

A entrevista terminou rapidamente. Carol tinha conseguido seu objetivo. Droga, disse o comandante Winters a si mesmo quando Dora anunciou que o tenente Todd estava à sua espera. Eu devia saber que ela faria essa pergunta. Mas como sabia disso? Será que enganou Todd ou algum outro oficial? Ou será que alguém em Washington soltou a língua?

Abriu a porta do escritório para o tenente Todd, que entrou intempestivamente. Com ele estava outro jovem tenente, alto, de ombros largos, bigode, que lhe foi apresentado como tenente Ramirez da Divisão de informações da Marinha.

-Leu meu recado no telecorreio? O que achou? Meu Deus, é quase inacreditável o que os russos fizeram. Não tinha ideia de que eles podiam ser tão espertos. - Todd estava quase gritando enquanto rodeava o oficial.

Winters observou-o andando pelo escritório. Este jovem tenente, pensou, está muito apressado para chegar a algum lugar. Sua impaciência está transparecendo por todos os poros. Mas que diabo está falando sobre os russos? E por que este

mexicano musculoso está aqui com ele?

-Sentem-se, por favor -disse o comandante, mostrando as duas cadeiras do outro lado da mesa. Olhou sério para o tenente Todd. -E comece a explicar por que o tenente Ramirez está aqui. O senhor conhece os regulamentos; repassamos eles todos na semana passada. Só oficiais da mesma patente do comandante ou de patente mais alta estão autorizados a partilhar desse tipo de informação.

Todd imediatamente defendeu-se contra a censura.

-Comandante Winters -replicou -acredito que estamos lidando com um incidente de importância internacional, grande demais para ser tratado apenas por projetos especiais e engenharia de sistemas. Deixei recado no seu telecorreio às 8:30 da manhã para que o senhor entrasse em contato comigo o mais breve possível, que havia uma nova elucidação significativa no projeto Flecha Quebrada. Como não tive resposta até as 10 horas, embora tivesse tentado várias outras vezes falar com o senhor por telefone, fiquei preocupado de estarmos perdendo um tempo precioso. Contatei então Ramirez para que ele e seus homens pudessem começar o trabalho.

Todd ficou de pé.

-Comandante -recomeçou, elevando a voz de tanta excitação -talvez eu não tenha sido claro no meu recado pelo telecorreio. Temos provas concretas de que alguém comandou o desgarramento do Panther logo depois do SPRA ter sido ativado. Confirmamos, através de uma busca especial manual dos dados de telemetria intermitente, que os controles de recebimento do comando enlouqueceram durante um período de dois segundos antes do desvio do míssil.

-Acalme-se, tenente Todd, e sente-se. -Winters estava irritado, não só com a tranquila desobediência de Todd ao regulamento como também com sua acusação disfarçada de que ele tivesse tido uma atitude relapsa quanto aos recados recebidos. Seu dia começara com uma reunião com o almirante que comandava a base aérea, pedindo um relatório sobre todo esse caso do Flecha Quebrada. Portanto ainda não estivera no escritório, fora alguns minutos, até a hora em que voltou do departamento de relações públicas.

Quando Todd sentou-se de novo, Winters continuou com cuidado.

-Agora pare de histeria e de tirar suas conclusões pessoais. Quero os fatos, devagar e sem julgamento prévio. As acusações que fez há alguns instantes são muito sérias. A meu ver, o senhor chegou a conclusões infundadas depressa demais; talvez sua competência como oficial esteja em xeque. Portanto, comece tudo outra vez.

O tenente teve um lampejo de raiva no olhar e abriu seu caderno de notas. Quando falou, a voz saiu monótona, cuidadosamente modulada para evitar qualquer emoção.

-Precisamente às 3:45 desta manhã -começou -fui acordado por Ensign Andrews, que tinha trabalhado grande parte da noite no despejo de telemetria que solicitamos da base de Canaveral e do navio rastreador próximo de Bimini. Sua missão foi seguir a sequência programada dos acontecimentos a bordo do míssil Panther e determinar, a partir de telemetria dispersa se possível, se tinha havido a bordo quaisquer ocorrências logo antes do míssil disparar. Achamos que assim poderíamos ter oportunidade de isolar a causa do problema.

-Basicamente, Ensign Andrews era um detetive. Como o senhor sabe, o sistema de dados é bem restrito. Portanto, os pacotes de dados de telemetria vieram de modo um tanto artificial, o que significa que muitos dos valores dos dados com relação ao comportamento do míssil na hora em que mudou de direção não teriam sido enviados à Terra senão alguns minutos depois, depois do míssil ter saído do rumo e as estações de rastreamento já terem perdido e recuperado o alvo por duas vezes.

-Ensign Andrews me mostrou que nos dados intermitentes havia quatro medidas discretas tiradas do controle de recebimento de comando, um simples dispositivo que acrescenta um grau toda vez que uma nova mensagem de comando é recebida corretamente pelo míssil. De início não acreditamos no que vimos. Pensamos que talvez alguém tivesse cometido um erro ou que os mapas de desconversão estivessem errados. Mas por volta de 7 horas tínhamos checado os valores dos dois sítios de rastreamento e verificado que estávamos na verdade olhando no canal correto. Senhor comandante, 1,7 segundo depois do SPRA ter sido ativado, o controle receptor de comando registrou mais de 300 novas mensagens. E então o míssil desviou-se do alvo pretendido.

O comandante estava escrevendo num pequeno caderno de notas em espiral enquanto Todd falava. Levou quase meio minuto para terminar as anotações,

então olhou para Todd e Ramirez.

-Devo acreditar então -disse, cheio de sarcasmo -que estes são todos os dados conseguidos nos quais você deseja basear sua acusação à União Soviética e pôr o serviço de informações da Marinha em alerta? Ou há mais alguma coisa?

Todd pareceu confuso.

-O senhor acha mais provável -continuou o comandante Winters, agora elevando a voz -que os russos soubessem o código do teste de comando e transmitissem 300 mensagens em menos de dois segundos, exatamente no momento certo e de algum lugar ao largo da costa da Florida, do que em algum ponto do sistema do software 4.2 houvesse um erro que aumentasse impropriamente o controle receptor de comando? Meu Deus, tenente, use a cabeça. Anda vendo fantasmas por aí? Estamos em 1994. Não há quase nenhuma tensão no cenário internacional. Acredita que os russos sejam tão burros a ponto de arriscarem a trégua para comandar um míssil de um cruzador naval para fora de seu curso ainda em fase de teste? Mesmo que pudessem de alguma forma comandar o míssil para um local específico e depois recuperá-lo para estudá-lo através da engenharia reversa, por que correriam risco tao terrível para um retorno comparativamente tão pequeno?

Todd e Ramirez não abriram a boca durante a exposição do comandante. Ramirez estava começando a sentir-se pouco à vontade no final. A autoconfiança infantil de Todd tinha diminuído também, e ele começou a brincar com os dedos e a mexer com as mãos de forma distraída. Após uma longa pausa, Winters continuou com firmeza mas sem a exasperação do discurso inicial.

-Nós encomendamos alguns elementos específicos de trabalho ontem, tenente. Deveriam ter chegado hoje. Examine mais uma vez o software 4.2, especialmente para ver se houve algum erro na interface com o teste de comando que tenha aparecido durante o teste de módulo ou de integração. Talvez tenha havido um problema na rotina do controle receptor de comando que não foi corrigido na nova apresentação. E quanto à reunião desta tarde, quero que me mostre uma lista de possíveis módulos de falha que expliquem os dados de telemetria, que não os comandos enviados de uma potência estrangeira. E depois mostre o que planeja fazer para analisar cada módulo de falha e reduzir a lista.

Ramirez levantou-se para sair.

-Dadas as circunstâncias, comandante, acho que minha presença aqui é um tanto, hum, imprópria. Já instruí dois homens e iniciei um trabalho de investigação para ver se há agora ou houve recentemente qualquer atividade russa militar ou civil na área. Tinha pedido alta prioridade no trabalho. Em vista desta conversa, acho que deveria suspender...

-Não necessariamente -interrompeu o comandante Winters. -Pode ser muito difícil explicar isso neste momento. -Olhou para ambos os tenentes. -E não tenho a intenção de ser vingativo e fazer um relatório contra vocês, embora ache que os dois agiram precipitadamente e fora do regulamento. Não, tenente, continue com seu serviço de informações, talvez venha a ser importante algum dia. Mas não exagere demais a coisa. Eu aceito a responsabilidade.

Ramirez dirigiu-se a porta, claramente agradecido.

-Obrigado, comandante -disse sinceramente. -Achei por um instante que tinha entornado o caldo. Aprendi uma lição muito valiosa.

Winters cumprimentou o oficial do serviço de informações e disse a Todd, que também estava se preparando para sair, que voltasse a sentar-se. Andou até onde estava o quadro de Renoir e pareceu estudá-lo. Falou calmamente, sem se virar para o tenente.

-O senhor falou alguma coisa com a repórter Dawson sobre o míssil, ou ela mencionou um míssil quando vocês estavam conversando?

-Não, senhor, não aconteceu nada disso -assegurou Todd. -Ela foi até evasiva quando lhe perguntei o que tinha ouvido.

-Ou ela tem algum informante interno ou tem muita sorte -disse o comandante distraidamente, quase para si próprio. Chegou mais perto da pintura e imaginou poder ouvir o piano sendo tocado pela irmã mais moça. Naquele dia tinha ouvido uma sonata de Mozart, mas não era o momento certo para ouvir. Este jovem precisa levar uma boa lição, pensou.

-O senhor fuma, tenente? -perguntou, oferecendo a Todd um cigarro e pegando um para si. O rapaz sacudiu a cabeça.

-Eu fumo -disse Winters, acendendo um Pall Mall -embora haja mil razões para não dever fumar. Mas quase não fumo perto de não fumantes. É uma questão de consideração.

Foi até a janela e soltou a fumaça. Todd ficou intrigado.

-E agora -continuou Winters -estou fumando, estranhamente, também por consideração. Pelo senhor. Como vê, tenente Todd -disse, dando uma volta teatral -fico mais calmo depois de um cigarro. O que significa que posso lidar melhor com minha raiva.

Deu uns passes até a cadeira do tenente.

-Porque estou morto de raiva disso tudo, rapaz. Pode ter certeza disso. Uma parte de mim quer fazer do senhor um exemplo, talvez até mandá-lo à corte marcial por não cumprir com o regulamento. O senhor é sabichão demais, seguro demais de suas próprias conclusões. O senhor é perigoso. Se tivesse cometido um deslize e feito alguns comentários que fez aqui para aquela repórter, seria um deus-nos-acuda. Mas -deu a volta por trás da mesa e jogou fora a ponta do cigarro -sempre acreditei que não se deve ser crucificado por um único erro.

Sentou-se e encostou-se na cadeira.

-Cá entre nós, tenente, o senhor esta sob sursis comigo. Não quero ouvir mais nenhuma bobagem sobre esse incidente internacional. É um mero caso de mau funcionamento de um míssil de teste. Faça seu trabalho com cuidado e minúncia. Não se preocupe, será notificado se o trabalho for feito corretamente. O sistema não está cego quanto à sua ambição e seu talento. Mas se vier mais uma vez com novidades sobre esse problema, eu vou providenciar pessoalmente para sujarem sua ficha.

Todd percebeu que estava sendo mandado embora. Ainda estava zangado, agora mais consigo mesmo, mas sabia que não podia mostrar nada do que sentia. Considerava o comandante Winters um velho competente e chato, e detestava levar sermão dele. Agora, porém, não tenho chance a não ser calar a boca, disse a si mesmo ao deixar o escritório do comandante.

6

A luz de recado de Nick estava piscando quando ele entrou em casa depois do encontro com Amanda e com Greta. Colocou a sacola com o tridente no armário e ligou a secretária eletrônica. Julianne apareceu na telinha de três polegadas. Nick sorriu para si mesmo. Ela sempre deixava todas as mensagens, mesmo que fossem pequenas, no vídeo.

-Desculpe dizer isso, Nick, mas seu charter para Tampa no domingo acabou de ser cancelado. Disseram que há uma previsão de tempestade. De qualquer forma -Fez uma pausa de uns segundos. -Aliás, Linda, Croinne e eu vamos ao Sloppy Joe's hoje à noite ouvir Angie Leatherwood. Por que você não vai até lá dar um alô?. Talvez eu lhe pague um drinque.

-Que merda, disse Nick a si próprio. Eu precisava do dinheiro. E Troy também. Automaticamente, entrou com o nome de Troy no pequeno painel próximo do fone e esperou que ele atendesse e ligasse o vídeo.

-Alô, professor. O que está fazendo num dia tão bonito? -Estava bem-humorado, como sempre. Nick não podia entender como uma pessoa podia ter um humor eternamente bom.

-Tenho más notícias, meu amigo -disse Nick -Primeiro, Amanda Winchester disse que nosso tridente é moderno e que tem quase certeza de que não pertence a um tesouro antigo. Da minha parte, não estou completamente convencido, mas não é nada promissor. Segundo, e provavelmente mais importante no momento, nosso Charte foi cancelado. Não temos trabalho para este fim de semana.

-Poxa -disse Troy, franzindo o rosto. -Isso cria mesmo um problema. -Por um instante pareceu que Troy não sabia o que ia dizer. Depois o Troy de sempre voltou, rindo animado. -Ei, professor, tive uma ideia. Como nenhum dos dois tem o que fazer de tarde, por que não vem aqui na minha casa tomar uma cerveja com batatas fritas? Quero lhe mostrar uma coisa. -Seus olhos brilhavam.

Em qualquer outra ocasião, Nick teria recusado o convite de Troy e teria ficado em casa lendo Madame Bovary. Mas a manhã tinha sido especialmente cheia de emoções pesadas, e Nick tinha consciência de que precisava de alguma leveza. Sorriu para si próprio. Troy era um sujeito muito engraçado. Uma tarde de farra pareceu convidativa; além do mais, já trabalhava com Troy há quatro meses e nunca tinham tirado um tempo para se encontrarem socialmente. Embora passassem muitas horas trabalhando no barco, Nick não fora ao seu apartamento nenhuma vez.

-Tudo bem -respondeu -você venceu. Eu levo a comida e você a bebida. Chego aí dentro de 20 a 30 minutos.

Quando Nick parou o carro em frente ao duplex pequeno de uma das zonas mais antigas de Key West, Troy estava chegando. Aparentemente caminhara até uma loja perto, pois estava carregando uma sacola grande de papel pardo com três caixas de cerveja.

-Isso deve dar para a tarde toda -disse, piscando para Nick e levando-o até a porta. Havia um bilhete pregado na porta, dizendo: “PROF., VOLTO NUM INSTANTINHO -TROY.” Troy tirou o bilhete e pegou a chave que estava escondida em cima da porta.

Nick não tinha pensado como seria o apartamento de Troy, mas com certeza não achava que a sala seria o que era. Estava toda arrumada, e os móveis pareciam ser do tempo da vovó. O conjunto de sofás velhos e espreguiçadeiras compradas na vizinhança, de segunda mão (nenhuma peça era da mesma cor que a outra, o que não tinha importância para Troy; móveis para ele eram uma coisa funcional, não peças de decoração), distribuíam-se num retângulo, com uma mesa de centro bem no meio.

Havia uma variedade de revistas sobre eletrônica e vídeo arrumadinhas em cima dela. Num lugar de destaque ficava a aparelhagem de som, com quatro alto-falantes grandes colocados harmoniosamente nos cantos para que o som fosse o mais perfeito possível. Assim que entraram, Troy foi até o toca-discos CD estéreo e ligou-o. Ouviu-se uma voz de mulher acompanhada de um piano e um violão.

-Esse é o novo álbum de Angie -disse Troy, passando uma cerveja para Nick. Foi

até a cozinha enquanto Nick observava a sala. -O empresário dela acha que vai estourar. Love Letters não fez tanto sucesso, mas ela ganhou mais de 250 mil dólares assim mesmo. Fora o dinheirão que vai fazer com a turnê.

-Eu me lembro de você dizer que a conhecia -disse Nick, dando um grande gole na cerveja. Tinha atravessado a sala para olhar a caixa de discos, onde Havia uns 60 ou 70 cuidadosamente arrumados. Na capa que estava em cima da caixa via-se uma preta jovem e bonita, com uma iluminação suave ao fundo, vestida com um longo preto. O título do disco era Memories of Enchanting Nights.

-Sabe mais alguma coisa da vida da srta. Leatherwood? -perguntou Nick, olhando para Troy. -Ela é divina, se quiser minha opinião.

Troy foi até ele. Programou o toca-discos para oito músicas do álbum.

-Achei que você não iria perguntar -disse, rindo. -Essa música provavelmente responde melhor. -Sentou-se numa das espreguiçadeiras estranhas e ficou ouvindo a balada suave e ritmada ao fundo. O título era "Let me Take Care of you, Baby". Contava a história de um amante talentoso que fazia a cantora rir em casa ou na cama.

Os dois se entendiam, eram amigos, mas ele não falava em compromisso porque não podia assumir nada. No final da canção a mulher pede que ele engula o orgulho e deixe que ela facilite as coisas para os dois.

Nick olhou para Troy e rolou os olhos, enquanto ele sacudia a cabeça.

-Jefferson -disse Nick -você é demais. Nunca sei quando esta dizendo a verdade ou quando esta sacaneando os outros.

Troy riu e ficou de pé em frente ao sofá.

-Mas, professor -protestou -é isso que faz a vida interessante. -Chegou até Nick e pegou sua lata de cerveja vazia. -E difícil de acreditar, não é? -disse, ainda sorrindo e olhando diretamente para Nick -que sua primeira amante preta passe a ter dimensões que você não conhece.

Virou-se e foi até a cozinha. Nick ouviu-o abrindo as latas e colocando umas batatas numa tigela.

-Então -gritou Nick -estou esperando. Qual é a história?

-Angie e eu nos conhecemos há cinco anos -disse Troy da cozinha. -Quando começamos a sair juntos, ela tinha só 19 anos e era completamente ingênua. Uma noite estávamos aqui, logo depois que eu me mudei, ouvindo um disco de Whitney Houston e Angie começou a cantar.

Troy voltou para a sala, colocou a tigela em cima da mesa de centro e sentou-se numa cadeira ao lado de Nick.

-Apresentei-a ao dono de uma boate local. Em um ano ela tinha contrato para gravar um disco e eu tinha um problema. Ela era minha mulher, mas eu não tinha como prendê-la. -Ficou quieto por um instante, excepcionalmente. -uma merda quando o orgulho ultrapassa seus sentimentos pela única mulher a quem se amou.

Nick ficou surpreso de ver que a revelação íntima de Troy tinha mexido com ele. inclinou-se para a frente e pôs a mão no ombro de Troy, num gesto de compreensão. Troy mudou de assunto depressa.

-E você, professor? Quantos corações já estraçalhou? Vi como Julianne e Corinne e até mesmo Greta olham para você. Por que nunca se casou?

Nick riu e tomou um gole de cerveja.

-Meu Deus, hoje deve ser meu dia de sorte. Sabe, Jefferson, que você é a segunda pessoa que me pergunta hoje sobre minha vida amorosa? A primeira foi uma senhora de 71 anos.

Tomou outro gole.

-For falar em Greta -continuou -dei de cara com ela hoje de manhã, e não foi por acaso. Estava me esperando enquanto eu falava com Amanda. Sabia que encontramos ontem alguma coisa e queria fazer uma oferta de sociedade. Você sabe alguma coisa sobre isso?

-E fácil -disse Troy. -Homer deve ter mandado ela nos espionar. Quando terminei o trabalho no barco ontem à noite ela estava lá me esperando para colher alguma

informação. Tinha visto você sair com a sacola e ou adivinhou ou sabia que tínhamos encontrado algo. Eu não lhe disse nada, mas também não neguei. Lembre-se de que Ellen viu Carol e eu na sede da marina com todo aquele maldito equipamento.

-E, eu sei -disse Nick -e realmente não esperava que isso ficasse em segredo toda a vida. Só queria poder encontrar mais peças do tesouro, se é que existem, antes que esses intrometidos comecem a seguir todos os nossos passos.

Os dois ficaram em silêncio bebendo cerveja.

-Mas você tentou evitar minha pergunta -disse Troy com um sorriso malicioso. O assunto era mulher. Como é que um sujeito como você, bonitão, culto, evidentemente macho, não tem uma namorada permanente?

Nick pensou por um instante. Estudou o rosto amigo e puro de Troy e decidiu arriscar.

-Não tenho certeza, Troy -disse sério -mas acho que sempre afasto elas todas. Quando encontro uma coisa errada em uma delas invento uma desculpa. -Uma nova ideia veio a cabeça. de Nick. -Talvez esteja querendo ir à forra, de certo modo. Você falou em estraçalhar corações; o mais atingido foi o meu mesmo. O meu foi rasgado em pedaços quando eu era rapazinho por uma mulher que certamente nem se lembra mais de mim.

Troy levantou-se da cadeira e foi até o toca-discos para mudar a música.

-Veja nos dois -disse, com suavidade -ambos lutando com a infinita complexidade da espécie feminina. Que continuem para sempre loucas, misteriosas e maravilhosas. Por falar nisso, professor -disse, com seu sorriso característico -trouxe esse assunto à tona para dar um aviso. A não ser que me engane, aquela repórter está de olho em você. Ela gosta de desafio, e até agora você só deu sinais negativos a ela, para não dizer mais.

Nick pulou da cadeira.

-Vou buscar outra cerveja, meu amigo. Até agora achei que estava conversando com uma pessoa de visão e compreensão. Mas vejo que estou falando com um

preto imbecil que acha que palavrão é uma forma de carinho. -Fez uma pausa ao ir para a cozinha buscar umas batatas fritas. -Aliás -gritou para Troy entre uma dentada e outra -você disse no telefone que queria me contar uma coisa. Era sobre o álbum de Angie Leatherwood ou alguma outra coisa?

Troy foi até o corredor quando Nick voltava com a cerveja.

-Não -disse com sinceridade -era outra coisa. Mas queria conversar com você primeiro para ter certeza de que... bem, não sei por quê, talvez para me certificar de que você não iria fazer pouco de mim.

-Do que esta falando? -perguntou Nick confuso.

-Está aqui -respondeu Troy, dando uma pancada numa porta fechada do corredor, do outro lado da sala. -E o meu bebê. Estou trabalhando nisso há mais de dois anos, a maior parte do tempo sozinho, embora o irmão artista de Angie, Lanny, tenha me ajudado um pouco. Agora quero fazer uma experiência. -Sorriu. -Você vai ser meu primeiro juiz alfa.

-Que diabo... estou perdido. O que é um juiz alfa? -A sobrancelha de Nick franziu-se enquanto ele tentava seguir a conversa. As duas cervejas no seu estômago já tinham começado a fazer efeito.

-Minha invenção -disse Troy lentamente, pronunciando bem as palavras -é um jogo de computador. Estou trabalhando nele há dois anos, e você vai ser o primeiro estranho a brincar com ele.

Nick engoliu em seco, como se tivesse comido um pedaço de torta de grapefruit.

-Moi? -exclamou. -Quer que eu jogue com o computador? Quer que eu, com coordenação motora quase inexistente mesmo quando estou sóbrio, me sente e atire nos inimigos, ou jogue bombas ou bolinhas de gude numa velocidade colossal que só os adolescentes conseguem fazer? Jefferson, você perdeu o juízo? Eu sou Nick Williams, o sujeito que você chama de professor, o homem que se senta e lê livros para se divertir.

-Muito bem, muito bem -replicou Troy, rindo muito da reação de Nick. -você é um perfeito juiz alfa. Meu jogo não é um desses para testar os reflexos, embora em alguns momentos a manobra seja bastante rápida. É um pouco como um

romance, só que o jogador define o resultado do jogo. Minha meta é o grande público e estou incluindo uma porção de truques tecnológicos fora do comum. Gostaria de ver como você vai reagir.

Troy considerou o encolher de ombros de Nick como um assentimento e abriu a porta do que deveria ser seu quarto. Em vez disso, Nick viu uma coleção quase fantasmagórica de equipamentos eletrônicos em cada canto do grande quarto. Sua primeira impressão foi de caos total, mas depois de sacudir a cabeça e esfregar os olhos sentiu uma certa ordem na montoeira de lentes, monitores, cabos, computadores e peças esparsas e soltas. De um lado do quarto via-se uma cadeira de cerca de três metros em frente a uma tela gigantesca. Entre a cadeira e a tela ficava uma mesa baixa com um teclado. Troy disse a Nick que se sentasse.

-Meu jogo se chama Aventura Estranha -disse, excitado -e vai começar assim que eu introduzir o disquete e você estiver pronto no teclado. Mas preciso dizer umas coisas primeiro, antes de começar. -Ajoelhou-se ao lado de Nick e apontou para o teclado. -Há três teclas críticas que você tem de se lembrar enquanto joga. Primeiro, a tecla X para o relógio. No momento em que você começar o jogo, o relógio começa a funcionar. Enquanto estiver funcionando você estará consumindo recursos vitais. Só há esse único meio de parar o relógio para você se concentrar sem sofrer uma penalidade. Apertando a tecla X poderá parar para pensar.

-Mais importante que a X é a tecla S, que permite uma avaliação ou, como vocês dizem, salva o jogo. Agora você não consegue entender o que estou dizendo, porque nunca jogou jogos complicados de computador, mas acredite, vai ter de aprender pelo menos como salvar o jogo. Quando apertar a tecla S, todos os parâmetros do jogo serão escritos numa base especial de dados que tem um único identificador. Depois, em qualquer outra hora futura, poderá chamar esse identificador e o jogo recomeçará do lugar em que você o suspendeu. Este recurso pode ser um salva-vidas. Se você escolher um caminho perigoso e seu personagem acabar morrendo, é este recurso que evita que o jogo tenha de ser reiniciado.

Nick estava espantado. Aquele era um Troy diferente do que conhecia. É verdade que tinha ficado um pouco surpreso e bastante impressionado com a capacidade do companheiro de ajustar qualquer peça de material eletrônico do barco, mas nunca na vida imaginaria que Troy saísse do barco e fosse para casa trabalhar com peças semelhantes e de uma forma muito mais criativa. Agora

aquele mesmo preto sorridente o fizera sentar-se na cadeira em frente a tela gigantesca e ensinava-o pacientemente como se ele fosse uma criança. Mal podia esperar para ver o que iria acontecer em seguida.

-Finalmente -disse Troy, perguntando com os olhos se Nick o seguia -temos a tecla H, ou tecla de ajuda. Se você simplesmente ficou sem imaginação e não sabe o que fazer, aperte a tecla H. O jogo lhe dará umas dicas para sua atuação. Mas vou lhe avisar uma coisa: o relógio continua enquanto você esta sendo ajudado; e há alguns pontos do jogo, como por exemplo durante uma batalha, em que apertar a tecla H pode ser desastroso, pois você fica totalmente indefeso enquanto o jogo estará processando a ajuda pedida. A H é mais útil quando você está num lugar calmo e tentando calcular sua estratégia geral.

Ainda agachado por trás dele, Troy lhe passou um pequeno caderno espiral e disse para abri-lo. A primeira página dizia “Dicionário de Comando”. Em cada página Havia uma entrada separada, escrita legivelmente a mão, explicando o comando do jogo que iria resultar do toque da tecla assinalada no alto da página.

-Aqui está o resto de seus comandos, 50 ao todo -disse. -Mas não precisa memorizá-los, eu o ajudo. você próprio vai aprender alguns depois de jogar um pouco; a maior parte dos comandos importantes é ativada com um simples toque no teclado, mas alguns requerem duas entradas.

Nick deu uma olhada no caderno, notando que a tecla L atendia ao comando “ver”. Mas era necessária outra entrada para identificar qual instrumento estava sendo usado para ver. L seguido de I, por exemplo, significava ver com os olhos. L8, ver com um espectrômetro ultravioleta, que não sabia o que era. Já estava fascinado. Olhou para o amigo, que fazia a verificação final de alguns equipamentos.

Troy voltou para a cadeira e olhou para Nick.

-Agora -disse, -acho que você está pronto. Alguma pergunta?

-Só uma, meu senhor e guia -replicou em tom de troça. -Posso beber outra cerveja antes de arriscar minha virilidade nesse mundo estranho da sua criação?

Na verdade, Nick ainda não estava pronto para o jogo. Mesmo depois de Troy introduzir os três disquetes compactos, teve de haver mais treinamento até Nick

conseguir jogar sozinho. Teve de entrar seu nome, raça, idade e sexo em resposta às perguntas que apareceram na tela gigante. Olhou para Troy balançando a cabeça em sinal de curiosidade com uma expressão de espanto.

-Não faça perguntas agora -disse Troy. -Logo tudo vai se esclarecer.

A tela ficou então coberta com um belo planeta circular, parecendo a representação que um artista que gostasse de roxo faria de Saturno. A perspectiva era do polo do planeta; os anéis eram todos dispostos como as diversas seções de um tiro ao alvo. Pequenas manchas de luz brilhavam de forma intermitente nos anéis, indicando que o sol ou estrela, ou qualquer que fosse a fonte da luz refletida, estava na vizinhança do espectador. Era um quadro lindo. Um simples crédito em letra de forma, Aventura Estranha, de Troy Jefferson, sobrepunha-se ao planeta durante dois a três segundos, e o som de música clássica suave era ouvido no quarto. Nick fez força para não rir quando ouviu a voz de Troy, séria e um pouco acanhada, vindo de um dos alto-falantes.

A gravação explicava as condições iniciais do jogo. O aventureiro estava numa estação espacial na órbita polar em volta de Gunna, o maior planeta pertencente a outro sistema solar cujo corpo central era a estrela do tipo G que chamamos de Tau Ceti, a cerca de dez anos-luz apenas da Terra. “Tau Ceti tem oito corpos primários no seu sistema”, dizia a voz de Troy, “a saber, seis planetas e duas luas”.

“Mapas do sistema estão disponíveis com o comissário na estação espacial”, continuava a voz, “embora algumas regiões não tenham sido completamente mapeadas. Quando começar sua aventura, você estará dormindo na cabine da estação. Um alarme soa no seu receptor pessoal...”

A voz desaparecia e o som de um alarme era ouvido. O quadro da tela gigante era o interior da cabine espacial, certamente tirada de um dos muitos filmes de sucesso de ficção científica. No canto superior direito da tela via-se o relógio digital do jogo que mudava uma unidade a aproximadamente cada quatro segundos. Nick olhou desesperado para Troy, que lhe sugeriu apertar a tecla L. Em poucos segundos percebeu que podia usar as teclas de direção do painel para observar coisas específicas em sua cabine. Toda vez que tocava numa tecla de direção, o quadro da tela mudava para corresponder a um ponto de vista diferente. Nick notou que havia uma figura felpuda na sua pequena televisão e seguiu as instruções de Troy de observá-la até

que ela ficasse mais clara.

Quando o foco da televisão da sua cabine ficou mais nítido, viu uma moça com um vestido comprido de um vermelho brilhante que ia quase até o chão. Estava de pé num quarto pequeno, mobiliado apenas com uma cama, uma mesinha e uma cadeira. Entrava alguma luz no quarto pela única janela perto do teto e por trás da mesinha.

Havia grossas barras verticais na janela.

A câmera aproximou seu rosto. Nick inclinou-se para frente na cadeira.

-Ei... ei, é Julianne -disse Nick atônito, assim que a moça começou a falar.

-Capitão Nick Williams -disse, para sua surpresa -nós não nos conhecemos, mas sua reputação de coragem e justiça é incomparável na Federação. Sou a princesa Heather de Othen. Quando estava no grande baile de posse do vice-rei de Toom, fui raptada e levada a fortaleza do planeta Accutar. Disseram ao meu pai, o rei Merson, que só vão me libertar quando ele lhes ceder todos os asteroides ricos em ferro da região de Endelva.

-Ele não pode fazer isso, Nick -continuou a princesa com seriedade, enquanto a câmera aproximava seu rosto -senão privaremos nosso povo de sua única fonte de hanna, a chave da nossa imortalidade. Minhas fontes me dizem que meu pai já está se consumindo de tanto pensar na sua situação desesperada. Minha irmã Samantha fugiu de Othen com uma divisão-chave de nossos melhores soldados e uma imensa quantidade de hanna. não ficou claro se ela pretende tentar me libertar ou revoltar-se contra as ordens de meu pai, caso ele decida abrir mão dos asteroides de Endelva em troca da minha vida. Ela sempre foi completamente imprevisível.

-Ontem os willens que me raptaram deram um ultimato a meu pai. Ele tem de tomar uma decisão dentro de um mês, caso contrário serei decapitada. Capitão Williams, por favor me ajude. Eu não quero morrer. Se o senhor me salvar, divido o trono de Othen e o segredo da nossa imortalidade. Poderemos viver para sempre como rei e rainha.

A transmissão parou de repente e a imagem sumiu. A tela mostrou de novo uma imagem do interior da cabine de Nick na estação espacial. Nick resistiu ao

impulso de aplaudir e ficou imóvel. De certa forma Troy transformara Julianne numa verdadeira princesa Heather. Mas como meu nome apareceu no elenco? pensou. Queria fazer perguntas, mas uma mensagem de advertência passou pela tela gigante, indicando que o tempo estava passando e o aventureiro não estava agindo. Encontrou a tecla X e o relógio digital da tela parou. Virou-se para Troy.

-E agora, o que eu faço?

Com a ajuda de Troy, equipou-se para uma viagem, encontrou o caminho do porto espacial e entrou numa pequena nave. Apesar das dicas de Troy de que suas chances de sobreviver em “espaço aberto” eram poucas, a não ser que passasse mais tempo examinando as outras possibilidades da estação espacial, Nick decolou. Foi muito divertido. Usou os comandos do teclado para controlar a velocidade e a direção.

O que via na tela combinava perfeitamente com seus comandos, dando-lhe a ilusão de que estava de fato voando num veículo espacial. Viu muitos outros veículos no monitor enquanto manobrava na direção do seu alvo -um planeta chamado Gunna -mas nenhum deles aproximou-se de sua nave. Fora da esfera de influência de Gunna, contudo, uma nave com bico de agulha aproximou-se dele rapidamente e, sem aviso, bombardeou-o com uma bateria de mísseis. Nick não conseguiu escapar.

A tela encheu-se do fogo da explosão de sua nave. Então o monitor ficou escuro, aparecendo uma única mensagem, “Fim do jogo”, em letras brancas no meio da tela.

-Hora de mais uma cerveja? -perguntou Nick, surpreso de ver que estava verdadeiramente decepcionado com a morte do seu personagem.

-Vamos lá, Capitão -respondeu Troy.

Foram juntos até a cozinha. Troy abriu a geladeira e tirou mais duas cervejas, passando uma para Nick. O professor ainda estava absorto pensando no jogo.

-Se me lembro bem, Havia quatro seções marcadas no mapa da estação espacial disse Nick. -E eu só entrei em duas. Pode me dizer o que há nas outras duas seções?

-Você não viu a lanchonete e a biblioteca -disse Roy, encantado de Nick ainda estar interessado. -A lanchonete não tem nenhuma importância -acrescentou rindo embora nunca tenha visto você ir a lugar algum sem antes comer. Mas a biblioteca...

-Não me diga -interrompeu Nick. -Deixe-me imaginar. Na biblioteca posso aprender sobre os willens e os otheners, ou seja lá que nome for, que podem viver para sempre, e saber o que é exatamente um vice-rei de Toom. -Sacudiu a cabeça. -Poxa, Troy. Estou impressionado mesmo. Não consigo imaginar como alguém pode criar uma coisa assim, e acho que cheguei só na superfície da coisa.

-Já está pronto para continuar, professor? -falou Troy, reconhecendo o elogio e dando um risinho. -Só um conselho. Enquanto estiver na biblioteca, olhe a Enciclopédia de veículos Espaciais para poder pelo menos distinguir uma nave da outra quando aparecerem, senão nunca vai alcançar a parte emocionante do jogo.

A tarde passou depressa. Nick achou que escapar para o mundo imaginativo de Troy era altamente relaxante, exatamente o tônico de que precisava depois das lembranças matinais de Monique. Troy sabia que Nick estava gostando da brincadeira e ficou feliz com isso. Sentiu orgulho de sua criação, e a crença de que a Aventura Estranha seria seu passaporte para o sucesso poder renascer.

Em sua busca vã pela princesa Heather, Nick morreu mais duas vezes. Uma, quando aterrissou no planeta Thenia não mapeado e um preto com cabeça de lagarto aproximou-se e lhe disse para sair, pois lá só havia confusão e nada mais. Nick ignorou o conselho e se afastou da nave num jipe. Escapou por um triz de uma erupção vulcânica, mas foi tragado por uma coisa viscosa que saía do chão perto de onde tinha aterrissado.

Em outra reencarnação encontrou Samantha, a irmã da princesa Heather, representada em duas cenas pela amiga rechonchuda de Julianne, Corinne. Na verdade, Troy fizera com que Corinne se parecesse com Susie Q, a bela rainha pornô do início da década de 1990, e a maior parte das imagens reais que apareceram no jogo foram tiradas do clássico irreverente O prazer e a fronteira da dor. Passagens rápidas de nova filmagem com imagens emprestadas davam a impressão de se estar no filme com Susie Q, enquanto ela oferecia delícias sexuais irrecusáveis.

Samantha, Aliás Susie Q, Aliás Corinne, seduziram Nick e depois o esfaquearam com uma adaga pequena quando ele estava nu deitado na cama. A essa altura os dois homens estavam tomando as últimas cervejas, e a combinação de cenas pornográficas com álcool tomara a conversa grosseira e crua.

-Merda -exclamou Nick, pedindo a Troy para passar de novo a cena em que Samantha/Susie Q, nua, chega na câmera para pôr seu pênis ereto na boca. - Nunca, nunca ouvi falar de um jogo de computador que quase flzesse você ter um orgasmo. Cara, você é um pervertido. Um Gênio, sim, concordo. Mas totalmente pervertido. O que levou você a colocar cenas de sexo nesse jogo?

-Ei, cara -riu Troy, pondo o braço em torno de Nick quando entraram cambaleando na sala -o jogo significa vendas. E aqui mesmo, na Divertimentos Tecnológicos (apanhou uma revista de cima da mesa), diz que 72%, meu amigo, 72% de todas as pessoas que compram jogos de computador estão entre 16 e 24 anos e são do sexo masculino. E sabe do que esse grupo gosta além de jogos de computador e ficção científica? Sexo, cara. Não imagina um adolescente se escondendo no quarto para jogar esse jogo e depois bater uma punheta? É isso. - Troy afundou-se numa das espreguiçadeiras e bateu no peito.

-Você esta louco, Jefferson -disse Nick, vendo a exibição de Troy. -Não sei se vou ter coragem de ficar sozinho de novo com você num barco. Você não bate bem, definitivamente. Quer dizer, imagine as histórias. Aventura Estranha apresenta um encontro com Susie Q, a rainha da pornografia, num castelo subterrâneo no asteroide Vitt. Aliás, como é que você conseguiu todos esses trechos de filmes que estão lá?

-Muita pesquisa e muito trabalho, professor -respondeu Troy, começando a acalmar-se um pouco. -Lanny e três amigos passaram muito tempo, talvez mil horas, vendo filme por filme, tentando encontrar exatamente os cortes certos. E nada disso seria possível, é claro, sem os novos métodos de armazenamento de dados. Podemos agora armazenar uma excelente versão digital de todos os filmes feitos nos Estados Unidos num depósito do tamanho deste duplex. Eu só usei as possibilidades da base de dados ao máximo.

Nick amassou uma lata de cerveja na mão.

-É realmente fabuloso. Mas não estou certo quanto à questão do sexo. E por que o jogador é obrigado a informar sua raça no início do jogo? Não acha que vai

ofender algumas pessoas? Não vi nada no jogo que se baseasse na informação racial.

Embora bêbado, Troy ficou sério por um instante e quase triste.

-Olhe aqui, cara -disse com firmeza -sexo e raça fazem parte da vida. Pode ser verdade que as pessoas usem jogos de computador básica mente como diversão, e que prefiram não se confrontar com alguns tópicos quando estão se divertindo, mas eu quero ter direito a alguma licença criativa. A raça nos acompanha sempre e ignorá-la, penso eu, só contribui para aumentar o problema.

Troy brilhou-se.

-Ei, professor. Aquele homem-lagarto que avisou sobre os perigos de Thenia era preto. Você continuou apesar do aviso, mas se ele fosse branco? Teria dado meia-volta e entrado na nave? Um preto jogando esse jogo vai encontrar um branco-lagarto em Thenia. É parte do show, cara. Há mais de vinte mudanças no cenário baseadas na entrada de raça.

A expressão de Nick era de incredulidade.

-Realmente -disse Troy, levantando-se para voltar ao quarto onde ficava o jogo vou lhe mostrar. Veja como o jogo começa se você informasse que é preto.

Nick seguiu-o até o quarto do computador. Não conseguia disfarçar sua curiosidade. Troy ligou o jogo e Nick introduziu os dados biográficos, mudando a raça para negra. Dessa vez, quando a imagem da televisão na sua cabine espacial entrou em foco, a princesa Heather era preta! Dessa vez era de fato Angie Leatherwood.

-Porra -disse Nick, olhando para Troy -você é mesmo um cara esperto, sr. Jefferson. -Saiu do quarto assoviando e sacudindo a cabeça. Troy desligou o jogo e seguiu-o.

-Está bem -disse Nick de volta à sala, sentado no sofá. -uma última pergunta e depois vamos esquecer do jogo por agora. Como você conseguiu por meu nome lá? Achei isso muito impressionante.

-Foi originalmente ideia de Lanny, baseado num filme que viu sobre um

terapeuta da fala. Lanny fez com que todos os personagens menores passassem o dia repetindo todos os sons de vogais e consoantes numa sessão experimental. Depois só juntamos os sons com o que se chama técnicas de continuação audioanalíticas. -Troy riu. Estava esfuziante e babava com os elogios. -Mas isso tem suas desvantagens. Nosso intérprete só sabe ler palavras simples em inglês. Talvez tenhamos de suprimir essa parte se vendermos o jogo no exterior.

Nick levantou-se.

-Bem, não tenho mais elogios superlativos. Por falar nisso, você tem irmãos? Acho que gostaria de alertar o resto do mundo.

-Agora só eu -replicou Troy, com um olhar distante. -Tinha um irmão, Jamie, seis anos mais velho que eu. Eramos muito próximos, mas ele morreu num desastre de automóvel quando eu tinha 14 anos.

Houve um silêncio constrangedor.

-Sinto muito -disse Nick, mais uma vez tocado com a abertura de Troy. Troy encolheu os ombros e lutou contra a lembrança súbita.

Nick mudou de assunto. Conversaram sobre o barco e depois sobre Homer e sua tripulação por algum tempo. De repente Nick olhou o relógio.

-Meu Deus -disse. -já passam das quatro horas. Não tínhamos de nos encontrar com Carol Dawson às quatro?

Troy pulou da cadeira.

-Tínhamos, sim. Que irresponsabilidade -estava sorrindo novamente -passar toda a tarde bebendo cerveja e jogando no computador. -Os dois se abraçaram, jogaram as latas vazias no lixo e saíram para pegar o carro de Nick.

7

Carol estava nitidamente irritada quando sentou-se na sala de comunicações do Marriott. Tamborilava os dedos numa mesinha quando ouviu o telefone tocar. Houve um clique e depois ouviu voz de Nick. “Não estou em casa no momento. Mas se...”

Ela desligou depressa e completou a frase, com sua mímica sarcástica denotando frustração: “Mas se deixar seu nome, número e a hora que telefonou, entro em contato com você logo que puder”. M-e-r-d-a. Merda. Eu sabia que devia ter telefonado antes de sair de Miami.

Discou outro número. Bernice respondeu e a pôs em contato (no vídeo) com o dr. Dale Michaels. Carol nem se lembrou de cumprimentar.

-Pode acreditar que não consigo nem encontrar aquele imbecil? Não está no barco e nem em casa. Ninguém sabe onde ele está. Eu podia ter ficado em Miami tirando uma soneca.

Não tinha falado muito ao dr. Dale sobre Nick e Troy. E o que dissera sobre Nick não era muito abonador.

-Bem, e o que você esperava? -respondeu Dale. -Queria sair com amadores. Por que acha que ele seria mais fácil de encontrar antes da hora marcada? Esse tipo de gente geralmente fica na cama com uma mulher até ter algum motivo para fazer contato com o mundo. -Dale riu para si mesmo.

Carol viu-se aborrecida com o comentário desdenhoso de Dale sobre a vida amorosa de Nick. começou a dizer uma coisa, mas decidiu ficar quieta.

-Diga, Dale, -falou -esta linha telefônica é absolutamente segura? Tenho umas coisinhas para discutir com você.

Ele sorriu.

-Não se preocupe. Tenho sensores que piscam se houver a mínima interferência inexplicável na linha. até mesmo no seu terminal.

-Ótimo -respondeu Carol. Tirou o caderno de notas e procurou numa lista escrita a mão.

-Segundo Amie Webber -disse, olhando para a câmera de vídeo -não há proibições legais contra o salvamento de qualquer propriedade do governo dos Estados Unidos, desde que seja devolvido ao seu dono logo depois de encontrado. Portanto eu não estaria tecnicamente cometendo um crime se tirasse o míssil de lá. -Riscou a primeira anotação da lista.

-Mas, Dale, pensei em outra coisa quando voava de Miami para cá. Esta coisa é, afinal de contas, uma espécie de míssil teleguiado. E se explodir? Sou maluca de me preocupar com isso? Ou a coisa não pode explodir depois de ficar lá na areia e na água salgada durante dias?

Dale riu.

-Às vezes você é divina, Carol. Estou bastante convencido de que o novo míssil foi projetado para operar no ar ou na água. E não pense que a areia seria capaz de estragar essas peças essenciais num curto período de tempo. Porém o fato de não ter explodido ainda sugere que provavelmente não estava armado, em primeiro lugar, a não ser possivelmente por um pequeno dispositivo de autodestruição que pode ter falhado ou não. Você está correndo um risco calculado se retirar esse míssil. Ainda sugiro que você mergulhe, tire as fotos e então torne a história publica. Retirar o míssil para fazer exposições me parece ser mais sensacionalismo que jornalismo. Além do mais, é perigoso.

Carol foi lacônica.

-Como eu disse no carro, você tem direito à sua opinião. A Marinha poderia criar um caso dizendo que eu forjei as fotos de alguma maneira. Mas não poderão discutir com um míssil que tem presença física e pode ser claramente visto por uma plateia de televisão de todo o país. Quero o máximo impacto para a história.

Riscou outra anotação na lista do caderninho.

-Ah, sim, esqueci de mencionar hoje de manhã que conheci outro Capitão de barco aqui um tanto esquisito, um homem mais velho e gordo chamado Homer. Pareceu me reconhecer quase imediatamente. Rico, com um grande iate e uma tripulação estranha...

-O sobrenome dele é Ashford? Homer Ashford? -interrompeu Dale.

Carol fez que sim.

-Então você o conhece? -perguntou.

-É claro -replicou Dale. -Ele foi o líder da expedição que encontrou o Santa Rosa e o tesouro em 1986. Você também o conheceu, mas é obvio que esqueceu. Ele e a mulher foram convidados para o banquete de distribuição de prêmios do IOM em 1993. -Parou para pensar. -É isso mesmo. Lembro-me agora que você chegou atrasada à festa por causa daquela ameaça que Juan Salvador lhe fez. Mas não estou surpreso de você ter se esquecido dele, e principalmente da mulher. Ela era gorda e não deu a menor atenção a você.

Aos poucos mas com clareza tudo lhe veio a memória. Lembrou-se de uma noite bizarra logo depois que começou a sair com Dale. Tinha escrito um artigo no Herald sobre tráfico de cocaína e sugerira que o vereador cubano Juan Salvador estava impedindo deliberadamente as investigações policiais. Ao meio-dia daquele dia, uma fonte geralmente confiável tinha chamado seu editor no jornal e dito a ele que o Señor Salvador acabara de contratar um pistoleiro para acabar com a vida de Carol.

O Herald tinha contratado um guarda-costas para ela e recomendara que ela mudasse sua rotina de vida para que não soubessem onde ela se encontrava.

Na noite do banquete do IOM Carol estava atrapalhada. O guarda-costas estava com ela só há três horas e ela já se sentia confinada e constrangida, embora tivesse ficado realmente com medo da ameaça. No banquete ficou observando todas as caras, procurando um assassino, esperando algum movimento suspeito. Quando se sentou na sala de comunicações do hotel, 14 meses depois, lembrou-se vagamente de ter conhecido Homer (estava de smoking) e uma mulher gorda e alegre que a seguira durante mais de vinte minutos. Que merda, pensou Carol. É a minha memória de novo. Eu devia ler reconhecido o homem imediatamente. Que burrice a minha.

-E verdade -disse Carol para Dale. -Lembro-me bem deles agora. Mas por que estavam no banquete de entrega de prêmios do IOM?

-Estávamos homenageando nossos principais benfeitores naquela noite - respondeu Dale. -Homer e Ellen tinham dado grande apoio aos nossos trabalhos de guarda submarina. De fato, ele testou nossos protótipos nas suas dependências em Key West, e dados de teste de sólidos também. E foi Ashford quem nos mostrou como o MQ-6 podia ser tapeado...

-Certo. certo -disse Carol, percebendo que estava começando a perder a paciência. -Obrigada pela informação. Faltam 15 para as 4 e vou descer até a marina para me encontrar com Nick Williams e combinar as coisas para amanhã. Se algo de novo acontecer, eu telefono para você à noite em casa.

-Au revoir -disse Dale Michaels, tentando em vão parecer sofisticado -e por favor tenha cuidado.

Carol desligou o telefone com um suspiro. Pensou se devia gastar uns minutos calculando onde ela e Dale iriam parar. Ou não iriam. Dependendo do caso. Pensou em todas as coisas que precisava fazer. Fechou o caderno de notas e levantou-se da cadeira.

Agora não, pensou, não tenho tempo agora para pensar em Dale. Mas assim que tiver uma folga nessa minha vida maluca.

Carol estava realmente enfurecida quando foi até a sede da marina pela segunda vez. Aproximou-se da mesa de informações com os olhos saindo fumaça.

-Senhorita -disse de forma agressiva a Julianne -como já lhe disse há 15 minutos, eu tinha um encontro aqui às quatro horas com Nick Williams e Troy Jefferson. Como vê, já são quatro e meia.

Apontou para o relógio digital com impaciência, fazendo um gesto para que Julianne olhasse.

-Nós duas já sabemos que o sr. Williams não está em casa -continuou. -Agora vai me dar o número do telefone do sr. Jefferson, ou vou precisar fazer uma cena?

Julianne não gostava de Carol e da sua atitude óbvia de superioridade. Manteve a calma.

-Como lhe disse, srta. Dawson -disse gentilmente, mas com um tom mais alto -o regulamento da marina proíbe que demos o número do telefone de donos de barco ou de sua tripulação. É uma questão de privacidade. Agora, se a senhorita tivesse um papel oficial emitido pela marina -continuou Julianne, gozando seu momento de glória -então teríamos obrigação de fornecer-lhe. Mas como disse, não temos nenhum registro...

-Que droga, eu sei disso -replicou Carol furiosa. Jogou o envelope de fotos que estava carregando em cima do balcão de Julianne. -Eu não sou uma imbecil. Já passamos por isso antes. Já lhe disse que devia me encontrar aqui com os dois às quatro horas. Mas se não puder me ajudar, quero falar com seu superior, o gerente ou seja lá quem for.

-Muito hem -disse Julianne com os olhos faiscando de raiva de Carol. -Se a senhorita se sentar ali, vou ver se posso localizá-lo...

-Não vou me sentar -exclamou Carol furiosa. -Quero vê-lo agora. É um caso muito urgente. Agora pegue o telefone e. ..

-O que está acontecendo aqui? Talvez eu possa ajudar. -Carol virou-se. Homer Ashford estava de pé ao lado dela. Bem à direita, junto ao portão na direção dos desembarcadouros, Greta e uma mulher gorda e pesada (Essa é Ellen. Agora me lembro dela, pensou Carol) conversavam calmamente. Ellen sorriu para Carol, e Greta atravessou-a com o olhar.

-Olá, Capitão Homer -disse Julianne suavemente -é muito gentil de sua parte, mas acho que está tudo sob controle. A srta. Dawson acabou de sugerir que não aceita minhas explicações sobre o regulamento da marina. Vai esperar por...

-Talvez o senhor possa ajudar -interrompeu Carol, desafiadoramente. -Eu tinha um encontro aqui às quatro horas com Nick Williams e Troy Jefferson, mas eles não apareceram. Por acaso o senhor sabe o telefone de Troy?

O Capitão Homer deu uma olhada suspeita para Carol e trocou olhares com Ellen e Greta. Virou-se para Carol.

-Bem, é certamente uma surpresa, srta. Dawson, vê-la por aqui de novo. Estávamos falando exatamente sobre a senhorita hoje de manhã, dizendo que esperávamos tivesse se divertido no seu dia de folga em Key West. -Fez uma pausa de efeito. -Mas imagino o que a traria aqui de novo, no dia seguinte. E se ouvi bem, precisa ver Williams e Jefferson sobre um assunto de extrema urgência. Será que tem alguma coisa a ver com todo aquele equipamento que a senhorita trouxe para cá ontem? Ou com a sacolinha cinzenta que Williams vem guardando desde a noite passada?

Epa, pensou Carol, quando Greta e Ellen se aproximaram. Estou cercada. O Capitão Homer fez menção de pegar o envelope selado de cima do balcão de Julianne, mas Carol o deteve.

-Se não se importa, Capitão Ashford -disse ela com firmeza, tirando o envelope e colocando as fotos debaixo do braço. Baixou a voz. -Gostaria de falar com o senhor em particular. -Fez um sinal com a cabeça na direção das duas mulheres. -Podemos ir até o estacionamento por um instante?

Homer apertou os olhos. Depois seu rosto voltou àquela expressão antipática, com o mesmo sorriso que Carol tinha visto no Ambrosia.

-Certamente, minha cara -disse. Gritou para Greta e Ellen quando saia pela porta com Carol. -Esperem por mim. Volto num minuto.

A necessidade é a mãe da invenção, pensou Carol enquanto saia pela porta com Homer Ashford. Portanto invente, sua burra. E agora.

Subiram os degraus que levavam ao estacionamento. Carol virou-se para o Capitão Homer no topo da escada com um ar de conspiração.

-Acho que já descobriu por que eu estou aqui -disse. -Não queria que fosse assim, achei que seria uma história melhor se ninguém soubesse o que eu estou fazendo. Mas o senhor é obviamente esperto demais para mim. -Homer deu um sorriso. Mas gostaria de pedir para contar ao mínimo de pessoas possível. Pode contar para sua esposa e para Greta, mas por favor para mais ninguém. O Herald quer fazer uma surpresa.

Homer ficou intrigado. Carol inclinou-se e quase sussurrou no ouvido dele.

-Toda a seção da revista de domingo da quarta semana de abril. Não é incrível? Título provisório, “Sonhando em ficar rico”, histórias sobre pessoas como o senhor, como Mel Ferrer, como os quatro habitantes da Florida que ganharam mais de um milhão de dólares cada na loteria. Sobre como uma renda fabulosa muda sua vida. Estou fazendo a reportagem inteira, a começar pelo tesouro por causa de seu interesse geral.

Podia ver que o Capitão Homer estava perdido. Sabia que o tinha desarmado.

-Ontem só queria checar o seu barco ligeiramente, ver como o senhor vivia, ver como o barco iria sair na fotografia. Fiquei entusiasmada quando o senhor me reconheceu tão depressa, mas já tinha planejado sair com Williams primeiro. - Deu uma risada. -Meu equipamento para busca de tesouros do IOM o enganou. Ele ainda acha que eu sou uma autêntica caçadora de tesouros. Quase terminei minha entrevista com ele ontem, e só voltei hoje para arrematar uns pontos finais.

Um alerta acendeu no sistema de Homer Ashford quando Carol falou que tapeara Nick Williams. não tinha certeza se acreditava naquela história boba da repórter. Disse a si mesmo que a história era plausível, mas ainda havia uma pergunta sem resposta.

-Mas o que Williams esta carregando naquela sacola? -perguntou.

-Aquilo -disse Carol, sentindo sua desconfiança -não é nada. -Elevou as sobrancelhas e riu de novo. -Ou quase nada, pelo menos. Pegamos uma bugiganga velha e sem valor ontem de tarde para que eu pudesse fotografar o processo de resgate para a reportagem. Pedi que ele a trouxesse hoje. Ele me acha excêntrica. Deve andar escondendo a coisa na sacola porque fica sem graça e não quer que ninguém o veja com aquilo.

Deu uma pancadinha nas costelas de Homer com o cotovelo, e ele balançou a cabeça.

Parte dele percebia que estava ouvindo uma mentira deslavada, mas muita coisa fazia sentido e Homer não podia perceber onde estava a fraude. Ergueu as sobrancelhas por um instante.

-Então imagino que vá conversar conosco quando tiver terminado com os outros

dois...

Nesse exato momemo, sem que ela soubesse, Nick e Troy entraram no estacionamento da marina. Ainda estavam ligeiramente bêbados e tontos.

-Olha só -disse Troy, vendo Carol e o Capitão Homer conversando -acho que não estou enxergando bem. Estou vendo a bela e a fera. É a srta. Carol Dawson e o nosso capitão favorito. De que acha que estão falando?

-Não sei -disse Nick, se contendo -mas vou procurar saber. Se ela estiver nos traindo... -Encostou o carro rapidamente numa vaga e começou a sair, mas Troy o deteve.

-Por que não me deixa cuidar disso? -disse Troy. -O humor pode ajudar numa hora dessas.

Nick pensou por um instante.

-Talvez tenha razão -disse. -Vá na frente.

Troy surgiu quando Carol e o Capitão Homer terminavam de conversar.

-Olá, menina -disse, a 20 metros de distância -O que esta acontecendo?

Carol levantou a mão para dizer que o estava vendo, mas não respondeu ao cumprimento de Troy.

-Então na Columbia 2748, logo depois do Pelican Resort, às 8:30 amanhã à noite, não é?

-Certo -replicou Homer Ashford. Fez um movimento com a cabeça na direção de Troy e foi saindo. -Estaremos esperando por você. Traga bastante fita para gravar, pois a história vai ser longa. -Deu uma risadinha. -E reserve tempo para uma festinha depois.

Homer já estava no meio da escada quando Troy chegou perto de Carol.

-Ola, Capitão Homer. Até logo, capitão Homer -disse com calma, ainda bancando o bobo. Inclinou-se para Carol e deu-lhe um beijo no rosto. -Oi,

menina...

-Chega pra lá -disse Carol, afastando o rosto. -Você está com um bafo horrível de cerveja. Foi por isso que tive de procurar vocês por toda parte. -Viu Nick chegando com a sacola e elevou a voz. -Bem, sr. Williams, que surpresa agradável. Que ótimo que o senhor e seu irmão aqui conseguiram se levantar do balcão do bar a tempo de chegarem para nosso encontro. -Olhou o relógio. -Meu Deus -disse num tom muito sarcástico -estamos atrasados mesmo. Vamos ver, quando se espera 15 minutos por um professor de verdade, quanto se deve esperar por um professor de ara-que?

-Deixa de gracinhas, srta. Todo-poderosa -disse Nick, irritado com a agressividade dela. Chegou perto deles e respirou fundo. -Nós também temos umas coisinhas para acertar com você -continuou. -O que estava exatamente conversando com esse sacana do Ashford?

Sua voz era ameaçadora. Carol recuou.

-Escutem só -disse -o típico machão jogando a culpa na mulher, dizendo “Ei, sua piranha, desculpe o meu atraso, desculpe essa minha arrogância, mas a culpa é toda sua...”

-Parem com isso -intercedeu Troy. Carol e Nick estavam enfurecidos um com o outro. Começaram a falar ao mesmo tempo quando Troy os interrompeu de novo. Crianças, crianças, por favor -continuou. -Tenho uma coisa importante para dizer. Os dois olharam para ele, que pedia silêncio levantando os braços. Depois adotou uma pose estática, como se estivesse lendo. -Há 87 anos nossos antepassados criaram neste continente uma nova nação...

Carol foi vencida primeiro.

-Troy -disse sorrindo, apesar da raiva -você é diferente, mas também é ridículo.

Troy, dando uma risadinha, deu um soco no ombro de Nick.

-Como me sai, professor? Eu daria um belo Lincoln? Sera que um rapaz preto poderia fazer o papel de Lincoln para os brancos?

Nick sorriu com relutância e olhou para o chão enquanto Troy tagarelava.

Quando ele terminou, o tom de Nick para Carol tinha se tomado conciliatório.

-Desculpe o nosso atraso -disse, num tom medido. -Perdemos a hora. Aqui está o tridente.

Carol reconheceu como tinha sido difícil para ele desculpar-se. Aceitou a desculpa gentilmente, com uma espécie de sorriso e um gesto com as mãos.

-Fique com o tridente mais um pouco -disse após um breve silêncio. -Temos uma porção de outras coisas para falar. -Olhou à volta. -Mas acho que aqui não é o lugar certo e nem a hora certa.

Nick e Troy olhavam-na com um ar interrogativo.

-Tenho notícias muito interessantes -explicou -e algumas estão aqui nas fotografias que revelei hoje de manhã. A primeira coisa é que o telescópio captou um sinal infravermelho vindo da fissura de uma espécie de objeto ou objetos grandes. -Virouse para Nick. -Talvez seja mais que um tesouro. Não podemos ter certeza do que é, baseados apenas nas fotografias.

Nick quis pegar o envelope, mas Carol segurou-o.

-Aqui não, agora não. Muita gente por perto. Vá por mim, o que temos de fazer agora são planos. Vocês podem sair comigo amanhã de manhã de novo, preparados para resgatar objetos pesando possivelmente 100 quilos? É claro que vou pagar o aluguel do barco de novo.

-Uau! -exclamou Nick -100 quilos! Mal posso esperar para ver as fotografias. Estava voltando à sobriedade rapidamente. -Vamos precisar arranjar um dragador e...

-Ainda estou com o telescópio, assim podemos usá-lo de novo -acrescentou Carol, olhando o relógio. -São quase cinco horas agora, quanto tempo precisamos para preparar tudo?

-Três horas, quatro no máximo -disse Nick, calculando depressa. -Com a ajuda de Troy, é claro -acrescentou.

-Com prazer, meus amigos -replicou Troy. -E como Angie reservou uma mesa

especial para mim no Sloppy Joe's para seu show às dez e meia da noite, por que não nos encontramos lá e discutimos os detalhes para amanhã

-Angie Leatherwood é sua amiga? -perguntou Carol, obviamente impressionada. não a vejo desde que ela estourou. -Fez uma pausa rápida e passou o envelope para Nick. -Olhe essas fotos num lugar reservado. Todo o conjunto foi tirado debaixo do barco quando estávamos mergulhando. Algumas são obviamente ampliações de outras. Pode ser que seus olhos levem algum tempo para se ajustarem a todas as cores, mas estamos atrás do objeto ou objetos marrons. -Via que os dois homens estavam ansiosos para olharem as fotos. Foi com eles até o carro de Nick.

-Então vamos nos encontrar hoje à noite no Sloppy Joe's por volta das dez, não é? -Virou-se na direção onde seu próprio carro estava estacionado.

-Ei, Carol, só um minuto -disse Nick, detendo-a. Carol esperou enquanto Nick, de repente desajeitado, tentava encontrar um jeito de lhe fazer a pergunta. -Você se importaria de nos dizer o que estava conversando com o Capitão Homer? -disse afinal, com tato.

Carol olhou para Nick e Troy por um instante e deu uma risada.

-Dei de cara com ele quando estava na recepção tentando telefonar para vocês. Ele queria saber sobre a peça que resgatamos ontem. Eu o tapeei, dizendo que estava fazendo uma reportagem sobre todos os membros da tripulação que encontrou o Santa Rosa e seu tesouro há oito anos atrás.

Nick deu uma olhada para Troy com desgosto.

-Esta vendo, Jefferson -disse, com ênfase exagerada. -Eu falei que haveria uma explicação plausível. -Os dois deram adeus a Carol e ela encaminhou-se para o carro.

8

Tenente Todd -disse o comandante irritado -estou começando a achar que a Marinha americana superestimou sua inteligência ou experiência, ou ambas. Não consigo entender como o senhor continua a considerar a possibilidade do Panther ter sido comandado para fora da rota pelos russos, especialmente à vista das novas informações que me deu esta tarde.

-Mas, comandante -disse o rapaz obstinadamente -ainda é uma hipótese viável. E o senhor mesmo disse na reunião que uma boa análise de erro não exclui qualquer possibilidade razoável.

Os dois homens estavam no gabinete do comandante Winters. O comandante se afastou para olhar pela janela. Estava quase escuro do lado de fora, o ar estava pesado, parado e úmido. Tempestades se anunciavam ao sul. A base estava quase vazia.

Winters olhou o relógio, deu um suspiro e voltou para junto do tenente Todd, sorrindo ligeiramente.

-O senhor ouviu bem, tenente. Mas a palavra importante aqui é “razoável”. Vamos rever os fatos. Eu ouvi corretamente ou não que sua análise telemétrica descobriu esta tarde que os comandos rejeitaram a contagem do míssil também aumentada durante o vôo, a começar da costa de New Brunswick? E que, aparentemente, mais de mil mensagens foram rejeitadas quando o míssil desceu para a Costa Atlântica? Como pretende explicar tudo isso em termos da sua ótica! Teriam os russos mobilizado toda uma frota de navios ao longo da rota de vôo, só para confundir e capturar um único míssil experimental da Marinha?

O comandante Winters estava agora do pé em frente ao tenente.

-Ou talvez acredite -continuou com sarcasmo, antes que Todd pudesse responder -que os russos têm uma nova arma secreta que voa ao lado de um míssil em Mach 6 e conversa com ele durante o vôo. Vamos lá, tenente, em que bases

razoáveis o senhor considera esta sua hipótese bizarra sobre os russos ainda viável?

O tenente Todd não cedeu.

-Comandante -respondeu -nenhuma das outras explicações para o comportamento do míssil faz mais sentido a essa altura. O senhor agora diz acreditar ser um problema com o programa, porém nossos programadores mais brilhantes não podem imaginar como a única indicação externa de um mau funcionamento de um programa de sistema-nível possa ser que dois, e só dois, painéis de comando dessem problema. Eles checaram todos os dados de diagnóstico do programa interno que estava telemetrado ao chão e não encontraram nenhum problema. Além do mais, a verificação de pré-lançamento indica que todo o programa estava funcionando bem uns instantes antes do início do vôo.

-E ainda sabemos mais. Ramirez soube por Washington que têm havido estranhas manobras da frota submarina russa ao largo da costa da Florida nas últimas 48 horas. Não estou dizendo que a hipótese russa, como o senhor diz, seja a resposta. Só que até termos uma explicação satisfatória da falha de um mecanismo que possa fazer com que ambos os comandos fossem aumentados, é justo termos uma opção de considerar que talvez o Panther tenha sido realmente comandado.

Winters sacudiu a cabeça.

-Está bem, tenente -disse finalmente -não vou dar ordens para o senhor tirar isso da cabeça. Mas vou ordenar que se empenhe neste fim de semana para encontrar o míssil em algum ponto do oceano, e identificar um problema no equipamento e/ou programa que possa ter causado uma anomalia no comando ou uma mudança na rota do vôo ou ambas as coisas. Deve haver uma explicação que não envolva operações numa escala maciça por parte dos russos.

Todd fez menção de sair.

-Só um instante -disse o comandante, apertando os olhos. -Acho que não é necessário, tenente, lembrá-lo de quem será responsabilizado se o mundo lá fora vier a saber sobre esse assunto dos russos.

-Não, comandante... -respondeu ele.

-Então, ao trabalho -disse Winters -e me avise se houver novas notícias significativas.

O Comandante Winters estava apressado. tinha telefonado para o teatro logo depois que Todd saíra e dissera a Melvin Burton que iria chegar tarde. Pegou o carro e foi até uma carrocinha de Hamburger, engoliu um sanduíche com fritas e dirigiu-se a área da marina.

Chegou no teatro quando todos os demais atores já estavam vestidos. Melvin encontrou-o na porta.

-Depressa, comandante, não temos tempo a perder. A maquiagem tem de ficar boa da primeira vez. -Olhou o relógio, nervoso. -O senhor vai entrar no púlpito dentro de exatamente 42 minutos. -O comandante entrou no vestiário, tirou o uniforme da Marinha e vestiu a túnica sombria branca e preta de um padre episcopal. Do lado de fora do vestiário, Melvin andava de um lado para o outro, repassando na cabeça uma lista de coisas.

O comandante Winters estava no púlpito quando a cortina abriu, com o nervosismo natural de uma noite de estreia. Olhou para as três filas da sua congregação e depois para toda a plateia do teatro. Viu a mulher Betty e o filho Hap na segunda fila. Sorriu para eles rapidamente antes dos aplausos terminarem. Depois o nervosismo desapareceu quando entrou no sermão de Shannon.

O curto prólogo passou rapidamente. As luzes diminuíram outra vez durante quinze segundos, o cenário mudou automaticamente e ele apareceu na cena final, entrando no seu quarto de hotel no México, murmurando para si mesmo frases de sua carta. Shannon/ Winters sentou-se na cama, ouviu um barulho no canto do quarto e olhou. Era Charlotte/Tiffani. Seu lindo cabelo avermelhado caía pelos ombros. Usava uma camisola de seda azul, bem decotada, que seus seios grandes e rijos enchiam completamente.

Ouviu-a dizer “Larry, oh, Larry, finalmente estamos sozinhos“, e ela veio sentar-se ao seu lado na cama. Seu perfume era inebriante. Sua mão estava por trás da cabeça dele, seus lábios apertaram os dele, insistentes e desejosos. Ele inclinou-se para trás. Os lábios dela o seguiram, e depois o corpo. Ele deitou-se na cama,

ela deitou em cima dele, continuando a beijá-lo, com os seios apertando o peito dele. Ele pôs os braços a sua volta, devagar a princípio, e depois envolvendo-a com um grande abraço.

As luzes se apagaram por uns segundos. Charlotte/Tiffani desprendeu-se de Winters e deitou na cama ao seu lado. Ele podia ouvir sua respiração forçada. Ouviu-se uma voz dizendo “Charlotte”. Então, de novo a voz, seguida de uma batida forte na porta. “Charlotte, eu sei que você está aí”. A porta abriu-se e os dois amantes se sentaram na cama. As luzes se apagaram e a cortina baixou. Os aplausos foram muitos e continuados.

O comandante Vernon Winters abriu a porta e saiu. Estava no corredor de entrada do teatro. A porta, com uma única lâmpada de iluminação coberta de insetos, dava para um pequeno patamar de madeira a poucos degraus da calçada. Winters desceu os três degraus e ficou de pé ao lado da parede de tijolos do teatro. Tirou um cigarro e acendeu-o.

Ficou olhando a fumaça subir pela parede de tijolos. À distância surgiu um relâmpago e depois uma pausa até chegar o barulho do trovão. Tragou o cigarro mais uma vez, tentando compreender o que sentira durante aqueles cinco a dez segundos com Tiffani. Não sei se deu para notar, pensou. Não sei se ficou evidente para todos. Ao mudar de roupa para o final do primeiro ato da peça, notara os vestígios denunciadores na cueca. Soltou mais fumaça e estremeceu. E aquela menina. Meu Deus. É claro que ela notou. Deve ter sentido quando ficou em cima de mim.

Sem querer, lembrou-se por um instante da sua excitação quando Tiffani se apertou contra ele. Sua respiração ficou mais curta. Uma primeira sombra de culpa começou a manifestar-se. Meu Deus, pensou de novo. Sou eu? Sou um velho indecente. Por alguma razão viu-se pensando em Joanna Carr, em uma noite há quase 25 anos atrás. Lembrou-se do momento em que levou-a...

-Comandante -ouviu uma voz chamando. Virou-se e viu Tiffani de pé no patamar, de camiseta e jeans, com os cabelos soltos até o ombro. Agora vinha descendo os degraus na sua direção. -Comandante -disse de novo, com um sorriso misterioso pode me dar um cigarro?

Ele estava mudo e estupefato automaticamente pôs a mão no bolso e tirou o maço de Pall Mall. A mocinha tirou um cigarro, bateu-o na unha e colocou-o na

boca. Esperou um segundo, talvez dois, e então lhe deu outro sorriso. Winters finalmente acordou e ofereceu seu isqueiro barato de supermercado. Ela pôs a mão em torno da mão trêmula dele e inalou o cigarro com força.

Winters a observou, fascinado, quando ela puxou a fumaça para dentro dos pulmões. Estudou sua boca, seu pescoço alvo, seu peito empinado ao inalar a fumaça. Com a mesma atenção enlevada, observou seu diafragma baixar e a fumaça sair dos seus lábios entreabertos.

Ficaram ali juntos, fumando tranquilamente, sem nenhuma palavra. Sobre o mar surgiu mais um relâmpago, e outro trovão foi ouvido. Cada vez que Tiffani punha o cigarro na boca, Winters, hipnotizado, seguia seus movimentos. Ela dava uma tragada longa, intencionalmente, puxando com força a fumaça para receber a nicotina que seu corpo queria. Ele tinha uma vaga consciência de seus pensamentos tumultuados.

Ela é bonita, tão bonita. Jovem e cheia de vida. E esses cabelos. Como eu adoraria enrolá-los no meu pescoço... mas ela não é uma garotinha. E uma moça. Deve perceber o que estou sentindo, minha fascinação por ela... pelo menos fuma como se sentisse. Com completa concentração. Ela acaricia...

-Adoro noites de tempestade -disse Tiffani, quebrando o silêncio quando outro relâmpago iluminou o céu. Chegou mais perto dele e esticou o pescoço para ver através de umas árvores que bloqueavam sua visão da formação das nuvens quando surgia o relâmpago. Encostou-se de leve no comandante Winters, e ele ficou eletrificado.

Sua boca estava seca. Seu corpo cheio de desejo, um desejo que mal reconhecia. não pôde responder ao comentário dela, mas ficou olhando a tempestade que se aproximava e deu uma última tragada no cigarro.

Ela também terminou o seu e jogou a ponta no chão. Quando voltou o rosto para ele e seus olhos se encontraram, um último fio de fumaça ainda saía de seus lábios. Deu uma soprada ligeira e rápida com a boca e Winters sentiu um grande desejo por ela. Ele recuperou o autocontrole e os dois entraram no teatro em silêncio.

Os aplausos continuavam. O comandante Winters chamou as moças que faziam

os papéis de Maxine e Hannah para ficarem lado a lado com ele para a reverência final, exatamente como tinham planejado antes do início do espetáculo. Os aplausos se intensificaram.

Mais uma vez ele olhou os lugares vazios onde Betty e Hap tinham estado antes do intervalo. Ouviu uma voz da plateia gritando “Charlotte Goodall”, e improvisou.

Levou as duas moças de volta a seus lugares, junto ao elenco enfileirado, e foi para junto de Tiffani. Por um instante ela não compreendeu. Depois deu um sorriso radiante e pegou na mão dele.

Ele dirigiu-se com ela a frente do palco, com as mãos entrelaçadas bem apertadas.

Aquele era o momento especial dela. Estava quase chorando quando ouviu os aplausos aumentarem de novo. Ele ficou de lado e ela fez uma reverência graciosa para a plateia. Terminando a reverência, pegou na mão dele, apertando-a encantada, e voltou para junto do elenco.

Melvin, Marc e Amanda estavam nos bastidores enquanto eles se vestiam. Havia congratulações entusiasmadas por todo lado. Melvin, em especial, parecia muito animado.

Admitiu que tinha ficado um tanto apreensivo durante os ensaios, mas que todos tinham se saído maravilhosamente. O diretor confidenciou a Winters que a cena na cama com Tiffani tinha sido “divina -não podia ter sido melhor”, como disse literalmente dançando na porta do vestiário.

Winters estava tomado de um milhão de emoções. Estava contente com sua atuação na peça e com a reação da plateia, mas outras coisas pessoais passavam pela sua cabeça. O que tinha acontecido com Betty e Hap? Por que tinham saído depois do intervalo? Na sua imaginação, viu Betty assistindo a cena de amor com Tiffani.

Sentiu um pânico momentâneo quando se convenceu de que ela sabia, da plateia, que o marido não estava representando, que estava tão excitado quanto o personagem que estava interpretando.

O que ocorrera com Tiffani não conseguia compreender e não podia nem ao menos pensar sem começar a se sentir culpado. Enquanto vestia de novo seu uniforme da Marinha, permitiu-se sentir os beijos dela na cena da cama e sentir a tensão sexual da hora em que fumaram juntos. Mas além da conscientização do tesão não conseguia passar. A culpa era uma emoção deprimente, e na sua gloriosa noite de estreia, não queria sentir-se deprimido. Quando saiu do vestiário comunitário dos homens,

Tiffani o esperava. Seu cabelo estava preso dos dois lados, seu rosto sem maquiagem lhe dava um ar de garotinha.

-Comandante -disse ela, quase com servilismo -podia me fazer um favor? -Ele sorriu e assentiu. Ela lhe fez um sinal e ele seguiu-a pelo corredor adjacente aos bastidores.

Um homem de cabelo vermelho, mais ou menos da mesma idade do comandante, estava no corredor fumando e andando de um lado para o outro. Estava claro que não se sentia à vontade e estava deslocado. A seu lado estava uma morena vistosa, por volta dos 30 anos, mascando chicletes e cochichando com o homem. O homem sentiu-se nitidamente relaxado ao ver o comandante de uniforme.

-Bem, comandante -disse a Winters quando Tiffani o apresentou como seu pai -é um prazer conhecê-lo. Não conheço muito dessa vida de teatro, mas estava preocupado que não fosse uma coisa muito saudável para minha filha. -Deu uma piscada para a esposa, madrasta de Tiffani, e baixou a voz. -Como sabe, comandante, com todos esses atores esquisitos por aí, não custa ser bastante precavido. Mas Tiff me disse que havia um verdadeiro oficial da Marinha, um comandante de confiança, fazendo parte do elenco. No início não acreditei.

O sr. Thomas estava recebendo sinais de Tiffani e da sua mulher. Estava falando demais.

-Eu também já pertenci à Marinha -disse, enquanto Winters ouvia -durante quase 25 anos. Alistei-me quando era um garoto de 18 anos. Conheci a mãe de Tiff dois anos depois...

-Papai -interrompeu-o Tiffani -você prometeu que não iria me deixar sem graça. Por favor, só faça perguntas. Ele provavelmente tem o que fazer.

O comandante não estava preparado para conhecer o pai e a madrasta de Tiffani. De fato, nem por um instante pensara nos pais dela, embora enquanto ele estava ali ouvindo o sr. Thomas falar, tudo fizesse sentido. Tiffani era, afinal de contas, apenas uma mocinha terminando o segundo ciclo do colégio. Então é claro que ela mora em casa, pensou. Com os pais. O sr. Thomas estava com um ar muito sério. Por um instante Winters teve medo e um início de pânico. Não, não, pensou rapidamente, ela não pode ter dito nada a eles. É cedo demais.

-Minha mulher e eu jogamos bridge -dizia o sr. Thomas -bridge em torneios. E neste final de semana vai haver um grande torneio regional em Miami. Vamos viajar amanhã de manhã e voltaremos muito tarde no domingo à noite.

Winters ficou intrigado. Estava perdido na conversa. Por que teria de saber o que os Thomas faziam nas suas horas de lazer?

Finalmente o sr. Thomas chegou onde queria.

-Por isso tínhamos chamado a prima de mãe em Marathon e pedido para ela apanhar minha filha depois do espetáculo amanhã à noite. Mas Tiffani teria de perder a festa do elenco, por isso sugeri que talvez o senhor pudesse levá-la em casa depois da festa e -o sr. Thomas sorriu gentilmente -tomar conta dela enquanto nós estivermos jogando bridge.

Winters instintivamente olhou para Tiffani.

-Está bem, sr. Thomas -respondeu -terei muito prazer em ajudá-lo. -Deu uma palmadinha no ombro de Tiffani. -Ela merece ir à festa, trabalhou muito. -Fez uma pausa por um instante. -Mas tenho umas perguntas a fazer. Certamente vai haver champanhe na festa e provavelmente tudo vai terminar bem tarde. Ela tem hora para chegar? O que o senhor acha de...

-Fica a seu critério, comandante -interrompeu o sr. Thomas. -Mãe e eu confiamos plenamente no senhor. -Aproximou-se e apertou a mão de Winters. -E obrigado. Aliás -acrescentou, quando virava-se para sair -o senhor esteve ótimo, embora eu tenha de admitir que fiquei preocupado quando começou a mexer na minha filha. O bicha que escreveu a peoa devia ser um fresco imbecil.

A madrasta de Tiffani sussurrou um agradecimento com o chiclete na boca e a

própria Tiffani disse “Até amanhã” quando os três saíram. O comandante apalpou o bolso para pegar outro cigarro.

Betty e Hap estavam dormindo, como imaginava o comandante Winters quando finalmente chegou em casa por volta das onze horas. Passou em silêncio pelo quarto do filho, mas parou na porta de Betty. Homem básica mente respeitoso, levou uns segundos pesando o sono dela versus sua necessidade de dar uma explicação. Decidiu entrar e acordá-la, e ficou surpreso ao ver que estava nervoso quando se sentou na beira da cama no escuro.

Betty dormia de barriga para cima, coberta com um lençol e um cobertor fino até os ombros. Sacudiu-a ligeiramente.

-Betty, querida -disse -já cheguei. Gostaria de conversar com você. -Ela estremeceu, e ele lhe deu mais uma sacudidela. -É Vernon -disse mansamente.

Sua mulher sentou-se e acendeu a luz da mesinha-de-cabeceira. Por baixo do abajur via-se um quadrinho com o rosto de Jesus, um homem sábio demais para seus trinta anos, barbudo, com ar sério e um brilho semelhante a uma auréola por trás da cabeça.

-Meu Deus -disse ela, cerrando as sobrancelhas e esfregando os olhos. -O que esta acontecendo? Está tudo bem? -Betty nunca fora especialmente bonita, mas nos últimos dez anos passara a ignorar sua aparência e tinha chegado a engordar uns dez quilos.

-Tudo bem -respondeu ele. -só queria conversar e saber por que você e Hap saíram logo depois do intervalo. Betty olhou-o bem nos olhos. Era uma mulher sem malícia. A vida para ela era simples e direta. Quando se acredita verdadeiramente em Deus e Jesus Cristo não existem duvidas. De nada.

-Vernon -começou, -sempre me pergunto por que você escolhe representar peças tão esquisitas; mas nunca me queixei sobre isso, especialmente porque parece ser a única coisa que o entusiasmo desde os tempos da Libia e daquele terrível incidente na praia.

Franziu as sobrancelhas e uma nuvem pareceu passar-lhe pelo rosto. Depois continuou com seu jeito direto.

-Mas Hap não é mais uma criança, está ficando um homem. E ver seu pai, mesmo no teatro, referir-se a Deus como um “velho petulante” e um “delinquente senil” provavelmente não ira fortalecer sua fé. -Olhou para o lado. - E achei que também seria constrangedor que ele visse você apalpando aquela mocinha. Enfim -disse, olhando de novo para o marido e resumindo o assunto - achei que a peça não tinha valor, nem moral, nem coisa alguma que valesse a pena.

Winters sentiu a raiva subir mas se conteve, como sempre. Invejava a fé inabalável de Betty, sua capacidade de ver Deus claramente em todas as suas atividades diárias. Ele próprio sentia-se desligado do Deus de sua infância, e suas buscas infrutíferas ainda não tinham resultado numa clara percepção da divindade. Mas de duas coisas ele tinha certeza: seu Deus iria rir-se e ter compaixão dos personagens de Tennessee Williams e não gostaria de ver bombas caindo sobre criancinhas.

Não discutiu com Betty. Deu-lhe um beijo fraternal no rosto e apagou a luz. Ficou pensando por um instante. Quanto tempo faz? Três semanas? Mas não conseguia lembrar-se exatamente. E nem se tinha sido bom ou não. Eles “brincavam um pouco”, Como Betty dizia, sempre que ela percebia que a necessidade dele era maior que sua falta de interesse. Provavelmente isso é o normal nos casais da nossa idade, pensou Winters de forma defensiva enquanto trocava de roupa no seu quarto.

Mas não conseguiu dormir quando deitou-se no escuro embaixo dos lençóis. A excitação que tinha sido tão intensa durante a peça, e no corredor do lado de fora, continuava a perturbá-lo. Com imagens. Ao fechar os olhos via os lábios tentadores e macios de Tiffani soprando o final da fumaça vinda de seus pulmões. Sua boca ainda sentia os beijos apaixonados que ela lhe dera na cena do quarto. E depois aquela olhada especial quando o pai lhe pediu que tomasse coma dela na festa. Seria imaginação sua?

O comandante Winters mudou de posição várias vezes, tentando livrar-se das imagens que lhe vinham a cabeça e do nervosismo que o mantinha acordado. Mas tudo em vão. Com o tempo, deitado de barriga para cima, percebeu que não havia possibilidade de liberar este tipo de tensão. No início sentiu-se culpado, mas as imagens de Tiffani continuaram a dançar na sua imaginação.

Começou a se masturbar. As cenas do dia se arquearam e expandiram-se em

mais fantasias. Ela estava em cima dele na cama, como na peça, e ele a beijava com paixão.

Por um segundo ficou assustado e recolheu-se, mas um desejo desesperado retirou sua última inibição. Na sua imaginação solitária era de novo um adolescente.

O cenário mudou. Estava deitado nu numa enorme cama num quarto majestoso de pé-direito alto. Tiffani aproximou-se saindo do banheiro iluminado, também nua, com o cabelo avermelhado caindo nos ombros e escondendo os bicos dos seios. Deu um trago no cigarro e colocou-o no cinzeiro ao lado da cama, sem deixar de olhar para ele enquanto expelia a fumaça com um gesto lento e amoroso. Podia sentir a maciez de sua pele, o peso do cabelo comprido no seu pescoço e peito.

Ela o beijava delicada mas apaixonadamente, com as mãos por trás da cabeça de Winters. Sentia a língua dela brincando com seus lábios. Tiffani deitou-se ao lado dele, apertando a pélvis contra seu corpo. Winters sentia a excitação aumentar. Ela pegou seu pênis na mão e apertou-o ligeiramente. Estava agora completamente ereto. Ela o apertou mais, depois ergueu o corpo graciosamente e enfiou-o dentro de si. Sentiu uma umidade quente e mágica e teve um orgasmo quase imediato.

Ficou perplexo com o poder e a intensidade de sua fantasia. Em algum canto dentro dele uma voz sugeria prudência e avisava-o das consequências funestas caso sua fantasia se tomasse muito real. Mas deitado sozinho na sua casa de subúrbio, afastou a culpa e o medo e permitiu-se gozar a felicidade do pós-orgasmo.

9

O Sloppy Joe's era o acontecimento de Key West. O bar favorito de Hemingway e sua entourage variada adaptara-se rapidamente a uma mudança multifacetada da cidade que passara a simbolizar. Muitos habitantes da cidade antiga tinham ficado enfurecidos quando o bar abandonara seu ponto histórico no centro e se mudara para o grande shopping center ao lado da marina. Mas mesmo eles admitiam, resmungando, que depois que o clube reabriu no grande salão bem ventilado, com um belo som e uma acústica excelente, as lâmpadas do Tiffani, as vigas de madeira, os espelhos finos do teto até o chão, e as recordações de cem anos de Key West tinham sido reorganizados com gosto, retendo assim o espírito do antigo bar.

Era bem apropriado o espetáculo de Angie Leatherwood como a atração principal do Sloppy Joe's durante sua volta breve e rara à cidade onde nascera. Quando ela ainda tinha 19 anos, o falante Troy convencera o dono, um novaiorquino de nascença com seus 50 anos chamado Tony Palazzo, a lhe dar uma importunidade. Tony ouvira-a cantar durante cinco minutos e exclamara, pontuando os comentários com muita gesticulação: “Não bastou me trazer essa preta bonita de tirar a respiração.

Não, também me trouxe uma mulher que canta como um rouxinol. Mamma mia. A vida é injusta. Minha filha Carla daria tudo para cantar assim.” Tony se tomara o maior fã de Angie e promovera sua carreira desinteressadamente. Angie nunca se esquecera do que Tony tinha feito por ela, e sempre cantava no Sloppy Joe's quando aparecia na cidade. Ela era assim.

A mesa de Troy ficava na frente e no centro, cerca de três metros de distância da ponta do palco. Nick e ele já estavam sentados na mesinha redonda e tinham terminado o primeiro drinque quando Carol chegou, as 10:25h. Desculpou-se e murmurou alguma coisa a respeito de estacionar na Sibéria. Logo que chegou, Nick mostrou o envelope das fotos e os dois lhe disseram que tinham adorado. Nick começou a lhe fazer perguntas sobre as fotos enquanto Troy chamava o garção. Nick e Carol conversavam seriamente sobre os objetos na fissura quando

chegaram as bebidas na mesa. Nick dizia que um deles parecia um míssil moderno. Eram 10:35h. As luzes se apagaram e acenderam de novo, anunciando que o show ia começar.

Angie Leatherwood era uma artista e tanto. Como muitos dos bons artistas, nunca se esquecia de que os clientes eram a plateia, que eles é que criavam sua imagem e realçavam sua mística. Começou o show com a música-título do seu novo disco “Memories of Enchanting Nights”, e depois cantou um pot-pourri das músicas de Whitney Houston, em homenagem aquela brilhante cantora cujo talento despertara seu próprio desejo de cantar. A seguir mostrou sua versatilidade misturando um quarteto de músicas com ritmos diferentes: um reggae jamaicano, uma suave balada do seu primeiro disco, Love Letters, uma imitação quase perfeita de Diana Ross de uma velha gravação do conjunto Supremes, “Where Did Our Love Go?”, e uma canção emocionante e elogiosa a seu pai cego, intitulada “The Man with Vision”.

Aplausos calorosos seguiram o final de todas as músicas. O Sloppy Joe’s estava lotado, inclusive a sala de espera em volta do salão de trinta metros. Sete imensas telas de vídeo espalhavam-se pelo espaçoso clube, levando Angie também àqueles que estavam longe do palco. Aquele era seu público, aqueles eram seus amigos. Umas duas vezes Angie quase ficou encabulada em função dos aplausos e dos bravos que não paravam. Na mesa de Troy falou-se muito pouco durante o espetáculo. Os três falaram das músicas que gostaram em especial (a favorita de Carol foi a canção de Whitney Houston, “The Greatest Love of All”), mas não houve tempo para conversa.

Angie dedicou seu penúltimo número, “Let Me Take Care of You, Baby”, ao seu “querido amigo” (Nick cutucou Troy por baixo da mesa) e terminou com a música mais popular do disco Love Letters. A plateia ovacionou de pé e gritou pedindo bis. Nick notou, quando ficou de pé, que estava um pouco tonto devido aos drinques, sentindo-se também estranhamente romântico, decerto por causa das associações subliminares criadas pelas canções de amor que Angie cantava.

Angie voltou ao palco. A medida que o barulho diminuía, sua voz macia e meiga pode ser ouvida.

-Todos vocês sabem que Key West é um lugar muito especial para mim. Foi aqui que me criei e fui à escola. A maior parte de minhas lembranças vem daqui. -Fez uma pausa e seus olhos passearam pela plateia. -Há muitas músicas que me

fazem lembrar das emoções contidas nelas. Mas de todas, minha favorita é a canção-tema do musical Cats. Portanto, Key West, esta é para você.

Houve aplausos esparsos quando os sintetizadores musicais que a acompanhavam tocaram a introdução de “Memories”. A plateia continuou de pé enquanto sua voz melíflua cantava a bela canção. Logo que a música começou, Nick transportou-se imediatamente para o Kennedy Center em Washington, D.C., em junho de 1984, quando assistia ao musical Cats com seus pais. Ele finalmente chegara em casa para explicar-lhes por que não pudera voltar para Harvard depois dos feriados de primavera na Florida. Mas por mais que tentasse, não conseguia começar a contar a história a um pai decepcionado e a uma mãe de coração partido. Tudo o que disse foi: “Foi uma mulher que...”, e depois ficou calado.

Tinha sido uma fase difícil. Enquanto estava de passagem em Falls Church, o primeiro nódulo maligno fora descoberto e retirado do cólon do pai. Os médicos, otimistas, deram-lhe vários anos de vida, mas enfatizando que o câncer de cólon voltava e dava metástases em outras partes do corpo. Numa longa conversa com seu pai, subitamente frágil, prometera-lhe terminar o curso em Miami. Mas isso não era consolo para o velho; ele tinha sonhado em ver o filho formar-se por Harvard.

A apresentação de Cats no Kennedy Center dera pouco prazer a Nick. No meio ele se pegara imaginando quantas pessoas na plateia realmente conheciam o inspirador das canções, o poeta T. S. Eliot, que não só admirava e gostava das idiossincrasias felinas, como também começara um poema descrevendo a noite “passada ao ar livre, como um paciente anestesiado com éter em cima de uma mesa”. Mas quando a gata velha entrou no palco, com sua beleza esmaecida pelas rugas, e começou a cantar sobre seus “dias ao sol”, toda a plateia comoveu-se juntamente com Nick. Por razões que nunca chegou a compreender, vira Monique cantando aquela música, anos à frente. E em Washington chorara lágrimas silenciosas escondido dos pais, quando a voz pura do soprano atingira o clímax da canção.

“Toque-me... E tão fácil me deixar... sozinha com minhas lembranças... dos meus dias ao sol... Se você me tocar... compreenderá o que é a felicidade...”

A voz de Angie no Sloppy Joe’s não era tão penetrante quanto a do soprano de Washington. Mas a canção tinha a mesma intensidade, evocando toda a tristeza

de alguém para quem todas as alegrias da vida pertenciam ao passado. Seus olhos encheram-se de lágrimas e uma delas lhe desceu pelo rosto.

De onde Carol estava, as luzes do palco se refletiam no rosto de Nick. Ela viu a lágrima. um instante de vulnerabilidade, e também ficou emocionada. Pela primeira vez sentiu um arrepio profundo, quase um amor por aquele homem distante, solitário, mas estranhamente atraente.

Ah, Carol, como teria sido diferente se, uma vez na vida, você não tivesse agido impulsivamente. Se tivesse deixado o homem ter aquele instante de solidão, tristeza ou ternura, ou o que quer que estivesse sentindo, e mencionasse isso mais tarde, numa ocasião mais tranquila, para tirar alguma vantagem. A participação desse momento poderia até ser eventualmente parte da ligação entre vocês. Mas você tinha de dar um tapinha no ombro dele antes da música terminar, antes mesmo dele perceber que estava chorando, e quebrar a preciosa comunicação com seu eu interior. Você foi uma intrometida. Como tantas vezes acontece, ele não interpretou seu sorriso como simpatia, mas como caçoada, e como uma tartaruga amedrontada recolheu-se completamente todo o resto da noite. Seria certo ele interpretar como insinceridade qualquer aproximação subsequente de amizade.

Troy perdeu a cena entre Carol e Nick. Por isso ficou muito surpreso quando virou-se e sentou-se após os aplausos finais e viu Nick numa postura inconfundível de hostilidade.

-Ela não estava maravilhosa, menina? -perguntou a Carol. -E você, professor? Foi a primeira vez que a ouviu cantar?

Nick fez que sim.

-Ela estava ótima -disse, quase com relutância. -E eu estou com sede. Onde se pode arranjar uma bebida aqui?

Troy ficou um tanto ofendido.

-Desculpe-nos -disse. -Pena que o show tenha durado tão pouco. -Tentou fazer um sinal para o garção. -O que deu nele, menina? -disse amigavelmente para Carol.

Carol deu de ombros. então, tentando aliviar o ambiente, inclinou-se para Nick e bateu no seu braço por cima da mesa. -Ei, Nick -disse -você anda tomando pilulas amargas?

Nick retirou depressa o braço e murmurou alguma coisa inaudível em resposta. Virou-se de lado e viu Angie aproximando-se da mesa. Levantou-se automaticamente, assim como Carol e Troy.

-Você estava fantástica -disse Carol, um pouco alto demais, assim que Angie chegou mais perto.

-Obrigada... Oi -disse Angie quando chegou a mesa, e sentou-se na cadeira que Troy puxara para ela. Levou uns minutos agradecendo graciosamente os elogios que ouvia das mesas próximas, e então sentou-se novamente e sorriu. -Você deve ser Carol Dawson -disse com desenvoltura, inclinando-se sobre a mesa para falar com a repórter.

Angie era ainda mais bonita em pessoa do que na fotografia da capa do disco. Sua pele era de uma tonalidade marrom-escura, não exatamente preta. Sua maquiagem, inclusive o batom rosa-claro, era suave, deixando ver suas qualidades naturais, dentes brancos e perfeitos que chamavam atenção quando ela sorria. Mas além da beleza havia a mulher. Nenhuma fotografia poderia fazer justiça ao calor natural que irradiava dela. Era uma pessoa de quem se gostava imediatamente.

-E você deve ser Nick Williams -disse Angie, estendendo a mão para ele. Ele ainda estava de pé, olhando desajeitado e incerto, embora Troy já tivesse se sentado. -Troy me contou tantas coisas a seu respeito nos últimos dias que sinto como se já nos conhecêssemos. Falou que você já leu todos os romances do mundo que valem a pena ser lidos.

-Isto é um exagero, é claro -respondeu Nick, obviamente contente de ser reconhecido.

Parecia soltar-se um pouco, e finalmente se sentou. começou a fazer mais um comentário, mas Carol entrou na conversa e cortou-o.

-Foi você quem escreveu aquela música linda sobre o cego? -perguntou, antes que Angie tivesse ao menos tempo de sentar-se. -Parecia uma declaração muito

pessoal.

-Foi -respondeu Angie com prazer, sem um traço de irritação com o comportamento agressivo de Carol. -A maior parte das músicas são de outras pessoas, mas às vezes eu mesma escrevo uma música. Quando é um assunto muito especial para mim. -Sorriu para Troy antes de continuar. -Meu pai é um homem adorável e incrível, cego de nascença mas com uma notável compreensão do mundo em todos os níveis. Sem sua paciência e orientação, eu provavelmente não teria tido coragem de cantar quando era menina. Eu era muito tímida e introvertida, mas meu pai sempre nos convenceu de que éramos de certa forma especiais. Disse que Deus tinha dado a cada um de nós alguma coisa fora do comum, alguma coisa unicamente nossa, e que uma das maiores alegrias da vida era descobrir e desenvolver esse talento especial.

-E aquela música, “Let me Take Care of you, Baby”, você realmente escreveu para Troy? -perguntou Nick depressa, antes que Angie tivesse terminado a frase, interrompendo o modo suave com que ela descrevia o pai. Nick estava na ponta da cadeira e por alguma razão parecia agitado e fora de lugar. Troy pensou de novo o que teria perdido da cena entre Carol e ele que pudesse ter causado tanta tensão no amigo.

Angie olhou para Troy.

-Acho que sim -disse com um sorriso melancólico -embora de início eu tivesse a ideia de fazer uma música brincalhona, um ligeiro comentário sobre o jogo do amor. -Parou por um instante. -Mas a música fala mesmo é de um problema real. É muito difícil às vezes ser uma mulher de sucesso. Interfere...

-Amém, amém -interrompeu Carol, enquanto Angie ainda desenvolvia seu raciocínio.

Esse era um dos assuntos preferidos de Carol, e estava sempre pronta para usar a oportunidade -A maioria dos homens não sabe lidar com uma mulher com um mínimo de sucesso, muito menos com uma no seu auge. -Olhou diretamente para Nick e continuou. -Mesmo hoje, em 1994, há algumas regras veladas que devem ser seguidas.

Se a gente quiser ter uma relação permanente com um homem, há três nãoos a observar: não o deixe pensar que você é mais inteligente que ele, não sugira sexo

antes dele e, acima de tudo, não ganhe mais dinheiro que ele. Essas são as áreas-chave em que os egos são extremamente frágeis. E se a gente mina o ego de um homem, mesmo brincando, já perdeu a causa.

-Você parece especialista nisso -replicou Nick com sarcasmo. Sua hostilidade era óbvia. -Fico pensando se já ocorreu a alguma de vocês, mulheres liberadas, que os homens não se impressionam com o sucesso, mas sim com a forma com que se lida com ele. O que vocês conseguem na vida não significa nada a nível pessoal. A maioria das mulheres ambiciosas e agressivas que eu conheci (e agora olhava diretamente para Carol) saem do seu caminho para se relacionarem com os homens de forma competitiva. Não deixam o homem, nem por um instante, ter a ilusão de que vive numa sociedade patriarcal. Acho que algumas delas emasculam de propósito...

-E isso aí -exclamou Carol triunfante. Cutucou Angie, que sorria, mas um tanto contrafeita com o rancor existente naquele intercâmbio. -Essa é a palavra mágica. Quando a mulher quer discutir e não aceita cegamente uma profunda verdade masculina, está tentando “castrar” ou “emascular”...

-Calma, vocês aí -interferiu Troy com firmeza, sacudindo a cabeça. -Já chega. Vamos mudar de assunto. Achei que talvez vocês dois pudessem se divertir juntos esta noite, mas se vão começar assim não será possível.

-O problema -continuou Carol, agora olhando para Angie e ignorando o pedido de Troy -é que os homens estão com medo. Sua hegemonia no mundo ocidental está ameaçada pela emergência das mulheres que não estão dispostas a viver grávidas apenas. Quando eu estava em Stanford... -Parou e virou-se ao ouvir o pé de uma cadeira arranhando o chão.

-Com o devido respeito, srta. Leatherwood -Nick estava de pé de novo, segurando a cadeira -acho que vou me retirar. Gostei muito da sua música, mas não desejo mais submetê-la a maus modos. Desejo que continue a ter boa sorte na sua carreira e espero que um dia possa passar um tempo no barco com Troy e comigo. -Virou-se para Troy. -Vejo você na marina às oito da manhã. -Finalmente virou-se para Carol. -você também, se ainda quiser ir. Pode nos contar sobre os acontecimentos em Stanford quando estivermos no meio do golfo amanhã.

Não esperou pela resposta. Pegou o envelope e atravessou a multidão para sair.

Ao aproximar-se da porta ouviu uma voz o chamando.

-Nick. Oh, Nick. Venha até aqui. -Era Julianne, acenando-lhe de uma mesa vizinha cheia de copos e cinzeiros. Ela, Corinne e Linda estavam rodeadas de meia dúzia de homens, mas Julianne estava ajeitando-os à volta e puxando uma cadeira vazia. Nick foi até a mesa.

Meia hora depois Nick estava bêbado. A combinação de Julianne esfregando-se nas suas pernas, com os peitos gigantescos de Corinne (estavam cobertos agora, mas lembrava-se deles no jogo de Troy à tarde), e com as olhadelas intermitentes de Carol através da fumaça do cigarro tinham-no deixado cheio de tesão. Que droga, Williams, pensou consigo mesmo quando se sentou com o grupo de Julianne. Já deu outro fora. Tinha uma chance ideal para fazer charme para ela. Talvez até uma chance de dar certo. Mas meia hora depois, após todos aqueles drinques, seu pensamento era mais aproximado da fábula de Esopo. Ela é agressiva demais para mim. Famosa. Intrometida. provavelmente muito dura na intimidade. E fria na cama. Mais uma ferinha. Mas mesmo assim observava-a do outro lado do salão.

As cadeiras extras que tinham sido colocadas para o show de Angie foram retiradas para fazer espaço para a dança. Um disc-jóquei comandou o som o resto da noite de uma cabine ao lado do palco. Podia-se dançar uma variedade de músicas modernas, assistir aos vídeos das músicas superproduzidos nas grandes telas, ou apenas conversar, pois o som não era terrivelmente alto. A maioria das pessoas em volta de Nick era da marina. Durante um intervalo da música, logo depois dele ter engolido uma tequila, Linda Quinlan debruçou-se na mesa.

-Vamos, Nick -disse -solta aí o seu segredo. O que você e Troy encontraram ontem?

-Nada de especial -disse ele, lembrando-se do acordo mas surpreso ao perceber que queria na verdade falar sobre aquilo.

-Não é o que dizem por aí -disse um dos homens da mesa. -Todo o mundo sabe que você levou uma coisa para Amanda Winchester hoje de manhã. Vamos, conte para nós o que era. Encontrou um novo navio com tesouro?

-Talvez -disse Nick, com um ar de bêbado -por enquanto só talvez. -Outro impulso forte ameaçou-o de contar a história e mostrar as fotografias, mas

conteve-se. -Não posso falar sobre isso -foi tudo o que disse.

Nesse momento dois rapazes barulhentos. de cabelos curtos como o pessoal da Marinha, com uniformes de oficiais, dirigiram-se em linha reta para a mesa de Nick, vindos do outro lado do salão. Um deles era hispânico e moreno. Aproximavam-se com confiança, até mesmo com arrogância, e sua chegada na mesa fez a conversa parar.

-Tudo bem, garotas -disse o tenente claro, pondo as mãos no ombro de Julianne. -A Marinha chegou. Por que você e sua amiga (fez sinal com a cabeça indicando Corinne -Ramirez estava de pé atrás dela) não vêm dançar conosco?

Julianne disse: "Não, obrigada" com muita gentileza e sorriu. Todd olhou para ela. Estava meio tonto, e pelos seus olhos via-se nitidamente que andara bebendo muito.

-Quer me dizer -disse -que preferem ficar sentadas aqui com esses cafajestes locais do que dançar com futuros almirantes? -Julianne sentiu a mão dele apertando seu ombro. Olhou em volta da mesa e tentou ignorá-lo.

Todd não gostou da rejeição. Tirou a mão do ombro de Julianne e apontou para os seios de Corinne.

-Meu Deus, Ramirez, você tinha razão. Eles são monstruosos. não da vontade de abocanhar um deles? -Os dois tenentes riram grosseiramente. Corinne estremeceu.

O namorado de Linda Quinlan levantou-se da cadeira. A não ser por Nick, ele era o único dos homens da mesa aproximadamente do mesmo tamanho de Todd e Ramirez.

-Escutem aqui, rapazes -disse razoavelmente -a moça disse não gentilmente. Não precisam insultar suas amigas também.

-Você ouviu, Ramirez -interrompeu Todd, -esse cara disse que insultamos alguém. Desde quando admirar o tamanho do peitão de uma pessoa é um insulto? Riu para si próprio de sua esperteza. Ramirez fez menção de sair, mas Todd não deixou. Nick, bêbado, estava pronto para estourar desde o início da noite.

-Saíam daqui, seus filhos da puta -disse com calma mas com firmeza, ainda sentado ao lado de Julianne.

-Quem você está chamando de filho da puta, seu babaca? -replicou o truculento tenente Todd. Virou-se para Ramirez. -Acho que vou ser forçado a arrebentar a cara desse imbecil impertinente.

Mas Nick foi mais rápido. Levantando rapidamente, deu um soco que acertou direto na cara de Todd, fazendo-o cambalear para trás por cima de outra mesa coberta de bebidas. Todd e a mesa se espatifaram no chão e Nick foi para cima dele. Ramirez tirou Nick de junto do jovem oficial, e quando Nick virou-se e deu-lhe um soco também, Ramirez empurrou-o e fez com que ele caísse com as pernas bambas de tanto álcool. Nick caiu sobre Julianne e outra mesa cheia desabou no chão.

Do outro lado do salão, Carol, Angie e Troy podiam ver a bagunça e reconheceram Nick no meio.

-Epa -disse Troy, se levantando para ajudar o amigo. Carol foi atrás dele. Quando chegaram do outro lado do salão, os dois fanfarrões já estavam no auge da ação.

Enquanto isso, Nick e Julianne ainda tentavam se ajeitar no chão e Todd levantava-se lentamente.

Na briga, o envelope com as fotos caíra e umas duas delas ficaram de fora. Ramirez pegara o envelope do chão, e por causa das cores vivas estava olhando as fotos. o close do míssil marrom na fissura estava bem visível na foto de cima.

-Ei -disse ao tenente Todd cambaleante -olhe isso aqui. Do que acha que se trala?

Carol agiu instantaneamente. Passou por Ramirez, agarrou o envelope e as fotos e, antes que ele dissesse alguma coisa, gritou.

-De novo, Nick. Não acredito. Como pode ficar bêbado assim de novo? -Ajoelhou-se ao lado dele no chão e segurou sua cabeça com a mão que estava livre. -Oh, querido -disse, enquanto ele a olhava sem acreditar -, você prometeu que ia parar.

A multidão atônita ficou olhando Carol beijar Nick na boca para que ele não pudesse dizer nada. Troy estava espantadíssimo.

-Troy -gritou um momento depois, enquanto Nick tentava manter a consciência.
-Troy, onde está você? Vem me dar uma mão. -Troy ajudou Nick a levantar-se. -
Vamos levá-lo para casa agora -anunciou ela para os que estavam à volta. Ela e
Troy pegaram-no cada um por um braço e os três encaminharam-se para a porta.
Ao passarem pelo gerente, Carol lhe disse que voltaria no dia seguinte para
acertar as contas.

Ela e Troy praticamente carregaram Nick para a rua.

Enquanto se afastavam do Sloppy Joe's, Carol virou-se e viu que parte da multidão os tinha seguido até a porta. Ramirez e Todd, este ainda fazendo massagem no rosto, estavam de pé na frente do grupo com um ar muito intrigado.

-Para onde vamos levá-lo, menina? -perguntou Troy, quando estavam mais distantes de todos. -Nem ao menos sabemos onde ele estacionou o carro.

-Não importa -replicou Carol -desde que nos afastemos do clube.

O estranho trio virou à direita, na mesma rua do teatro onde apresentavam A noite do iguana, que terminara uma hora antes. Ao passarem o teatro viram um terreno baldio à esquerda. Carol parou em frente, atrás de algumas árvores, e olhou para trás para certificar-se de que não estavam sendo seguidos. Deu um suspiro e soltou Nick. inconscientemente enxugou o rosto suado com o envelope que tinha tirado de Ramirez.

Nick agora estava quase sóbrio.

-Eu não fazia ideia -murmurou para Carol, soltando a mão de Troy e tentando abraçá-la -que você gostava tanto de mim.

-Não gosto -disse Carol enfaticamente. Empurrou os braços dele e dirigiu-se para o terreno baldio. Nick não compreendeu e aproximou-se novamente. -Pare, seu bêbado imbecil.

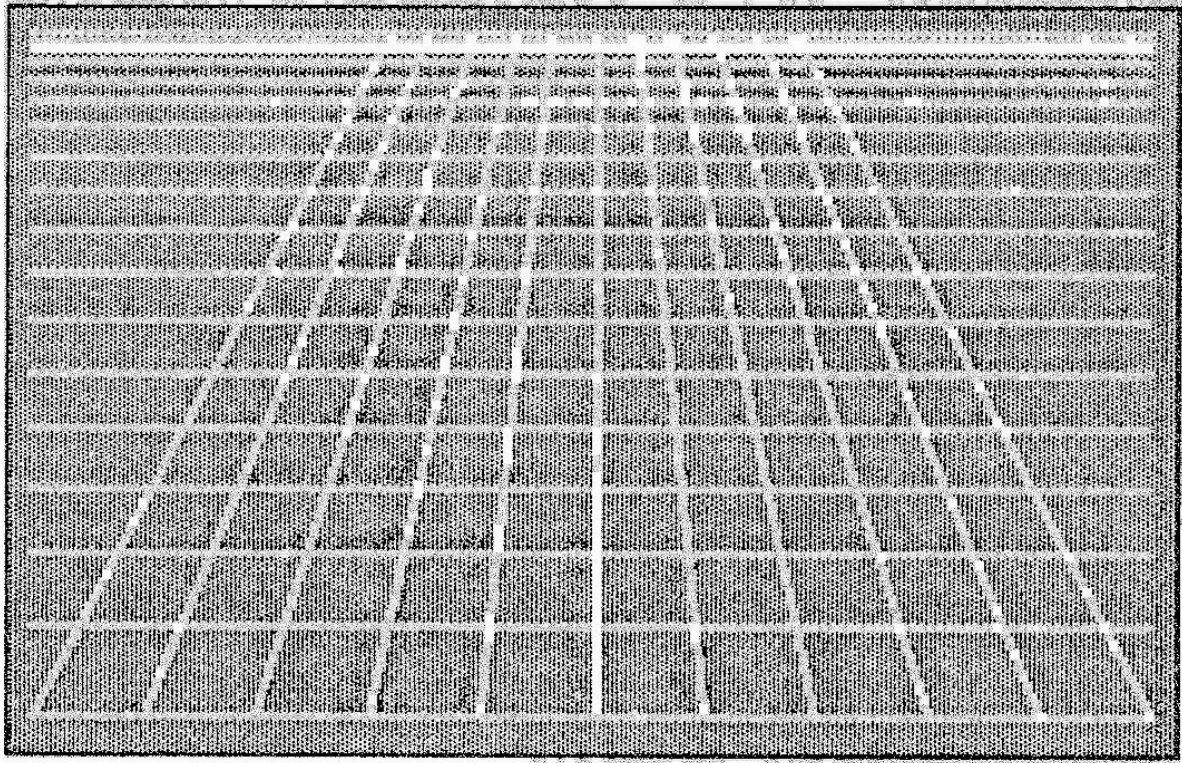
Tentou evitar que ele se chegasse mais protegendo-se com as mãos, mas Nick continuou na sua direção. Antes que Troy o pudesse deter, Carol deu um tapa no rosto dele com toda a força com a mão livre. Pasmado por um instante, Nick perdeu o equilíbrio e caiu no gramado de barriga no chão.

Ainda possesso, Carol baixou-se e forçou-o a ficar de barriga para cima.

-Nunca mais, nunca mais use sua força física contra mim -gritou. -Em nenhuma circunstância. -Deixou o envelope cair na barriga de Nick e levantou-se depressa.

Olhou para Troy, sacudiu a cabeça com desprezo e foi embora.

MONTAGEM E TESTE



Sob as lentes do microscópio eletrônico eles parecem molas enroladas com uma pequena cauda. Quando são colocadas na água ou em algum outro líquido, as molas parecem esticar-se e apêndices ciliados estendem-se alguns ângstrons para fora da cauda para que haja mobilidade.

Há milhares deles concentrados numa mistura do tamanho de uma minúscula gota d'água, e são cuidadosamente checados por um dispositivo a laser que também os conta e seleciona à medida que ilumina porções microscópicas da mistura. Quando a contagem termina, a parte menor da mistura separada solta-se do receptáculo de metal, passando por um canal para outro líquido, este de cor verde-esmeralda, dentro de um recipiente em forma de garrafa. As molas espalham-se e seguem caminhos variados em volta do recipiente.

Mecanismos externos agitam regularmente o líquido verde-esmeralda. Dentro do recipiente, sensores mínimos registram a temperatura, pressão e as exatas características químicas e físicas do fluido. O parâmetro não é absolutamente perfeito. Uma pequena válvula se abre na base do recipiente e uma nova substância é injetada na solução verde. Medições constantes monitorizam a difusão deste material suplementar. Com o tempo o fluido é alterado, alcançando um novo equilíbrio.

Agora tudo está pronto. De cima, milhares de bolinhas são jogadas no recipiente.

Algumas delas flutuam na superfície, mas a maioria afunda em profundidades variadas. Incrustada em cada uma dessas bolinhas há uma complexa construção de engenharia numa escala incrivelmente miniaturizada. A superfície externa das bolinhas contém sensores que investigam a região próxima dentro do líquido em busca de objetos semelhantes a molas. Um transmissor de alta frequência, colocado perto dos sensores, direciona um chamado para as molas, atraindo-as. Feixes de molas fazem evoluções em torno de cada uma das bolinhas.

Agora, uma de cada vez, as molas são colhidas por pequenos instrumentos existentes dentro da seção esponjosa externa da bolinha e depois levadas em cargueiros acionados eletricamente na direção da cavidade central da bolinha. Dentro desta cavidade há um ponto único, negro e amorfo, cujo exterior muda constantemente de forma à medida que seu material opaco se desloca de um lado para outro seguindo estímulos desconhecidos. Este ponto é rodeado por uma substância amarela grudenta que preenche o resto da cavidade.

A primeira mola sai do cargueiro, se desloca para dentro desse ponto e é vista por um instante movendo-se em direção ao centro. Contudo, quebra-se e destrói-se em milésimos de segundo. Outras molas são são projetadas na cavidade a intervalos regulares, e todas tentam, após a penetração, alcançar alguma região especial desse ponto. Finalmente uma delas consegue e o ponto muda de cor, passando a um vermelho brilhante. Numa rápida sucessão, alguma enzima da seção esponjosa externa da bolinha é descarregada nesse grude amarelo, fazendo com que sua cor tome um tom esverdeado, e todas as outras molas desaparecem aparentemente absorvidas pela estrutura da bolinha. A bolinha então se alonga, projetando um sistema de propulsão em miniatura até o líquido esmeralda. Após movimentar-se cuidadosamente em torno dos vários obstáculos, ela se junta à fila de bolinhas fertilizadas que se movimentam, uma a uma, através de uma diáfana membrana redonda existente no fundo do recipiente em forma de garrafa.

O fluido cheio de bolinhas passa rapidamente por um tubo estreito até alcançar um recipiente parcialmente fechado do tamanho aproximado da garrafa. Dentro deste jarro translúcido, um objeto mecânico em forma de colher cava no líquido que flui e tira para fora as bolinhas. Estas são levantadas e suspensas momentaneamente em torno do fluido corrente num gás pesado encerrado pelo jarro. Em alguns instantes cada uma das bolinhas se racha e suas carapaças se dissolvem, deixando visíveis o interior do jarro e uma série de pontinhos vermelhos rodeados do grude amarelo-esverdeado e suspensos no gás invisível.

O grude se alastra lentamente por todo o jarro acima do fluido corrente até que todo o espaço entre os pontos vermelhos esteja preenchido. Quando a corrente esmeralda abaixo forma uma gota e desaparece completamente, o grude se endurece como gelatina e enche as passagens por onde o fluido entrou e saiu. Dentro do jarro há milhares de pontinhos vermelhos incrustados na gelatina amarelo-esverdeada. Os pontos não passam por nenhuma mudança visível ao longo do processo.

O tempo passa e a atividade do jarro cessa. Ocasionalmente sondas mecânicas para testar a estabilidade da gelatina são introduzidas no jarro pela passagem do fluido. Finalmente o jarro translúcido é removido de seu local de depósito por um robô em forma de garfo que o iça e coloca numa esteira móvel. Esta esteira o carrega, juntamente com dezenas de outros jarros contendo diversos tipos de objetos (lápiz azuis, estrelas roxas, e caixas vermelhas) também suspensos na

gelatina amarelo-esverdeada, até um forno circular de aproximadamente 2,5cm de diâmetro. Aí todos os jarros são cuidadosamente cozidos. Dentro do forno as moléculas do jarro evaporam imediatamente. Em seguida, duas mãos de um manipulador desencorpado enrolam um cobertor incrivelmente fino de filamentos conectivos em torno de todas as estruturas gelatinosas. Após algum tempo este conjunto é retirado automaticamente do forno e empacotado num envelope metálico dourado, cujas diversas camadas são projetadas para fornecer toda a proteção ambiental restante.

Os propulsores hipergólicos misturam-se e criam chamas imediatas, lançando fogo do bocal do foguete. O esguio veículo se eleva, a princípio lentamente, mas passando a uma incrível velocidade depois. Antes de alcançar o zênite do vôo, o estágio do foguete abaixo da estranha carga paraboloide cai, e minúsculos motores inflamam-se no lado inferior do bumerangue voador. No ápice da trajetória, todo o pacote explode de repente e se desintegra. Centenas de peças da carga original caem na direção da superfície do planeta em direções diversas.

Uma inspeção mais cuidadosa mostra que cada pedaço resultante da explosão é feito de um material metálico dourado envolto em plástico. Um pequeno sensor/pacote de propulsão é preso ao plástico para fazer correções necessárias de verniê durante a descida após a explosão controlada. O envoltório de plástico cai sobre um estranho planeta híbrido, obviamente artificial, a julgar pela ampla variedade de superfícies incongruentes e agrupamentos de nuvens que podem ser vistas de uma altitude de dezenas de quilômetros. Há lagos esparsos de matizes diversos, além de uma topografia descontínua com regiões desérticas e gramadas, assim como montanhas nuas e desfiladeiros. Uma parte interligada do planeta é coberta de nuvens, ora brancas e fofas, ora escuras e espessas. Algumas nuvens são ativas, formando-se e mudando com sinais de turbulência. Outras partes da região nublada são estáticas, com pequenas tiras brancas que se estendem uniformes pelo céu.

Um dos veículos plásticos mergulha num banco de nuvem azul, indo parar num mar esmeralda. O plástico é deixado na superfície, mas o objeto metálico dourado afunda a dez metros até o fundo do mar. Durante uns dois dias não há qualquer mudança visível na sua aparência. Depois aparece uma protuberância na sua região polar norte, no topo da esfera dourada que esta pousada no fundo do mar. A protuberância aumenta lentamente, até a forma esférica parecer apresentar um grande carbúnculo no alto, havendo então uma metamorfose. Do lado externo da protuberância a superfície dura de metal amolece, começando a

assemelhar-se a uma membrana orgânica. Embora seja densa e grossa, ocasionalmente se toma abaulada, dando a ideia de haver algum movimento do outro lado da sua barreira dourada.

Depois uma vara preta, um tipo de sonda, rasga a superfície. Uma segunda sonda torna-se visível, depois uma terceira, ambas longas e pretas como a primeira, mas cada uma delas equipada com aparelhos totalmente diferentes, espalhados em toda a extensão da vara. Alguma coisa maior empurra a membrana uma vez, duas, até finalmente perfurá-la. Que aparelhagem estranha! Uma forma aerodinâmica, de aproximadamente oito centímetros de comprimento, em dois segmentos separados interligados por uma junta. O primeiro tem forma de cone; o segundo é longo e esguio, afunilando na ponta. Além das três sondas na parte frontal do primeiro segmento, a coisa tem quatro apêndices enrolados, ou braços, dois ligados ao lado de cada segmento.

A aparelhagem nada até uma planta aquática próxima com os braços recolhidos, e então desenrola seus apêndices multifacetados e começa a examinar a planta. Uma incrível quantidade de instrumentos minúsculos estuda-a por uns instantes, e depois a aparelhagem se afasta. O mesmo procedimento é repetido em cada planta encontrada.

Eventualmente a coisa encontra uma planta de que “gosta” e suas pinças destacam uma folha grande. A folha é cuidadosamente dobrada para diminuir o volume e carregada até o objeto com a membrana dourada.

O estranho forrageador junta-se a um parceiro idêntico e a dois peixes gordos com múltiplos braços e pernas, que se afastam para o lado e começam a modificar o fundo do mar. Os dias se passam. As coisas com as sondas trabalham sem cessar, trazendo cada vez mais variedades de plantas e animais para sua base. Os peixes cheios de pernas, enquanto isso, construíram -de areia, pedras, conchas e criaturas vivas -quase mil minúsculas casinhas retangulares seladas no fundo do mar. Esses peixes também trabalham incessantemente. Sua próxima tarefa será transportar cada um dos pontos vermelhos, um de cada vez, do berço dourado até suas novas casas.

Se houvesse um microscópio disponível, ele mostraria que alguma estrutura já estava se desenvolvendo dentro dos pontos vermelhos, dando-lhes definição e distinção, ao ser iniciado o transporte. Mas ainda são muito, muito pequenos. Depois dos pontos vermelhos e sua proteção gelatinosa estarem cuidadosamente

implantados dentro de suas minúsculas casas, os forrageadores fazem paradas rotineiras em cada viagem para depositar uma porção de sua colheita. Ao mesmo tempo, os peixes com pernas, os arquitetos e construtores das casas retangulares, começam a construir casas transparentes em forma de iglu para os embriões de outra espécie.

Um ano depois o luar ilumina o lago esmeralda. Centenas de pescoços ansiosos, excitados e retorcidos, alguns azul-reais e outros azul-claros, esticam-se para cima na direção da lua. Suas cabeças giram para todos os lados podendo ser vistos uns vinte orifícios e recortes em cada uma delas. Os pescoços se esticam para um lado e depois para o outro. As serpentes silenciosas estão em busca de alguma coisa.

Da direção da lua uma nave bizarra aproxima-se pela água. É grande em comparação às jovens serpentes, com torres gêmeas a uns três metros sobre a superfície da água, e cerca de dois metros acima uma plataforma quadrada de seis metros de lado que forma o fundo do barco. O topo dessa plataforma é irregular, ondulado e gradeado.

A plataforma flutua suavemente na água.

A nave chega no meio das serpentes e para. As serpentes dividem-se em dois grupos de acordo com a cor do pescoço e alinham-se dos dois lados da nave em fileiras e colunas ordenadas. Uma única nota musical, um si bemol com timbre de flauta, é ouvida da nave. Rapidamente a nota é repetida pelas fileiras e colunas de serpentes dos dois lados da nave. Depois vem uma segunda nota, também com som de flauta, e o processo se repete. Seguem-se quatro horas de aula de música, cobrindo uma gama de notas e acordes, até que algumas serpentes dos dois lados perdem a voz.

O exercício termina com uma tentativa de apresentação conjunta das serpentes de pescoço azul-real, mas o resultado é uma terrível cacofonia.

Dentro da nave, cada nota, cada movimento, cada resposta das jovens serpentes à aula de música é cuidadosamente monitorizada e gravada. O engenhoso projeto de engenharia do barco é baseado nos elementos-chave de controle do berço original.

Porém, embora os segmentos de material metálico dourado (assim como as varas

pretas e longas e até mesmo porções dos peixes com pernas) apareçam no computador que controla a nave, os constituintes primários de sua massa derivam de grandes quantidades de rocha local e matéria orgânica tirada do fundo do lago esmeralda.

A nave é a quintessência do professor de música, um sintetizador quase perfeito equipado com microprocessadores que não só armazenam todas as reações dos alunos como contém programas que permitem experiências com uma gama de métodos individualizados de ensino.

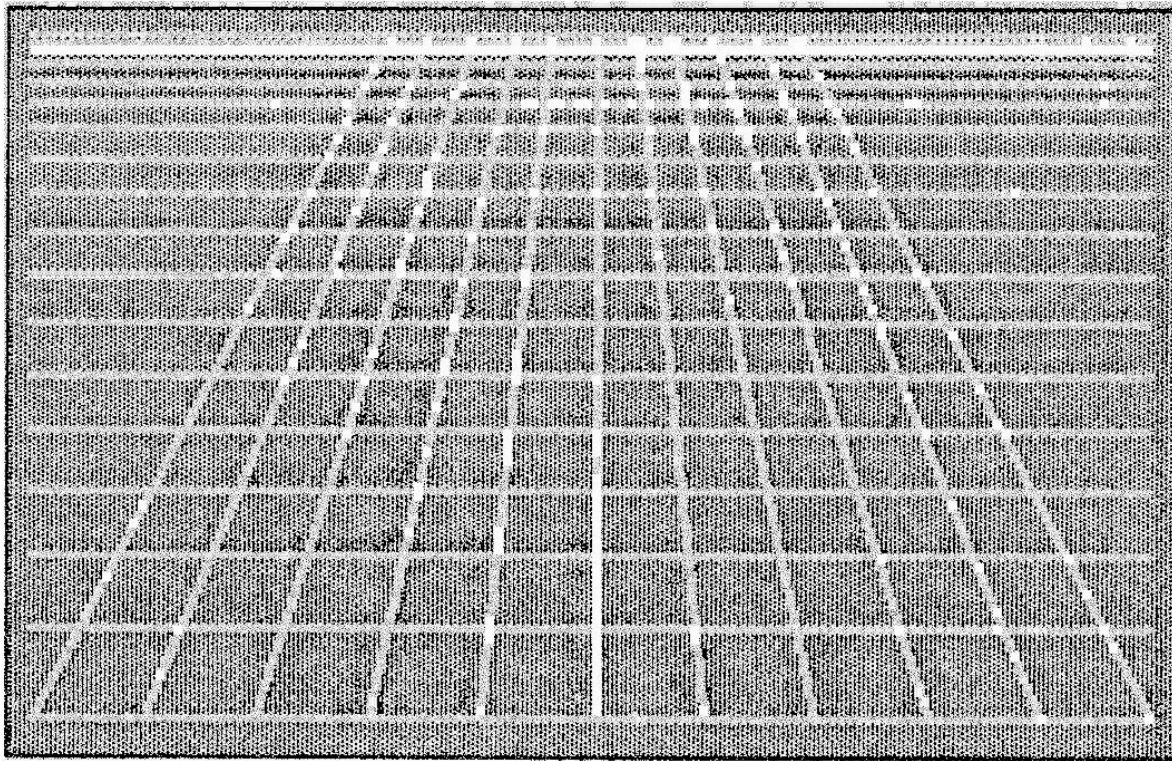
Mas esse robô sofisticado -engendrado pela inteligência artificial, guardado em volta dos zigotos de serpente e feito inteiramente de compostos químicos extraídos de material encontrado nos arredores do ponto de aterrissagem -é ele próprio observado e estudado de longe pelos engenheiros de teste. O teste corrente está nos estágios primordiais e progride esplendidamente. Esta é a terceira tentativa de ensinar música, a parte mais difícil do projeto do berço que irá carregar os zigotos de serpente de volta a Cantor. A primeira foi um desastre absoluto; os embriões desenvolveram-se bem até a adolescência, mas o professor nunca conseguiu instruí-las o suficiente para que pudessem cantar a canção de acasalamento e se reproduzirem. O segundo projeto foi melhor; conseguiu ensinar as serpentes a executar a sinfonia de namoro e uma nova geração foi produzida. Contudo, esse segundo grupo de serpentes adultas não foi capaz de ensinar seus descendentes a cantar.

O grupo mais seletivo de bioengenharia da Colônia foi chamado para estudar esse problema. Depois de utilizarem quadrilhões de bites de dados acumulados sobre o desenvolvimento das serpentes e outras espécies correlatas, descobriram uma curiosa correlação entre o grau de acalanto que a serpente recebe dos pais e sua capacidade resultante, ao chegar a maturidade, de ensinar à sua própria prole. A inteligência artificial responsável pelos primeiros seis meses da vida da serpente pôs em prática um novo projeto: uma mãe substituta cuja única função era segurar e ninar as serpentes pequenas a intervalos regulares. Os testes de subsistema tiveram sucesso; esta ligeira alteração do protocolo inicial de criação produziu serpentes adultas capazes de ensinar os filhos a cantar.

Este teste de demonstração dura mais de quatro miliciclos. No final do período, o teste é declarado um sucesso absoluto. Uma população de serpentes fortes e criativas, de aproximadamente 25 mil elementos, ocupa o lago artificial. As limitações ao crescimento futuro são só relacionadas ao teste. Por fim os

sobreviventes do teste são transportados para outro local do Complexo Zoológico e as serpentes cantorianas são acrescentadas à lista de espécies prontas para a repatriação zigótica.

SÁBADO



1

A lua cheia aparece sobre o plácido oceano. Troy olha os raios do luar brilhando sobre a água tranquila. Angie surge da água à sua frente. Seu maiô é branco e aderente à pele, de uma peça só.

Ela acena para Troy e ele atravessa a areia úmida para ir até a água. Está descalço, também com um calção branco. A água esta surpreendentemente quente. Angie começa a cantar, envolvendo-o com sua magnífica voz à medida que ele se aproxima mais da água.

Eles se tocam e se beijam. Ela se afasta um pouco, com um sorriso tentador. Troy fica excitado. De repente ouve-se uma sirene quebrando a calma da noite. O mar fica agitado e encapelado. Troy vira-se alarmado e olha para a rua, sem nada ver. Olha de novo para o mar. Angie desaparecera. À distância, próximo da linha do horizonte, ele pensa ver uma enorme onda se formando. A sirene soa de novo e Troy vê ao luar uma grande massa disforme ao lado de uma onda próxima.

Ele vai na direção do objeto. A onda agora está nítida, tomando metade da imagem do sonho. O objeto volumoso é um corpo preto com uma camiseta vermelha justa e calça jeans. A sirene soa mais alto. Troy vira o corpo e olha o rosto. É seu irmão Jamie.

Troy Jefferson sentou-se na cama com o coração descompassado, ainda entre o sonho e a realidade. Fora do apartamento ouve-se uma sirene. Ele sabia, pela mudança de frequência, que um carro de polícia ou uma ambulância passara voando pela sua porta. Sacudiu a cabeça e saiu da cama, vendo que o relógio digital marcava 3:03 h.

Foi até a cozinha e tirou da geladeira um suco de grapefruit. Ouviu a sirene à distância até o som sumir por completo. Depois voltou ao quarto menor onde dormia.

No corredor parou ao ouvir uma segunda sirene, esta ainda mais alta, parecendo estar do outro lado da porta, e lembrou-se nitidamente de outra sirene como aquela, no meio da noite. Seu coração bateu forte.

-Jamie -disse a si mesmo, involuntariamente -Jamie, por que você tinha de morrer?

Podia ainda ver os acontecimentos daquela noite com nitidez. Nada tinha sido esquecido.

A primeira coisa de que se lembrava eram os três, Jamie, ele e a mãe, sentados em silêncio à mesa de jantar, comendo galinha frita e purê de batata. Jamie acabara de chegar de Gainesville para as férias e passara quase uma hora, antes de se sentarem para o jantar, regalando o irmão de 15 anos, com as histórias de futebol e da vida universitária. Jamie era o ídolo de Troy desde a infância. Bonito, inteligente e eloquente, tinha sido agraciado também com incríveis dotes físicos. Em consequência disso, destacara-se nos esportes no segundo ano de faculdade e estava sendo cogitado para integrar o time do All-American na temporada seguinte. Troy tinha sentido muito sua falta quando ele fora para a universidade, mas nos dezoito meses seguintes aceitara sua ausência, ansiando sempre pelas visitas dos feriados.

-Então, mano -Jamie disse sorrindo ao terminar o jantar e empurrar o prato, -e você, como vai indo? Já terminou mais um trimestre. Está se preparando para ser um astronauta?

-Eu me saí bem -respondeu Troy, escondendo o orgulho. -Mas tirei um B em Ciências Sociais porque meu professor achou que tomei uma posição antiamericana no trabalho sobre o canal do Panamá.

-Acho que um B de vez em quando é aceitável -disse Jamie rindo e mostrando claramente o carinho pelo irmão menor. -Mas aposto que Burford não teve muitos B's quando estava no nono ano.

Sempre que Troy se lembrava da fatídica noite em que seu irmão morrera, lembrava-se também da menção a Guion Burford, o primeiro astronauta americano negro.

A maioria das vezes, por ser muito doloroso continuar a rememorar o irmão

morrendo em seus braços, lembrava-se de tempos mais felizes, com o irmão vivo, memórias mais felizes e presentes do que as lembranças funestas e deprimentes.

No verão anterior à sua morte, num dia quente e úmido de agosto, Jamie Jefferson teve três encontros particulares com seu treinador de futebol na Flórida para conseguir permissão de faltar aos treinos por dois dias. Queria levar o irmão Troy para assistir ao lançamento de um foguete espacial. Nos primeiros dois encontros

-Você ainda não entendeu -disse Jamie com firmeza ao iniciar sua argumentação no terceiro encontro com o treinador. -Meu irmão não tem pai, e é um Gênio em matemática e ciências. Tira o primeiro lugar em todos esses testes de aptidão. Ele precisa de um modelo. Precisa saber que os negros podem ter uma atuação significativa, e não apenas nos esportes. -O treinador finalmente deu permissão a Jamie, mas só porque percebeu que ele iria faltar ao treino de qualquer maneira.

Jamie foi no seu Chevrolet velho sem parar, apanhou o irmão em Miami e continuou na direção norte sem dormir por mais quatro horas até Cocoa Beach. Chegaram no meio da noite. Jamie, àquela altura, estava exausto; estacionou o carro numa área de acesso à praia próximo a um prédio de sete andares localizado na parte mais bonita da praia.

-Tudo bem, irmãozinho -disse -agora vamos dormir.

Mas Troy não conseguiu dormir. Estava muito excitado com a ideia do lançamento do foguete na noite seguinte, o oitavo, e o primeiro a ser lançado à noite. Lera tudo o que pode sobre o astronauta Burford e os planos da missão. Ficou imaginando que estava no futuro e que ele, Troy Jefferson, era um astronauta sendo lançado ao espaço.

Afinal de contas, Burford era uma prova de que seria possível um negro americano atingir os altos escalões da sociedade e tornar-se um herói popular devido à sua inteligência, personalidade e afinco no trabalho.

Ao amanhecer, Troy saiu do carro e caminhou uns metros até a praia. Tudo estava muito quieto, havendo apenas umas pessoas fazendo jogging e uns dois desses caranguejos engraçados, com os olhos aguçados à procura de presas especiais, andando de lado e se enfiando nos buracos feitos na areia. Ao norte

viam-se as plataformas de lançamento dos foguetes não tripulados da Base Aérea de Cabo Canaveral, mas na sua cabeça Troy via todo o aparato dos foguetes. Pensava no que o astronauta Burford estaria fazendo àquela hora. Estaria tomando o café da manhã? Estaria com a família ou com a tripulação do foguete?

Jamie acordou por volta do meio-dia e os irmãos passaram a tarde juntos na praia, rindo e brincando no mar. Depois de comerem uns hambúrgueres, tomaram o caminho do Centro Espacial Kennedy. Jamie tinha conseguido, de um entusiasta do seu time de futebol, um executivo da área aeroespacial, duas entradas para a área VIP dos espectadores do lançamento. Chegaram lá pouco antes da meia-noite. A seis quilômetros o impressionante foguete, consistindo do satélite sobre um tanque externo cor de laranja com dois propulsores, podia ser visto preso à torre de lançamento, quando a contagem regressiva afinal começou.

Nenhuma outra experiência de Troy chegaria perto daquela, ao observar o foguete espacial rasgando a noite. Quando ouviu a contagem ser anunciada nos alto-falantes da área VIP, ficou ansioso mas longe ainda do seu pasmo final. No momento em que os motores foram acionados, enchendo a noite da Florida com as chamas laranjas avermelhadas e as nuvens brancas de fumaça, seus olhos quase pularam da órbita.

Ao ver a nave gigantesca elevando-se lenta e majestosamente para o céu e deixando uma esguia chama e ao ouvir o som retumbante, um ribombo constante entremeado com estouros inexplicáveis (que a apenas seis quilômetros de distância chegavam uns vinte segundos depois do lançamento do foguete) sentiu um formigamento pelo corpo e as lágrimas descendo pelo rosto. Esta emoção intensa durou bem mais de um minuto. Ficou ao lado do irmão segurando sua mão, com as costas arqueadas para ver melhor a chama elevando-se cada vez mais alto e finalmente desaparecendo no céu acima.

Após o lançamento os dois dormiram juntos no carro. Depois Jamie deixou o irmão no ônibus em Orlando e seguiu para Gainesville para o treino. O jovem Troy sentia-se outra pessoa, transformado pela experiência vivida. Na semana seguinte acompanhou todas as notícias do vôo. Burford tomara-se seu herói, seu novo ídolo. Durante os dois primeiros trimestres do ano seguinte aplicou-se muito nos estudos. Tinha uma meta: iria ser astronauta.

Mas não sabia que numa noite de março, sete meses mais tarde, teria outra

experiência, devastadora e altamente perturbadora, que iria toldar por completo a excitação que sentira no lançamento do foguete. Naquela noite de março, seu irmão Jamie entrou no seu quarto antes de sair, por volta das oito horas.

-Vou até a casa de Maria, mano -disse. -provavelmente vamos a um cineminha.

Maria Alvarez tinha dezoito anos e ainda estava cursando o segundo ciclo escolar.

Era namorada firme de Jamie há dois anos, e morava com oito irmãos e os pais cubanos em Little Havana.

Troy deu um abraço no irmão.

-Que bom você estar aqui, Jamie. Quero lhe mostrar um montão de coisas. Fiz para você na escola um par de headphones.

-Quero ver tudo -interrompeu o irmão. -Mas amanhã, assim que acordar. Não vá para a cama muito tarde. Os astronautas precisam de muitas horas de sono para ficarem alertas. -Sorriu, saindo do quarto de Troy. Foi a última coisa que ouviu irmão dizer.

Não se lembrava do que ouvira primeiro ao acordar no meio da noite. O gemido angustiada da mãe misturou-se ao grito das sirenes próximas, criando um som embrulhado, inesquecível e aterrorizante. Foi correndo até a porta só de calça de pijama.

O som da sirene da ambulância chegava mais perto. Sua mãe estava na entrada da casa, debruçada sobre um corpo escuro, estirado parte na rua e parte na entrada, em frente ao Chevrolet de Jamie. Três policiais e meia dúzia de passantes aglomeravam-se em torno da mãe desesperada.

-De alguma forma -ouviu o policial dizendo, enquanto tentava, em pânico, entender o que tinha acontecido -ele conseguiu guiar até aqui. E incrível, depois de perder tanto sangue. Deve ter levado umas quatro balas na barriga...

Sua mãe gritou de novo, e naquele instante Troy conseguiu compreender que era o corpo do irmão que estava ali. Sentiu um arrepio e caiu de joelhos ao lado da cabeça dele. Jamie lutava para respirar. Seus olhos estavam abertos mas não

pareciam focalizar nada.

Troy colocou a cabeça do irmão no colo e olhou para a sua barriga. A camisa vermelha estava empapada de sangue, que parecia correr num fluxo contínuo da área acima da genitália. Sangue de Jamie no jeans, no chão, por toda parte. Sentiu náuseas e de repente vomitou sem sentir. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

-Achamos que foi uma gangue que atirou, sra. Jefferson -continuou o policial. Certamente algum engano. Todo o mundo sabe que Jamie não se misturava com aquele tipo de gente. -Logo chegaram os repórteres. Luzes de flashes pipocavam.

Mais sirenes aproximavam-se.

Os olhos de Jamie ficaram parados. não havia mais sinal de respiração. Troy puxou a cabeça do irmão para o seu peito, sabendo por instinto que ele estava morto. Começou a soluçar incontrolavelmente.

-Não -murmurava. -Não. Meu irmão, não. Não Jamie. Ele nunca fez mal a ninguém.

Alguém tentou reconfortá-lo, batendo-lhe no ombro, mas Troy encolheu-se violentamente.

-Me deixem em paz -gritava entre soluços. -Ele era meu irmão. Meu único irmão. -após um instante colocou carinhosamente a cabeça de Jamie no chão e caiu em desespero ao seu lado.

Aproximadamente às três e meia da manhã, dez anos mais tarde, em março de 1994, Troy Jefferson estaria em casa, sozinho no seu duplex, acordado e rememorando aquele instante terrível em que Jamie tinha morrido. Sentia de novo o coração aos pedaços com a grande perda. E percebia de novo, com muita clareza, que a maioria dos seus sonhos de adolescente tinha morrido com o irmão, que tinha abandonado a ideia de ir para a universidade e ser astronauta por estar ligada a memória de Jamie.

Terminou o colégio aos trancos e barrancos nos três anos que se seguiram à morte de Jamie. Foi preciso muito esforço da parte de sua mãe, da escola e das autoridades locais para que ele não parasse de estudar. Depois, assim que se

formou, saiu de Miami. Ou melhor, fugiu. Para longe de tudo o que tinha acontecido e de tudo o que poderia ter sido. Por mais de dois anos ficou vagando a esmo por todo o país, um negro jovem e solitário, privado de amor e de amizade, procurando superar o sentimento de vazio, sua companhia constante.

Assim, finalmente vim para Key West, pensaria Troy anos mais tarde, ao voltar para a cama no meio da manhã para dormir mais umas duas horas. E por alguma razão construí um lar para mim. Talvez estivesse na hora. Ou talvez eu tivesse aprendido o bastante para saber que a vida continua. Mas de cerra forma, embora a dor nunca tenha passado, perdi Jamie. E encontrei o Troy perdido. Ou espero rer encontrado.

O sonho interrompido pela sirene voltou de súbito à sua cabeça. Angie estava linda à luz do luar, com seu maiô branco. E dessa vez para uma coisa inacabada, riu Troy para si próprio, concentrando-se na imagem de Angie ao voltar a dormir.

2

Bom dia, menina -disse Troy com um grande sorriso quando Carol aproximou-se do Florida Queen. -Pronta para uma pescaria? -Pulou do barco e gritou para Nick, que estava nos fundos, do outro lado da cabine. -Ela já chegou, professor -berrou. Vou até o estacionamento pegar a tralha. -Carol deu a chave do carro e ele rumou para a sede da marina.

Carol passeou um pouco pelo embarcadouro antes de Nick surgir por trás da cabine.

-Venha para cá -disse ele, franzindo a testa enquanto limpava uma corrente pesada com um pano escuro. Sentia-se mal. Tinha tido uma ressaca terrível e estava sem jeito com os acontecimentos da noite anterior. Carol não disse nada de início.

Nick parou de limpar a corrente e esperou que ela falasse.

-Não sei exatamente como dizer isso -começou ela, com voz firme mas agradável -mas é importante para mim falar antes de entrar no barco. -Limpou a garganta. -Nick -disse devagar -não quero mergulhar com você hoje. Quero mergulhar com Troy.

Nick olhou-a intrigado. Estava de pé ao sol, e sua cabeça doía.

-Mas Troy... -começou.

-Sei o que você vai dizer -interrompeu ela. -Ele não tem muita experiência e pode ser um mergulho perigoso. -Olhou-o diretamente. -Isso não importa. Tenho experiência suficiente para nós dois. Prefiro mergulhar com Troy. -Esperou uns segundos. -Agora, se você não estiver disposto a...

Dessa vez foi Nick quem a interrompeu.

-Tudo bem, tudo bem -disse, afastando-se. Estava surpreso de ver que ficara zangado e magoado ao mesmo tempo. Essa mulher ainda esta furiosa, disse consigo mesmo. E eu pensei que talvez... Afastou-se dela e voltou para o outro lado do deck para terminar de preparar o pequeno guindaste alugado que ele e Troy tinham instalado na noite anterior. Como já tinham usado esse equipamento antigo várias vezes em outras excursões, a instalação não dera maiores problemas.

Carol pulou para o barco e colocou as fotos em cima do balcão, perto da roda do leme.

-Onde esta o tridente? -perguntou a Nick. -Gostaria de dar mais uma olhada nele agora de manhã.

-Na gaveta de baixo à esquerda, por baixo do equipamento naval -respondeu sucintamente.

Ela tirou a sacola cinza da gaveta, abriu-a e puxou o tridente, segurando-o pela haste comprida do meio. Tinha um aspecto estranho, por algum motivo. Guardou o objeto na sacola e tirou-o pela segunda vez, segurando o pesado tridente de novo nas mãos. Mais uma vez sentiu alguma coisa diferente. Lembrou-se quando segurara a haste por baixo da saliência na água e passara a mão lentamente em volta da haste central. É isso, disse consigo mesma. Está mais grossa.

Virou o objeto nas mãos. O que está acontecendo comigo? pensou. Fiquei maluca?

Como pode estar mais grossa? Examinou o objeto mais uma vez com muito cuidado. Dessa vez achou que os dentes do garfo tinham se alongado e que podia perceber um aumento visível no peso. Nossa mãe. Será possível isso? pensou.

Pegou as fotos que tinha trazido. Todas as imagens do tridente tinham sido tiradas debaixo d'água. Mas ela tinha certeza que podia perceber duas mudanças sutis entre as fotos e o tridente real. O eixo parecia mesmo estar mais grosso, e os dentes do garfo pareciam mesmo estar mais longos.

-Nick -gritou. -Nick, pode vir até aqui?

-Estou no meio de um trabalho -disse uma voz de poucos amigos do outro lado do deck. -É importante?

-Não. Quer dizer, é -respondeu Carol. -Mas posso esperar até você terminar.

A cabeça de Carol não parava. Só há duas possibilidades, dizia consigo própria com precisão lógica, ou mudou ou não mudou. Se não mudou, devo estar vendo fantasmas. Pois está definitivamente mais grosso. Mas como poderia mudar? Por conta própria ou mudado por alguém? Mas quem? Nick? Mas como será que ele...

Nick chegou onde ela estava.

-E aí? -disse num tom distante, quase hostil.

Carol lhe passou o tridente.

-Então? -disse ela, sorrindo e olhando para ele intrigada.

-Então, o que? -respondeu Nick, totalmente confuso com o que estava acontecendo e ainda zangado com a cena anterior.

-Nota alguma diferença? -continuou Carol, apontando para o tridente nas mãos de Nick.

Nick virou-o de cabeça para baixo como ela fizera. A luz do sol brilhou na superfície dourada e incomodou seus olhos. Apertou-os para ver melhor, depois trocou o objeto de uma mão para a outra e olhou-o de vários ângulos.

-Acho que estou perdido -disse por fim. -Está tentando me dizer que houve uma mudança nesta coisa?

Estendeu o tridente entre os dois.

-É -disse Carol. -você não sente? A haste central está mais grossa do que na quinta-feira, e os dentes ou elementos individuais desse garfo estão mais longos numa das pontas. E você não acha que todo o tridente está mais pesado?

A dor de cabeça de Nick continuava. Olhou para um lado e para o outro entre o

tridente e Carol. Para ele o objeto não tinha mudado.

-Não, não acho -disse. -Parece o mesmo para mim.

-Você está sendo difícil -persistiu Carol, pegando o tridente de volta. -Olhe aqui nas fotos. Verifique o comprimento do garfo comparado com a haste toda e depois olhe para o objeto. Está diferente.

Havia alguma coisa na atitude de Carol que realmente irritava Nick. Ela parecia sempre ter certeza de estar com a razão e dos outros estarem errados.

-Isto é absurdo -exclamou Nick -e eu tenho um monte de coisas para fazer. -Fez uma pausa e continuou: -Que diabo, como poderia ter mudado? É um objeto de metal, pelo amor de Deus. O que esta achando? Que por alguma razão ele cresceu?

Besteira.

Sacudiu a cabeça e começou a afastar-se. Depois de uns dois passos, virou-se.

-Não se pode confiar nas fotos, de qualquer forma -disse, com tom mais ameno.
-Fotos submarinas sempre distorcem os objetos...

Troy estava se aproximando com a carreta e o equipamento de Carol. Podia adivinhar pela posição do corpo dos dois, mesmo sem ouvir as palavras, que os companheiros de barco estavam brigando de novo.

-Meu Deus -disse, subindo para o barco. -Não posso deixar vocês nem um minute sozinhos. Qual é a causa da briga agora, professor?

-Essa sua repórter supostamente inteligente -respondeu Nick olhando para Carol e falando com tom paternal -insiste que nosso tridente mudou de forma. Da noite para o dia, imagino. Embora não tenha começado a explicar ainda como. For favor, já que ela não me acredita, explique sobre o índice de refração, ou o que seja, que distorce as fotografias submarinas.

Carol apelou para Troy.

-Mas ele mudou. Verdade. Lembro com clareza como era antes e vejo que agora

esta diferente.

Troy estava descarregando a carreta e pondo o telescópio oceânico no Florida Queen.

-Menina -disse Troy, parando para examinar o tridente que ela lhe passava com as duas mãos -não posso dizer se mudou ou não, mas posso dizer uma coisa. Você estava muito excitada quando encontrou isso e estava debaixo d'água também. Considerando esses dois fatores, eu não confiaria na minha memória com relação ao peso dessa coisa.

Carol olhou para os dois. lá continuar com a discussão, mas Nick mudou de assunto.

-Você sabia, Jefferson, que nossa cliente, a srta. Dawson, requisitou seus serviços de mergulhador para hoje? Ela não quer mergulhar comigo. -Seu tom era áspero.

Troy olhou para Carol surpreso.

-Isso é muito bom, menina -disse mansamente -mas Nick é na verdade o especialista em mergulho. Eu sou um iniciante.

-Eu sei -respondeu Carol bruscamente, ainda irritada com o resultado da conversa de poucos instantes atrás. -Mas quero mergulhar com alguém em quem eu confie. Alguém que seja responsável. Sei mergulhar o suficiente por nós dois.

Nick deu uma olhada para ela com raiva, virou-se e se afastou. Estava furioso.

-Tudo bem, Jefferson -disse. -Já concordei em deixar a srta. Todo-poderosa fazer como quiser. Vamos aprontar o barco e terminar de instalar o telescópio dela outra vez.

-Meu pai finalmente divorciou-se da minha mãe quando eu tinha dez anos -dizia Carol para Troy. Estavam sentados juntos no deck frontal do barco. Depois de terem combinado os procedimentos a serem seguidos no mergulho umas duas vezes, Carol mencionara alguma coisa a respeito de suas experiências com barco, um aniversário a bordo de um pesqueiro com o pai aos seis anos de idade. Os dois tinham então passado as suas reminiscências da infância. -A separação

foi terrível. -Devolveu a lata de Coca-Cola para Troy. -talvez você tenha tido mais sorte, em certo sentido, de não ter conhecido seu pai.

-Acho que não -replicou Troy com seriedade. -Desde meus primeiros anos tive a tristeza de saber que algumas crianças tinham pai e mãe. Meu irmão Jamie tentava ajudar, é claro, mas não podia fazer muita coisa. Eu escolhia intencionalmente amigos que tivessem um pai morando em casa. -Riu. -Lembro-me de um pretinho chamado Willie Adams, cujo pai vivia em casa mas causava embaraço a todos. Ele era meio velho, com quase 60 anos naquela época, e não trabalhava. Ficava sentado na varanda da frente na cadeira de balanço, bebendo cerveja o dia inteiro.

-Sempre que eu ia à casa de Willie brincar, encontrava alguma desculpa para ficar um pouco na varanda com o sr. Adams. Willie ficava irrequieto, sem poder compreender por que eu gostava de ouvir as histórias velhas e chatas do seu pai. Ele tinha estado na guerra da Coreia e adorava falar dos amigos e das batalhas, e especialmente das mulheres coreanas e seus truques, como dizia. A gente sempre podia saber quando o sr. Adams ia começar uma de suas histórias. Seus olhos fixavam um ponto, como se estivesse olhando alguma coisa à distância, e ele dizia como que para si mesmo, “diga a verdade, Baby Ruth”. Depois relatava a história, quase como se estivesse citando de um livro, “tínhamos rechaçado os norte-coreanos para o Yalu e o comandante do nosso batalhão nos disse que eles estavam prestes a se render” , dizia. “Estávamos nos sentindo bem, falando sobre o que iríamos fazer quando voltássemos para os Estados Unidos. Mas então aquela grande horda amarela veio da China...”

Troy parou e ficou olhando o mar. Carol podia vê-lo ainda menino sentado na varanda com o amigo Willie, ouvindo histórias contadas por um homem que vivera desesperançado no passado, mas que no entanto representava o pai que Troy nunca tivera.

Inclinou-se para ele e tocou-o no braço.

-E uma cena bonita -disse. -Você provavelmente não imaginava como deixava aquele homem feliz ouvindo suas histórias.

Do outro lado da cabine Nick Williams estava sentado sozinho. Lia Madame Bovary e tentava em vão ignorar a ressaca e as pontas da conversa que ouvia ao longe. Tinha programado o sistema de navegação para voltar automaticamente

ao ponto de mergulho de quinta-feira, portanto não precisava fazer mais nada na pilotagem do barco. Estava quase certo de que teria gostado da conversa com Carol e Troy, mas depois da discussão matinal, quando ela mostrara claramente que não queria sua proximidade, não estava a fim de ir ter com os dois. Era melhor ignorá-la, senão ela deduziria que ele era apenas mais um malandro.

Além disso estava gostando do livro. Lia a parte em que Emma Bovary se entrega completamente a Rudolph Boulanger. Podia ver Emma saindo escondido de casa, no vilarejozinho provinciano, e correndo pelo campo para os braços do amante. Antes, quando lia um romance sobre uma heroína morena e bela, pensava em Monique.

Mas por incrível que pareça, a Emma Bovary que imaginava agora era Carol Dawson.

E mais de uma vez naquela manhã, ao ler as descrições de Flaubert das paixões de Emma e Rudolph, imaginara-se no papel do solteirão oriundo da pequena nobreza rural fazendo amor com Emma/Carol.

O sistema automático de navegação que guiava o barco enquanto Nick lia consistia de uma simples combinação transmissor/receptor e de um pequeno miniprocessador.

Tirando vantagem de uma infinidade de conjuntos de satélites síncronos, o programa do processador estabelecia a localização do barco com muita precisão e seguia um algoritmo de direção pré-programado para o local desejado. Ao longo da rota, a ligação com o satélite acima fornecia as informações necessárias à correção do curso marítimo.

Quando o Florida Queen estava a uma milha do local de mergulho, o sistema naval soou. Nick foi aos controles e mudou para navegação manual. Carol e Troy levantaram-se,

-Lembre-se -disse ela -que o propósito básico de nosso mergulho é fotografar e resgatar tudo o que vimos naquela fissura na quinta-feira. Se tivermos bastante tempo depois, voltaremos para a saliência onde encontramos o tridente.

Deu uns passos e ligou o monitor do telescópio oceânico. Estava a menos de um metro de Nick. Eles não tinham trocado palavra desde que o barco saíra de Key

West.

-Boa sorte -disse ele quase num sussurro.

Carol olhou para ver se ele estava sério ou sarcástico, mas não chegou a uma conclusão.

-Obrigada -falou.

Troy juntou-se a Carol em frente ao monitor. Ela tirou as fotografias do envelope para que pudessem ser usadas na definição do ponto exato de ancoragem. Durante uns minutos passou instruções a Nick, baseadas no que via pelo telescópio, comandando pequenas correções na posição do barco. Finalmente o fundo do mar pareceu ser exatamente o mesmo da quinta-feira em que tinham visto as baleias. Com uma grande diferença.

-Onde está a abertura do arrecife? -perguntou Troy inocentemente. -Não consigo ver isso no monitor.

O coração de Carol disparou quando olhou do telescópio para as fotografias várias vezes. Onde está a fissura? pensou, não pode ter desaparecido. O barco afastava-se do sitio de mergulho e Nick fazia-o voltar. Dessa vez Troy deixou cair a âncora, mas Carol ainda não conseguia ver sinal da fissura. Não podia compreender aquilo.

-Nick -disse finalmente, --pode nos dar uma mão? Nós dois descemos lá juntos e vimos a abertura. será que eu e Troy estamos confusos?

Nick aproximou-se até o deck e olhou no monitor. Também ficou pasmo, e achou que outras coisas no fundo do mar também pareciam um pouco diferentes.

-Não vejo a abertura aí -disse -mas talvez seja só a iluminação. Estivemos aqui de tarde da vez passada e agora são dez da manhã.

Troy virou-se para Carol.

-É melhor Nick mergulhar com você. Ele esteve lá antes, viu a fissura e sabe como encontrar a saliência. Tudo o que sei é pelas fotografias.

-Não -disse Carol depressa. -Quero mergulhar com você. Nick deve estar certo. Não podemos ver a fissura por causa da iluminação diferente. -Pegou sua câmera submarina e foi até a popa do barco.

-Vamos indo -disse. -Vai dar tudo certo.

Troy encolheu os ombros e olhou para Nick, como se dissesse “eu tentei”, e seguiu-a um pouco depois.

3

Mas Richard -disse Ramirez, -podíamos entrar numa grande enrascada.

-Não vejo como -replicou o tenente Todd -nem por que alguém um dia venha a saber. A Marinha construiu o sistema, afinal de contas, básica mente para seus próprios navios. Nós só vamos permitir que qualquer outro o use. Tudo o que temos a fazer é interrogar o registro-mestre e conseguir o Doppler e o histórico do tempo de alcance para esse código particular de identificação. Depois podemos descobrir onde estão. E fácil. Fazemos isso todo o tempo com nossos próprios navios.

-Mas assinamos um acordo marítimo restringindo nosso acesso aos registros privados, a não ser em caso de vida ou morte ou de segurança nacional - continuou Ramirez. -Não posso simplesmente invadir os arquivos do satélite porque você e eu suspeitamos que um certo barco está em missão ilegal. Precisamos de autorização.

-Escute, Roberto -argumentou Todd com veemência -quem você acha que nos daria permissão? Não temos as fotografias, só temos nossa palavra. Precisamos agir por conta própria. Se estivermos errados, ninguém jamais precisará saber. Se estivermos certos, crucificaremos o imbecil, seremos heróis e ninguém nos causara problemas pela nossa ação.

Ramirez ficou em silêncio por um instante.

-Você pelo menos não acha que deveríamos informar o comandante Winters? Afinal de contas, ele é o oficial encarregado desta investigação do Panther.

-É claro que não -disse rapidamente o tenente Todd. -Você ouviu o que ele disse ontem na reunião. Acha que já estamos fora da linha e adoraria tripudiar em cima da gente. Ele é ciumento. -Viu que Ramirez ainda estava indeciso. -Já sei -disse -falamos com ele depois que descobrimos onde está o navio.

O tenente Ramirez sacudiu a cabeça.

-Isso não vai fazer nenhuma diferença. Ainda assim teremos excedido nosso limite de autoridade.

-Merda -disse Todd irritado. -Então diga o que tem de ser feito que eu faço. Sem você. Vou correr o risco. -Parou e olhou diretamente para Ramirez. -Não consigo entender, porra. Acho que vocês mexicanos realmente não têm gana. você foi o único que viu aquele míssil na fotografia, mas...

Os olhos de Ramirez se estreitaram e sua voz ficou áspera.

-Chega, Todd. Vamos conseguir os dados, mas se acontecer um desastre eu quebro seu pescoço com as mãos.

-Sabia que ia acabar concordando -replicou Todd sorrindo, ao seguir Ramirez.

O comandante Winters colocou o engradado extra de Coca-Cola por cima do gelo e fechou a geladeira portátil.

-Mais alguma coisa -gritou pela porta para a mulher e o filho -antes de eu levar isso para o carro?

-Não, senhor -foi a resposta. O comandante apanhou a geladeirinha e levou-a até a porta. -Puxa -disse, ao depositá-la na mala aberta do carro, -há comida e bebida aqui para umas dez pessoas.

-Gostaria que o senhor viesse também -disse Hap. -A maioria dos outros pais vai estar lá.

-Eu sei, eu sei -respondeu Winters. -Mas sua mãe vai, e eu tenho uns assuntos particulares para tratar hoje à noite. -Deu um ligeiro abraço no filho. -Além do mais, Hap, já falamos sobre isso antes. Ultimamente não venho me sentindo à vontade em atividades organizadas pela igreja. Acho que a religião está entre Deus e o indivíduo.

-Você não pensava assim -interferiu Betty do outro lado do carro. -Na verdade, você gostava muito dos piqueniques da igreja. Jogava beisebol, nadava e ria a noite toda. -Havia um traço de amargura em sua voz. -Venha, Hap -disse, depois

de breve pausa -senão chegaremos atrasados. Agradeça a seu pai por ter nos ajudado a arrumar as coisas.

-Obrigado, papai. -Subiu no carro e Winters fechou a porta. Acenaram enquanto o Pontiac saía da entrada da casa para pegar a rua. Enquanto partiam, Winters pensava: Preciso passar mais tempo com ele. Precisa de mim agora. Se não fizer isso agora, será tarde demais.

Deu meia-volta e entrou em casa. Na geladeira parou e abriu a porta para tomar um copo de suco de laranja. Enquanto bebia, olhava a esmo pela cozinha. Betty já tinha recolhido a louça do café da manhã e colocado na máquina de lavar pratos. As pias estavam limpas. O jornal estava dobrado cuidadosamente na mesa do café. A cozinha estava toda em ordem. Como ela mesma. Detestava bagunça, qualquer que fosse.

Winters lembrava-se de uma manhã, quando Hap ainda usava fraldas e eles moravam em Norfolk, na Virginia. O menininho batia com força na mesa da cozinha e de repente seus braços esbarraram na xícara de café de Betty e na leiteira, derrubando tudo no chão. A cozinha ficou toda suja e com cacos de louça. Betty parou sua refeição e quando voltou voltou para comer os ovos mexidos, frios, não havia mais o menor sinal de sujeira no chão, no armário de baixo e nem mesmo na cesta de lixo (jogou os cacos no saco de lixo e retirou tudo para jogar na lixeira de fora), como se nada tivesse acontecido.

À direita da geladeira da cozinha, pendurada na parede, havia uma plaqueta com inscrição simples. “Po1i Deus amou tanto o mundo que lhe deu Seu único filho gerado, e aquele que acreditar Nele terá a vida eterna... (João 3:16).” Vernon Winters via aquela plaqueta todo dia, mas na verdade não lia as palavras há meses, ou há anos.

Naquela manhã de sábado leu-as e ficou comovido. Pensou no Deus de Betty, um Deus semelhante àquele que tinha adorado na sua infância e adolescência em Indiana, um velho quieto, calmo e sábio que se sentava em algum lugar dos céus, observando tudo, sabendo tudo, esperando para receber e responder nossas preces. Era uma imagem simples e bela. “Pai nosso que estais no céu”, disse, lembrando as centenas ou milhares de vezes em que rezara na igreja, “santificado seja o Vosso nome. Venha a nós o Vosso reino. Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no céu...”

E qual é a Vossa vontade para comigo, Senhor? pensou Winters, um pouco chocado com sua própria irreverência. Durante oito anos me deixastes solto, me ignorastes, me testastes como a Jó. Ou talvez tenhais me punido. Foi até a mesa da cozinha e sentou-se, tomando outro gole do suco de laranja. Mas eu fui perdoado? Ainda não sei. Nem uma só vez em todo aquele tempo Vós me destes um sinal definitivo. Apesar das minhas preces e minhas lágrimas. Uma vez, pensou, logo depois da Líbia, imaginei se talvez...

Lembrou-se de estar semi-acordado na praia, de olhos fechados, deitado sobre uma confortável toalha. À distância ouvia o mar e crianças brincando, ocasionalmente distinguindo a voz de Hap ou a de Betty. O sol de verão era quente e relaxante.

Uma luz começou a surgir dentro de suas pálpebras. Abriu os olhos. Não podia ver muito porque a luz do sol era brilhante demais e também porque havia um brilho, uma cintilação metálica nos seus olhos. Fez sombra com as mãos. Uma menininha de cabelos compridos, talvez de um ano de idade, estava de pé ao seu lado, olhando-o.

A cintilação vinha da passadeira de metal do cabelo dela.

Fechou os olhos e abriu-os novamente. Agora podia vê-la melhor. Ela tinha mudado um pouco a posição da cabeça e o brilho desaparecera. Mas ainda olhava fixo para ele, absolutamente sem expressão no rosto. Usava fraldas. Percebeu que ela era estrangeira, árabe talvez, pensara na época, olhando de novo aqueles olhos amendoados castanhos escuros. Ela não se moveu e nem disse palavra. Ficou só observando-o, curiosa, implacável, sem parecer notar qualquer coisa que ele fizesse.

-Ola -disse Winters com calma. -Quem é você?

A menininha árabe não deu sinal de ter ouvido. Depois de uns segundos, contudo, apontou de súbito o dedo para ele com uma expressão zangada. Winters deu de ombros e sentou-se abruptamente. Seu movimento rápido assustou-a e ela começou a chorar. Tentou pegá-la mas ela encolheu-se, escorregou, perdeu o equilíbrio e caiu na areia. Sua cabeça bateu em alguma coisa pontuda e começou a jorrar sangue do couro cabeludo para os ombros. Apavorada, primeiro com a queda e depois com todo aquele sangue, a menininha começou a gritar.

Winters hesitou, lutando contra seu próprio pânico ao ver o sangue espalhar-se pela areia. Alguma coisa desconhecida passou-lhe pela cabeça e ele decidiu pegar a menina árabe e confortá-la. Ela lutou violentamente com ele, com aquele arrojo e força surpreendentes das criancinhas, e conseguiu soltar-se. Caiu de novo na areia, de lado, com o sangue pingando na areia marrom clara. Estava agora completamente histérica, chorando tanto que chegava a perder a respiração, com o rosto cheio de medo e raiva. Apontou de novo para Winters.

Segundos depois, dois braços escuros surgiram no ar e pegaram a criança. Pela primeira vez Winters notou que havia outras pessoas em volta, Aliás muita gente. A criança tinha sido apanhada por um homem que devia ser seu pai, um árabe baixo e atarracado, de menos de trinta anos, de calção azul. Segurou a filha protetoralmente, parecendo esperar uma briga, e consolando sua mulher nervosa cujos soluços alternavam-se com os gritos frenéticos da menina. Os dois olharam para Winters acusadoramente.

A mãe cobria a cabeça ensanguentada da filha com uma toalha.

-Não queria machucá-la -disse Winters, reconhecendo que tudo o que falasse poderia ser mal interpretado. -Ela caiu e bateu com a cabeça em alguma coisa e eu... O casal árabe afastou-se lentamente. Winters virou-se para os outros, talvez umas dez pessoas que tinham aparecido com os gritos da criança. Todos o olhavam de forma estranha. -Não queria machucá-la -repetiu em voz alta. - Estava só... -Parou. As lágrimas rolavam pelo seu rosto e caíam na areia. Meu Deus, pensou, estou chorando. Não é de espantar que essa gente...

Ouviu outro grito. Betty e Hap tinham acabado de chegar ao seu lado quando o casal árabe se afastou com a filha. Vendo o sangue nas mãos do pai, Hap, com cinco anos, caiu em prantos e enterrou o rosto no colo da mãe, soluçando convulsivamente.

Winters olhou para suas mãos, depois para as pessoas à sua volta. Impulsivamente inclinou-se para a frente e tentou limpar as mãos na areia. O som dos soluços do filho continuava na sua cabeça enquanto ele tentava em vão tirar o sangue das mãos.

Quando estava ajoelhado na areia, olhou para a mulher, Betty, pela primeira vez desde que ela chegara. O que viu no seu rosto foi horrível. Pediu-lhe apoio com o olhar, mas os olhos dela desviaram-se, e ela também caiu de joelhos, com

cuidado para não incomodar o filho que chorava agarrado a ela, e começou a rezar. “Meu Deus”, disse, com os olhos fechados.

A multidão se dispersou, muitos foram até o casal árabe para ver se podiam ajudar em alguma coisa. Winters continuou de joelhos na areia, impressionado com as próprias atitudes. Por fim Betty se levantou.

-Tudo bem, tudo bem -dizia, consolando o filho Hap. -Não vai acontecer mais nada. -Sem dizer outra palavra, apanhou com cuidado a sacola de praia e a toalha e foi andando na direção do estacionamento. O comandante a seguiu.

Saíram da praia e voltaram para Norfolk, onde estavam morando. E ela nunca me perguntou nada sobre isso, pensou Winters, sentado a mesa da cozinha oito anos depois. Nem ao menos me deixava tocar no assunto. Durante pelo menos três anos.

Era como se nada tivesse acontecido. Agora ela menciona o fato muito ocasionalmente.

Mas nunca chegamos a discutir o assunto.

Terminou o suco de laranja e acendeu um cigarro. Ao fazer isso, pensou imediatamente em Tiffani e na noite anterior. Sentiu medo e excitação ao mesmo tempo ao pensar na noite que viria. Também descobriu que sentia um desejo curioso de rezar.

E agora, meu Deus, disse, estais me testando de novo? Percebeu de súbito sua própria raiva. Ou estais rindo de mim? Talvez não fosse o suficiente terdes me abandonado, deixando-me à deriva.

Talvez não fiquéis satisfeito até que eu seja humilhado.

Mais uma vez sentiu vontade de chorar, mas resistiu. Apagou o cigarro e levantou-se da mesa. Foi até o lado da geladeira e tirou a plaqueta com os versos da Bíblia da parede. Começou a jogá-la no lixo, mas depois de alguma hesitação mudou de ideia e colocou-a em uma das gavetas da cozinha.

4

Carol nadava rapidamente a cerca de dois metros acima da fenda ao se aproximarem da última virada. Tirou algumas fotografias enquanto esperava por Troy e começou a nadar de novo, mais devagar dessa vez, seguindo as trilhas na fenda estreita, na direção da saliência. Ali nada havia mudado. Fez sinal para que Troy ficasse para trás e nadou cuidadosamente para dentro da fenda, como fizera quando estava com Nick. Sua busca da área por baixo da saliência foi muito meticulosa, mas não encontrou nada.

Fez um gesto para Troy indicando que não havia nada ali, e depois de outra rápida sequência de fotos os dois mergulhadores refizeram o caminho, voltando pela trilha na direção da área debaixo do barco onde já tinham procurado em vão por 15 minutos a fissura que tinham visto na quinta-feira. Ela desaparecera misteriosamente. Todas as trilhas, embora de certa forma erodidas, ainda convergiam para o arrecife onde estivera a abertura dois dias antes. Carol cutucou e espetou, chegando a estragar o arrecife em vários pontos (o que, como pessoa preocupada com o meio ambiente, detestou fazer, mas tinha certeza de que o buraco tinha de estar ali), mas não encontrou a fissura. Se Troy não a tivesse visto com tanta clareza, primeiro no telescópio oceânico e depois nas fotografias, teria pensado que era só fruto da imaginação fértil de Carol e Nick.

Carol, distraída com seus pensamentos, virou para a direita sobre a fenda principal depois de sair do caminho que levava a saliência, não teve cuidado e se arranhou ligeiramente contra uns corais que se estendiam para fora do arrecife. Sentiu uma ferroada na mão. Olhou para baixo e viu que estava sangrando. Que engraçado, pensou, mal toquei nele. Seu pensamento voltou para dez minutos antes, quando empurrara o coral e as algas para o lado em busca da fissura. E eu nem me arranhei...

Uma ideia estranha e incipiente formou-se na sua cabeça. Excitada, nadou mais depressa pela longa fenda onde tinha visto a fissura. Troy não conseguia acompanhá-la. Era uma extensão grande, mas Carol chegou onde queria em cinco minutos.

Checou a pressão enquanto esperava seu companheiro. Quando ele chegou trocaram sinais de que tudo ia bem, e Carol tentou em vão explicar sua ideia para Troy por meio de gestos. Finalmente estendeu a mão e pegou um pedaço de coral. Viu os olhos de Troy arregalados e seu rosto assustado por baixo da máscara. Abriu a mão.

Não havia nenhum corte, nenhum arranhão, nenhum sangue. Pasma, Troy nadou até onde ela estava para examinar o banco de coral no qual ela tinha mexido. Também encostou nele e pegou um pedaço sem cortar a mão. O que estava acontecendo?

Carol agora arrancava o coral e as algas do arrecife. Troy observava espantado quando um enorme bloco do arrecife começou a se soltar, como se fosse um cobertor...

Ouviram o grande barulho fracções de segundos antes de sentirem o primeiro puxão.

Um abismo gigantesco abriu-se no arrecife por trás deles, e tudo -Troy, Carol, cardumes de peixes, plantas de todos os tipos e um enorme volume de água -foi tragado para dentro da abertura. A corrente era muito rápida mas o canal não era grande, pois Carol e Troy esbarraram no que pareceram ser paredes metálicas por duas vezes. Não houve tempo para pensar. Foram carregados, como se a água formasse um escorregador, e tiveram simplesmente de esperar até a coisa acabar.

O escuro amenizou-se e a corrente diminuiu sensivelmente. A uns seis metros de distância um do outro, eles tentaram se concentrar para ver se percebiam o que estava acontecendo. Pareciam estar no anel externo de um grande tanque circular e davam voltas e voltas, passando por uns tipos de portões a cada 90 graus. O tanque cheio d'água tinha uns três metros de profundidade. Carol podia ver uma porção de estruturas acima de si, algumas das quais se mexiam, parecendo de metal ou plástico.

Não via mais Troy. Tentou segurar-se nas bordas do tanque para poder parar e procurá-lo, mas de nada adiantou. Não conseguia resistir ao movimento da corrente.

Deram três a quatro voltas no círculo sem se ver. Troy notou que todos os peixes e plantas tinham desaparecido doanel como se houvesse algum processo de seleção.

De repente a corrente aumentou e ele foi jogado para o fundo e para cima por baixo d'água e depois através de um portão semi-aberto, voltando à escuridão. Assim que um sinal de luz apareceu por cima da água e a corrente diminuiu, sentiu uma coisa prendendo seu braço direito.

Foi levantado quase meio metro acima da água, mas devido à luz fraca não pôde ver exatamente o que o tinha puxado, apesar de saber que era uma coisa muito forte.

Ficou suspenso, imóvel. Olhou para a corrente onde tinha estado e viu Carol se aproximando aos trancos. Com o braço esquerdo agarrou-a. Ela sentiu o braço e imediatamente segurou-se nele. Ajeitando-se, levantou a cabeça para fora da água, lutando para agarrar-se à cintura de Troy. Conseguiu firmar-se e livrou-se da corrente que passava. Voltou a respirar melhor e por um instante os olhos dos dois se encontraram por trás das máscaras de mergulho.

Então inexplicavelmente a garra soltou Troy e eles caíram de novo na água. A corrente não parecia mais tão forte. Conseguiram agarrar-se um ao outro sem muita dificuldade, e após uns quinze segundos a corrente parou. Tinham sido depositados num poço no que parecia uma sala grande, e a água estava sendo drenada para um orifício invisível no extremo da sala até desaparecer por completo. Exaustos, começaram a levantar-se com todo aquele aparato de mergulho.

Carol teve grande dificuldade em ficar de pé, mas Troy ajudou-a. Lentamente tirou o bocal e ficou examinando o ambiente à volta. Deu uma respirada e depois outra, parecendo que podia respirar normalmente. Deu de ombros olhando para Carol, e num gesto de coragem tirou a máscara.

-Aloooooo -gritou nervoso. -Alguém por aqui? Vocês têm convidados.

Atordoada, Carol retirou lentamente a máscara e o compressor. O teto ficava uns três metros acima deles, e a câmara tinha as dimensões aproximadas de uma sala grande de uma boa casa. As paredes, porém, eram estranhas. Em vez de lisas, formando ângulos retos nos cantos, tinham superfícies curvas, umas côncavas e

outras convexas, alternando entre vermelho e azul. Sem pensar, Carol começou a andar à volta, devagar devido ao pesado aparato de mergulho, tirando fotografias.

-Ei, um momento, srta. Dawson -disse Troy com um sorriso hesitante. Tirou os pés-de-pato e seguiu-a. -Antes de tirar mais fotos poderia dizer a este negro simplório que porra de lugar é este? Quer dizer, a última coisa de que me lembro é que estávamos por baixo do barco procurando um buraco. Acho que o encontrei, mas acho um pouco enervante visitar alguém sem saber quem é. Portanto pode parar um pouco com o seu jornalismo e me dizer por que está tão calma?

Carol estava bem em frente a um dos painéis côncavos azuis da parede. Havia dois ou três outros entalhes nessa parede, ao nível dos olhos, que formavam círculos ou elipses.

-O que acha que é isso? -Carol pensou alto. Sua voz era inexpressiva, como se estivesse longe dali.

-Carol -disse Troy quase gritando. -Pare. Pare agora mesmo. Não podemos ficar simplesmente andando felizes por aqui como se estivéssemos dando um passeio à tarde por uma casa modelo. Temos de conversar. Onde estamos? Como vamos sair daqui para irmos para casa? Casa, lembra-se disso? Garanto a você que não fica submersa a duas horas da costa. -Segurou-a pelos Ombros e sacudiu-a.

Ela começou a sair do seu delírio. Olhou em volta da sala toda e depois para Troy.

-Meu Deus -disse ela. -Que merda. -Ele a viu tremer um pouco e deu um passo à frente para segurá-la, mas ela fez um gesto para ser deixada em paz. -Estou bem, pelo menos bem melhor. -Deu umas duas respiradas fortes e sorriu. -De certa forma, tenho certeza de que consegui uma bela história aqui. -Deu mais uma olhada pela sala. -Ei, Troy -disse, com a sobrancelha franzida. -Como chegamos aqui? não vejo nenhuma porta ou abertura.

-É uma boa pergunta -replicou Troy. -Uma ótima pergunta, à qual eu talvez tenha a resposta. Acho que essas loucas paredes coloridas se movem. Tenho a impressão de tê-las visto se deslocando quando eu estava debaixo d'água. Por isso, o que temos de fazer é empurrá-las para o lado e descobrir a saída. -Tentou

enfiar as mãos numa rachadura entre um pedaço vermelho e um azul mas foi em vão.

Carol começou a andar em volta da sala com sua aparelhagem de mergulho. Parou de repente e tirou tudo, menos o maiô. Parecia ter a intenção de examinar e fotografar todos os painéis da parede. Troy também tirou o tanque e a roupa de borracha, jogando-os no chão de metal, e ficou observando-a por um instante.

-Carol, oh Carol -disse do outro lado da sala, com um sorriso forçado. -Quer me dizer o que está fazendo agora? Afinal de contas, talvez eu possa ajudar.

-Estou procurando alguma coisa que diga “Me coma” ou “Me beba”-replicou com uma risada nervosa.

-É claro -murmurou Troy para si mesmo. -Isso é absolutamente óbvio.

-Você se lembra de Alice no país das maravilhas? -perguntou Carol do lado oposto da sala. Tinha encontrado uma protuberância fina e longa semelhante a um puxador, saindo do meio de um dos painéis vermelhos. Fez um sinal e ele se aproximou.

Os dois tentaram torcer e virar o puxador, mas nada aconteceu. Carol ficou frustrada.

Troy achou ter visto um primeiro sinal de pânico nos olhos de Carol enquanto ela examinava o resto da sala. Empertigou-se e ficou mesmo, em posição militar.

-Faca uma brutalidade com seu filhinho... E bata nele quando ele espirrar... Ele só faz isso para aborrecer... Porque sabe que chateia...

As rugas na testa de Carol indicavam que ela estava achando que Troy tivera um acesso de loucura.

-Foi isso que a rainha de Copas disse, acho -riu Troy. -Mas não tenho certeza. Tive de decorar isso para uma peça quando estava no quinto ano. -Carol relaxou e quase riu apesar do medo. Deu uns passos e beijou Troy no rosto. -Cuidado agora, cuidado -disse ele com um brilho nos olhos. -Nós, negros, nos excitamos facilmente.

Carol passou o braço pelo de Troy enquanto passeavam em volta da sala procurando nas paredes algum indício de saída. A caçoada de Troy fez com que ela se sentisse à vontade.

-Quando eu eslava na oitava série um professor negro me disse que Alice era uma história racista. Dizia que era muito significativo ser um coelho branco que Alice seguia. E que nenhuma menina boazinha e branca iria perseguir um coelho preto num buraco. -Troy parou em frente a outro painel vermelho. -Muito bem -disse. -O que é isto aqui?

De longe aquele painel se parecia com todos os outros. Mas de perto, a meio metro de distância aproximadamente, vários tipos de desenhos em pontinhos brancos podiam ser vistos sobre o vermelho. Uma série de seções retangulares consecutivas contornadas pelos pontinhos brancos ressaltavam o centro do painel.

-Ei, menina -disse Troy, empurrando as seções indistintamente. -Não acha que isso está parecendo um teclado? -Começou a mexer nas teclas a esmo. Carol chegou junto dele e ficaram brincando em frente ao painel durante quase um minuto, pondo os dedos em todas as seções contornadas e empurrando com força.

De repente Carol deu um passo para trás, virou-se e atravessou a sala.

-Onde vai? -gritou Troy, enquanto Carol, pensando na resposta, quase caiu por cima da sua aparelhagem de mergulho.

-Tive uma ideia maluca -disse ela. -Pode chamar do intuição feminina. Ou paranormalidade, se quiser. -Tinha voltado para o painel vermelho onde ambos estiveram tentando abrir com a mão. Dessa vez puxou-o para baixo facilmente. e logo ouviu-se um rangido. Carol pulou para trás assustada, enquanto todo o painel dobrava-se na direção oposta, mostrando uma abertura escura, grande o suficiente para passar um caminhão. Troy foi para o seu lado e os dois ficaram olhando para o vazio.

-Cacete -disse ele. -Será que devemos entrar aí?

Carol fez que sim.

-Tenho certeza que sim.

Troy olhou-a com uma expressão de curiosidade.

-E como é que você sabe disso?

-Porque é a única saída daqui -replicou ela.

Troy deu mais uma olhada pela estranha sala de paredes coloridas e curvas. Havia uma lógica indiscutível no que Carol dissera. Respirou fundo, segurou na mão dela e entrou no túnel escuro.

Mal podiam ver a pequena réstia de luz vinda da sala onde tinham deixado a tralha de mergulho. Dentro da passagem escura moveram-se devagar e com cuidado. Troy mantinha uma das mãos na parede e a outra segurando a de Carol. O som da sua respiração difícil, aumentada pelo constante medo e apreensão, reverberava pelas paredes arredondadas. Nenhum dos dois falava. Por duas vezes Troy tentou cantarolar uma música popular para tranquilizar-se um pouquinho, mas Carol o fez ficar quieto.

Queria poder ouvir algum barulho a volta.

A certa altura ela apertou a mão dele e parou.

-Ouça -murmurou ela. Troy prendeu a respiração. O silêncio era total, a não ser por um barulhinho muito fraco que ele não pôde identificar, vindo de longe. - Música -disse Carol. -Acho que estou ouvindo música.

Troy esforçou-se para identificar o som vindo de tão longe, mas não conseguiu.

Deu um puxão na mão de Carol.

-Só se for dentro da sua cabeça -disse. -Vamos continuar.

Tinham feito uma curva e a luz de trás desaparecera. Ao todo, estavam no túnel há cerca de dez minutos. Carol estava ficando desanimada.

-E se não der em lugar nenhum? --perguntou a Troy.

-Isso não faz sentido -replicou ele rapidamente. -Alguém construiu isto com algum propósito. É óbvio que é uma passagem que leva a algum lugar. -Ficou em silêncio.

-Quem construiu isto? -Carol fez a pergunta que estava na cabeça dos dois durante toda aquela longa e tensa caminhada pelo corredor escuro.

-Outra boa pergunta -disse Troy. Hesitou um instante antes de continuar a responder. -Aposto na Marinha dos Estados Unidos. Acho que estamos numa espécie de laboratório submarino altamente secreto do qual ninguém jamais ouviu falar. -É claro, pensou consigo mesmo para não preocupar Carol, que também pode ser russo. Se for o caso estamos ferrados. Se os russos têm um enorme laboratório secreto tão perto de Key West, não vão ficar contentes...

-Olhe, Troy -disse Carol excitada. -Estou vendo uma luz. Há alguém por aqui afinal. -O túnel se dividia em dois corredores. No começo de uma das passagens, a que fazia uma curva fechada à esquerda, podia-se ver claramente um caminho iluminado.

Ainda de mãos dadas, Troy e Carol caminharam apressados para a luz. Troy sabia que seu coração batia descompassado.

Carol quase correu pela passagem estreita. Esperava que fossem encontrados logo, que aquela aventura misteriosa fosse ter fim, e que tudo fosse explicado. Em vez disso, ao olhar em volta e ver uma pequena câmara oval com os mesmos painéis bizarros da outra (só que esses eram marrons e brancos em vez de vermelhos e azuis), sentiu uma enorme confusão.

-Que lugar é este? -perguntou a Troy. -E como vamos sair daqui?

Troy estava no meio da sala com a cabeça virada para trás ao máximo. Olhava para um grande teto em arco, com uns 10 metros de altura.

-Uau -exclamou -este lugar é imenso. -A luz que iluminava a sala vinha de placas de um material parcialmente translúcido, possivelmente cristais, incrustados no teto.

Os painéis marrons e brancos das paredes dessa sala em que entraram tinham apenas uns três metros de altura, mas eram altos o bastante para que os dois não

pudessem ver do lado de fora. Tiveram uma estranha sensação de liberdade e confinamento ao mesmo tempo. Por um lado, primeiro o túnel e agora essa sala pequena, do tamanho de um quarto de criança de uma casa pequena, tinham-lhes dado claustrofobia; mas a sensação de espaço que o teto em forma de catedral lhes dava fazia-os sentirem-se livres.

-E então? -perguntou Carol, um tanto impaciente depois de esperar uns instantes enquanto Troy andava em volta examinando a sala. Estava vendo que os painéis marrons e brancos eram só ligeiramente curvos, muito mais semelhantes a paredes normais que na sala anterior. _

-Desculpe, menina -respondeu. -Esqueci o que você me perguntou.

Ela sacudiu a cabeça.

-Há só uma pergunta, sr. Jefferson. Acredito ter ouvido você me perguntar a mesma coisa na outra parada dessa nossa excursão. -Olhou o relógio. -Em quinze minutos mais ou menos, teremos excedido o tempo máximo do nosso suprimento de ar. A não ser que me engane, nosso amigo Nick provavelmente está começando a ficar preocupado. Mas ainda não temos nenhuma ideia... O que está fazendo?

Interrompeu o que dizia quando Troy baixou-se para puxar um pequeno puxador num dos painéis marrons no canto da sala.

-São gavetas, menina -disse ele, quando a parte de baixo do painel saiu uns centímetros da parede. -Uma espécie de cômoda. -Abriu uma segunda gaveta acima. E há alguma coisa lá dentro.

Carol chegou perto para ver. Olhou na segunda gaveta aberta por Troy e tirou uma esfera cor de ferrugem do tamanho aproximado de uma bola de tênis. A superfície da bola era muito curiosa; em vez de ser lisa e regular, tinha sulcos, a maior parte num dos lados, e pequenos amassados em volta dos sulcos. Em outros pontos viam-se também recortes mal definidos. Carol examinou a esfera na luz fraca.

-Já vi alguma coisa parecida com isso -disse: -Mas onde? -Pensou por alguns instantes. -Já sei -anunciou, contente da memória ter funcionado -, parece exatamente com o modelo de Marte do Museu Nacional Aeroespacial.

-Então eu devo estar com a Terra -disse Troy, mostrando uma esfera quase toda azul do tamanho de uma bola de beisebol que tirara da gaveta do alto. Os dois ficaram juntos na luz mortiça, olhando as esferas que seguravam nas mãos. - Merda disse Troy, dando meia-volta e olhando para o teto.-Merda, merda. Quem quer que vocês sejam, já basta. Saiam daí e identifiquem-se.

Um eco parcial da sua voz voltou até eles. Fora isso não ouviram mais nada. Ansiosa por fazer alguma coisa, Carol continuou examinando a sala. Descobriu outro grupo de três gavetas num painel marrom próximo. Enquanto abria a primeira, Troy brincava com sua bola azul, atirando-a num lugar que parecia uma saída, uma abertura escura entre os painéis do outro lado da sala. A esfera bateu num painel branco perto da saída e começou a cair; porém logo antes de tocar no chão ergueu-se, como se puxada do alto, parou no centro da sala a cerca de um metro e meio do chão, e começou a girar.

Os olhos de Troy arregalaram-se. Foi até a esfera e colocou a mão entre a bola e o teto alto, tentando encontrar algum fio. Nada aconteceu. A esfera da Terra continuou a girar lentamente, descrevendo um círculo no ar no meio da sala. Troy empurrou-a ligeiramente e ela respondeu ao empurrão, mas depois que ele retirou a mão e o efeito se dissipou, voltou ao lugar em que estava antes e continuou a girar. Troy virou-se e viu Carol de costas para ele, procurando em vão mais algum conjunto de gavetas. A bola de Marte ainda estava na sua mão esquerda.

-Ei, Carol -disse Troy lentamente. -Quer vir até aqui um instante?

-É claro -disse ela sem olhar. -Meu Deus, Troy, essas gavetas estão cheias de coisas... -tinha se virado e agora via a esfera da Terra girando no ar no meio da sala. Ficou intrigada. -Que gracinha -disse, hesitante -uma gracinha mesmo. Não sabia que você era mágico também. -Sua voz fraquejou ao ver a expressão perplexa de Troy. Foi até ele e olhou mais de perto.

Os dois ficaram em silêncio durante pelo menos dez segundos, observando a bola azul girando lentamente no ar. Depois Troy tirou a esfera de Marte de Carol, sacudiu-a e atirou-a para o teto alto. Ela se arqueou e caiu normalmente, até quase chegar ao chão. Depois, como a azul, descreveu seu próprio sentido de direção e impulso.

Flutuou a cerca de um metro e meio do chão, começou a girar devagar e pairou no ar junto da esfera azul representando a Terra.

Carol agarrou a mão de Troy. Estava tremendo, mas depois recompôs-se.

-Alguma coisa aqui está me dando calafrios -disse. -Eu me sentiria melhor se uma lagarta me perguntasse “Como vai você?”. Pelo menos neste caso eu teria uma ideia de estar lidando com uma coisa conhecida.

Troy virou-se e levou Carol até as gavetas parcialmente abertas.

-Dei de cara com esse sujeito barbudo uma vez quando viajava de carona - começou ele, ao puxar para fora um bola de basquete coberta de faixas latitudinais em tons de laranja e vermelho. Sacudiu a esmo a grande bola de Júpiter por cima do ombro com ambas as mãos. Carol ainda observava fascinada quando a esfera juntou-se às outras duas orbitando em volta de um centro invisível no meio da sala.

-Ele guiava um caminhãozinho velho e fumava um baseado. No início conversamos um pouco; ele me fazia perguntas e eu respondia. Mas depois de umas duas frases ele me interrompia e dizia: “você não sabe porra nenhuma, cara.” Essa era a resposta dele a tudo que eu dizia.

Troy esvaziou mecanicamente as seis gavetas enquanto contava a história. Jogou todos os objetos que encontrou no centro da sala, observando alguns deles despreocupadamente como se estivesse presenciando um acontecimento de rotina. Cada uma das novas esferas repetia o padrão anterior. Um modelo quase completo do sistema solar estava se formando a um metro e meio do chão.

-Finalmente fiquei cansado com aquele papo e me calei. Viajamos quilômetros em silêncio. A noite estava clara e bonita e ele a toda hora esticava a cabeça para fora da janela para olhar as estrelas. Uma das vezes, quando pôs a cabeça para dentro, acendeu outro baseado, passou-o para mim e apontou para as estrelas. “Elas me conhecem, cara, elas me conhecem”, disse. Quilômetros depois, quando saltei do caminhão, ele inclinou-se e pude ver a loucura estampada em seu olhar. “Lembre-se, cara”, murmurou, “você não sabe porra nenhuma mas elas sabem.”

Quando Troy terminou a história, Carol chegou perto dele e tirou dois punhados

de fragmentos minúsculos da última gaveta. Eram um pouco grudentos. Sacudiu-os da mão e eles milagrosamente voaram pela sala e uniram-se aos anéis de Saturno e Urano. Carol olhou para Troy em êxtase. ‘

-Será que essa história bizarra tem algum sentido? -perguntou ela. -Tenho de admitir que estou espantada com sua calma com relação a esta droga toda. Quanto a mim, estou prestes a ter um chique.

Troy apontou para os planetas em miniatura no ar.

-O que estamos vendo não tem explicação em termos de nossa experiência. Ou morremos juntos ou nos transferimos para uma nova dimensão, ou alguém está fazendo uma brincadeira de mau gosto conosco. -Sorriu para Carol. -É bom você saber, menina, que estou me borrando de medo. Mas como aquele hippie velho, fico dizendo a mim mesmo “elas sabem”. De certa forma isso me alivia.

Ouviram um ruído suave e um raio de luz brilhante penetrou na sala pela abertura que estava se formando entre dois painéis, um marrom e outro branco, à direita da saída. Carol encolheu-se automaticamente e cobriu os olhos; Troy também pulou para trás, mas depois fez sombra com a mão para poder observar melhor. Os painéis continuaram a deslizar até formarem uma abertura de cerca de 70 centímetros. A sala começava a encher-se de luz. Troy viu uma grande bola iluminada entrando lentamente pela abertura.

-Lá vem o Sol... dum-du-ru-dum... lá vem o Sol -cantou com ansiedade -Eu já sei... Tá legal... -Cantou mais um pouquinho enquanto Carol abria os olhos.

-Meu Deus -disse ela. O globo brilhante, com um metro de diâmetro aproximadamente, flutuou até seu lugar no planetário, enchendo a sala com sua radiação. Os planetas girando e orbitando refletiam a luz com os lados virados para o Sol. Carol ficou paralisada, com as lágrimas caindo pelo rosto. Não conseguia falar nem se mover, estava completamente maravilhada.

Troy também estava assustado, mas ainda não tanto a ponto de se deixar dominar.

Porém um instante depois viu uma coisa que lhe deu terror. Seu coração disparou quando piscou e franziu os olhos, para ter certeza de que era real o que via em volta da luz brilhante do modelo do Sol. Instintivamente virou-se para proteger

Carol do que tinha visto.

-Não olhe agora --sussurrou -mas temos uma visita.

-O que é? -disse Carol, confusa e ainda atônita.

Troy segurou-a pelo braço e os dois deram juntos vários passos para a direita. Ele olhou por cima do ombro e viu a coisa outra vez.

-Na saída -disse virando-se, incapaz de esconder mais o pânico.

Os olhos de Carol indicaram que ela vira a origem do terror de Troy. Não tinha ideia do que era, mas podia ver que era grande, nitidamente ameaçador e absolutamente diferente de tudo o que jamais vira ou imaginara. A coisa já tinha entrado na sala. Ouviu os gritos frenéticos e incoerentes de Troy. Olhou para a coisa de novo e ficou apavorada. Abriu a boca para gritar, mas não conseguiu emitir um som. Caiu de joelhos no chão. Ouvia gritos, mas estes pareciam vir de muito longe. Sua cabeça mandava uma mensagem dizendo “você está gritando”, mas por algum motivo isso não parecia possível. Os gritos eram de outra pessoa.

A coisa vinha na sua direção. Seu corpo principal tinha uns 2,40 metros de altura naquele momento, mas mudava continuamente de forma e tamanho à medida que ondulava pela sala. O que quer que fosse aquilo, Troy e Carol podiam ver dentro dela e até mesmo através de partes de sua estrutura. Uma membrana transparente de limitação externa envolvia um conjunto móvel de matéria fluida muito clara que refluía e escorria a cada movimento. A coisa movia-se como uma ameba, uma matéria que se movimentava na direção certa, mas numa velocidade incrível. Pontinhos pretos espalhavam-se por trás de todas as suas superfícies externas, voando em todas as direções, aparentemente supervisionando as reconfigurações contínuas que lhe davam movimento. Havia também meia dúzia de pedaços de matéria opaca acinzentada, objetos quadrados de uns 30 centímetros de lado, próximos ao centro do corpo central.

Mas não era o corpo central da coisa que era tão horripilante. Saindo das suas partes superiores via-se uma série terrível de apêndices, a maioria longos e esguios, que pareciam estar encravados no corpo central como objetos pontudos numa almofada de alfinetes. Era como se uma grande e clara estrutura semelhante a uma ameba tivesse um sistema versátil de transporte que pudesse carregar virtualmente qualquer coisa e que a carga, pelo menos para aquele uso,

era aquele conjunto de hastes constantemente ativas, todas ameaçadoras com suas pontas e órgãos semelhantes a agulhas, mãos, escovas, dentes, e até mesmo espadas e espingardas. Para Carol, ela estava sendo atacada por um tanque altamente armado que mudava de tamanho rapidamente e se movia com passos invisíveis em qualquer direção.

Troy andou para o lado, tentando acalmar seu terror e respirar melhor, enquanto observava a coisa movimentando-se na direção de Carol. Seu apêndice maior - um implemento plástico avermelhado que se dividia em duas pequenas pontas distantes cerca de 30 centímetros do corpo principal -de repente estendeu-se para fora mais um metro e parou a 20 centímetros dos olhos de Carol. Ela gritou e empurrou-o com força, mas ele voltou à sua posição anterior. Troy apanhou a bola de Júpiter no ar e, com toda a força, arremessou a esfera para o centro da coisa. A massa amorfa caiu para trás com o impacto e imediatamente recolheu seus apêndices, mas num instante configurou-se de novo, ajustou sua matéria e a bola passou através dela. Antes de bater no chão do outro lado, Júpiter elevou-se no ar e voltou à sua posição no sistema solar.

A coisa tinha parado de avançar para Carol. Estava sentada no meio da sala, com os apêndices balançando em várias direções. Parecia estar tomando uma decisão.

Troy agarrou com coragem uma haste, cuja extremidade tinha um órgão semelhante a uma escova, e tentou arrancá-la do corpo principal. No mesmo instante uma substância clara fluíu para a junta onde a haste estava presa, fortalecendo a conexão.

Mas a ação de Troy causou uma mudança nítida na estrutura geral. A coisa foi atrás dele.

Cuidadosamente, certificando-se de que estava sendo seguido enquanto observava com atenção se não apareceria outra extensão do implemento vermelho com duas pontas, dirigiu-se para a saída. Enquanto a coisa continuava sua perseguição,

fez sinal para que Carol recuasse. Depois foi até a porta, pulou por cima de uma ponta que estava no caminho.

A coisa não hesitou; com uma rapidez incrível encolheu-se e acocorou-se, formando uma grande superfície estendida no chão que podia se mover com

mais rapidez e eficiência. O grupo coeso de implementos foi colocado numa espécie de estrutura compacta de locomoção e a coisa partiu para a porta.

Carol ficou sozinha, ajoelhada no chão. O sistema solar estava acima dela, à direita.

Durante mais de um minuto não se moveu, só observando os planetas girando e prestando atenção ao barulho dos passos de Troy à distância. Por fim deu uns passos pequenos e lentos para certificar-se de que estava bem, e então dirigiu-se à saída entre os painéis, que dava para um corredor que se estendia em duas direções.

Troy seguiu pela direita. Ao lembrar-se da máquina fotográfica, Carol voltou e tirou ainda umas fotografias dos planetas suspensos, seguindo depois o caminho que Troy tomara, à direita. Andava devagar pelo corredor escuro, virando-se a toda hora para ver a luz da sala de onde saía. Percebeu então um teto baixo por cima de sua cabeça e uma nova bifurcação no corredor; ambos os caminhos eram escuros. Concentrou-se para ver se ouvia algum som e mais uma vez achou que ouvia música, porém sem identificar de onde vinha.

Dessa vez escolheu o caminho da esquerda, que se estreitava e parecia fazer curvas na direção de onde viera. Estava a ponto de voltar quando ouviu distintamente dois ruídos, uma espécie de baque surdo e um rangido, vindos do lado direito. Respirando fundo e tentando superar o medo, seguiu em frente. Uns seis metros adiante deparou com uma porta baixa que abria para a direita. Curvou-se um pouco e espiou.

Na luz mortiça viu formas e estruturas estranhas numa sala pequena com paredes curvas e painéis iguais aos outros. Engatinhou pela porta e ficou de pé.

Luzes suaves vindas dos painéis acenderam-se assim que os pés de Carol pisaram no chão. Sua chegada também fez soar duas ou três notas de alguma espécie de instrumento musical. Parecia um órgão e aparentemente vinha de longe, de outra parte da catedral rodeada pelos tetos em arco acima de sua cabeça. Parou surpresa, e ficou imóvel por alguns segundos. Depois, ainda sem se mover, examinou com cuidado o novo ambiente.

Os painéis da parede daquela sala eram muito brilhantes, alternando-se entre o roxo e o dourado, e extremamente curvos. Havia ali três objetos para os quais ela

não via finalidade. Um parecia uma mesa de escrever; o outro, um banco comprido e largo numa ponta e fino na outra; e um terceiro parecendo um poste de telefone muito alto, cujo topo e base eram ligados por 16 fios finos esticados em volta de um largo anel a cerca de um terço da altura do poste.

Carol podia andar entre os fios. O anel, feito de um material metálico dourado, estava a meio metro acima da sua cabeça, quase no mesmo nível do topo dos painéis das paredes. Agarrou um dos fios e sentiu que ele vibrava e fazia um som abafado.

Afastou-se e tentou tirar um som. Ouviu-se uma nota muito lírica, como se fosse uma harpa. Percebeu que estava diante de um instrumento musical. Mas como seria tocado? Ficou alguns minutos andando pela sala, tentando em vão encontrar alguma coisa semelhante a um arco. Sabia que seria impossível tocar a harpa se tivesse de virar-se e puxar cada fio com os dedos.

Foi até a mesa e de repente percebeu que também era um instrumento musical.

Parecia muito mais promissor, com 64 dentes num conjunto de oito fileiras e oito colunas.

Cada tecla produzia um som diferente. Embora Carol tivesse estudado piano durante cinco anos quando era criança, foi difícil no início até mesmo tocar Noite feliz naquela estranha mesa de escrever. Teve de relacionar os sons produzidos pelas teclas com as notas e os acordes dos quais se lembrava da infância. Enquanto aprendia a tocar o instrumento, parava a toda hora para ouvir o som delicado e cristalino, lembrando-lhe ligeiramente um xilofone.

Ficou ao lado da mesa por vários minutos, tocando depois mais uma estrofe de Noite feliz sem cometer nenhum erro. Sorriu contente consigo mesma e sentiu-se momentaneamente relaxada. Durante este interlúdio o grande órgão à distância (que ouvira quando entrou na sala e podia agora ver que vinha da parte alta da catedral) de repente começou a tocar. Carol ficou arrepiada, em parte pela beleza da música e em parte porque lembrou-se de novo que estava naquele mundo bizarro. O que o órgão está tocando? pensou. Parece uma introdução. Ficou prestando atenção. Ei... é uma introdução a Noite Feliz! Muito criativa.

Ao órgão juntaram-se vários instrumentos vindos de algum ponto do teto. Tocavam todos juntos uma versão complexa da música que ela com tanta

dificuldade extraíra daquela mesa de escrever pouco tempo antes. A bela canção ecoava por toda a catedral. Carol olhou para cima, depois fechou os olhos e tentou dançar um pouco.

Quando abriu os olhos de novo viu uma espécie de minúsculo instrumento óptico a uns dois centímetros de distância. Ficou aterrorizada.

A coisa chegara perto sem nenhum ruído, enquanto ela tocava na mesa de escrever, e esperara com paciência estendendo seus apêndices até ela virar-se. Estava agora da mesma altura que ela, e a parte mais próxima do corpo principal, translucido, estava a apenas um metro de distância. Carol ficou imóvel com medo até de respirar.

Cinco ou seis das ramificações da coisa se aproximaram para tocá-la. Um pequeno instrumento arranhou um pouco a pele do seu ombro nu. A espada cortou uma mecha de cabelo. Um pequeno cordão preso a uma das hastes compridas enrolou-se no seu pulso. Um conjunto de cerdas do tamanho de uma escova de dentes passou pelo seu peito, tocando nos mamilos por cima do maiô e passando pela máquina fotográfica pendurada no pescoço. Carol sentia tanta coisa ao mesmo tempo que perdeu qualquer iniciativa. Fechou os olhos e tentou concentrar-se em alguma coisa. Sentiu então uma agulha espetar sua testa.

Tudo terminou muito depressa, em menos de um minuto. A coisa recolheu seus apêndices, andou para trás e ficou ali observando-a à distância. Carol esperou. Após uns 20 segundos, as ramificações foram recolhidas, como tinha acontecido quando a coisa perseguiu Troy, e o monstro saiu da sala.

Carol ficou a escuta. Tudo estava em silêncio mais uma vez. Afastou-se da mesa de escrever e tentou organizar os pensamentos. Um minuto depois os painéis roxos e dourados começaram a se mover para o lado, dobrando-se uns sobre os outros e formando pilhas. Então os corredores ao redor da sala de música se desmancharam e organizaram-se em pilhas ordenadas. Carol viu-se num sala imensa sob o teto da catedral. Afastando-se, seu estranho adversário com os apêndices ondulantes passou por uma porta lateral a uns 25 metros de distância e desapareceu rapidamente.

Ela olhou à volta e não viu sinal de Troy. As paredes eram brancas amareladas e indefinidas, um tanto sem graça depois dos painéis com cores tão vivas. Havia duas portas, uma em frente à outra, no centro do salão. Além dos instrumentos

musicais, que agora pareciam completamente fora de lugar amontoados num canto daquela imensa sala, o outro único objeto era um pequeno pedaço de tapete na parede à esquerda.

Na sua frente, na parede que ficava a cerca de 50 metros de distância, havia uma espécie de janelão dando para o mar. Mesmo àquela distância podia ver e identificar alguns peixes nadando por ali.

Carol correu para a janela, parando por alguns segundos no meio do caminho para tirar umas fotos do salão. Curiosamente, o tapete não estava mais onde se lembrava de tê-lo visto. Enquanto ela andava, de alguma forma ele tinha se movimentado. aproximou-se dele muito devagar, pois desde que ela e Troy tinham sido engolidos no mar tomara-se muito cautelosa. Ao chegar perto viu que o objeto chato, agora no chão, definitivamente não era um tapete. Do alto podia ver um desenho interno complexo, como se fosse uma rede de chips eletrônicos sofisticados, com estranhas espirais e padrões geométricos na superfície; não tinham nenhum significado específico para ela, mas lembrou-se dos desenhos que o dr. Dale lhe mostrara uma noite no seu apartamento. As simetrias do objeto eram aparentes; de fato, cada um dos quatro quadrantes do tapete era idêntico.

Tinha dois metros de comprimento, um de largura e cinco centímetros de espessura. A cor dominante era cinza, porém com algumas variações significativas. Alguns dos componentes individuais maiores deviam ser codificados por cor, segundo um plano básico. Era possível identificar no desenho agrupamentos de elementos semelhantes em vermelho, amarelo, azul e branco. A harmonia das cores era notável, sugerindo que tinha havido grande empenho dos projetistas quanto a estética.

Carol ajoelhou-se ao lado do tapete e estudou-o com mais cuidado. Sua superfície era densamente acondicionada. Quanto mais de perto olhava, mais detalhes via. Extraordinário, pensou. Mas o que será isso? E como ele se movimenta? Ou será que eu imaginei que se movimentou? Colocou a mão na superfície exposta e sentiu um ligeiro tremor, como um choque elétrico suave. Passou uma das mãos por baixo da borda e ergueu o objeto ligeiramente. Era muito pesado. Retirou a mão.

Seu desejo de fugir daquele mundo estranho era maior que sua curiosidade. Tirou uma fotografia do tapete e começou a andar na direção da janela. Depois

de vários passos virou-se rapidamente para a esquerda para olhar o tapete mais uma vez. Ele se movera de novo. Continuou a andar para a janela, olhando o tapete com o canto do olho. Ao se afastar mais uns três metros, sua visão periférica viu-o arquear-se depressa para cima ao longo de uma linha no centro, puxando o resto da estrutura para a frente. Meio segundo depois o lado frontal foi impelido para a frente e o centro caiu no chão novamente. Esta manobra repetiu-se seis a oito vezes numa rápida sucessão, à medida que o tapete se aproximava de Carol.

Apesar de sua situação, Carol riu. Estava ainda cheia de adrenalina e muito tensa, mas era engraçado ver um tapete multicolor arrastando-se como um verme.

-Ah -disse Carol -peguei você. Agora me deve uma explicação.

Certamente não esperava resposta ao seu comentário. No entanto, após uma pequena pausa, o comportamento do tapete alterou-se. Primeiro começou a gerar pequenas ondulações na sua superfície, com quatro a cinco cristas da frente para trás.

Depois de reverter inteligentemente a direção do movimento das ondas diversas vezes, o próximo truque foi manter a frente fixa no chão, como se estivesse sendo preso por sucção, e levantar a traseira, ficando com quase dois metros de altura. Parecia observar Carol.

Ela ficou pasma.

-Bem, fui eu que comecei -disse em voz alta, ainda se divertindo com as macaquices do tapete, que agora parecia se movimentar na sua direção para chegar na janela. Eu fiquei maluca, pensou. Completamente. Troy tinha razão. Talvez estejamos mortos. O tapete arqueou-se do chão e começou a chegar à janela, balançando para os lados como se fosse um brinquedo. Isto é loucura, pensou, ao observar o tapete saindo pela janela para dentro do mar. E Alice achava que estava no País das maravilhas!

O tapete brincava agora na água, esquivando-se dos peixes que passavam em cardumes e brincando com um ouriço-do-mar preso a um arrecife. Finalmente voltou para o salão e ficou de pé, com um pouco de água gotejando pelo chão. Depois começou a executar uma série de ondulações simultâneas, latitudinais,

para sacudir o resto de água da sua superfície. Em seguida olhou para Carol e claramente fez um sinal para ela pular a janela e entrar no mar.

-Olhe aqui, sujeitinho achatado -disse ela, rindo para si mesma enquanto tentava pensar no que iria dizer. Agora sei que fiquei mesmo doida, pensou. Estou aqui conversando com um tapete. E sei que ele vai me responder. -Eu não sou burra -continuou. -Reconheço que você está tentando me fazer ir para o mar, mas você não sabe de umas tantas coisas...

O tapete interrompeu-a, aproximando-se rapidamente da janela de novo. Deu uns mergulhos e voltou para a sala, mais uma vez sacudindo-se e ficando de pé como antes, como se dissesse, “Veja como é fácil!”

-Como eu ia dizendo -começou Carol de novo -talvez eu esteja maluca, mas estou disposta a crer que posso na verdade passar através dessa janela de alguma forma mágica. Meu problema é que há água lá fora e eu não posso respirar dentro dela. Sem meu equipamento de mergulho, que deixei em algum lugar deste labirinto, eu morro.

O tapete não se moveu. Carol repetiu a explicação, fazendo gestos elaborados com as mãos para convencê-lo, e depois calou-se. Após uma pequena espera, o tapete começou a se mover ativamente. Aproximou-se dela com cuidado e espantosamente esticou-se em todas as direções, ficando duas vezes maior do que era. Carol não se impressionou muito. Àquela altura já não conseguia se espantar mais, nem mesmo com aquele tapete elástico que juntava as pontas por cima de sua cabeça formando um cone.

Carol deu dois passos para trás., afastando-se do tapete agora gigantesco.

-Ah -disse, -acho que entendi. Você vai formar uma bolsa de ar para eu poder respirar. -Ficou calada um instante, pensando e sacudindo a cabeça. -Por que não? -disse finalmente. -não é mais estranho do que tudo o que aconteceu.

Com o tapete pairando por cima de sua cabeça, fechou os olhos e andou até a janela.

Respirou fundo quando sentiu um suave toque plástico em várias partes do seu corpo. De repente estava dentro d’água, a não ser pela bolsa de ar do pescoço para cima. Foi difícil manter sua disciplina de mergulho, mas conseguiu

compensar a pressão a cada dois metros de subida. Respirou mais uma vez e chegou à superfície. O tapete se desenrolou nos últimos centímetros antes de Carol chegar a tona.

O Florida Queen estava a cerca de cinquenta metros de distância.

-Nick! -gritou com toda a força -Nick, aqui! -Nadou furiosamente na direção do barco. Uma onda arrebentou em cima dela, mas o barco ficou visível de novo e ela pôde ver uma figura de perfil. Estava olhando o lado do barco. -Nick! -gritou de novo ao recobrar as forças. Dessa vez ele a ouviu e virou-se. Ela acenava com os braços.

5

Nick tinha seguido Carol e Troy pelo monitor logo depois deles descerem, quando ainda estavam bem debaixo do barco procurando a fissura. Mas cansou-se de vê-los nadando em círculos e voltou ao deck para ler seu romance. Depois foi até a tela diversas vezes para tentar vê-los, mas nenhum dos dois apareceu; Carol e Troy já tinham saído para investigar a área sob a saliência.

Checou o monitor de novo ao terminar *Madame Bovary*. Ficou um pouco surpreso de ver que a fissura estava de novo visível por baixo do *Florida Queen*. Em seguida achou que devia estar certo, que tinha sido um problema de má iluminação, pois com o sol diretamente em cima da cabeça o buraco do arrecife parecia muito menor do que tinham visto antes. Ficou trabalhando no barco até que seu alarme de pulso soou, indicando que Carol e Troy tinham apenas mais cinco minutos de ar disponível.

Foi ver as imagens sendo tiradas do telescópio oceânico e colocou-as em tempo real na tela. Não havia sinal dos dois debaixo do barco. Começou a ficar apreensivo.

Espero que estejam prestando atenção, pensou. Notou que tinham saído do campo de visão há muito tempo e que ele não chegara a vê-los explorando a fissura, sua meta básica. Uma grande inquietação começou a tomar conta dele à medida que o relógio continuava a correr.

Só há uma explicação, pensou, lutando contra as ideias negativas que lhe passavam pela cabeça. Eles já sumiram há muito tempo, portanto devem ter encontrado alguma coisa interessante na saliência. Ou em algum outro lugar. Por um instante imaginou que Carol e Troy tivessem achado um enorme tesouro, cheio de objetos parecidos com o estranho tridente que tinham resgatado na quinta-feira.

O segundo ponteiro parecia estar correndo no relógio. Faltava só um minuto para que ficassem sem ar. Nervoso, checkou o monitor outra vez. Nada. Sentiu o

coração disparar. Devem estar no vermelho, pensou. Mesmo que tenham conseguido poupar um pouco de ar, devem estar no vermelho. Pensou que poderia ser uma falha no manômetro, mas lembrou-se de ter checado os dois instrumentos ao chegar no barco de manhã. Além do mais, é muito pouco provável que os dois dessem defeito... portanto deve estar havendo algum problema.

Outro minuto se passou e Nick se deu conta de que não planejava nada para o caso deles não aparecerem. Criou uma série de opções, chegando à conclusão de que poderia tomar dois caminhos. Podia vestir a roupa de mergulho e procurá-los ao longo da vala entre a fissura e a saliência, ou podia admitir que na excitação Carol e Troy simplesmente teriam se esquecido de checar o manômetro, sendo forçados a subir à tona em qualquer lugar assim que ficassem sem ar.

Se eu descer atrás deles, pensou, provavelmente não os alcançarei a tempo. Recriminou-se por não ter se preparado apropriadamente para esta contingência. Perderia minutos preciosos para vestir e checar sua aparelhagem de mergulho. É isso aí. Vou supor que eles estão por aí em algum lugar flutuando na superfície. Olhou rapidamente para a tela mais uma vez e se dirigiu para o outro lado do barco, examinando o mar. Estava um pouco encapelado agora. Não via sinal dos dois.

Ligou o motor e puxou a âncora. Fez uma consideração da direção geral da saliência e começou a dirigir o barco em marcha muito lenta. Infelizmente, do timão não podia ver o monitor do telescópio e a cabine bloqueava sua visão atrás. Ficou andando de um lado para o outro, do timão para a tela e para as bordas do barco.

Quando o medo e a frustração aumentaram, também aumentou sua raiva. Tinham se passado cinco minutos do tempo do suprimento de ar disponível.

Droga, pensou, ainda sem se permitir imaginar algum desastre. Como podem ser trio descuidados? Eu sabia que não devia ter deixado os dois irem juntos. Continuou a se culpar e depois passou a culpa a Carol. Deixei aquela mulher me convencer. Mas quando me encontrar com ela vou lhe dar uma lição. Fez uma curva fechada para a esquerda.

Achou ter ouvido uma voz. Correu para a borda do barco mas não tinha noção de que direção vinha o grito. Após dois ou três segundos ouviu de novo. Virou-se e

viu um vulto acenando. Acenou de volta e correu até o timão para mudar a direção do barco. Tirou uma corda forte da gaveta de equipamentos e amarrou-a à coluna próxima a escada. Jogou a corda para Carol quando o barco chegou perto e desligou o motor.

Carol segurou a corda sem problemas. Quando a estava puxando, Nick também procurava Troy, mas não conseguia vê-lo.

Carol alcançou a escada.

-Você não vai acreditar -começou, tentando respirar melhor e colocar o pé na escada.

-Onde está Troy? -interrompeu Nick, mostrando o mar.

Carol subiu mais um degrau. Estava claro que se sentia exausta. Nick pegou-a pela mão e ajudou-a a subir. Carol ficou de pé com as pernas tremendo.

-Onde está Troy? -perguntou mais alto, olhando para Carol. -E o que aconteceu com sua aparelhagem de mergulho?

Carol respirou fundo.

-Eu... não sei... onde Troy está -gaguejou por fim. -Fomos tragados...

-Você não sabe! -gritou Nick, agora frenético e olhando em volta na superfície. Você sai para mergulhar, volta sem sua aparelhagem e não sabe onde seu parceiro está. Que espécie...

Uma pequena onda bateu no barco. Carol tinha levantado a mão para protestar contra a acusação de Nick, mas o movimento do barco derrubou-a no chão. Caiu de joelhos e deu um grito de dor. Nick estava a seu lado ainda gritando.

-Muito bem, srta. Perfeita, é bom dar algumas explicações depressa. Se não encontrarmos logo Troy, ele vai morrer. E se morrer você será a culpada.

Carol intimidou-se instintivamente com a raiva daquele homenzarrão. Seus joelhos doíam, estava exausta, e aquele homem gritava na cara dela.

-Cale a boca -berrou. -Cale a boca, seu babaca. E afaste-se de mim. -Agitava os braços no ar, batendo nas pernas e na barriga de Nick. -Você não sabe de nada disse, respirando fundo. -Não sabe porra nenhuma.

Pôs as mãos na cabeça e começou a chorar. Naquele instante, uma lembrança há muito esquecida veio-lhe a cabeça. Seu irmão de cinco anos soluçava histericamente e atacava-a aos socos. Ela levantou as mãos para proteger-se. “A culpa é sua, Carol”, gritava ele, “ele foi embora por sua causa.” Lembrou-se das lágrimas rolando pelo seu rosto. “Não é verdade, Richard, não é verdade. A culpa não foi minha.”

Carol olhou para Nick através das lágrimas. Ele tinha dado um passo atrás e estava mais calmo. Ela secou as lágrimas e respirou fundo.

-Não foi minha culpa -disse devagar e com ênfase. -Nick esticou a mão para ajudá-la a levantar-se mas ela não quis. Ele murmurou “Desculpe” enquanto ela se levantava. -Agora ouça o que eu vou dizer -continuou. -Vou contar o que aconteceu. O arrecife debaixo do barco não era um arrecife... Oh, meu Deus... A coisa esta aqui.

Nick viu uma expressão de terror no rosto de Carol. Ela apontou para trás dele, do outro lado do barco. Ele virou-se e olhou. A princípio não notou nada, mas depois viu um objeto chato e estranho, parecendo um pedaço de tapete se arrastando no chão do barco na direção do monitor do telescópio. Franziu a cara e virou-se para Carol com expressão intrigada.

Enquanto ela falava, o tapete subira pela borda e entrara no barco. Quando começou a explicar, ele já estava em frente ao monitor, olhando as imagens que o telescópio captava do fundo do mar debaixo do barco. Não havia tempo para maiores explicações.

-Que porra é essa? -perguntou Nick, andando para segurar o peculiar visitante.

Quando sua mão estava a dois centímetros do tapete, sentiu uma forte descarga elétrica na ponta dos dedos. -Ai! -gritou, pulando para trás. Sacudiu a cabeça e ficou olhando apalermado. O tapete continuava de pé na frente da tela.

Olhou para Carol como se esperasse alguma ajuda, mas ela achava a cena engraçada.

-Esta foi uma das razões da estranheza do mergulho -disse, sem fazer menção de ajudá-lo. -Mas acho que não vai machucar você. Provavelmente foi isso que salvou minha vida.

Nick pegou uma pequena rede de pescar pendurada na parede da cabine e aproximou-se lentamente do tapete. Ao chegar mais perto, o tapete pareceu virar-se e olhar para ele. Nick investiu com a rede, mas o tapete esquivou-se e Nick perdeu o equilíbrio, caindo contra o monitor. Carol deu uma risada, lembrando-se da primeira vez em que se tinham encontrado. O tapete foi até o sistema de dados do telescópio e enrolou-se firme em volta do equipamento eletrônico.

Do chão do barco. Nick observava o tapete investigando os dados e sacudiu a cabeça, incrédulo.

-Que diabo é esta coisa, afinal? -gritou para Carol.

Ela chegou perto e ofereceu graciosamente a mão para ele se por de pé. Era sua forma de desculpar-se pela explosão que tivera.

-Não tenho a menor ideia -respondeu. -No começo pensei que poderia ser um robô sofisticado da Marinha. Mas é avançado demais, inteligente demais. - Apontou para o céu com a mão que estava livre. -Elas sabem -disse sorrindo.

O comentário fez com que se lembrasse de Troy e ela ficou séria. Foi até a borda do barco e olhou o mar. Nick agora estava de pé ao lado do monitor, a um metro do tapete e do sistema de dados. Parecia que o tapete tinha se estendido para dentro da aparelhagem. Observou-o por uns instantes, fascinado, enquanto as várias leituras no alto do sistema de dados enlouqueciam.

-Ei, Carol -disse. -Venha até aqui ver isso. Essa coisa é de plástico ou algo parecido.

A princípio ela não se virou.

-Nick -respondeu suavemente, olhando-o por fim -O que vamos fazer com relação a Troy?

-Assim que nos livrarmos desse maldito invasor -respondeu Nick de dentro da cabine, onde olhava agora seus apetrechos de cozinha -faremos uma busca sistemática. Talvez eu mergulhe para ver se consigo encontrá-lo.

Pegou um grande garfo de cozinha com cabo de plástico e estava prestes a tentar arrancar o tapete do sistema de dados quando Carol o deteve.

-Se eu fosse você, não faria isso -disse. -Ele irá embora quando tiver terminado.

Mas era tarde demais. Nick enfiou o garfo nele e na maior parte das peças eletrônicas.

Ouviram-se um pipocar e um pequeno arco azul bateu no garfo, empurrando Nick para trás com um forte chute. Os alarmes dispararam, a leitura digital do sistema de dados esvaziou-se e o telescópio oceânico começou a soltar fumaça. O tapete caiu no chão e começou a ondular-se, como fizera quando Carol estava no salão com a janela para o mar. Um instante depois, dois alarmes do sistema de navegação soaram, indicando não só que a localização corrente do barco estava perdida como também que a memória não-volátil, onde estavam armazenados todos os parâmetros que permitiam comunicação com satélites, tinha sido apagada.

Em meio ao barulho e à fumaça, Nick ficou de pé com uma expressão de pasmo.

Esfregava o braço direito, do pulso até o ombro.

-Estou todo dormente -disse assustado. -Não consigo sentir meu braço.

O tapete continuou com suas ondulações no chão do barco enquanto Carol pegava um balde e jogava água no monitor. Nick ainda estava parado, beliscando o braço com um ar desamparado. Carol jogou o resto da água nele.

-Porra -exclamou, dando um passo atrás instintivamente. -Por que você fez isso?

-Porque temos de encontrar Troy -disse ela, aproximando-se dos controles do barco. -E não podemos ficar esperando o dia todo. Ignore o maldito tapete... e seu braço. A vida de um homem está em jogo.

Ela aumentou a velocidade do barco, e com isso o tapete levantou-se de novo, enroscou-se e cambaleou para o lado. Nick tentou detê-lo, mas ele saiu do barco e pulou

na água numa fração de segundo. Enquanto Carol dirigia o barco em círculos cada vez maiores, Nick ficou de pé no Florida Queen procurando Troy.

Uma hora depois os dois concordaram que não havia razão para continuarem a busca. Tinham passado por toda aquela área do mar diversas vezes (com cuidado e dificuldade, pois não tinham mais nenhum sistema de navegação) e não viram sinal de Troy. Depois de convencer-se de que o braço estava bom, Nick tinha vestido seu equipamento de mergulho, como último recurso, e refeito o caminho da fissura até a saliência. Ainda nenhum vestígio de Troy. Nick ficara tentado a examinar a fissura, mas a história de Carol parecia bastante plausível, e ele não gostou da ideia de ser sugado por um laboratório submarino bizarro. E sabia que se desaparecesse seria quase impossível ela guiar o barco até Key West sem um sistema de navegação.

Carol recontou toda a história do mergulho enquanto os dois pesquisavam a área.

Nick sabia que ela embelezava os detalhes, mas não via falhas lógicas no seu relato.

Ainda mais que ele próprio tinha também se confrontado com o tapete no Florida Queen. Assim reconheceu que Troy e Carol tinham tido na verdade experiências de arrepiar os cabelos numa construção submarina de algum tipo, e que a tecnologia encontrada por eles era definitivamente mais avançada que qualquer coisa que já tinham visto antes.

Mas estava relutante em aceitar a explicação de Carol de que tinham visto extraterrestres.

Não lhe parecia provável que um primeiro contato fosse feito sob circunstâncias tão banais. Embora admitisse prontamente que o tapete era de uma capacidade maravilhosa, não se considerava tecnologicamente sofisticado e portanto não se achava capaz de declarar, categoricamente, que aquilo não pudesse ter sido criado por seres humanos.

De fato, pensou consigo mesmo enquanto investigava cuidadosamente o horizonte com seu binóculo para ver algum referencial de terra antes de começar

a viagem de volta a Key West, que mentira perfeita. Imagine se os russos ou até mesmo nossa Marinha quisesse enganar... Parou no meio do pensamento e notou que se tivesse razão, e o encontro deles tivesse sido com uma criação humana, então eles ainda poderiam estar correndo perigo. Mas por que deixaram Carol sair? E por que não confiscaram meu barco? Encontrou uma ilhota que reconheceu à distância e mudou a orientação do barco. Sacudiu a cabeça, completamente confuso.

-Você não concorda que acabamos de encontrar ETs? -perguntou Carol ao seu lado, implicando ligeiramente com ele.

-Não sei -respondeu Nick lentamente. -Parece pouco provável para mim. Afinal de contas, se há uma infestação de extraterrestres nas águas do golfo do México, já deveriam ter sido encontrados. Submarinos e outros barcos com sonar devem atravessar esta região pelo menos uma ou duas vezes por ano. -Sorriu para ela. -Você anda lendo muita ficção científica.

-Ao contrário -respondeu Carol, olhando fixo para ele. -Minha experiência com a tecnologia de ponta é certamente maior que a sua. Fiz uma série de reportagens sobre o Instituto Oceanográfico de Miami e vi que tipo de experiências estão sendo desenvolvidas. E nada, absolutamente nada se aproxima do tapete ou da ameoba gigantesca. A possibilidade de haver uma explicação plausível para isso é muito pequena. Ficou em silêncio por um instante. -Além disso -continuou -talvez o laboratório não esteja lá há muito tempo. Talvez tenha sido terminado recentemente ou tenha sido transportado para cá.

Nick se sentira cerceado quando Carol começara sua explicação. Lá vem ela de novo, pensou. Tão segura de si. Tão machona e competitiva. Como se fosse um homem.

Admitiu para si mesmo que também tinha sido considerado uma pessoa autoritária.

E ela na verdade tinha razão em um ponto. Tinha muito mais contato com a alta tecnologia do que ele. Decidiu não discutir mais. Daquela vez.

Houve uma pausa momentânea na conversa. Carol também estava ficando mais sensível à dinâmica do relacionamento deles. Notara que o rosto de Nick tinha

mudado quando ela disse que sabia mais sobre tecnologia do que ele. Ora, pensara no ato. Calma, Carol. Tenha um pouco mais de tato e consideração.

Decidiu mudar de assunto.

-Quanto tempo vamos levar para chegar a marina? -perguntou. Na excitação da quinta-feira não prestara muita atenção ao tempo da viagem de volta.

-Pouco menos de duas horas -replicou Nick, rindo. -A menos que eu me perca. Não uso o guia manual nestas águas há mais de cinco anos.

-E o que vai dizer quando chegarmos lá?

Nick olhou-a.

-A quem... sobre o quê? --perguntou.

-Você sabe. Sobre o nosso mergulho. Sobre Troy.

Olharam um para o outro, e Nick finalmente quebrou o silêncio.

-Minha opinião é que não devemos dizer nada sobre isso... até... até termos certeza -disse com calma. -Então, se Troy aparecer, não haverá mais problema.

-E se ele não aparecer mais... -a voz de Carol fraquejou -então nos, sr. Williams, vamos nos meter numa tremenda enrascada. -A gravidade da situação estava ficando clara para eles.

-Mas quem você acha que vai acreditar numa história assim tão fantástica? -disse Nick depois de um instante. -Mesmo com suas fotografias, não há nenhuma evidência concreta que comprove sua história. Hoje em dia as pessoas podem criar qualquer tipo de foto que quiserem com um computador. Lembre-se daquele assassinato em Miami no ano passado, em que uma fotografia como álibi foi aceita como prova oficial? E que depois o processador de dados detectou a farsa? -Fez uma pausa. Carol ouvia interessada. -E a pessoa que construiu aquele lugar deve estar acabando com ele a essa hora -continuou. - Senão, por que teriam nos deixado fugir? Não. Acho que devemos esperar um pouco. Pelo menos umas 24 horas. E pense com cuidado sobre como vamos agir.

Carol fez um sinal afirmativo com a cabeça.

-Acho que concordo com você, embora não exatamente pelas mesmas razões. Tinha consciência de que ainda restava um espírito jornalístico dentro dela que queria guardar as informações para um furo sensacional. Esperava que sua ambição não a estivesse impedindo de tomar a decisão correta para Troy. -Mas Nick -refletiu ela não acha que estamos pondo Troy em perigo não entrando em contato com as autoridades?

-Não -disse Nick incisivamente. -Acho que se eles queriam matá-lo, já o devem ter feito. Ou irão fazer em breve.

Esta parte da conversa era dura demais para Carol. Andou até a outra ponta do barco e ficou olhando o mar. Pensou em Troy e na aventura louca deles depois de terem sido sugados para dentro da fissura. Ele a ajudara a se salvar, não havia a menor dúvida. Seu humor e presença de espírito não tinham deixado que ela se entregasse.

E possivelmente salvou sua vida desviando a atenção daquela coisa.

Ele era um homem caloroso e sensível por baixo daquela permanente brincadeira, pensou. Muito consciente. Também parecia estar escondendo muito sofrimento. De alguma coisa. Por um instante convenceu-se de que Troy estava bem. Depois ficou pensando por que não se deparara mais com ele lá. Uma semente de dúvida começou a formar-se na sua cabeça. Teve um estremecimento. Droga. Na verdade não sabemos nem uma coisa nem outra. E de novo a incerteza, e eu detesto incertezas.

Não é justo.

Sentiu uma profunda tristeza, uma sensação forte e perturbadora do passado. Sentiu-se desamparada, sem nenhum controle da situação. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Nick estava agora junto a ela sem dar uma palavra. Viu seus olhos com lágrimas mas não fez nenhum comentário. Apenas pôs a mão em cima da dela por um instante e depois retirou-a.

-Troy estava se tomando um grande amigo -disse Carol, começando a esconder seus sentimentos. De repente a necessidade de dividir suas verdadeiras emoções sobrepujou seus mecanismos normais de proteção. Olhou para a água.

-Mas não é exatamente por isso que estou assim agora. Estou chorando por causa da incerteza. Não suporto não saber das coisas. -Fez uma pausa e secou os olhos.

Nick ficou quieto. não compreendia exatamente o que ela estava dizendo, mas sentia que alguma coisa especial estava para acontecer entre eles. As ondas suaves batiam contra o barco.

-Estou me lembrando da minha infância, logo depois que meu pai foi-se embora continuou com suavidade. -Sempre achava que ele iria voltar. Nós três, Richie, minha mãe e eu, nos dizíamos que era uma separação temporária, que um dia ele entraria pela porta dizendo “Cheguei”. À noite eu ficava na cama tentando ouvir o barulho do carro dele entrando na garagem.

As lágrimas agora escorriam pelo seu rosto e caíam no mar.

-Quando ele vinha nos buscar para jantar, ou num sábado, eu ajudava mamãe a se arrumar, escolhia as roupas e escovava seus cabelos. -Soluçou um pouco. - Depois de abracá-lo na porta, sempre o levava até mamãe e perguntava Ela não é bonita?". Isso durou seis meses. Eu nunca sabia o que iria sentir de um dia para o outro. A incerteza me destruí, me deixava doente. Implorei a meu pai para dar outra chance a mamãe. Richie chegou a sugerir que ele comprasse a casa ao lado já que os dois não se entendiam morando juntos. Assim poderíamos ficar perto uns dos outros. -Sorriu com tristeza e deu um longo suspiro.

-Então meu pai levou mamãe para São Francisco num fim de semana. Fiquei toda animada. Durante 36 horas meu coração se alegrou, meu futuro estava assegurado. Eu era a menina de dez anos mais feliz do vale São Fernando. Mas quando chegaram em casa no domingo à noite, minha mãe estava muito bêbada. Seus olhos estavam inchados, sua maquiagem borrada, estava um horror. Passou direto por mim e por Richie e foi para o quarto. Meu pai, Richie e eu ficamos de pé na sala, abraçados, chorando juntos. Naquele momento percebi que tudo tinha terminado. Carol estava se acalmando, mas as lágrimas ainda permaneciam. Olhou para Nick com olhar de súplica.

-Teria sido tão mais fácil se eu pudesse ter chorado tudo de uma vez e terminado com isso. Mas não. Havia a incerteza, portanto ainda havia esperança. Por isso todo dia meu coração se partia de novo. -Secou as lágrimas mais uma vez,

depois olhou para o mar e gritou com toda sua força. -Quero saber agora, ou pelo menos logo, o que aconteceu com Troy! Não me deixe esperando para sempre. Não aguento isso.

Virou-se para Nick e ele abriu os braços. Sem uma palavra ela encostou o rosto no peito dele e ele envolveu-a num abraço.

6

Nick chegou na porta do duplex de Troy e encontrou a chave sobre o marco da porta. Bateu de novo e abriu com cuidado.

-Olá -disse -alguém por aqui?

Carol seguiu-o na sala.

-Não sabia que vocês eram amigos tão íntimos -disse ela, depois de olhar a coleção de móveis de Troy com ar divertido. -Acho que nunca contei a ninguém onde escondo minha chave.

O que Nick procurava não estava na sala. Foi até o corredor, passou pelo quarto grande com todo aquele equipamento e foi até o quarto pequeno onde Troy dormia.

-Na verdade -gritou para Carol, que tinha parado do outro lado do corredor em frente ao primeiro quarto e olhava embasbacada toda aquela parafernália eletrônica espalhada pelo quarto, -ontem foi o primeiro dia que estive aqui. Por isso não sei bem onde... ah, que bom, acho que encontrei alguma coisa. -Pegou uma listagem de computador que estava embaixo de um peso de papel na mesa ao lado da cama de Troy. Estava datada de 15 de janeiro de 1994 e continha cerca de vinte nomes, endereços e telefones.

Nick e Carol encontraram-se no corredor. Ele leu depressa a página e mostrou-lhe.

-Isso não diz muita coisa. Números de telefone e endereços de lojas de eletrônica e de programas de computador. Uma porção de telefones de Angie Leatherwood, provavelmente da época em que ela estava em turnê. -Apontou outra linha. -Essa deve ser a mãe dele, Kathryn Jefferson, em Coral Gables, na Florida. Mas não diz o número do telefone junto com o endereço.

Carol tirou a folha da mão de Nick.

-Nunca o vi mencionar ninguém a não ser Angie, sua mãe e o irmão Jamie. Nenhum outro amigo ou parente. Mas tenho a impressão de que ele não tem visto muito a mãe ultimamente. Você já ouviu ele falar de algum outro parente?

-Não -respondeu Nick. Tinham dado uma entrada no quarto de jogos e Nick apertava a esmo os botões e teclas ao passar por aquela pilha de equipamentos. Parou e pensou um instante. -Então quer dizer que Angie é a pessoa importante. Vamos contar para ela agora mesmo e depois esperar...

Carol e Nick congelaram ao ouvirem claramente a porta da frente abrindo e fechando.

Após um segundo, Nick gritou numa voz pouco firme:

-Ei, quem estiver aí, nós estamos no quarto de trás. -Não houve resposta, mas podiam ouvir os passos no corredor. Nick instintivamente protegeu Carol. Um instante depois Troy apareceu na porta e entrou no quarto.

-Muito bem, muito bem -disse, com uma risada -estou vivo e respirando. E encontrei dois ladroes na minha casa.

Carol correu para ele e pendurou-se no seu pescoço.

-Troy -disse sem fôlego -que maravilha você estar aqui. Onde foi parar? Estávamos assustadíssimos achando que tinha morrido.

Troy devolveu o abraço de Carol e piscou para Nick.

-Meu Deus, que recepção. Eu devia ter desaparecido antes. -Estendeu a mão para Nick e apertou-a. Por um instante seu rosto ficou sério. -Pensando bem, uma experiência assim basta para mim.

Carol deu um passo para trás e Troy viu a lista do computador na sua mão.

-Íamos tentar avisar sua famílias... -começou. Troy encaminhou-se para pegar a folha e Carol notou uma pulseira no pulso direito dele que não tinha visto antes. Era larga, com quase três centímetros, parecendo ser feita de pepitas de ouro

prensadas.

-Onde arranhou isso? -perguntou, levantando o pulso de Troy para poder ver melhor a pulseira.

Nick não conseguiu se comer mais. Antes que Troy pudesse responder entrou na conversa.

-Segundo Carol -disse -a última vez que ela o viu você estava num corredor de um laboratório submarino sendo perseguido por uma ameoba de dois metros de altura. Como conseguiu escapar? Procuramos por toda aquela área...

Troy levantou as mãos. Estava se divertindo em ser o centro das atenções.

-Amigos, amigos! Esperem um pouco, tá? Vou contar a história assim que tomar umas providências básicas. -Virou-se e entrou no banheiro. Nick e Carol ouviram um som familiar. -Peguem cerveja na geladeira e levem para a sala - gritou Troy por trás da porta fechada. -Podemos nos divertir com isso também.

Dois minutos depois Nick e Carol estavam sentados no grande sofá da sala. Troy afundou-se na cadeira em frente quando Nick deu um grande gole na cerveja.

-Era uma vez -começou, com um sorriso malicioso -um jovem negro chamado Troy Jefferson, que, mergulhando com os amigos, desapareceu durante quase duas horas numa estranha edificação submarina. Ao emergir da sua aventura debaixo da água, foi resgatado por mergulhadores da Marinha dos Estados Unidos, que acontecia estarem na área naquela hora. Logo depois o jovem Troy foi levado num helicóptero militar para Key West. Lá lhe perguntaram por que estava nadando sozinho no golfo do México, a quinze quilômetros da ilha mais próxima. Uma hora depois ele foi solto sem que ninguém acreditasse na história que contou. -Olhou para Carol e Nick várias vezes. -É claro -acrescentou, com mais seriedade -que não contei nada do que aconteceu na realidade. Não haveria jeito de fazê-los acreditar na verdade.

Carol inclinou-se no sofá.

-Então foi a Marinha que apanhou você. Logo depois que saímos. -Virou-se para Nick. -Eles deviam estar nos seguindo por alguma razão. O míssil devia estar lá, pensou. Mas onde foi parar? Será que a Marinha o encontrou? E qual é o

envolvimento deles com aquele laboratório maluco? Nada faz sentido...

-Passamos mais de uma hora procurando você -dizia Nick. Estava sentindo remorso de ter interrompido a busca tão depressa. -Não me ocorreu que você ainda pudesse estar lá. Embaixo naquele lugar, e é claro que não podíamos ficar ali a vida toda. Todos os nossos aparelhos eletrônicos foram destruídos por aquele tapete engraçado que apareceu do mar. Por isso perdemos todo o... -- Parou no meio da frase e olhou para Troy. -Desculpe, amigo.

-Não se preocupe -disse Troy encolhendo os ombros. -Eu teria feito o mesmo. Pelo menos agora sei que você conheceu um dos bizarros personagens da minha história. Por acaso também não conheceu um dos guardas? Grandes globos gelatinosos, parecendo amebas, com umas caixinhas no meio e hastes destacáveis penduradas por toda a parte superior do corpo?

Nick sacudiu a cabeça.

-Guarda? -perguntou Carol com o cenho franzido. -Por que você chama aquela coisa de guarda?

-Guarda, sentinela, qualquer coisa -respondeu Troy. -Eles me disseram que esses guardas protegem a carga básica da nave. -Ficou olhando o ar pasmo dos dois. - O que me faz voltar ali primeira pergunta -continuou. -Eles me deram esta pulseira. É uma espécie de dispositivo de comunicação. Não poderia explicar como funciona, mas sei que eles estão ouvindo e observando, assim como transmitindo mensagens para mim. Eu só entendo algumas delas.

Carol estava ficando confusa outra vez. Na sua cabeça essa situação já bastante complexa tinha alcançado uma nova dimensão. Tinha centenas de perguntas para fazer, mas não sabia com qual começar.

Nesse meio tempo Nick ficou de pé.

-Espere um instante -disse, olhando em dúvida e um tanto confuso. -Será que eu ouvi bem? Você falou que lhe deram uma pulseira de comunicação, esses extraterrestres, e depois o soltaram no mar? E que então a Marinha o resgatou e o trouxe de volta para Key West? Meu Deus, Jefferson, que imaginação a sua. Guarde sua criatividade para aquele jogo de computador. Por favor, conte a verdade.

-Estou contando -replicou Troy. -Realmente...

-Como eles eram? -interrompeu Carol com seu espírito de jornalista imperando.

Pegou um gravadorzinho do tamanho de uma caneta. Troy chegou perto dela e desligou-o.

-Por enquanto, menina -disse -isto fica estritamente entre nós... Acho que não vi nenhum deles, Aliás, só os guardas e os tapetes. E na minha opinião são apenas robôs, algum tipo de máquinas. inteligentes, sim, mas controlados por alguma outra coisa...

-Meu Deus -interrompeu Nick -você está falando sério. -Estava ficando irritado. Isto está se tomando a historia mais ridícula que já ouvi. Guardas, tapetes, robôs. Quem são eles? O que eles estão fazendo no mar? E por que eles lhe deram uma pulseira? -Pegou uma das almofadas do sofá e jogou-a para o outro lado da sala.

Carol deu uma risada nervosa.

-Nick não é o único a se sentir frustrado, Troy. Eu estive com você lé embaixo e admito que sinto dificuldade de acreditar nessa história. Talvez devêssemos parar de interrompê-lo e deixar você continuar a falar. Já contei a Nick o que aconteceu naquela sala do sistema solar até a hora em que você fugiu e a coisa ou guarda o seguiu. Comece daí, se puder, e conte a história numa sequência lógica.

-Não tenho certeza se há uma sequência lógica, menina -respondeu Troy, fazendo eco à risada de Carol. -Todo o episódio desafia a lógica por completo. O guarda depois me prendeu numa passagem sem saída e me anestesiou com uma de suas hastes. Parecia que eu estava sonhando, mas os sonhos eram reais. Lembro-me de ter tido essa mesma sensação depois de uma briga quando era adolescente. Tive uma pequena concussão na época. Eu sabia que estava vivo, mas reagia com muita, muita lentidão. A realidade parecia abrandada, ficando muito ao longe.

-De qualquer forma, outro guarda daqueles apareceu, a mesma espécie de corpo mas com ramificações diferentes na superfície gelatinosa, e me carregou para o que imaginei ser uma sala de exames. Não sei exatamente quanto tempo fiquei

lá. Fui esticado no chão e cutucado por toda sorte de instrumentos. Tinha a impressão de que tudo acontecia em movimentação extremamente rápida, mas não me lembro de nenhuma sensação específica. Só me lembro de algumas imagens. Revivi meu irmão Jamie, atravessando a linha num jogo e correndo 40 metros para fazer um gol no campeonato estadual da Florida. Depois colocaram a pulseira no meu braço e eu tive a nítida impressão de que alguém falava comigo. Com muita calma, talvez até numa língua estrangeira, mas eu conseguia entender umas coisas aqui e ali.

-O que me disseram -continuou Troy, com uma expressão distante -foi que o que chamamos de laboratório é na verdade um veículo espacial de outro mundo. E que tinha feito uma aterrissagem forçada na Terra para que fossem feitos alguns consertos necessários. Eles, isto é, quem quer que tenha construído a nave, precisam da nossa ajuda, minha e sua, para obterem alguns elementos específicos para os consertos. Depois poderão continuar a viagem.

Nick estava agora sentado no chão em frente a Troy. Ele e Carol seguiam avidamente cada palavra. Ficaram em silêncio quase trinta segundos depois que Troy terminou sua história.

-Se tudo isso for verdade -disse Nick finalmente -então estamos...

Ouviu-se uma batida forte na porta. Os três pularam assustados. A batida repetiu-se e Troy foi até a porta, abrindo-a parcialmente.

-Então você está aqui, seu merda -Carol e Nick ouviram uma voz zangada dizer.

O Capitão Homer empurrou a porta e entrou, mas a princípio não viu os dois. - Tínhamos um trato e você desapareceu. E já voltou há duas horas...

Com o canto do olho viu que Havia mais gente na sala. Virou-se para falar com Greta, que também tinha entrado na casa.

-Imagine o que mais! -falou. -Nick Williams e a srta. Dawson também estão aqui. Não é de estranhar que não a encontrássemos no hotel.

Greta seguiu Homer até a sala. Seus olhos claros e inexpressivos olharam para cada um em separado durante um minuto. Carol pensou ver um ar de desdém naqueles olhos, mas não tinha certeza. Homer virou-se para Carol, com um tom

de voz bem mais moderado.

-Vimos vocês dois voltando da excursão por volta das duas horas -disse, com um sorriso fingido. -Mas não vimos Troy. -Piscou para Carol e virou-se para Nick. - Encontrou mais alguma quinquilharia hoje, Williams?

Nick nunca tentara esconder que não gostava do Capitão Homer.

-É claro, Capitão -respondeu, com tom de escárnio -será que acreditaria que encontramos uma verdadeira montanha de barras de ouro e prata? Parecia com aquela pilha do Santa Rosa que tínhamos no barco um dia, mais ou menos há oito anos. Lembra-se? Foi antes de Jake e eu deixarmos você e Greta descarregarem tudo.

A voz de Homer tinha um tom desagradável.

-Eu devia tê-lo processado por calúnia, Williams. Isso teria calado sua boca de uma vez por todas. você teve sua vez no tribunal. Agora pare com essa porra, senão um dia vai ter mais trabalho do que pensa.

Enquanto Nick e Homer trocavam insultos e ameaças, Greta passeava pela sala como se estivesse na sua própria casa. Parecia alheia à conversa e até mesmo a presença das outras pessoas da sala.

Usava uma camiseta de malha branca aderente ao corpo e um short azul-marinho. Quando andava levantava os braços, com as costas retas e os peitos rijos. Carol ficou intrigada com seu comportamento. Observou Greta parar e inspecionar os CDs de Troy. Puxou o que tinha a capa com a foto de Angie Leatherwood e molhou os lábios. Este casal parece vindo de um romance barato, pensou Carol ao ouvir Troy dizer ao Capitão Homer que estava ocupado aquela tarde mas iria encontrar-se com ele mais tarde. Qual é a história deles? imaginou Carol. E onde Ellen se encaixa nela? Lembrou-se que tinha combinado entrevistar os três à noitinha. Mas não tenho certeza se quero saber como eles são.

-Viemos lhe dizer para levar sua roupa de banho hoje à noite -disse o Capitão Homer a Carol. Ela havia perdido a primeira parte da conversa enquanto observava Greta passeando pela sala.

-Perdão -disse ela gentilmente. -Poderia repetir o que disse? Desculpe, mas acho que estava um pouco distraída.

-Disse que a senhorita pode chegar cedo, por volta das oito horas -explicou Homer. -E para levar sua roupa de banho, pois temos uma piscina muito interessante e fora do comum.

Durante esse diálogo, Greta chegou por trás de Nick e colocou depressa os braços em volta dele. Com todos os outros olhando, torceu de leve os mamilos dele por fora da camisa e riu quando ele deu um pulo.

-Você sempre gostou disso, Nikki -disse, soltando-o depois de um instante. Carol viu os olhos de Homer faiscarem de raiva. Nick começou a dizer alguma coisa, mas Greta já tinha saído pela porta antes que ele pudesse protestar.

-Não deixe de passar por lá quando terminar aqui -disse Homer a Troy depois do silêncio constrangedor. -Precisamos acertar umas coisas. -Virou-se desajeitado, e sem outro comentário seguiu Greta até a Mercedes estacionada em frente a casa de Troy.

-Onde é que tínhamos parado? -disse Troy distraído, ao fechar a porta atrás de Homer e Greta.

-Você -disse Nick com ênfase -estava nos contando uma história fantástica e estava quase chegando ao fim, quando ia dizer o que poderíamos fazer para ajudar os seres estranhos que aportaram aqui na Terra a consertarem sua nave espacial. Mas primeiro eu quero uma explicação. Não sei se acredito em alguma coisa dessa incrível história de fadas que está nos contando, mas admito que é extremamente criativa. O que me diz respeito neste minuto, no entanto, não são as criaturas do outro mundo. São esses dois idiotas que acabaram de sair. O que eles queriam? E estão de alguma forma envolvidos na nossa aventura?

-Um minuto, Nick -interveio Carol. -Antes de entrarmos em digressão, gostaria de saber que tipo de ajuda esses ETs de Troy esperam de nós. Um telefone? Uma nova nave espacial? Vamos descobrir agora e falar de Homer e da sua namorada Greta mais tarde. -Sua referência a Greta foi leve e jocosa. Nick aceitou a brincadeira com bom humor e fingiu estar ofendido. Depois assentiu com a cabeça a sugestão de Carol.

Troy tirou uma folha de papel do bolso e respirou fundo.

-Vocês devem compreender que ainda não estou absolutamente certo de que estou recebendo todas as mensagens deles corretamente. Mas esta transmissão específica, com a lista de coisas que precisam de nós, é repetida de meia em meia hora. Minha interpretação disso não mudou nos últimos 90 minutos, portanto estou bem certo de que entendi a coisa direito. É uma longa lista e naturalmente não vou tentar compreender por que eles querem todas essas coisas. Mas tenho certeza de que vocês dois vão achar muito interessante.

Troy começou a ler a lista escrita a mão.

-Eles querem um dicionário e uma gramática em inglês e em quatro outras línguas mais usadas; uma enciclopédia de plantas e animais; uma história mundial compacta; um traçado estatístico da situação política e econômica do mundo; edições completas dos últimos dois anos de pelo menos três jornais importantes do mundo; um estudo comparativo das religiões mais significativas do mundo; revistas de ciência e tecnologia, inclusive levantamentos de sistemas bélicos desenvolvidos e em desenvolvimento; uma enciclopédia de artes, de preferência com vídeo e sonorização, se disponível; 21 quilos de chumbo e 26 de ouro.

Nick assoviou quando Troy terminou. A pedido de Carol, Troy passou-lhe o papel e Nick leu-o por trás do seu ombro, memorizando cada item. Nenhum dos dois disse nada.

-Acreditem ou não -acrescentou Troy um minuto depois -os oito primeiros itens não são tão difíceis de se conseguir. Passei na biblioteca de Key West quando vinha para cá da marina, e estão preparando para mim, mediante uma taxa, um conjunto de disquetes com praticamente todas as informações pedidas. Os itens difíceis estão no fim da lista. É aí que vou precisar da ajuda de vocês.

Parou um segundo para ver se Nick e Carol estavam prestando atenção nele.

-Só para saber se entendi -disse Nick, andando devagar pela sala com a lista na mão -o que você quer, ou eles querem, se preferir, é que voltemos ao laboratório deles, ou nave, ou o que quer que seja aquilo, com todas as informações e mais o ouro e o chumbo? -Troy assentiu. -Mas 26 quilos de ouro? Isso vale cerca de um milhão de dólares. Onde iríamos conseguir tanto dinheiro? E o que eles iriam

fazer com isso, afinal de contas?

Troy confessou que não sabia as respostas aquelas perguntas.

-Mas tenho a sensação -continuou -baseado no que estão me transmitindo, de que se conseguirem parte dessas coisas a tarefa deles será bem mais fácil. Por isso é bom fazermos o que pudermos para ver se vai ser o bastante.

Nick sacudiu a cabeça para frente e para trás.

-Sabe, Carol -disse ao entregar-lhe a lista -nunca na vida, por mais que imaginasse, pensei em me deparar com um plano tão louco quanto este. Toda essa coisa é tão inacreditável e fantástica que a gente fica tentado a aceitar. É simplesmente genial.

Troy sorriu.

-Então vocês vão ajudar? -perguntou.

-Eu não disse isso -replicou Nick. -Ainda tenho uma porção de dúvidas. E não posso responder pela srta. Dawson. Mas de certo modo, mesmo se tudo for fantasia, a ideia de bancar o bom samaritano para uma nave extraterrestre é fascinante.

Durante a meia hora seguinte Carol e Nick ficaram fazendo mil perguntas a Troy, que explicou logo sobre Homer e Greta, dizendo que tinha combinado encontrá-los na quinta-feira a noite para informá-los do que estava acontecendo a bordo do Florida Queen em troca de um empréstimo a curto prazo. Também falou que nunca tivera a intenção de dar-lhes realmente qualquer informação, mas que isso não era incorreto porque eles eram dois vigaristas. Nick aceitou plenamente a explicação de Troy, mas achou que ele não estava dizendo toda a verdade.

Na verdade quanto mais perguntas fazia, mais dúvidas tinha sobre a história que Troy contava. Mas quais seriam as alternativas? pensou Nick consigo mesmo. Eu vi aquele tapete com meus próprios olhos. Se não for um ET, ou pelo menos feito por um deles, então é um robô muito avançado, projetado por nós ou pelos russos. Enquanto continuava com suas perguntas, começou a construir um cenário alternativo, confessadamente doido e improvável, mas que no entanto

explicava todos os acontecimentos dos três últimos dias de forma tão razoável para ele quanto a história maluca de Troy sobre a estranha nave espacial.

E se Troy e aquele merda do Homer estiverem trabalhando para os russos? E se toda essa coisa for só uma fachada elaborada para um encontro quando serão passadas informações ilegais? Homer faria qualquer coisa por dinheiro. Mas por que Troy faria isso? Era difícil admitir que Troy estivesse participando de um plano para vender segredos norte-americanos a um país estrangeiro, mas Nick racionalizou a coisa convencendo-se de que talvez Troy precisasse de um dinheiro extra para pagar todo aquele equipamento eletrônico do seu jogo de computador.

Ele certamente não conseguiu economizar dinheiro do seu parco salário, continuou a pensar. Imagine se esses disquetes de computador do Troy têm dados militares secretos e não aquelas informações loucas que ele listou. Então o ouro poderia ser o pagamento dele. Ou de outra pessoa. Nick fez várias outras perguntas a respeito do ouro. Troy admitiu que não entendia muito bem o que eles diziam através da pulseira sobre a razão da necessidade do ouro e do chumbo. Balbuciou alguma coisa sobre a dificuldade de produzir esses dois elementos através da transmutação e depois não disse mais nada.

Carol, por sua vez, estava cada vez mais convencida de que a história de Troy era verdadeira. Sua incapacidade de responder a todas as perguntas não a preocupava; Aliás, pela natureza fantástica da história, se ele tivesse respostas para tudo ela teria ficado menos convencida da verdade. Apesar do seu espírito crítico de jornalista, via-se intrigada e um pouco encantada com a ideia de extraterrestres estarem precisando da sua ajuda.

Sua intuição era tão importante quanto sua razão quando formava uma opinião.

Em primeiro lugar, confiava em Troy. Observou-o cuidadosamente enquanto ele respondia às perguntas e não viu a menor indicação de que estivesse mentindo. Não tinha dúvida de que ele acreditava estar dizendo a verdade. Mas se Troy dizia a verdade, ou estava sendo manipulado e dirigido pelos próprios ETs que o haviam eleito para representá-los, isso era outra coisa. Mas com que finalidade? raciocinou. Não há muito que nós três possamos fazer. Até mesmo as informações que pediram, a não ser no setor de armamentos, são inúteis. Deixou temporariamente de lado a ideia de que o amigo Troy tivesse passado a ser uma espécie de brinquedo nas mãos dos extraterrestres.

Mas sabia que Nick estava ficando cada vez mais desconfiado. Ele achou muito estranho que houvesse três mergulhadores da Marinha na água no exato local em que os tapetes trouxeram Troy à superfície. E o relato dele sobre o processo de interrogatório depois que foi levado para Key West era tão confuso que Nick ficou irritado de novo.

-Meu Deus, Jefferson -disse -ou você tem uma memória muito curta ou muito conveniente. Você nos disse que a Marinha o manteve detido por quase uma hora, mas mal se lembra das perguntas que fizeram e não tem ideia da razão que os levou a interrogá-lo. Isso simplesmente não me convence.

Troy estava ficando zangado.

-Que merda, Nick, já disse que eu estava muito cansado. Tinha passado por uma experiência muito traumatizante, e as perguntas deles não faziam sentido para mim. E todo o tempo sentia como se uma voz estivesse tentando falar dentro da minha cabeça.

Nick virou-se para Carol.

-Acho que estou mudando de ideia. Não quero entrar neste jogo, por mais inteligente que seja. Homer e Greta me irritam, mas posso me entender com eles se precisar. Por outro lado, a Marinha me assusta. Havia alguma razão para estarem nos seguindo. E improvável que tenha sido uma mera coincidência. Talvez Troy saiba alguma coisa sobre isso e talvez não, mas não estou gostando disso.

Levantou-se para ir embora, mas Carol fez-lhe um sinal para ficar mais um pouco e respirou fundo.

-Vocês dois aí -disse em voz baixa. -Tenho uma confissão a fazer, e parece que esta é a melhor hora. Eu não vim para Key West procurar baleias. -Deu uma olhada para Nick. -E tampouco um tesouro. Vim para cá porque ouvi uns boatos de que um novo míssil da Marinha tinha se extraviado e caído no golfo do México. -Fez uma pausa de uns segundos para que eles entendessem. -Eu certamente deveria ter dito isso a vocês mais cedo, mas não encontrei a hora certa. Sinto muito.

-E achou que o míssil estava na fissura -disse Troy uns segundos depois. -Por isso você voltou ontem para cá.

-Íamos resgatar o míssil para você e você ficaria famosa no mundo inteiro -acrescentou Nick, sentindo-se um pouco menos traído apenas pela sinceridade que via na sua desculpa. -Estava nos usando o tempo todo.

-Você pode achar isso -concordou Carol -mas como repórter não vejo as coisas assim. -Notou a tensão na sala. Nick parecia estar especialmente circunspeto. Mas agora não importa mais -continuou. -O que importa é que há uma explicação para a presença da Marinha no local do mergulho. Nesses últimos dois dias fiz várias investigações em todos os níveis a respeito de atividades clandestinas que a Marinha vem fazendo em busca do míssil. Na noite passada aquele tenente mexicano deu uma boa olhada nas nossas melhores fotos do míssil na fissura. Sem dúvida alguém juntou os pauzinhos e tirou suas conclusões.

-Escute, menina -disse Troy após um breve silêncio -não sei nada sobre o míssil. E está me acontecendo coisas demais para eu ficar sentido pelo fato de você ter mentido para nos. Tenho certeza de que deve ter tido suas razões para isso. O que preciso saber agora é se você vai ou não vai me ajudar a levar essas coisas de volta para os ETs, ou alienígenas, ou qualquer nome que lhes queira dar.

Antes de Carol responder, Nick levantou-se e encaminhou-se para a porta.

-Estou com muita fome -anunciou -e quero pensar sobre essa coisa toda. Se não se importa, Troy, vou almoçar agora e encontro você mais tarde para dar minha resposta.

Carol também notou que estava faminta. O dia fora exaustivo e ela não tinha comido nada mais substancial desde o café da manhã. Estava também um pouco preocupada com a reação de Nick à sua confissão.

-Posso ir com você? -perguntou a Nick. Ele deu de ombros, mostrando desinteresse, como se dissesse “fique a vontade”. Carol deu um abraço em Troy.

-Vamos nos encontrar no meu quarto no Marriott por volta das sete e meia. Tenho de ir lá de qualquer forma para mudar de roupa para a entrevista com o trio terrível. vocês podem me dar umas dicas.

Seu humor não fez o ambiente se tomar mais leve. Troy estava nitidamente preocupado com alguma coisa. Sua cara estava séria, quase sombria.

-Professor -disse a Nick num tom suave e deliberadamente monótono -sei que não pude dar todas as respostas que você queria, mas nem para mim mesmo sei dar. Uma coisa porém é certa. Jamais aconteceu algo assim na Terra. Pelo menos nunca foi registrado na história. As criaturas que construíram essa espaçonave são, comparadas a nós, o que seríamos comparados às formigas ou abelhas se elas pudessem nos compreender. Eles nos pediram para ajudarmos a consertar sua nave. Não é preciso dizer que essa é uma oportunidade única na vida.

-Seria ótimo se pudéssemos sentar e discutir o assunto durante semanas ou até mesmo meses, mas não podemos. O tempo se esgota. A Marinha ira encontrá-los em breve, talvez já os tenha encontrado, com consequências possivelmente funestas para os seres humanos deste planeta. Eles deixaram bem claro que sua missão tem de ser realizada, que precisam consertar a nave e continuar a viagem, mesmo se tiverem de interferir com o sistema terrestre para conseguirem a meta desejada.

-Sei que tudo isso parece fantástico, talvez até absurdo. Mas vou conseguir uns pesos de chumbo com meus amigos mergulhadores e vou buscar os disquetes compactos na biblioteca. Com ou sem a sua ajuda, quero estar naquela espaçonave amanhã antes do amanhecer.

Nick observava Troy atentamente enquanto ele falava. Por um instante pareceu não ser ele discursando, mas outra pessoa ou outra coisa através dele. Sentiu um arrepio de terror pela espinha. Porra, pensou. Também estou metido nessa. Nós três estamos. Fez um gesto para Carol segui-lo e saiu.

7

-Como já disse duas vezes -a voz parecia cansada e aborrecida -eu estava mergulhando. com uns amigos, Nick Williams e Carol Dawson. Ela teve um problema com seu equipamento de mergulho e decidiu subir rapidamente para o barco. Tínhamos encontrado um arrecife particularmente interessante, com umas características especiais, e não tínhamos certeza se seríamos capazes de localizá-lo de novo. Por isso decidi ficar e esperar que ela voltasse. Quando finalmente subi a superfície meia hora depois, não havia sinal deles ou do barco.

O gravador foi desligado. Os dois tenentes se entreolharam.

-Porra, Ramirez, você acredita na história desse cretino? Em alguma coisa que ele disse? -O outro sacudiu a cabeça. -Então por que você deixou ele ir embora? Aquele negro filho da puta ficou sentado aqui durame uma hora nos fazendo de bobos com suas respostas ridículas, e você o deixa ir embora?

-Não podemos deter alguém sem prova evidente de infração -respondeu Ramirez, como se estivesse citando um manual militar. -E nadar no mar a 15 quilômetros da ilha mais próxima, embora seja estranho, não constitui infração. - Ramirez podia ver que seu colega estava furioso. -Além do mais, ele não se contradisse. Contou exatamente a mesma história o tempo todo.

-A mesma baboseira, você quer dizer. -O tenente Todd encostou-se no espaldar da cadeira. Os dois estavam sentados numa pequena sala de conferência com paredes de gesso. O gravador estava na mesa em frente aos dois, ao lado de um cinzeiro vazio.

-Ele não acreditava na própria história. Ficou sentado ali, com aquele sorriso arrogante, sabendo que não podíamos fazer nenhuma acusação contra ele. -Todd deu um soco na mesa para enfatizar suas palavras. -Um mergulhador experiente nunca ficaria esperando sozinho embaixo d'água por cinco minutos, que dirá meia hora. Muitas coisas poderiam acontecer. E os amigos dele, por que o deixaram lá? -Ficou de pé fazendo gestos no ar com as mãos. -Vou dizer por quê,

tenente. Porque sabiam que ele estava bem, que tinha sido apanhado por um submarino russo. Eu disse que devíamos ter ido num dos navios novos. Provavelmente poderíamos ter localizado o submarino com a aparelhagem eletrônica moderna. .

Ramirez brincava distraidamente com o cinzeiro de vidro enquanto Todd fazia seu discurso.

-Você acredita mesmo que aqueles três estão envolvidos com os russos nisso, não é? Isso não faz sentido para mim.

-Porra -disse Todd -nada mais faz sentido. Todos os engenheiros com quem conversamos dizem que não há falhas concebíveis que justifiquem nem o comportamento observado do míssil nem a telemetria que recebemos nas nossas estações de rastreamento. Portanto os russos devem ter comandado o desvio do curso.

Ficou mais excitado enquanto explicava o resto do plano.

-Os russos sabiam que iriam precisar de alguma ajuda local para encontrarem o ponto exato do míssil no mar, por isso contrataram Williams e a tripulação para procurarem e informarem sua localização. Planejaram apanhar o míssil com um de seus submarinos. E ter a sorte. Dawson do lado deles foi um golpe de mestre; as indagações dela atrasaram nossa busca, pois passamos a nos preocupar com a imprensa.

O tenente Ramirez riu.

-Você é sempre muito convincente, Richard. Mas até agora ainda não temos a mínima prova de nada. Também não acredito na história de Troy Jefferson, mas ele pode ter tido muitas razões para mentir, sendo que apenas uma teria a ver conosco. Além do mais, há outro porém na sua explicação. Por que teriam todo esse trabalho só para ficarem de posse de um míssil Panther?

-Você, eu e até mesmo o comandante Winters talvez não saibamos a verdadeira história do míssil Panther -retorquiu Todd depressa. -Talvez tenha sido projetado para carregar algum novo armamento potente do qual nunca ouvimos falar. Não é tão raro assim a Marinha apresentar um projeto dissimulado e manter seu verdadeiro propósito em segredo. -Parou para pensar. -Mas o que está motivando

os russos não é tão importante para nós. Temos prova de que há uma conspiração, e nosso dever é detê-la.

Ramirez não respondeu logo. Continuou a brincar com o cinzeiro em cima da mesa.

-Acho que não vejo mais a coisa assim -disse por fim, olhando diretamente para Todd. -Não vejo nenhuma prova substancial de conspiração. A menos que o comandante Winters dê pessoalmente ordens para que meu departamento trabalhe nisso, estou abandonando minha investigação. -Olhou o relógio. -Pelo menos ainda posso passar a noite de sábado e o domingo com a minha família. -Levantou-se para sair.

-E se eu conseguir provas?-perguntou Todd, sem esconder o desprezo que sentia por Ramirez.

-Isso também convencerá Winters -respondeu ele com frieza. -Já corri risco demais nesse projeto. Não vou entrar mais em ação e não ser instruído por autoridade competente.

Winters não estava realmente certo de encontrar a coisa apropriada. Normalmente evitava os shopping centers, especialmente nos sábados à tarde. Mas enquanto estava deitado no sofá., assistindo a um jogo de beisebol e bebericando uma cerveja, lembrou-se de como ficara contente quando Helen Turnbull, que fizera o papel de Maggie, lhe dera um conjunto de porta-copos diferente depois da semana de estreia. de Gata num teto de zinco quente.

-Essa tradição está acabando no teatro, infelizmente -dissera a experiente atriz quando ele lhe agradeceu. -Mas dar um presentinho na noite de estreia. ou outra noite depois é ainda minha maneira de dizer às pessoas que gostei de trabalhar com elas.

O shopping estava lotado com os clientes de sábado, e o comandante Winters sentia-se constrangido, como se todos estivessem olhando para ele. Deu umas voltas durante alguns minutos sem ter pensado em que espécie de presente poderia comprar para ela. Uma coisa simples, é claro, pensou. Nada que possa ser mal interpretado.

Só uma lembrancinha bonita. Lembrou-se do Tiffani, de como ela aparecera na

sua fantasia antes de dormir na noite anterior. A imagem desconcertou-o no meio da multidão do shopping, e ele pensou nervoso em outra cena, saudável e aceitável, da pequena Tiffani conversando com o pai. Seu cabelo, pensou, lembrando-se do rabo-de-cavalo que ela usava. Vou comprar alguma coisa para o seu cabelo.

Entrou numa loja de presentes e tentou se entender no meio de todo aquele bricabraque alinhado nas prateleiras e em cima de várias mesinhas.

-Posso ajudar em alguma coisa? -Winters pulou quando a vendedora aproximou-se por trás. Balançou a cabeça. Por que fui fazer isso? disse a si mesmo. E claro que preciso de ajuda. Senão não vou encontrar nada.

-Desculpe, senhorita -disse quase aos gritos para a vendedora que estava afastada -mas acho que preciso de um conselho. Quero comprar um presente. -Sentiu-se de novo como se todos o olhassem. -Para minha sobrinha -acrescentou rapidamente.

A vendedora era morena, com cerca de vinte anos, muito feia, mas com uma expressão viva.

-Tem alguma coisa em mente? --perguntou. Seu cabelo era comprido como o de Tiffani. Winters relaxou um pouco.

-Mais ou menos -disse. -Ela tem um cabelo bonito. Como o seu. O que eu poderia comprar que fosse bem especial? É aniversário dela. -Novamente sentiu uma ansiedade que não compreendeu.

-De que cor? -perguntou a mocinha.

A pergunta não fazia sentido.

-Ainda nem sei direito o que quero -respondeu ele com uma expressão intrigada -por isso não sei de que cor.

A vendedora riu.

-De que cor é o cabelo da sua sobrinha? -disse lentamente, quase como se estivesse falando com um retardado.

-Ah, é claro -riu Winters. -Castanho avermelhado -disse. -E muito comprido. Você já disse isso, falou uma voz dentro dele. Está parecendo um bobo.

A vendedora fez um sinal para que ele a seguisse e os dois foram para os fundos da loja. Apontou para um vidro redondo cheio de travessas de todos os formatos e tamanhos.

-Seria um ótimo presente para sua sobrinha -disse ela. Havia uma inflexão na sua voz ao dizer a palavra “sobrinha” que incomodou Winters. Será que ela sabe de alguma coisa? Uma de suas amigas? Ou será que assistiu à peça? Respirou e acalmou-se. Mais uma vez ficou assustado com a volatilidade de suas emoções.

Numa das pequenas prateleiras havia duas bonitas travessas marrons com um friso dourado em cima. Uma delas era grande o suficiente para segurar todo aquele lindo cabelo num coque na nuca. A outra, menor, tinha o tamanho perfeito para prender o cabelo ao lado ou atrás.

-Vou levar essas -disse a moça, -as que têm o friso dourado. E por favor, embrulhe para presente.

A vendedora eficiente abriu a vitrine e tirou as travessas, pedindo a Winters que esperasse uns minutos enquanto embrulhava o presente. Desapareceu pela loja e Winters ficou sozinho. Vou deixá-las na penteadeira no final do intervalo, ficou pensando. Imaginou Tiffani entrando no vestiário sozinha e achando o presente perto do espelho. Sorriu ao pensar na reação dela. Naquele momento uma senhora com uma menina de nove ou dez anos passou por ele na loja dando-lhe um pequeno esbarrão.

-Perdão -disse a senhora sem olhar, enquanto continuavam na direção de umas cestinhas de Páscoa penduradas na parede.

A vendedora tinha acabado de embrulhar o presente e estava de pé ao lado da caixa registradora. Quando Winters chegou no balcão, ela lhe entregou um cartãozinho com “Feliz aniversário” impresso no canto superior esquerdo. Winters ficou olhando o cartão por alguns segundos.

-Não -disse finalmente. -Sem cartão. Vou comprar outro na papelaria.

-Vai pagar à vista ou com cartão? -perguntou a moça.

Winters entrou em pânico por um instante. Não sei se tenho dinheiro suficiente comigo, pensou. E como poderia explicar esse crédito a Betty? Abriu a carteira e contou o dinheiro. Sorriu para a moça e disse:

-À vista, por favor -quando viu que tinha quase 50 dólares. O recibo era só de 32 dólares, incluindo as taxas.

O comandante Winters sentiu uma súbita alegria ao sair da loja. Seu nervosismo anterior tinha desaparecido por completo. Começou mesmo a assoviar ao abrir a porta e sair daquele ambiente de ar condicionado do shopping. Espero que ela goste das travessas, disse a si mesmo. Depois sorriu de novo. Sei que vai gostar.

8

Nick serviu o final da garrafa de Chablis no copo de Carol.

-Acho que eu nunca poderia ser jornalista -disse ele. -Para ter sucesso é preciso ser mexeriqueiro.

Carol ajeitou um pedaço de peixe frito misturado com couve-flor e levou o garfo a boca.

-Não é tão diferente assim de outro trabalho. há sempre as questões de ética, assim como horas em que sua vida pessoal e profissional entram em conflito. - Terminou de mastigar e engolir antes de continuar.--Achei que talvez contasse tudo a você e a "Roy na sexta-feira a noite. Mas as coisas não funcionaram assim, como sabe.

-Se tivesse contado -disse Nick, empurrando o prato para indicar que terminara sua refeição -tudo teria sido diferente. Eu teria tido consciência de uma possibilidade de perigo e provavelmente teríamos nós dois descido juntos. O que teria acontecido então?

-Já tive conflitos piores. -Tomou um gole de vinho. Queria terminar com aquele assunto. Do seu jeito. -Logo que me formei em Stanford, trabalhei no San Francisco Chronicle. Estava saindo com Lucas Tipton naquela época em que o escândalo sobre a droga Warrior estourou. Usei os contatos sociais que tinha feito através dele para conseguir mais informações. Lucas nunca me perdoou. Portanto estou habituada a esses problemas. Fazem parte do ofício.

Um garçom se aproximou e serviu-lhes café.

-Mas agora que já me desculpei pela terceira vez -disse Carol -espero que possamos passar para assuntos mais importantes. Vou dizer, Nick, que acho sua ideia de um plano russo absolutamente fora de cogitação. O elemento menos convincente é Troy. Não há a menor possibilidade dele ser um espião. Isso é um

absurdo.

-Mais absurdo que uma nave espacial extraterrestre precisando de conserto no fundo do golfo do México.? -replicou Nick com obstinação. -Além do mais, existe um motivo óbvio. Dinheiro. você viu todo o equipamento que ele usou naquele jogo de computador?

-Angie provavelmente ganha o bastante em uma semana para cobrir todos os custos do computador -respondeu Carol. Esticou a mão e segurou o braço de Nick. Não me leve a mal, mas você sabe que há alguns relacionamentos em que a mulher fica com a carga financeira básica. Eu posso ver que ela o ama. Não há dúvida para mim de que ela se ofereceria para ajudá-lo.

-Então por que ele pediu dinheiro emprestado a mim e depois ao Capitão Homer na quinta-feira à noite?

-Que droga, Nick, não sei. -Estava se sentindo ligeiramente frustrada. -Mas é irrelevante, de qualquer modo. Não posso imaginar nenhuma situação, a não ser que estivesse convencida de que iriam me matar, que me fizesse deixar de voltar lá com Troy. Qualquer que seja a verdade, é certamente uma história sensacional. Estou surpresa com a sua hesitação. Pensei que você fosse um aventureiro.

Carol olhou diretamente para Nick do outro lado da mesa. Ele achou que ela estava flertando um pouco por trás daquele olhar sério. Você é uma mulher fascinante, pensou. E está brincando comigo agora. Entendi seu duplo sentido. Lembrou-se do prazer que sentira quando abraçou-a no barco de tarde. Por baixo dessa capa de agressividade há uma outra pessoa. Bonita e inteligente. Dura como um prego num momento e vulnerável como uma criança em outro. Teve certeza de que qualquer esperança de continuar seu relacionamento com Carol dependeria de ajudar Troy. Ela não se interessava por homens que não se dispunham a correr riscos.

-Eu era -respondeu por fim. Girou o cálice vazio nas mãos. -Não sei o que aconteceu. Acho que me dei mal umas duas vezes e isso me fez ficar mais cauteloso. Especialmente quando há envolvimento de pessoas. Mas admito que se olhar de fora essa situação, como um mero espectador, vou achar tudo isso absolutamente fascinante.

Carol terminou o vinho e colocou o copo na mesa. Nick ficou calado, tamborilando os dedos em cima da mesa e sorrindo.

-Muito hem -disse ela, fixando os olhos dele e pegando a xícara de café, -já tomou sua decisão?

Ele riu.

-Está bem. Vou ajudar. -Agora foi sua vez de esticar a mão e tocar no braço dela.

-Por um monte de razões.

-Que bom -observou ela. -Agora que alguma coisa ficou decidida, por que não me ajuda a preparar minha entrevista com o Capitão Homer e sua turma? Quanto valia o tesouro que vocês tiraram do Santa Rosa? E quem era Jake? Devo agir como se estivesse levando a sério essa história. -Colocou a caneta-gravador em cima da mesa e ligou-a.

-Oficialmente resgatamos mais de dois milhões de dólares. Jake Lewis e eu recebemos dez por cento cada, Amanda Winchester foi reembolsada pelo adiantamento das despesas que fez, além de 25 por cento do lucro. Homer, Ellen e Greta ficaram com o resto. -Nick calou-se mas Carol indicou que continuasse. -Jake Lewis foi o único amigo íntimo que tive desde que fiquei adulto. Era uma ótima pessoa, honesto, trabalhador, inteligente e leal. E completamente ingênuo. Apaixonou-se por Greta imediatamente. Ela o manipulou por completo e depois usou o amor dele para tirar vantagem.

Olhou pela janela do pequeno restaurante de frutos do mar para umas gaivotas que pairavam sobre a água ao cair da tarde.

-Na noite em que voltamos com todo aquele tesouro, Jake e eu combinamos que um de nós ficaria acordado o tempo todo. Mesmo então havia alguma coisa estranha no trio Homer-Ellen-Greta. Naquela época não estavam ainda todos morando juntos, mas eu não confiava neles. Enquanto Jake estava supostamente de guarda, Greta conseguiu fazê-lo distrair-se. "Para celebrar", disse ele ao desculpar-se comigo por ter dormido depois. Quando eu acordei, mais da metade do tesouro tinha desaparecido.

A raiva enterrada há muito tempo começou a ferver. Carol o observava, reparando a intensidade daquele sentimento.

-Jake não ligava a mínima para o dinheiro. Até tentou nos dissuadir de levar o caso à Justiça. Ele era assim. Lembro-me que me disse: “Nick, meu amigo, cada um de nós ficou com 200 mil. Não podemos provar que havia mais. Vamos viver as nossas vidas.” Homer o trapaceou e Greta o sacaneou, mas ele nem deu bola. Pouco mais de um ano depois se casou com uma campeã de esqui de Winter Haven, comprou uma casa em Orlando e arranhou um emprego de engenheiro aeroespacial.

A noite caia. Nick estava perdido em suas lembranças, rememorando toda a extensão de sua indignação oito anos antes.

-Nunca os compreendi -disse Carol devagar. Desligou o gravador. Nick virou-se e olhou para ela com ar zombeteiro. -E -acrescentou, -pessoas como seu amigo Jake. Uma aceitação infinita. Sem ressentimentos. O que quer que aconteça, eles sacodem a poeira e vão em frente pela vida. Alegrementemente. -Foi a vez dela se emocionar um pouco. -Às vezes eu gostaria de ser assim, pois não teria medo.

Olharam um para o outro na penumbra. Nick pôs a mão sobre a dela. Lá vem a menininha vulnerável de novo. Teve uma sensação profunda de emoção e desejo. Ela já se mostrou assim duas vezes hoje.

-Carol -disse gentilmente -quero agradecer a você por esta tarde. Você sabe, por ter dividido seus sentimentos comigo. Acho que vi uma Carol Dawson completamente diferente.

-Viu mesmo -disse ela, sorrindo e deixando claro que seu escudo de proteção estava sendo tirado de novo. -E só o tempo dirá se foi um grande erro. -Afastou lentamente sua mão da dele. -Por enquanto, porém, temos outro trabalho. Vamos voltar ao ménage à trois. Que tipo de negócio eles têm e o que fazem lá?

-Perdão? -respondeu Nick, obviamente confuso.

-Um amigo meu, o dr. Dale Michaels, do Instituto Oceanográfico de Miami, me disse que o Capitão Homer e Ellen têm alguma transação de alta tecnologia aqui. Não me lembro exatamente como ele descreveu a coisa...

-Você deve estar enganada -interrompeu Nick. -Eu os conheço há quase dez anos e eles nunca vão a lugar algum, só ficam naquela casa bonita dele ou a bordo do Ambrosia.

Carol ficou intrigada.

-As informações de Dale são sempre corretas. Foi ontem, aliás, que ele me disse que Homer Ashford testa os mais avançados dispositivos de segurança submarina do Instituto há cinco anos e que seus relatórios...

-Espere aí. Espere aí... -Nick estava debruçado sobre a mesa. -Acho que não estou seguindo bem. Volte. Isto pode ser muito importante.

Carol começou de novo.

-Uma das mais recentes atividades do IOM são os vigias submarinos, robôs essencialmente, que protegem as fazendas de aquacultura dos ladrões sofisticados, assim como das baleias e dos peixes. Dale disse que Homer faz contribuições em dinheiro para a pesquisa e também testa os protótipos...

-Filho da puta. -Nick levantou-se. Estava morrendo de raiva. -Como pude ser tão imbecil? E claro, é claro.

Agora era Carol quem não estava entendendo.

-Quer fazer o favor de me dizer o que está acontecendo?

-Certamente -respondeu Nick. -Mas agora estamos com pressa. Temos de ir ao meu apartamento procurar um mapa antigo e pegar outro sistema de navegação para o barco. Explico tudo no caminho.

Nick abriu a porta da garagem com o cartão eletrônico. Encostou o Pontiac na vaga e desligou o motor.

-Então você está vendo -dizia para Carol -que ele sabia que não encontraríamos nada. Deixou que procurássemos na casa dele e no terreno que tinha comprado para fazer a casa nova, em Pelican Point. Não encontramos nada. Naquela época tudo estava ainda escondido em algum lugar debaixo do mar.

-Você procurou debaixo d'água perto do terreno dele na época?

-Procuramos, sim. Jake e eu mergulhamos lá em dias diferentes. Descobrimos uma gruta submarina muito interessante, mas nenhum sinal do tesouro do Santa Rosa. Mas devemos ter dado a ideia para ele. Aposto que mudou o tesouro para lá um a dois anos depois de Jake ir embora. Provavelmente imaginou que estaria seguro lá. E estava morrendo de medo que alguém encontrasse o tesouro no meio do mar. Como vê, tudo se encaixa. Inclusive seu envolvimento com a vigilância submarina.

Carol assentiu com a cabeça e deu uma risadinha.

-Certamente faz mais sentido do que sua ideia de Troy estar trabalhando para os russos. -Abriu a porta e saiu do carro. -Então, quanto você acha que eles ainda têm?

-Quem pode saber? -respondeu Nick. -Talvez tenham roubado três milhões dos cinco. -Pensou por um instante. -Eles ainda devem ter um montão de dinheiro, senão Greta já teria caído fora.

A porta do elevador se abriu e Nick apertou o botão do terceiro andar. Carol deu um suspiro.

-O que foi? -perguntou Nick.

-Estou exausta -disse ela. -Estou me sentindo que nem um carrossel girando cada vez mais depressa. Tanta coisa aconteceu nesses últimos três dias que não sei se poderia aguentar muita coisa mais. Preciso agora de um descanso.

-Dias mágicos -replicou Nick quando saíram do elevador. -Esses dias são mágicos.

Ela o olhou com uma expressão curiosa e ele riu.

-Vou lhe explicar uma antiga teoria minha -falou. Apertou uma sequência de números numa plaquinha na porta e a fechadura se abriu. Deu um passo para o lado cavalheirescamente e fez Carol passar na frente. O que ela viu foi a mais absoluta desordem.

O apartamento estava uma bagunça total. Na sala todos os preciosos romances de Nick estavam espalhados pelo chão, sofá e cadeiras. Parecia que alguém tinha tirado os livros um a um da estante, sacudido (tentando encontrar algum papel solto, talvez) e depois os jogado pela sala. Nick ficou do lado de Carol olhando aquela destruição.

-Que merda -disse.

A cozinha também tinha sido vasculhada. Todas as gavetas estavam abertas. As panelas e os talheres estavam jogados na bancada e pelo chão. À direita de Nick, as caixas de papelão com seus guardados tinham sido levadas para o meio do segundo quarto. Seu conteúdo fora empilhado parcialmente pelo chão.

-Um furacão passou por aqui? -perguntou Carol ao ver toda aquela bagunça. Não esperava que fosse bom dono-de-casa, mas isso é ridículo.

Nick não teve capacidade de rir com o comentário de Carol. Checou o quarto principal e viu que também tinha sido remexido. Voltou para a sala e começou a catar seus queridos romances e a empilhá-los com cuidado sobre a mesa de centro. Tremeu quando encontrou seu velho exemplar de O estrangeiro, de Albert Camus, com a lombada destruída.

-Isso não foi feito por vândalos -disse, enquanto Carol se ajoelhava para ajudá-lo. -Estavam procurando alguma coisa específica.

-Já viu se esta faltando alguma coisa? -perguntou ela.

-Não -respondeu Nick, pegando outro romance com uma capa estragada e balançando a cabeça. -Mas os cretinos acabaram com meus livros.

Ela empilhou a coleção de Faulkner numa espreguiçadeira.

-Agora vejo por que Troy estava impressionado -disse. -Você já leu mesmo todos esses romances? -Nick fez que sim. Carol pegou um que tinha caído por baixo da mesinha da televisão. -Esse é sobre o quê? -Levantou o livro. -Nunca ouvi falar dele.

Nick tinha acabado de arrumar mais uns dez livros na mesa do centro.

-Ah, é um romance fantástico -disse entusiasmado, esquecendo por um instante que seu apartamento tinha acabado de ser assaltado. -A história é contada através da correspondência entre os personagens principais. É passada na França do século XVIII, e o casal principal, influente na sociedade e blasé, consolida seu estranho relacionamento contando todos os detalhes dos seus casos. Com outros amantes, é claro. Foi um grande escândalo na Europa. -Não parece ser exatamente seu romance típico de Arlequim -observou Carol tentando guardar o título do livro.

Nick ficou de pé e foi até o quarto menor. Começou a vasculhar as caixas de papelão.

-Há coisas faltando aqui -gritou para Carol. Ela parou de ajeitar os livros e foi até lá. -Todas as minhas fotos do tesouro do Santa Rosa e até os recortes de jornais sumiram. Que estranho -disse.

Carol estava ao lado dele no chão, em frente as caixas. Franziu as sobrancelhas.

-O tridente ainda está no barco?

-Está -respondeu ele, parando de remexer nos papéis. -Na gaveta de baixo do armário onde fica o equipamento eletrônico. Acha que tem alguma relação com isso?

Ela fez que sim.

-Acho que era isso que procuravam. Não sei por quê, mas parece que é isso.

Nick apanhou uma pasta amarela grande que estava no chão e recolocou-a dentro de uma das caixas de papelão. Uma fotografia e umas folhas datilografadas caíram. Carol pegou a foto enquanto Nick ajeitava os papéis, examinou-a e leu a dedicatória em francês. Ficou surpresa de se ver com uma ponta de ciúme.

-Bonita -comentou. Depois notou o colar de pérolas. -E também rica e sofisticada. Não parece ser o seu tipo.

Passou a foto de Monique para Nick que, apesar de tentar parecer descontraindo, estava ruborizado.

-Isso foi há muito tempo -murmurou, enquanto enfiava depressa a foto na pasta.

-Verdade? -disse Carol, olhando-o com cuidado. -Ela parece ter mais ou menos a sua idade. não pode ter sido assim há tanto tempo.

Nick estava aturdido. Guardou mais umas coisas soltas nas caixas e olhou o relógio.

-É melhor sairmos logo se vamos nos encontrar com Troy no seu hotel. -Ficou de pé, mas Carol continuou de joelhos olhando-o fixamente.

-É uma longa história -disse ele. -Um dia conto tudo sobre isso.

Carol ficou bastante curiosa. Os dois saíram do apartamento e tomaram o elevador.

Ele continuava à vontade. Que legal, disse ela para si mesma. Acho que acabei de descobrir o ponto fraco do sr. Williams. Uma mulher chamada Monique. Sorriu quando Nick fez sinal para ela sair na frente dele do elevador. E este homem gosta mesmo dos seus livros.

O quarto de Carol no Marriott tinha duas entradas. A normal era pelo corredor que levava até o saguão, mas havia outra dando para o jardim e a piscina. Quando nadava de manhã, ela sempre usava a entrada para o jardim.

Nick e Carol conversavam distraidamente a caminho do quarto vindos do saguão.

Ela tirou da bolsa o cartão eletrônico e, ao enfiá-lo na fechadura, ouviu um som estranho, como se fosse metal contra metal, vindo de dentro do quarto. Antes que ela dissesse alguma coisa, Nick fez sinal para que não fizesse nenhum barulho.

-Você também ouviu? -sussurrou ela. Nick fez que sim. Gesticulando, perguntou-lhe se havia outra entrada para o quarto. Carol apontou para a porta do andar térreo do hotel no final do Corredor.

Palmeiras e sebes tropicais cobriam a maior parte da ala leste onde ficava a piscina do Marriott. Os dois saíram da passagem que dava para a piscina e subiram pelas janelas do quarto dela. As venezianas estavam arriadas, mas puderam ver o interior através de uma fresta na parte de baixo.

No início só viram escuridão, mas depois um raio solitário de uma lanterna refletiu por um instante uma das paredes. Naquela fração de segundo viram uma silhueta perto da televisão, mas não conseguiram identificar a pessoa. A lanterna acendeu de novo e iluminou a porta que dava para o corredor. A porta estava trancada. Mesmo com a pouca luz, Carol também viu que todas as gavetas da cama estavam abertas.

Nick arrastou-se ao lado de Carol pela jardineira debaixo das janelas.

-Fique aqui de olho -sussurrou. -Vou buscar alguma coisa no carro. Não deixe que percebam que está aqui. -Deu uma apertada no ombro dela e desapareceu. Carol ficou grudada na janela e viu mais uma vez a lanterna se acender e iluminar os aparelhos eletrônicos espalhados sobre a cama.

Tentou ver melhor quem estava segurando a lanterna mas não conseguiu.

Ficou muito consciente do tempo passando, pois sua intuição dizia que o intruso estava pronto para ir embora. De repente notou que estava completamente exposta, sentada embaixo da janela. Volte, Nick, disse para si própria. Depressa, senão vou virar picadinho. O vulto se moveu na direção da porta do jardim e então parou. Carol sentiu o coração disparar. Naquele exato momento Nick voltou, sem fôlego. tinha trazido uma barra comprida da mala do carro. Carol fez sinal para ele ficar junto da porta, pois o intruso estava prestes a sair.

Viu o vulto por a mão na maçaneta e abaixou-se no chão para não ser vista. Nick estava por trás da porta, pronto para dar uma cacetada em quem saísse do quarto. A porta abriu-se e Nick preparou-se para dar o golpe.

-Troy! -gritou Carol da jardineira. Ele pulou para trás a tempo, escapando por um triz da cacetada de Nick. Carol ficou de pé num instante e correu para o trêmulo Troy. -Você está bem? -perguntou ela.

Os olhos dele estavam arregalados de susto.

-Poxa, professor -disse, olhando a barra na mão de Nick -você podia ter me matado.

-Porra, Jefferson -respondeu Nick, com a adrenalina ainda correndo pelo corpo por que não disse que era você? E o que estava fazendo no quarto de Carol? - Olhou para Troy acusadoramente.

Troy voltou para o quarto e acendeu as luzes. O quarto estava um pandemônio. Parecia com o apartamento de Nick naquela mesma tarde.

Carol virou-se para Troy.

-Por que cargas d'água...

-Não fui eu quem fez isso, menina -replicou ele. -Sinceramente. -Olhou para os dois amigos.-Sentem-se -disse. -Só por um segundo.

Enquanto isso os olhos de Carol examinavam o quarto.

-Porra -disse, zangada, -todas as minhas máquinas fotográficas e filmes sumiram. E quase todo o sistema do telescópio, inclusive o pós-processador. Dale vai me matar. -Olhou uma das gavetas abertas. -Os idiotas levaram minhas fotos do primeiro mergulho também. Estavam num envelope grande ao lado direito dessa gaveta de cima.

Sentou-se na cama um pouco estonteada.

-Todo o filme com as fotografias que tirei dentro daquele lugar foi roubado. Tanta coisa para uma história sensacional -disse ela.

Nick tentou consola-la.

-Quem sabe, talvez elas apareçam. E você ainda tem todos os negativos do primeiro mergulho.

Carol sacudiu a cabeça.

-Não é a mesma coisa. -Pensou por um instante. -Que droga -disse, -eu devia ter

guardado o filme comigo quando saímos do hotel para irmos ao apartamento de Troy. -Olhou para os dois e então animou-se um pouco. -Tudo bem -disse. -Amanhã vai ser outro dia.

Troy ainda esperava pacientemente para explicar-se. Disse a Nick para se sentar na cama ao lado de Carol.

-Vou tentar resumir ao máximo -disse. -Só os fatos. Cheguei aqui às sete horas. Vim cedo porque queria fazer umas alterações na sua televisão. Vou explicar por que num minuto.

-O pessoal do hotel não quis me dar a chave do seu quarto, por isso vim por aqui e dei um jeito com o cartão eletrônico da tranca. -Deu um sorriso. -Não é problema para quem sabe como essas coisas funcionam. Enfim, assim que a luz verde acendeu e a tranca se soltou ouvi a porta do jardim bater. Alguém tinha estado aqui no quarto enquanto eu abria a porta. Ainda consegui ver alguém se esgueirando pelo canto do prédio. Era um homem forte, ninguém que eu pudesse reconhecer imediatamente.

Movia-se com dificuldade, como se estivesse carregando uma coisa pesada.

-Parte do telescópio oceânico -disse Carol.

-Continue -disse Nick. -O que mais aconteceu? Quero saber por que você estava no quarto de Carol no escuro. Aposto que vai inventar um boa desculpa para isso também.

-É fácil -disse Troy a Nick. -Fiquei com medo dos ladrões voltarem. Não queria que eles me vissem.

-Você é espantoso, Jefferson -respondeu Nick. -E 0 tipo de pessoa que diria ao guarda que estava em excesso de velocidade porque queria chegar ao posto antes da gasolina acabar.

-E o guarda acreditaria -disse Carol. Os três riram e a tensão se desfez.

-Muito bem -disse Nick. -Agora diga o que você fez na televisão. Aliás, como conseguiu abri-la? Pensei que os aparelhos do hotel sempre tivessem alarme.

-E têm -respondeu Troy -mas é muito simples desarmar o sistema de alarme. Isso sempre me intrigou. Alguém vende ao hotel a ideia de que eles podem proteger sua propriedade com esses alarmes. Mas os ladrões podem facilmente descobrir que sistema foi instalado, comprar as instruções dos dados do circuito e desfazer completamente o alarme.

Olhou em volta do quarto e depois checkou o relógio cuidadosamente

-Vejam -disse. -Por que vocês dois não se sentam aqui nessas cadeiras? Acho que irão ver melhor. -Nick e Carol se olharam intrigados e foram para onde Troy tinha sugerido. -Agora -continuou ele num tom surpreendentemente sério -vocês vão ver o que eu achei ser uma prova irrefutável de que minha história sobre os extraterrestres é verdadeira. Eles me disseram pela pulseira que iriam passar na televisão um programa curto do interior do veículo exatamente às sete e meia. Se eu traduzi corretamente as instruções e fiz as modificações certas, esta televisão deve receber agora a transmissão deles.

Ligou o aparelho e colocou-o no canal 44. só se via chuveiro e estática

-Isto é ótimo, Troy -comentou Nick. -Certamente val roubar audiência das novelas e dos vídeos de música. Assistir a isso requer até menos inteligência...

Subitamente apareceu uma imagem na tela. A iluminação era fraca, mas Carol imediatamente se reconheceu na cena. Estava de pé com as costas viradas para a câmera, com os dedos movendo-se sobre uma espécie de mesa. Uma versão orquestrada de Noite Feliz, tocada por um instrumento semelhante a um órgão, acompanhava a imagem.

-Essa é a sala de música da qual falei -disse Carol a Nick. -Acho que o guarda tinha uma câmera de vídeo dentro daquela parafernália.

A cena da televisão mudou imediatamente para um close dos olhos de Carol. Durante cinco segundos seus olhos maravilhosos e assustados tomaram conta de quase toda a tela. Ela piscou duas vezes antes da câmera se afastar mostrando-a de frente, apavorada, tremendo, de mau-humor. Carol estremeceu ao lembrar-se do horror daqueles segundos em que os apêndices do guarda passaram por cima dela. Uma das cenas era o movimento deliberado das escovas no seu peito, inclusive mostrando seus mamilos enrijecidos. Oh, meu Deus, pensou ela. Eu não tinha percebido que estavam rijos. Talvez o medo produza isso. Mudou de

posição na cadeira, sentindo-se surpreendentemente encabulada na frente de Nick.

Houve um pulo na transmissão. Na cena seguinte os três viram Troy deitado de costas no chão de algum lugar, preso com vários arames e cordas, parecendo Gulliver amarrado pelos liliputianos. A câmera passeou pela sala, mostrando dois guardas num dos cantos. A parte superior dos corpos não tinha ramificações semelhantes, mas os dois tinham o mesmo corpo central, parecido com uma ameba, que Carol e Troy haviam visto. Do outro lado da sala viam-se dois tapetes juntos. De acordo com seus movimentos pareciam estar conversando. Nick, Carol e Troy ficaram olhando enquanto a câmera continuou fixa durante cerca de dez segundos. Os tapetes aparentemente terminaram a conversa e saíram em direções diferentes.

As cenas finais da transmissão eram um close da cabeça de Troy mostrando mais de cem sondas e fios ligados ao seu cérebro. Depois a tela voltou ao chuveiro e a estática.

-Uau -disse Nick depois de um instante. -Posso ver de novo? -Levantou-se da cama. -você estava ótima -disse a Carol -mas acho que suas cenas vão ter de ser editadas se quisermos ganhar um prêmio.

Carol olhou para ele, corando ligeiramente.

-Sinto muito, Nick, mas acho que você não dá para comediante. Já temos um disse, apontando para Troy -e acho que é o bastante. -Olhou o relógio ao lado da cama. -Agora creio que temos quinze minutos para traçarmos os planos. Não mais que isso. E eu tenho de me vestir também. Por que não conta a Troy sobre sua decisão e sobre o que concluiu a respeito do tesouro do Santa Rosa enquanto eu mudo de roupa? -Pegou uma blusa e um calça e foi para o banheiro.

-Ei, espere um instante -protestou Nick. -Você não vai discutir sobre quem arrombou meu apartamento e seu quarto?

Carol parou na porta do banheiro.

-Só há duas possibilidades que fazem sentido -disse ela. -Ou foi a Marinha ou nossos belos amigos do Ambrosia. Isso descobriremos em breve. -Parou um

instante e ficou com um sorriso brejeiro nos lábios. -Quero ver se vocês dois descobrem um meio de roubar o ouro de Homer. Hoje a noite. Antes de voltarmos a encontrar nossos extraterrestres amanhã de manhã.

9

Carol e Troy estudaram os detalhes mais uma vez e ela checkou o relógio.

-Já são oito e meia -disse ela. -Se eu me atrasar muito eles ficarão desconfiados. -Estava do lado de fora do Pontiac de Nick no estacionamento do Pelican Resort, um restaurante a cerca de um quilômetro da mansão Ashford, em Pelican Point. -Onde está ele? -disse impaciente. -Devíamos ter terminado isso há quinze minutos.

-Calma, menina -replicou Troy. -Temos de testar esse novo aparelho primeiro. Pode vir a ser muito importante numa emergência, e eu na verdade nunca o usei. Deu-lhe um abraço confortador. -Foram seus amigos do IOM que o projetaram.

-Por que eu tinha de ter essa ideia maluca? -disse Carol alto para si mesma. Onde esta sua cabeça, Dawson? Deixou-a no...

-Esta me ouvindo? -a voz esquisita de Nick interrompeu-a. Parecia estar vindo do fundo de um poço.

-Sim -respondeu Troy num minúsculo walkie-talkie semelhante a um dedal. -Mas não com muita clareza. A que profundidade você está?

-Repita -disse Nick. --Não ouvi direito.

-Sim, estamos ouvindo você -gritou Troy, pronunciando cuidadosamente cada palavra. -Mas não com muita clareza. Você tem de falar devagar e bem explicado. A que profundidade está?

-A cerca de dois metros e meio -foi a resposta.

--Desça a quatro e tente de novo -disse Troy. -Vamos ver se funciona na parte mais funda da gruta.

-Como ele está fazendo isso? -perguntou Carol enquanto esperavam Nick descer.

-É um sistema muito novo embutido no regulador -respondeu Troy. -A gente tem de falar enquanto expira para ele funcionar. Há um pequeno transmissor/receptor dentro do bocal de mergulho e um fone preso a ele. Infelizmente não funciona muito bem abaixo de dois metros e meio.

Quase um minuto depois Carol e Troy ouviram alguma coisa muito baixa e irreconhecível. Troy ouviu um instante e disse:

-Não conseguimos entendê-lo, Nick. Está muito fraco. Volte agora. Vou mandar Carol na sua missão. -Apertou um botão do walkie-talkie para repetir a transmissão dessa mensagem várias vezes.

Passou o aparelho de comunicação para Carol.

-Muito bem -disse -você está pronta. Devemos entrar na água por volta das nove horas e sair, se tudo correr bem, meia hora depois. Faça bastante perguntas a eles. Você deve estar saindo às dez e meia no máximo para depois ir direto para o apartamento de Nick. Vamos nos encontrar lá com sua camioneta. -Levantou as sobrancelhas. -E com o ouro, espero.

Carol respirou fundo e sorriu para Troy.

-Estou com medo -disse. -Preferiria enfrentar um tapete ou até mesmo aquelas coisas se fazendo de guardas do que esse trio terrível. -Abriu a porta do carro. acha mesmo que devo ir no carro de Nick? Será que não vão suspeitar de alguma coisa?

-Já combinamos isso tudo duas vezes, menina -disse Troy rindo e ajudando-a gentilmente a entrar no carro. -Eles já sabem que somos amigos. Além do mais, precisamos de uma camioneta para a aparelhagem de mergulho, os sacos de carregamento, o chumbo e o ouro. -Fechou a porta e deu-lhe um beijo no rosto pela janela aberta; -Vá com cuidado, menina -disse. -E não corra nenhum risco desnecessário.

Carol ligou o carro e deu uma ré no meio do estacionamento. Deu adeus para Troy e saiu pela estrada escura que passava pelo pântano até o final da ilha. A

(única luz era a da lua quase cheia que já aparecia por cima das árvores. Tudo bem, Dawson, pensou. Agora você já está nisso. Fique calma e alerta.

Guiou muito devagar, revendo os planos para a noite diversas vezes. Depois começou a pensar em Nick. Ele não se esquece das coisas. Como eu. Ainda detesta Homer e Greta por terem-no passado para trás. Estava ansioso para mergulhar e procurar o ouro. Sorriu ao fazer a volta da entrada da casa de Homer Ashford. Só espero que ainda encontre algum resto do ouro.

Uma fração de segundo depois de ter tocado a campainha, Homer abriu a porta e cumprimentou-a.

-Está atrasada -disse, num tom agradável mas monótono -achamos que talvez não viesse. Greta já está na piscina. Não quer mudar de roupa e ir até lá com ela?

-Obrigada, Capitão Homer, mas resolvi não nadar esta noite -respondeu Carol gentilmente. -Agradeço seu convite, mas estou aqui básica mente a trabalho. Preferiria começar a entrevista o mais depressa possível. Até mesmo antes do jantar, se todos concordarem.

Homer levou Carol à sala gigantesca e parou perto de um grande bar. Em cima do bar, na parede, via-se um bela estátua de madeira de Netuno, com cerca de um metro e meio de altura. Carol pediu vinho branco. Homer tentou sem sucesso que ela aceitasse uma bebida mais forte.

Havia uma mesa de bilhar num canto da sala. Do lado oposto, uma porta de correr dava para um pátio coberto que terminava numa passagem mais estreita de cimento.

Carol seguiu Homer em silêncio, bebericando o vinho branco a cada vinte passos. A passagem era cheia de curvas, ladeada por grandes árvores; Havia um terraço iluminado à esquerda, antes de se chegar a uma piscina colossal.

Na verdade eram duas piscinas. Em frente uma retangular, clássica, de tamanho olímpico, toda iluminada. Numa ponta havia um escorrega e uma cachoeira que caía por uma montanha artificial até a água. Na outra ponta, na direção da outra piscina e do mar, havia um lago construído com os mesmos ladrilhos decorados que enfeitavam a borda da piscina principal. Todo o conjunto era muito bem projetado, dando a impressão de água em movimento. Parecia haver um fluxo

constante de água da cachoeira até a piscina maior, descendo para o lago e passando a um regato indo na direção da casa.

A segunda piscina era circular e escura. Ficava à esquerda de onde estava Carol, no final do terreno e perto de uma cabana para mudar de roupa. Greta estava na piscina retangular em frente a Carol, nadando com seu corpo forte ritmadamente. Carol, que era excelente nadadora, observou-a por uns instantes.

-Não é uma maravilha? -perguntou Homer, aproximando-se de Carol. Sua admiração era óbvia. -Ela não faz uma refeição grande a não ser que tenha feito exercício antes. Detesta gordura.

Homer usava uma camisa havaiana marrom-clara e calça de um marrom mais escuro e mocassins. Levava na mão um drinque bem servido, cheio de cubos de gelo amontoados. Parecia relaxado e até mesmo afável. Carol achou que ele podia passar por um bancário aposentado ou um executivo.

Greta continuava a nadar sem cessar. Homer andava à volta de Carol e ela começou a se sentir incomodada, como se seu espaço estivesse sendo invadido.

-Onde esta Ellen? -perguntou, virando-se para o homem gordo e afastando-se um pouco dele.

-Está na cozinha -replicou. -Ela adora cozinhar, principalmente quando temos visitas. E hoje à noite está fazendo um de seus pratos favoritos. -tinha quase um brilho nos olhos ao chegar perto de Carol. -Me fez prometer não lhe dizer o que vamos comer -sussurrou confidencialmente -mas só vou dizer que é uma coisa altamente afrodisíaca.

Ugh, disse Carol a si mesma ao sentir o bafo de Homer e ouvir sua risadinha de soslaio. Como tinha me esquecido que esse homem era tão repulsivo? Será que ele realmente pensa que... Parou de pensar. Lembrou-se de que pessoas que têm dinheiro demais frequentemente perdem o contato com a realidade. Provavelmente algumas mulheres aceitam. Pelo que ele tem a dar para elas. Sentiu ânsia de vômito ao pensar em ter qualquer tipo de relação sexual com Homer, aquele homem repugnante.

Greta tinha terminado de dar suas braçadas. Saiu da piscina e secou-se. Seu maiô de natação todo branco era de malha transparente. Até mesmo à distância, Carol

não pôde deixar de ver os detalhes de seus mamilos e seios, assim como os pelos púbicos, por baixo do maiô fino. Era o mesmo que estar nua. Homer ficou do lado de Carol olhando para Greta abertamente enquanto ela caminhava pelo cimento.

-Sem maiô? -disse Greta ao chegar a seu lado. Seus olhos tentavam penetrar nos de Carol, que sacudiu a cabeça negativamente. -Que pena -continuou Greta. -Homer esperava uma competição de natação. -Olhou para o Capitão com uma expressão estranha que Carol não compreendeu. -Ele adora ver mulheres competindo.

-Não haveria disputa -respondeu Carol, achando Greta tensa. -Você teria ganho facilmente -acrescentou. -Você nada muito bem.

Greta sorriu, aceitando o elogio. Passou os olhos pelo corpo de Carol, não fazendo nenhum esforço para esconder que a estava avaliando.

-Você também tem um ótimo corpo para natação -disse. -Talvez um pouquinho gorda no traseiro e nas coxas. Sugiro que faça exercícios...

-Por que não mostramos a outra piscina para a srta. Dawson? -interrompeu Homer. -Antes de você entrar e mudar de roupa. -Encaminhou-se para a cabana perto do mar. Sem dar palavra, Greta virou-se e seguiu-o. Carol deu um gole no vinho. O que será que se passa aqui? pensou. Esses três não trabalham há oito anos. Levam pessoas para pescar e mergulhar por prazer. Uma estranha mistura de desprezo e depressão começou a tomar conta dela. Assim proporcionam divertimento para não se sentirem entediados.

Homer entrou na cabana e acendeu um grupo de luzes por baixo da segunda piscina.

Fez um gesto para ela apressar-se e Carol entrou. Desceram alguns degraus. No subsolo havia uma passagem que circundava completamente um grande aquário de vidro, que no escuro parecia uma outra piscina.

-Temos seis tubarões agora -disse Homer orgulhoso -e também três occi vermelhos, duas sibas e naturalmente centenas de espécies comuns de peixes e plantas.

-Occi? -perguntou Carol.

-E o plural abreviado de octópode -respondeu Homer com um sorriso de satisfação. -Na verdade, o plural correto é octópodes, embora todos aceitem a outra forma porque já é muito usada.

Greta estava em pé com o rosto encostado no vidro. Duas raias-morcego passaram nadando. Ela estava esperando ver alguma coisa. Após vinte segundos mais ou menos apareceu um tubarão cinzento, que pareceu notar Greta e parou para observá-la, com a cabeça a cerca de um metro e meio do vidro. Carol podia ver os dentes compridos e afiados, e identificou-o como um tubarão azul, primo menor mas feroz do tubarão branco devorador de homens.

-Esse é o amiguinho de Greta -disse Homer. -O nome dele é Timmy. Conseguiu ensiná-lo a reconhecer o rosto dela contra o vidro. -Homer ficou observando mais alguns instantes.

-De vez em quando ela entra lá e nada com ele. Depois que ele acaba de comer, é claro.

O tubarão continuou parado olhando inexpressivamente para Greta, e ela começou a tamborilar os dedos no vidro em cadência regular.

-Veja agora como é emocionante -disse Homer, andando para junto de Greta. - Isso é o que os biólogos chamam de típica resposta pavloviana. Eu nunca tinha visto isso com um tubarão.

O tubarão começou a ficar agitado. Greta aumentou o ritmo e ele respondeu batendo com o rabo na água sem parar. De repente Greta subiu as escadas. Carol achou ter visto uma expressão distante nos seus olhos quando passou por ela. Olhou para Homer pedindo uma explicação.

-Chegue aqui mais perto -disse a Carol. -Você não pode perder isto. Greta cuida dos coelhos pessoalmente. E Timmy sempre dá um grande espetáculo.

Carol não tinha bem certeza do que Homer estava falando. Mas estava adorando o belo aquário, com água cristalina do mar, obviamente filtrada e reciclada regularmente.

Notou várias espécies de esponjas e corais, assim como ouriços e anêmonas. Alguém tinha se dado ao trabalho e a despesa de recriar as condições dos arrecifes da costa de Key West.

Subitamente um coelho branco decapitado, enfiado numa vara comprida, com o sangue saindo das artérias, apareceu no aquário do lado oposto onde ela e Homer estavam. Sumiu num instante. Levado pelo imediato frenesi do sangue na água, o tubarão atacou, com os dentes rasgando metade do coelho na primeira dentada. No segundo ataque engoliu o resto e também a vara. Carol mal teve tempo de encolher-se e virar a cabeça. Ao pular para trás derramou vinho na blusa.

Tentando parecer calma, pegou um lenço de papel na bolsa para limpar a blusa, sem dizer nada. Tinha visto o ataque do tubarão e podia ainda sentir a adrenalina desequilibrada pelo medo que sentiu. Bela forma de começar um jantar, pensou. Por que nunca pensei nisso? Dawson, essa gente é muito esquisita.

Homer ainda estava muito excitado.

-Não foi espetacular? Que crueza e selvageria naquelas mandíbulas! Levado por puro instinto. Nunca me canso de olhar.

Carol seguiu-o escada acima.

-Belo show, Greta -ouviu Homer dizer ao saírem da cabana. -Foi bem na nossa frente. Duas dentadas. Iam, iam, e lá se foi o coelho.

-Eu sei -disse Greta, segurando uma máscara de mergulho. -O que sobrou da vara estava no chão ao lado dela. Pude ver daqui. -Olhava fixo para Carol, obviamente tentando saber sua reação, mas Carol evitou o olhar. Não daria a Greta a satisfação de saber que ela achara repulsivo.

-Greta tem tudo cronometrado -continuou Homer, quando passavam pelos jardins para chegarem à casa. -Ela prepara o coelho vivo na talha de corte uma hora antes. Então, quando Timmy está pronto, ela...

Carol tirou aquela história nojenta da cabeça. Não quero ouvir isso, pensou. Olhou o relógio. Nove e dez. Vamos lá, rapazes. Andem depressa. Não tenho certeza se posso aguentar essa gente mais uma hora.

Nick e Troy nadaram silenciosamente ao longo da costa à luz do luar. Tinham ensaiado o plano cuidadosamente. Nenhuma outra iluminação antes de chegarem à gruta ao lado da propriedade de Homer, a pelo menos três metros de profundidade.

Troy iria na frente, procurando sistemas de alarme que pudesse desligar com os instrumentos guardados nos bolsos da roupa de mergulho. Também ficaria atento às infames sentinelas robôs. Nick iria em seguida com as bolsas que seriam usadas para carregar o ouro.

Tinham andado pela praia desde o estacionamento do Pelican Resort, com a roupa de mergulho e as mochilas, até uns cem metros da sebe espessa que demarcava a propriedade de Homer. Depois tiraram das costas a mochila com as roupas e entraram na água. Durante a caminhada Troy teve vários problemas com as ferramentas e decidiu reduzir seu arsenal, o que atrasou a chegada ao ponto de embarque em cinco minutos. Logo antes de entrarem na água, Nick deu um grito pouco característico de excitação e segurou Troy pelos ombros.

-Espero que a merda do ouro esteja lá -disse. -Estou louco para ver a cara deles quando descobrirem que foram roubados.

Era hora de submergir. De mãos dadas no escuro, Nick e Troy desceram cerca de dois metros. Pararam, equalizaram a pressão e repetiram o procedimento. Quando estavam a uns três metros de profundidade, Troy ligou a lanterna. Procuraram rapidamente o lugar e dirigiram-se para um canto fundo da gruta, ao lado da propriedade de Homer.

Troy estava na frente. Não teve problema de encontrar a entrada para o túnel natural que levava à gruta subterrânea. Como tinham planejado, Nick esperou fora do túnel enquanto Troy entrava em busca dos alarmes. A rocha se fechava por cima da sua cabeça. A entrada tinha cerca de um metro e meio de largura e um e vinte de altura.

Troy imediatamente encontrou uma caixa de metal presa na parede da esquerda, parcialmente escondida. Ao examinar a caixa, verificou que ela emitia dois feixes de raio laser distantes cerca de um metro um do outro.

Do outro lado do túnel natural ficavam as placas receptoras dos raios e também o equipamento eletrônico do alarme. Troy nadou até lá com cuidado, pegou a

chave de fenda e abriu a caixa. O sistema era muito simples. Se uma das placas não recebesse o raio, acionaria a abertura de um relé.

Quando ambos os relés estivessem abertos, a corrente passaria para o alarme. Assim o objeto teria de ser grande o suficiente para interromper as duas luzes ao mesmo tempo e fazer o alarme soar. Troy riu para si mesmo ao avaliar o princípio operacional passando a mão na frente de uma das luzes.

Depois desarmou um dos relés deixando-o fechado. Satisfeito com seu trabalho, nadou de um lado para o outro do túnel, passando diante dos dois feixes ao mesmo tempo para assegurar-se de que o sistema estava sem efeito.

Foi encontrar-se com Nick e levantou o polegar para mostrar que ia tudo bem. Os dois passaram pelos 50 metros do túnel da gruta subterrânea. Onde a estreita passagem se alargava, Troy fez um gesto para Nick ficar atrás enquanto ele entrava na caverna para checar as armadilhas. Nick pôs os pés no chão e ligou sua lanterna. Estava num lugar ideal para uma cilada. O túnel era tão pequeno ali que não havia quase espaço para se virar. Ficou pensando como seria o aspecto de um vigia submarino.

Que lugar para morrer, pensou de súbito. Teve medo ao desligar a lanterna e olhar para o relógio fluorescente. Ficou observando o ponteiro dos segundos. Tentou acalmar-se. Troy já tinha se afastado há três minutos. Por que está demorando tanto? perguntou a si mesmo. Deve ter encontrado alguma coisa. Outro minuto se foi, e depois mais outro. Nick tinha dificuldade de controlar seu pânico. O que vou fazer se ele não voltar?

Quando estava prestes a entrar na caverna por conta própria, viu a lanterna de Troy vindo na sua direção. Troy fez um sinal para que ele o seguisse. Em trinta segundos estavam na parte rasa da caverna, onde a água tinha apenas cerca de um metro e vinte de altura. Os dois ficaram de pé com os pés-de-pato encostados na rocha para se protegerem da forte corrente que podia arrastá-los.

Nick tirou o regulador da boca e colocou a máscara no alto da cabeça. Antes que pudesse falar, Troy fechou sua boca com a mão.

-Fale bem baixinho -sussurrou de forma quase inaudível. -Este lugar pode ter também alarme contra som.

A única luz da caverna era a da lanterna de Troy. Porém, por cima da cabeça deles, nos cantos mais altos do teto da rocha, Troy mostrou duas placas separadas de luz fluorescente. A caverna tinha forma oval irregular, com cerca de 30 metros na parte mais comprida e 15 metros na parte mais larga. O teto ficava a apenas um metro do nível da água perto da entrada do túnel, mas a seis metros no canto onde estavam de pé, no raso.

-Muito bem, professor -continuou Troy num sussurro. -Tenho boas e também más notícias. A má é que não há nenhum tesouro aqui nesta caverna. A boa é que há dois outros túneis construídos artificialmente, daqui até a casa de Homer. -Fez uma pausa por um instante e observou o companheiro. -Vamos procurar o tesouro?

Nick olhou o relógio. já eram nove e meia da noite. Fez que sim com a cabeça.

-O idiota gastou um bocado de dinheiro aqui. Devem ter roubado mais do que eu pensava. -Ajustou seu equipamento.

-Começaremos pelo túnel da esquerda. Como antes, eu vou na frente para ver se há algum problema. -Troy iluminou o teto com a lanterna. -É um lugar estranho mas bonito. Parece um outro planeta, não é?

Nick colocou a máscara no rosto, puxou o regulador para a boca e mergulhou novamente.

Troy seguiu-o e, uma vez debaixo d'água, mostrou a Nick o caminho para o primeiro túnel artificial do outro lado da caverna, a aproximadamente três metros e meio abaixo da superfície no ponto mais baixo. Era feito de cano de esgoto circular, com diâmetro de cerca de um metro e meio, tomando o túnel mais ou menos da largura da passagem natural entre o mar e a caverna. Troy entrou cautelosamente, nadando de um lado para o outro, examinando uma parede a uns tantos metros e depois a outra. Quase não viu a caixa de alarme, fina e comprida, incrustada no teto na junção de dois canos, que teria acionado o sistema se ele não tivesse olhado para cima naquele instante.

Esse alarme tinha um mecanismo diferente. Uma câmera ou outro dispositivo óptico na caixa do teto registrava repetidas imagens numa área de 30 centímetros quadrados do piso do túnel, iluminado por uma luz escondida debaixo do chão normal de concreto. Aparentemente, algum tipo de algoritmo de comparação de

dados no processador de alarme continha uma lógica pela qual as imagens consecutivas podiam ser avaliadas, em caso de ameaça, acionando o alarme se necessário. Era o dispositivo mais complicado que Troy já vira no gênero, e ele percebeu rapidamente as semelhanças entre esse sistema e o telescópio oceânico que tinha estado a bordo do Florida Queen. Isto quer dizer que o IOM projetou e aperfeiçoou o sistema, pensou consigo mesmo. Então é melhor eu ter cuidado. Aposto que o algoritmo é ajustado para que qualquer distúrbio na câmera acione o alarme também.

Nick tinha nadado até o lado do túnel e ficou vendo Troy tentar abrir a caixa do alarme sem sacudir o instrumento óptico. Para acomodar a caixa de cinco centímetros de largura. Havia uma abertura do mesmo tamanho em torno do círculo ligando as duas seções conectadas do cano. No resto do túnel, todas as seções interligadas eram cimentadas. Ali a passagem era descontínua.

Curioso, pensou Nick. Passou a lanterna pela área escura da abertura perto dele, esperando ver apenas uma parede de rocha. O que será isso? imaginou, quando a luz fez aparecer um objeto de metal semelhante a uma grade encostada numa peça antiga de trilho ferroviário. Olhou com mais cuidado e viu uma engrenagem e algumas roldanas, mas não tinha ideia de como todo aquele mecanismo funcionava.

Enquanto isso Troy tinha conseguido retirar a tampa da caixa de alarme sem mexer na câmera e estava tentando entender o funcionamento interno do sistema.

Puxa, pensou. Isto é complicado demais para ser destrinchado em cinco minutos. Se eu conseguir isolar o alarme já é o suficiente. Era uma tarefa difícil debaixo d'água, mas Troy era esperto e os componentes eletrônicos estavam dispostos de forma lógica.

Conseguiu encontrar o alarme e desativá-lo. Depois ficou por ali uns minutos tentando compreender a finalidade dos outros circuitos conectados ao subconjunto do alarme.

Nick tinha a intenção de mostrar a Troy o que achara na abertura, mas ao ver o amigo lutando com o complexo circuito da caixa de alarme ficou de novo preocupado com o tempo que se escoava. já eram quinze para as dez. Olhou para Troy e mostrou o relógio. Troy abandonou com relutância sua pesquisa e continuou pelo túnel adentro.

Trinta metros adiante o túnel passava por uma espécie de porta redonda de um submarino, à esquerda. Troy e Nick tentaram puxar a maçaneta da porta grande e pesada mas nada aconteceu. Com gestos, Troy disse a Nick para continuar tentando enquanto ele seguiria pelo túnel.

As barras de ouro e outros objetos que restavam do Santa Rosa estavam depositados no túnel, a trinta metros da porta redonda. A passagem terminava abruptamente numa parede de pedra. Em frente a esta parede havia uma quantidade de objetos de ouro e prata empilhados numa profundidade de uns trinta centímetros na extensão da largura do túnel. O tesouro não estava escondido, mas simplesmente espalhado em pilhas pelo chão de concreto no final do túnel. Troy ficou estático. Há bastante aqui, pensou. O suficiente para os extraterrestres. O suficiente para Nick. Talvez até sobre um pouco para mim e para Carol.

Nadou de volta para onde tinha estado. Nick ficou absolutamente exultante quando viu o inconfundível sorriso na cara de Troy, indo com ele até o final do túnel. Ao chegar onde estava o tesouro, passou uns dois minutos nadando em torno dele, pegando cada objeto diferente e colocando-o de volta no chão.

Cacete, disse feliz para si mesmo, enquanto ele e Troy colocavam as barras de ouro nas sacolas com boias que tinham trazido. Desta vez eu estava certo. Deve haver mais de 50 quilos só de barras. Tinham combinado antes do mergulho que levariam apenas as barras, desde que fosse o suficiente. Eram os únicos objetos que podiam ter certeza serem de ouro puro. Mesmo que levemos 30 para as amigos de Troy, podemos ainda ficar com mais ou menos 20. Fez um cálculo mental. O que poderia representar mais de 300 mil dólares para cada um. Uau!

Nick foi tomado de alegria e animação. Estava tendo dificuldade de se conter, queria dançar, cantar e pular de contentamento. Afinal de contas estava certo, os imbecis tinham roubado a maior parte do tesouro e agora era sua vez de roubar de volta.

Não há felicidade como a que compensa uma ofensa antiga e dolorosa. E fazer isso com altivez... Já estava comemorando por dentro. Aquele era o seu dia.

Encher as sacolas não demorou nada. Nick e Troy tinham a impressão de

estarem com uma energia infinita. Quando acabaram de apanhar as barras de ouro, Troy fez um sinal para saírem do túnel. Nick ficou olhando os outros objetos do tesouro que ainda estavam pelo chão. Devíamos levar tudo isso, pensou. Devíamos deixar Homer e Greta sem nada. Nada mesmo. Mas ele tinha de ser prático. As sacolas estavam quase cheias e estavam pesadas demais mesmo só com as barras.

Nadou em direção ao mar arrastando a sacola cheia de ouro. Troy o seguiu. Ao passarem pela porta pesada à direita, Troy pensou de novo no circuito que levava ao alarme na caixa diante deles, entre duas seções do cano. Para que seriam essas duas outras conexões? De repente lembrou-se de ter visto um diagrama numa revista de eletrônica sobre modernos marcadores de tempo que podiam reiniciar sistemas e trocar peças defeituosas. Àquela altura o elemento que ele desarmara poderia ter indicado o defeito através do processador da caixa de alarme; nesse caso poderia ter sido recolocado por uma peça sobressalente ou o sistema estaria ignorando sua potência efetiva. Em qualquer dos dois casos, pensou Troy, isto significa que o sistema pode estar ativado de novo.

Era tarde demais. Nick nadou pelo campo de visão do dispositivo óptico e as luzes se acenderam pelo túnel inteiro. Um portão de metal começou a se fechar depois que ele passou com a sacola. Foi com uma rapidez incrível que Troy passou pelo portão antes que ele se fechasse completamente. Mas sua sacola com a boia cheia de barras de ouro ficou para trás, do outro lado da grade.

Nick olhou a sacola perdida de Troy flutuando no chão. Foi até as barras, agarrou a sacola e tentou puxá-la, mas de nada adiantou. Sacudiu o portão, mas o metal era forte demais. Irritado e frustrado, socou a sacola com os punhos. Ao recobrar o fôlego, teve consciência de um zumbido estranho, como um motor, parecendo vir por trás dele. Virou-se para procurar Troy mas não o encontrou em lugar algum.

Troy ficara exausto com o esforço para nadar através do portão que se fechava. Com sua energia gasta, deixou-se cair na parte mais funda da caverna, na metade do caminho entre os dois túneis artificiais. Respirou fundo várias vezes através do bocal e checkou seu suprimento de ar. Ainda tinha mais dez minutos. Ficou descansando enquanto Nick, quase fora do seu alcance de visão, à direita, tentava em vão puxar sua sacola pelo portão. Merda, pensou Troy, desapontado por ter perdido o ouro, se ao menos eu tivesse pensado. Deveria saber... Ouviu um som estranho à esquerda.

Curioso, nadou para a entrada do outro túnel e deu de cara com um sentinela robô.

Embora a distância entre eles fosse de mais de 15 metros, o mecanismo de direcionamento do robô fixou-se em Troy assim que ele apareceu. Assustado e fascinado, a princípio não tentou evitar a passagem do submarino em forma de bala. O robô tinha um metro de comprimento e 30 centímetros de largura na parte central. Ao chegar a cerca de dois metros e meio de distância, o robô carregou lentamente e disparou uma lança pequena e poderosa, do tamanho de uma faca de cozinha. Troy conseguiu desviar-se por pouco, e a lança bateu na parede ao lado dele.

Seu organismo encheu-se de adrenalina e ele saiu nadando para o meio do poço.

O robô não o seguiu imediatamente. Passou em frente à passagem natural até o mar, cortando caminho, e depois virou-se para fazer uma busca sistemática no poço.

Droga, pensou Troy, por que não saí enquanto tinha chance? Ficou imaginando se Nick ainda estaria perto do portão.

O robô tinha visto Nick. Ele nadava lentamente na direção da saída com a sacola.

Não tinha ideia de que ele e Troy não estavam sozinhos no poço. Ao ver o robô, já estava a quatro metros de distância e dentro do alcance da arma submarina. Troy observou o robô carregar a lança. Oh, não, pensou. Cuidado, Nick. Não havia nada que pudesse fazer.

Foi tudo tão rápido que nem Nick nem Troy souberam o que tinha acontecido. Troy explicaria mais tarde que sentiu um calor súbito no pulso e que depois alguma coisa, um raio de luz, um feixe de laser ou talvez uma corrente de plasma projetou-se da pulseira em direção do robô, deixando-o imóvel. Nick diria que quando o robô ia atirar nele foi distraído por Troy e então recolheu-se como se tivesse sofrido um impacto.

O que quer que tenha acontecido, o robô ficou imóvel. Imediatamente os dois nadaram juntos até a parte rasa da caverna. Estavam temporariamente salvos.

Carol não acreditava como as ostras podiam ser tão grandes e succulentas. Ellen estava sentada do outro lado da mesa em frente a ela, radiante de orgulho.

-Quer mais um pouco, querida? -disse sorrindo e levantando o imenso pote com ostras. Vou comer outra porção, pensou Carol. Apesar de todo o peixe que comi com Nick. Greta ficaria possessa. Sorriu consigo mesma e fez que sim para Ellen. Pelo menos uma coisa tinha de admitir: Ellen era certamente uma cozinheira fantástica.

E também uma pessoa muito triste, pensou, enquanto dava uma garfada no ensopado bem temperado, cheio das fabulosas ostras appalachicola. Homer tinha respondido pessoalmente a todas as perguntas durante a entrevista de vinte minutos antes do jantar. Quando surgia uma pergunta controvertida ou delicada, como sobre a parte do tesouro resgatado que tinha sido roubada e escondida pelos três, ele olhava para Greta antes de responder. É por isso que Ellen come o tempo todo. Ela foi passada para trás.

-Este ensopado está fabuloso -observou Carol. -Você se importaria de me dar a receita?

Ellen ficou encantada.

-É claro que não, querida -disse ela, -teria muito prazer. -Carol lembrou-se da referência de Dale ao comportamento de Ellen no jantar de premiação do IOM e ficou pensando se havia na verdade algum componente sexual na receptividade calorosa demonstrada por ela. Acho que não, decidiu Carol. Ela é apenas uma mulher solitária e perturbada. Não vejo nenhuma ponta de tensão sexual.

-A senhorita fez perguntas a noite toda -dizia Homer a Carol. -Agora por que nós não fazemos algumas? -Ele tinha sido surpreendentemente agradável desde a cena da alimentação do tubarão. Talvez eles sejam normais às vezes, pensou Carol. Senão não sobreviveriam. Mas quem pode saber quando Mr. Hyde vai aparecer de novo?

-É -disse Greta. Foi a primeira vez que falou diretamente com Carol durante a refeição. -Homer me disse que você estava com o dr. Dale. Vocês dois são amantes, não são?

– Você não é de meias palavras mesmo, Greta. Deu uma resposta em parte evasiva à pergunta. -Dale Michaels e eu somos ótimos amigos. Passamos muito tempo juntos, social e profissionalmente.

-Ele é um homem inteligente -disse Greta, olhando Carol com seus olhos azuis e dando um sorriso com o canto da boca. O que ela está tentando me dizer?, pensou Carol.

A conversa foi interrompida pelo som agudo de um alarme. Carol percebeu imediatamente que alguma coisa errada tinha acontecido.

-O que é isso? -perguntou inocentemente enquanto o alarme tocava.

Homer e Greta já tinham salido da mesa.

-Desculpe -disse Homer -, é um alarme contra ladrão. Provavelmente um engano. Nós vamos verificar isso.

Saíram apressados da sala de jantar, deixando Carol e Ellen sozinhas, e dirigiram-se para um corredor próximo dali. Preciso segui-los e descobrir o que está acontecendo, pensou Carol rapidamente. Deu uma olhada furtiva no relógio e viu que eram dez e cinco. Eles já devem ter terminado a essa altura.

-Vou até o banheiro -disse a Ellen. -Não se preocupe -acrescentou, quando Ellen explicava onde era. -Pode deixar que eu encontro.

Andou depressa pelo corredor e tentou ouvir Homer e Greta. Movendo-se silenciosamente, seguiu-os até ver que estava diante de um quatinho, do outro lado da casa. A porta estava escancarada.

-Vai ficar nítido num segundo -ouviu Homer dizer. Houve uma pausa. -Merda gritou ele -parece que as barras de ouro desapareceram. Devem ter agido muito depressa... A imagem não está muito clara. Ei, olhe aqui.

-É -disse Greta. --As barras sumiram, eu acho. Mas Homer, o ouro era muito pesado. Talvez os ladrões estejam encurralados no túnel. Timmy podia procurá-los.

-Isso daria fim nos imbecis -disse Homer com uma risada que congelou Carol.

Ela voltou lentamente até o saguão principal da casa e ouviu uma porta batendo na direção do quartinho. Eles foram soltar os tubarões. Meu Deus. Preciso avisar Nick e Troy.

Entrou no banheiro mais próximo no corredor, fechou a porta e abriu a torneira.

Depois deu a descarga do vaso sanitário, tirou o walkie-talkie que estava escondido dentro da blusa e colocou o microfone perto da boca.

-Alô, alô -disse. -Eles sabem que vocês estão aí. Vocês correm perigo. -Repetiu a mensagem e depois apertou o botão que repetiria automaticamente a mensagem várias outras vezes. Espero que esta maldita coisa funcione, pensou.

Prendeu o aparelhinho dentro da blusa de novo. Quando estava se ajeitando, olhou-se no espelho. Seu coração quase parou. Ellen estava de pé na porta olhando-a com um brilho maléfico nos olhos, indicando que tinha visto e ouvido tudo. Deu um passo na direção de Carol.

-Fique aí mesmo, Ellen -disse Carol, pondo as mãos para cima. -Não vou brigar com você. -A mulher gorda hesitou. -Homer e Greta usam você o tempo todo acrescentou com suavidade -por que não os deixa e vai viver sua vida?

O rosto de Ellen ficou tomado de raiva. Os olhos se estreitaram, as bochechas enrubesceram, e ela levantou o punho ameaçadoramente para Carol.

-Não é da sua conta como eu vivo minha vida -disse com fúria, encaminhando-se de novo para Carol.

Carol agarrou o cabide de toalha de metal e puxou-o com toda a força. A barra desprendeuse da parede, deixando cair duas toalhas cor de pêssego e uma peça de madeira no chão. Carol brandiu a barra acima da cabeça.

-Não me force a bater em você com isto -disse. -Chegue para o lado e saia da minha frente.

Ellen não se deteve. Carol mirou e bateu com força no ombro direito dela. A mulher pesada caiu no chão.

-Greta! -gritou com uma voz monstruosa. -Greta, me ajude.

Ainda agitando a barra de metal, Carol passou com cuidado ao lado de Ellen na direção da porta. Uma vez no corredor, voou pela sala para chegar à porta da frente.

Bem ao lado do bar levou uma pancada por trás, caindo com toda a força e batendo com o nariz no tapete. Tentou desvencilhar-se dos braços de Greta mas foi impossível. Estava presa. Umas gotas de sangue escorreram do seu nariz manchando o tapete.

As duas mulheres arfavam. Carol conseguiu virar o corpo de modo a olhar para Greta. Lutou em vão tentando soltar-se, mas os braços de Greta prenderam seu pulso no chão, até seus rostos ficarem a poucos centímetros de distância.

-Você estava tentando escapar, é, e por que essa pressa toda?

Havia alguma coisa de selvagem nos seus olhos. Num impulso, Carol levantou a cabeça e beijou Greta na boca. Assustada, os braços dela relaxaram por um instante.

Era disso que Carol precisava. Juntando todas as suas forças, deu um soco perto do ouvido de Greta, que ficou atordoada. Empurrou-a para o lado e escapuliu para a porta.

Não parou de pensar enquanto corria pela porta da frente e descia os degraus. Greta estará de pé num instante, pensou. Não vou ter tempo de abrir a porta do carro.

Então é melhor continuar correndo.

A alemã estava a apenas quinze metros dela, ganhando cada vez mais terreno, quando Carol virou na estrada que saía da casa de Homer e ia para Pelican Resort.

Há dez anos que eu corro três vezes por semana. Mas desta vez minha vida depende disso. Tentou acelerar a corrida. Greta continuava chegando perto. Carol tinha certeza de que seria pega a qualquer minuto, e chegou mesmo a sentir a mão de Greta na sua blusa.

Mas depois de duzentos metros Greta começou a ficar para trás. Quando Carol já estava a 400 metros da casa de Homer, ousou olhar por cima do ombro e viu que sua perseguidora se cansara e estava agora uns 50 metros atrás. Sentiu uma energia renovada. Vou conseguir, pensou. Vou escapar mesmo.

Greta passou a andar, e depois Carol também, mas só quando estava quase chegando ao restaurante. Mesmo assim continuou a olhar para trás, tentando ver a inimiga à luz do luar. Agora vou chamar um táxi, pensou. E vou até o apartamento de Nick. Espero que as dois tenham ouvido meu aviso e estejam seguros.

Não conseguia mais ver Greta. Parou e apertou os olhos. Ela deve ter voltado, pensou. Enquanto olhava a estrada, umas mãos fortes agarraram seus ombros. Deu meia-volta e deparou com os olhos risonhos do tenente Richard Todd.

10

Ele esperara propositalmente até que todos os atores tivessem saído do vestiário.

O embrulho não chamava atenção, era do tamanho de um sabonete grande embrulhado em papel branco com uma fita vermelha. Você nem ao menos sabe se é dela, pensou Winters ao puxar o laço de fita. Estava cheio de expectativa. O espetáculo tinha sido melhor naquela noite, e na cena do quarto ele sentira por um segundo a língua de Tiffani tocando seus lábios. Ela não precisava ter feito isso, disse a si mesmo, livrando-se momentaneamente de qualquer vestígio de culpa.

Suas mãos tremiam um pouco ao abrir o embrulho. Era uma caixa branca comum.

Dentro havia um isqueiro de prata, simples mas bonito, com as iniciais VW gravadas na parte de baixo. Seu coração disparou. Então ela sente o mesmo que eu. Sentiu um desejo profundo e imaginou uma cena umas três a quatro horas depois. Estava levando Tiffani para casa e eles se beijavam na porta.

-Quer entrar? -diria ela.

-Estou me sentindo bonita... ah, tão bonita... estou me sentindo bonita, espirituosa e alegre... -Winters ouviu-a cantando pelo corredor. Ela abriu a porta do camarim e deu uma pirueta. O cabelo de Tiffani estava preso no alto da cabeça, deixando o elegante pescoço à mostra. O friso dourado na travessa que o comandante lhe dera combinava perfeitamente com o avermelhado do cabelo. Seu vestido era branco, decotado, com os ombros de fora e alças finas.

-Então? -disse ela com um sorriso animado, virando-se novamente. -Que tal?

-Você está linda, Tiffani -respondeu, olhando-a com tal intensidade que ela chegou a corar.

-Oh, Vernon -suspirou ela mudando de tom -as travessas são lindas. -Tirou um cigarro do maço em cima da cômoda e acendeu-o com o isqueiro novo dele. Deu uma tragada com os olhos fixos nos dele e colocou o cigarro no cinzeiro. -Não sei como lhe agradecer -murmurou.

Foi até ele e segurou sua mão.

-Foi de novo outra noite maravilhosa. -Pôs a mão esquerda por trás da cabeça dele fazendo menção de beijá-lo. O coração de Winters estava a ponto de explodir, e ela podia sentir sua excitação quando encostou os lábios de leve na sua boca. Puxou a cabeça dele para baixo e sutilmente aumentou a pressão dos lábios. Por fim ele passou os braços em torno dela e apertou seu corpo.

O comandante Winters pensou que iria morrer de prazer com aquele beijo. Nunca sentira tanto desejo assim. Estava certo de que morreria feliz na manhã seguinte se pudesse continuar a beijá-la toda a noite. Por um instante, ao experimentar completamente a alegria, o amor e o desejo, todas as suas preocupações e desesperos foram deixados de lado. Queria enrolar-se em Tiffani, entrar dentro da sua pele e esconder-se do resto do universo.

Melvin e Marc foram até o camarim procurar pelo comandante. Não se tinham aproximado furtivamente nem vinham especialmente em silêncio, mas nem Tiffani nem o comandante Winters ouviram seus passos. Viram o casal se beijando pela porta entreaberta. Olharam-se e deram-se as mãos. Por experiência própria sabiam das dificuldades dos casos amorosos que fugiam à norma.

Tiffani e Winters finalmente pararam de se beijar e ela pôs a cabeça no peito dele, dando as costas para a porta. Winters abriu os olhos e viu Melvin e Marc do lado de fora, em frente a ele. Ficou branco, mas o diretor fez um gesto como se dissesse “Tudo bem, isso não é da nossa conta”.

Melvin e Marc esperaram alguns segundos para que parecesse que tinham chegado depois do beijo. O comandante bateu no ombro de Tiffani e virou-a de modo paternal.

-Um grande espetáculo, comandante -disse Melvin ao entrar no camarim. -E outra ótima atuação sua também, mocinha. -Fez uma pausa. Marc sorriu ao fazer o elogio e Tiffani inconscientemente ajustou o vestido. -Um certo tenente Todd está esperando lá fora para falar com o senhor, comandante -acrescentou Melvin.

-Disse que é urgente e pediu para dizer que está com pressa.

O rosto de Winters ficou marcado de rugas. Por que cargas d'água estará aqui? pensou. É sábado e já passa das dez horas da noite.

-Obrigado, Melvin -respondeu. -Diga-lhe que já estou indo.

O diretor e o amigo viraram-se e saíram do camarim. Tiffani foi buscar o cigarro que deixara aceso; a cinza já estava tão grande que quase caía do cinzeiro. Tragou e passou-o para Winters.

-Será que viram que estávamos nos beijando? -perguntou ansiosa.

-Não -mentiu Winters, mas percebendo já como sua fantasia era insustentável. Preciosa Tiffani, pensou. Minha amante adolescente. Tivemos sorte, mas não podemos nos enganar. Mais cedo ou mais tarde seremos vistos. Olhou-a nos olhos e viu a chama da paixão adolescente. Mais uma vez foi possuído por aquele desejo violento.

Segurou-a e puxou-a com força para junto de si. E se a pessoa errada nos vir, pensou vibrando com o beijo, meu risco não terá limite.

Winters jogou o cigarro no chão e amassou-o. Sacudiu a cabeça mostrando sua descrença.

-Está me dizendo que levou os três sob custódia? Estão presos na base?

O tenente Todd estava confuso.

-Mas comandante, não está compreendendo? Temos uma série completa de fotografias. Em três delas pode-se ver claramente o míssil. E há outras que mostram o rapaz negro numa espécie de estrutura submarina no meio do mar. Exatamente como eu pensei. De que mais precisaríamos? Também os apanhamos em flagrante voltando de um mergulho com 25 quilos de barras de ouro nas mochilas. Vinte e cinco quilos!

O comandante Winters virou-se e voltou para o teatro.

-Volte para a base, tenente -disse desgostosamente.

-Estarei lá dentro de cinco minutos.

Ficou claro que Melvin e Marc só estavam esperando por Tiffani e o comandante para fecharem o teatro e irem para a festa.

-Você pode levá-la, Melvin? -perguntou. -Há uma grande confusão lá na base e parece que eu tenho de resolver a coisa. -A conversa com Todd tinha feito Winters voltar à realidade, pelo menos sob dois aspectos. Primeiro, lembrara-se de que havia um mundo real lá fora, independente do teatro, um mundo que não olharia com bons olhos um comandante da Marinha de 43 anos tendo uma relação sexual com uma estudante de 17 anos. Segundo, a notícia espantosa de Todd de que tinha detido três civis, um deles uma repórter famosa, fez com que percebesse que o encanto por Tiffani interferira no seu trabalho. Eu jamais deveria ter deixado esta coisa fugir do meu controle, pensou. Daqui para a frente esse tenente não vai dar um passo sem que eu aprove pessoalmente.

-Sinto muito, Tiffani -disse numa voz paternal, dando-lhe um abraço ambíguo e um rápido beijo na cabeça. -Vou para a festa assim que puder.

-Vá logo, senão vai perder o champagne -falou Tiffani com um sorriso. Melvin desligou as luzes do teatro e os quatro saíram.

Winters tinha estacionado a quase um quarteirão de distância. Deu adeus a Tiffani quando ela entrou no carro de Melvin. Fico imaginando se um dia você saberá, mocinha, pensou ele. Saberá como nesta noite estive perto de jogar tudo para o alto.

Lembrou-se de 24 anos atrás, numa noite fria perto de Filadélfia, quando perdera o controle e praticamente violentara Joanna Carr. Ligou seu Pontiac e começou a sair.

Seria tão fácil, pensou. Esquecer as regras e as inibições pelo menos uma vez. Mergulhar na água sem olhar. Lembrou-se do seu pacto com Deus depois da noite que passara com Joanna. Então o Senhor manteve sua parte do trato. Acho eu. E eu me tomei um oficial e um cavalheiro. E um assassino.

Estremeceu. Passou pelo majestoso Miyako Gardens e dirigiu-se para a base. Com grande dificuldade esforçou-se para deixar de pensar em Tiffani, Joanna e

sexo. Não foi o suficiente ter este envolvimento com Tiffani. Ao mesmo tempo estou preso a um tenente que persegue civis tentando provar sua eficiência...

Parou no sinal. Aos poucos, começou a se dar conta da gravidade da situação.

Meu Deus. Talvez eu também esteja encrencado. Atuação ilegal. Detenção injusta.

Vão jogar isso em cima de Todd... Diminuiu a marcha no cruzamento, pondo mecanicamente um cigarro na boca e acendendo-o. Então eu deveria me desculpar. Mas que merda. Dawson é uma repórter. Más, más notícias.

Tinha chegado na base. Fez sinal para o segurança e foi até onde Todd dissera que o trio estava.

Parou na frente de um prédio branco simples, situado numa elevação a cerca de cinco metros acima do nível da rua. O tenente Roberto Ramirez, muito nervoso, esperava-o na estrada, segurando dois envelopes grossos. Virou-se e falou alguma coisa da porta da frente, e Todd apareceu num instante. Winters trancou o carro com cuidado, desceu os degraus e caminhou até onde estavam os oficiais. Ramirez já estava mostrando as fotografias ao comandante Winters quando Todd foi olhar. Os três tiveram uma discussão breve mas calorosa.

-Então o que aconteceu depois que receberam meu aviso? -perguntou Carol aos dois assim que Todd desapareceu pela porta. Eles não tinham tido chance de conversar em particular desde que foram detidos por Todd e Ramirez no estacionamento do Pelican Resort.

-Troy estava pronto para se mandar -riu Nick. -Mas eu achei que seu aviso referia-se só ao sentinela robô. E como ele estava quieto há vários minutos, imaginei que estávamos a salvo. Eu ainda estava inconformado com a segunda sacola com as barras de ouro. Por isso voltei para o portão.

-Estava tão concentrado em descobrir um meio de puxar a sacola pela abertura que devo ter me esquecido de tudo o mais. De repente senti Troy me puxando pelas costas. Talvez um segundo depois dois ou três tubarões, um deles um tubarão azul, apareceram no portão. Tive a impressão exata de que o portão ia se despedaçar.

-Esses tubarões eram realmente terríveis, menina -interrompeu Troy. -E burros também. O grande deve ter batido contra o portão umas dez vezes até desistir.

-A sacola com as barras de ouro foi imediatamente esfaqueada pelos tubarões enlouquecidos. É possível que tenham engolido a maior parte delas. Não teve graça nenhuma ficar tão perto deles assim. -Nick ficou arrepiado. -Quando fecho os olhos vejo os dentes do tubarão a um metro de mim. provavelmente vou ter pesadelos durante anos.

-Eu puxei Nick até o mar. Não queria muita conversa com aqueles dois monstros e não confiava que o portão continuasse intacto depois de mais um ataque. Saímos de lá em tempo recorde. É claro que nenhum de nós esperava ser condecorado pela Marinha americana ao voltar para a camioneta. -Troy fez uma pausa. -Esse tal de Todd, qual é o problema dele, afinal? Certamente se acha um valentão. Estará se vingando do soco que recebeu do professor na noite passada?

Carol sorriu. Levantou a mão esquerda e colocou-a acima do joelho de Nick enquanto falava.

-Todd é um dos engenheiros navais que está tentando encontrar o míssil. Tenho certeza de que ele e seus homens devem ter sido os responsáveis pelo assalto ao apartamento de Nick e ao meu quarto no hotel. Senão não teriam nos detido.

-Em que se baseiam para nos prender? -perguntou Nick. Deixou sua mão cair e cobriu a de Carol. -Não é contra a lei ter barras de ouro numa mochila. Não temos direitos, como cidadãos, que impeçam este tipo de coisa?

-Provavelmente -respondeu Carol. Deu uma apertada na mão de Nick e retirou a sua. -Mas como repórter, acho esta parte da aventura extremamente interessante. A gente pode ver que o tenente Ramirez está muito nervoso. Não deixou Todd nos perguntar nada até o comandante Winters ser contatado. E esta muito preocupado com o nosso conforto.

Em fila, os três oficiais entraram pela porta. Winters vinha na frente e os dois outros atrás. Nick, Carol e Troy estavam sentados em cadeiras cinzentas de metal à esquerda de uma sala dividida que servia de sala de espera para os escritórios maiores dos fundos. Winters entrou e debruçou-se na grande mesa cinzenta que ficava em frente a eles.

-Sou o comandante Vernon Winters -disse, olhando um por um nos olhos. Como a srta. Dawson sabe, sou um dos oficiais mais antigos desta base, no momento encarregado de um projeto secreto, de código Flecha Quebrada. -Sorriu. -Tenho certeza de que estão imaginando por que foram trazidos para a base.

Esticou o braço esquerdo e Ramirez passou-lhe as ampliações infravermelhas que mostravam o míssil mais detalhadamente. Sacudiu-as no ar para os três detentos.

-Uma das metas do Flecha Quebrada é encontrar um míssil da Marinha perdido em algum ponto do golfo do México. O tenente Todd acredita, baseado nas fotos, que vocês sabem onde ele está. Foi por esta razão que os trouxe aqui para interrogatório. -Sua voz subiu de tom e ele começou a agitar os braços. -Sei que não preciso lembrá-los de que são os sistemas tecnológicos de defesa que mantém nossa pátria livre e segura...

-Poupe-nos de seu discurso patriótico e histriônico, comandante Winters -interrompeu Carol. -Todos nós sabemos que os senhores procuram um míssil perdido e que acham que nós talvez o tenhamos encontrado. Desculpem. Fomos procurá-lo hoje, mas não conseguimos localizá-lo. -Ficou de pé. -Agora ouça-me um instante. Seu zeloso tenente e seus homens desrespeitaram várias leis. Além de nos raptarem, saquearam o meu quarto no hotel e o apartamento do sr. Williams. E também roubaram algumas fotografias e equipamentos preciosos. -Olhava séria para Winters. -É bom que o senhor tenha uma boa razão para nos deter aqui, senão eu juro que vou fazer tudo para que vocês três sejam processados.

Olhou para Ramirez que tremia.

-Enquanto isso -continuou -pode começar nos dando uma desculpa oficial, por escrito, devolvendo nossos pertences e nos ressarcindo adequadamente de todos os danos. Além disso, quero um acesso exclusivo a todos os arquivos do Flecha Quebrada daqui por diante. Se o senhor não concordar com estes termos, pode se preparar agora mesmo para ler sobre as táticas da Gestapo da Marinha americana na próxima edição do Miami Herald.

É, pensou Winters. Isto não vai ser fácil. Essa repórter pretende fazer o jogo da ameaça. Tirou um cigarro enquanto pensava.

-Poderia fazer o favor de não fumar aqui? -disse Carol, interrompendo o pensamento dele. -achamos isso ofensivo.

Para o inferno esses não-fumantes agressivos. Recolocou o Pall Mall no maço dentro do bolso. De início ficara sem ação com o ataque rápido de Carol, mas aos poucos recobrou sua compostura.

-Bem, srta. Dawson -começou um minuto depois, afastando o olhar do trio e olhando na direção da porta, -posso entender por que ficaram aborrecidos com o que aconteceu. Admito que nossos homens realmente agiram de forma injustificável ao vasculharem seus aposentos em busca de provas. Contudo... - Parou no meio da frase, virou-se e voltou para onde estavam Nick, Carol e Troy.

-Contudo -repetiu -estamos falando de traição. -Esperou para que percebessem sua ameaça. -E não preciso lhe dizer, srta. Dawson, que traição é um assunto sério. Ainda mais sério que jornalismo. -Hesitou de novo para dar mais efeito, e sua voz tomou-se muito séria. -Se algum de vocês tiver conhecimento de onde foi parar este míssil e passar essa informação a um membro de qualquer governo estrangeiro, especialmente um governo considerado hostil aos nossos interesses nacionais, então terá cometido traição.

-Que espécie de droga o senhor anda fumando, comandante? -respondeu Carol. Admitimos espontaneamente que andamos procurando seu míssil, mas isso não faz de nós espiões. O senhor não tem nenhuma acusação contra nos. -Deu uma olhada para Nick, que admirava sua atuação. -Eu sou uma mera repórter cobrindo uma matéria. Esta coisa de traição é uma fabricação da sua cabeça.

-Ah, é? -disse o tenente Todd, incapaz de conter-se. -Então onde foram tiradas essas fotos? -Mostrou a foto de Troy com roupa de mergulho na primeira sala submarina com as paredes vermelhas e azuis. Depois virou-se e apontou para as sacolas depositadas do outro lado da sala. -E o que seus dois amigos faziam com 25 quilos de ouro depois do mergulho de ontem?

-Está bem -interrompeu Troy de forma exagerada, dando um passo na direção do tenente Todd. -Está bem. Você já tem sua resposta, não é? Encontramos o míssil e o vendemos para os russos por 25 quilos de ouro. -Arregalou os olhos ao olhar para Todd. -E agora o míssil esta a bordo de um submarino a caminho de Moscou ou qualquer outro lugar... Qual é, cara, tenha um pouco de seriedade. Nos não somos tão burros assim.

O tenente Todd explodiu.

-Seu negro desgraçado... -disse, antes que o comandante pulasse entre os dois.

Winters precisava de um pouco de tempo para pensar. As perguntas de Todd estavam, afinal de contas, sem resposta. Mesmo que essas respostas fossem boas, não era difícil compreender como alguém poderia concluir, baseado nas fotografias, que talvez houvesse alguma conspiração.

Além do mais, havia o problema de defender as ações de seus oficiais subalternos e do grupo de investigação. Se eu deixar esses três saírem agora, pensou, estaremos essencialmente admitindo que cometemos um erro logo de saída... Ramirez fazia um sinal com a cabeça para o comandante mostrando a porta. Winters não entendeu a princípio, mas Ramirez repetiu o movimento.

-Desculpem-nos um instante -disse Winters. Os dois oficiais saíram para a varandinha, deixando Todd com Nick, Carol e Troy.

-O que é, tenente? -perguntou Winters.

-Comandante -respondeu Ramirez -minha carreira é a Marinha. Se soltarmos os três agora, sem qualquer interrogatório oficial...

-Concordo com você -interrompeu Winters abruptamente. -Gostaria que nada disso tivesse acontecido. Mas aconteceu. Agora precisamos acabar com a coisa de forma adequada e cuidadosa, senão não poderemos nos defender pelo que fizemos. -Pensou um instante. -Quanto tempo você levaria para instalar o equipamento de vídeo e som para um interrogatório formal?

-Cerca de trinta minutos -replicou Ramirez. -No máximo quarenta e cinco.

-Então vamos fazer isso. Enquanto você providencia o equipamento, eu preparo a lista de perguntas.

Merda, disse Winters para si ao observar Ramirez andando as pressas para seu escritório do outro lado da base. Vou ficar mesmo aqui a noite toda. Pensou na oportunidade perdida com Tiffani. É melhor eu telefonar para ela e explicar enquanto escrevo essas perguntas. Sentiu uma raiva súbita do tenente Todd.

Quanto a você, pensou, se sairmos disso ilesos, eu pessoalmente providenciarei para que seja transferido para a Baixa Eslovênia.

Já passava de onze horas. O tenente Todd estava perto da porta da frente segurando um cassete. Já antes, naquela noite, logo depois que Nick e Troy chegaram no estacionamento do Pelican Resort, usara-o nas costas de Nick para forçá-lo a entrar no carro. Nick ainda sentia a pancada.

-Quanto tempo tudo isso vai levar? -perguntou Troy, de pé ao lado da mesa. não podemos ir para casa dormir um pouco e voltar na segunda-feira de manhã?...

-Você ouviu o que o homem disse -respondeu Todd claramente satisfeito. -Eles saíram para preparar um interrogatório formal. Vocês podiam usar esse tempo para organizarem sua história. -Bateu com o cassete na palma da mão.

Troy virou-se para os companheiros.

-Está bem, turma -disse, piscando o olho. -Vamos quebrar essa merda. Vamos render esse cara e dar o fora daqui.

-Tentem fazer isso, seus merdas -disse Todd regozijando-se e dando uma pancada nas cadeiras vazias para causar maior efeito. -Eu adoraria avisar que vocês tentaram escapar.

Nick não tinha falado muito desde que Winters e Ramirez saíram. Olhou para o lado onde estava Todd.

-Sabe o que mais me aborrece nisto tudo, tenente? -disse para seu captor. -É que pessoas como você – continuou, sem esperar pela resposta -acabam em postos de poder e autoridade no mundo inteiro. Você acha que por nos ter sob seu controle vira uma pessoa importante. Vou dizer uma coisa. você não é merda nenhuma.

Todd não tentava esconder sua aversão por Nick.

-Pelo menos encontro brancos para fazer amizade -respondeu com sarcasmo.

-Eu declaro -disse Troy depressa -que acredito que nosso tenente Todd pode ser um fanático. Talvez estejamos falando com um verdadeiro representante da raça branca. Vamos ver se “negro” vai ser seu próximo...

-Rapazes, rapazes -interrompeu Carol quando Todd começou a avançar para Troy.

-Já chega. -A sala ficou silenciosa. Troy voltou para onde estavam seus amigos e sentou-se na cadeira.

Um minuto depois inclinou-se para Nick e Carol. Enquanto cochichava com eles, pôs a pulseira de ouro perto da boca.

-Sabiam de uma coisa? -disse -se não sairmos logo talvez passemos a noite inteira aqui. Imagino que o interrogatório leve de três a quatro horas, o que significa que a Marinha vai chegar ao local do mergulho antes de nós amanhã de manhã.

-Mas o que podemos fazer? -perguntou Carol. -Seria um milagre se nos deixassem sair sem fazer pergunta nenhuma.

-Um milagre, menina -disse Troy com uma risadinha -é exatamente do que precisamos. Um milagre daqueles antigos, como nos contos de fadas.

-O que vocês estão cochichando aí, seus merdas? -O truculento tenente Todd começou a encaminhar-se para o banheiro num canto da grande sala. -Parem com isso. E não tentem nada. A porta de fora está trancada e eu tenho a chave. - Não fechou a porta do banheiro, mas o vaso sanitário felizmente ficava fora de alcance da visão, do lado direito.

Não havia muita luz nos fundos do banheiro. Quando Todd estava terminando de urinar, teve uma sensação estranha em todo o lado direito do corpo, como se milhares de agulhinhas estivessem se enfiando em sua pele. Intrigado, virou-se para o canto, e o que viu deixou-o tomado de terror.

Parcialmente escondida na luz fraca havia o que só podia ser descrito como uma cenoura gigante com cerca de dois metros. A parte mais grossa da criatura equilibrava-se em quatro bases enroscadas, plantadas no chão. Não tinha braços, mas um metro e meio acima do chão, debaixo de uma parafernália azul no alto da “cabeça”, havia quatro fendas verticais com 30 centímetros de comprimento cada, como se fossem parte de uma cara. De cada uma dessas fendas pendurava-se uma coisa estranha.

Troy mais tarde explicaria a Nick e a Carol que eram sensores por meio dos quais a cenoura via, ouvia, cheirava e sentia gosto.

O tenente Todd Não perdeu tempo examinando a criatura. Deu um grito, saiu correndo do banheiro e nem parou para por o pênis dentro das calças. Quando a estranha coisa alaranjada apareceu na porta do banheiro, o tenente teve a impressão de que ia ser seguido por ela. Olhou-a petrificado e imóvel por um instante, e quando a coisa moveu-se na sua direção, virou-se imediatamente, destrancou a porta da frente e fugiu por ali.

Infelizmente esqueceu-se dos oito degraus de concreto. Apavorado, tropeçou e caiu, batendo a cabeça com toda a força no segundo degrau e rolando até embaixo, onde ficou inconsciente na calçada em frente ao prédio.

Carol encolheu-se ao lado de Nick logo que viu a cenoura e os dois olharam para Troy. Ele estava sorrindo e cantando para si mesmo “Quando se faz um pedido a uma estrela... não importa quem você seja”. Parecia tão à vontade com tudo que Nick e Carol ficaram relaxados por algum tempo. Mas depois que o tenente Todd desapareceu pela porta da frente e a cenoura virou-se para eles, foi difícil manter a calma.

-Que droga -disse Troy sorrindo. -Eu estava esperando mesmo era uma fada azul. Achei que ela podia me fazer ficar rico ou talvez branco.

-Tudo bem, Jefferson -disse Nick, com cara de quem chupou limão. -Por favor, explique o que é isso na nossa frente.

Troy foi devagar até o canto da sala para pegar as mochilas.

-Isto, professor -respondeu, andando diretamente na direção da cenoura -é o que poderíamos chamar de projeção holográfica. -pôs a mão através do corpo alaranjado. -Em algum lugar do universo há supostamente uma criatura viva e real como esta, mas eles mandaram só sua imagem para nos ajudar a escapar.

Mesmo com a explicação de Troy, Nick e Carol evitaram aproximar-se da cenoura. Andaram com as costas bem junto à parede até chegarem à porta.

-Não se preocupem -riu Troy. -Ela não vai fazer nada de mal a vocês.

O sensor pendurado da fenda do lado direito da cabeça da cenoura era totalmente incompreensível. Carol não conseguia tirar os olhos dali. Parecia um chumaço de favo de mel gosmento na ponta de um bastão.

-O que ela faz com aquilo? --perguntou Carol, apontando para a coisa ao sair pela porta na frente de Troy.

-Não sei, menina -respondeu Troy. -Mas deve ser alguma coisa engraçada.

Nick e Troy encontraram-se com Carol no patamar do topo da escada. Todos viram Todd ao mesmo tempo. Ficaram naturalmente surpresos de vê-lo estirado ao pé da escada com a cabeça sangrando.

-Devemos ajudá-lo? -perguntou Carol enquanto Troy descia.

-De jeito nenhum -disse rapidamente.

Troy debruçou-se sobre Todd e examinou cuidadosamente o tenente inconsciente da cabeça aos pés. Deu-lhe um tapinha no rosto mas ele nem se moveu. Piscou para os amigos, que ainda estavam no alto das escadas.

-O professor tinha razão, cara -disse, caindo na risada -, você não é merda nenhuma.

-Então lhe dei um beijo -disse Carol rindo.

-Você fez o quê? -perguntou Nick. Iam no velho Ford LTD de Troy na direção da marina Hemingway. Depois de deixarem a base, tinham andado dois quilômetros até o duplex de Troy para apanhar seu carro. Carol estava ao lado dele no banco da frente e Nick atrás, ao lado das sacolas com o ouro e os disquetes com as informações. Carol virou-se para Nick.

-Eu a beijei. -Riu de novo quando Nick fez uma cara de nojo. -O que eu podia ter feito? A mulher é mais forte do que muito homem e tinha me imobilizado no chão. Havia alguma coisa sugestiva na forma como ela estava me segurando...

-Uau, menina -disse Troy, batendo no painel com a mão esquerda. -você é incrível. O que a mulher-maravilha fez depois?

-Soltou meu pulso por um segundo. Achei que estava decidindo se ia me beijar também ou não.

-Argh -fez Nick do banco traseiro, -acho que vou vomitar.

-Então você deu uma pancada na cabeça dela e fugiu? -perguntou Troy. Carol fez que sim. Troy riu a mais não poder mas depois ficou mais sério. -Cuidado se a vir de novo, menina. Greta não gosta de perder.

-Mas você se engana a respeito dela num ponto, Carol -observou Nick. -Greta não está nessa de mulher de jeito nenhum. Ela gosta muito de sexo com homem.

Carol achou o comentário de Nick presunçoso e até mesmo irritante. Virou-se para Troy.

-Por que será que os homens pensam que qualquer mulher que tenha relações sexuais com homens não pode de jeito nenhum interessar-se por outra mulher? Será mais um exemplo da crença fundamental na sua própria superioridade inata? -Não esperou a resposta e virou-se para Nick. -E caso você esteja pensando, a resposta é não, eu não sou lésbica. Sou positivamente heterossexual, devido à minha formação de classe média. Mas admito que às vezes fico muito cansada dos homens e de suas demonstrações de machismo.

-Ei -retrucou Nick -, não tinha intenção de começar uma discussão. Estava apenas sugerindo...

-Está bem -interrompeu Carol um pouco arrependida, -não faz mal. Acho que fui um pouco rápida no gatilho. -Ficou calada alguns segundos. -Aliás, Nick -observou

– há uma parte disso que ainda não entendi bem. Por que o Capitão Homer fez tanta coisa para esconder o resto do tesouro todo esse tempo? Por que não vendeu logo tudo?

-Por várias razões -respondeu Nick. -Entre as quais o medo de ser descoberto e indiciado por perjúrio cometido durante nosso julgamento. Mas assim ele também escapou dos impostos, o preço do ouro subiu com o tempo, e sobretudo Greta ficou por perto porque queria receber sua parte toda. Ele certamente

converte parte do ouro em dinheiro de tempos em tempos, talvez através de uma terceira pessoa. Mas nunca uma quantidade grande demais que chame atenção sobre a transação.

-Você está vendo, menina -disse Troy -é por isso que ele não pode chamar a polícia. senão teria de admitir tudo. Aposto como está puto da vida.

Troy virou a esquerda e esperou o sinal abrir. Um carro emparelhou à direita, ao lado de Carol, e ela deu uma olhada. Era uma Mercedes.

Mais tarde Carol iria lembrar-se que aquele momento lhe pareceu não ter fim.

Cada segundo ficou registrado na sua memória em câmara lenta, como se tivesse durado muito mais. Greta guiava o carro do Capitão Homer e olhava para ela. Homer, ao seu lado, agitava as mãos com o punho cerrado, gritando alguma coisa que Carol não conseguiu ouvir pela janela fechada. Carol percebeu os olhos de Greta. Nunca tinha visto tanto ódio concentrado. Por um instante desviou para avisar Nick e Troy, e quando olhou de volta viu que Greta apontava uma pistola na sua direção.

Três coisas aconteceram quase simultaneamente. Carol abaixou-se, Troy avançou o sinal e virou a esquina, quase batendo num carro em alta velocidade, e Greta disparou a pistola. A bala passou pela janela de Carol e bateu na porta de Troy, milagrosamente não acertando em nenhum dos dois. Carol ficou encolhida debaixo do painel no banco da frente, lutando contra o pânico e tentando recobrar o fôlego.

A caçada continuou. Eram onze e meia da noite de sábado e o tráfego na área residencial era pouco. O Ford de Troy não podia competir com a Mercedes. Mais duas vezes Greta disparou e o Ford ficou crivado de balas. As janelas se quebraram, mas nenhum dos ocupantes do carro se machucou.

Nick estava deitado no chão do banco de trás.

-Vá para o centro da cidade, se puder -gritou para Troy. -Talvez possamos fugir no meio do tráfego.

Troy estava encolhido por baixo do volante e mal podia ver a rua. Dirigia como um lunático, ziguezagueando pela rua de quatro faixas, invadindo a mão

contrária do tráfego, buzinando freneticamente, tomando impossível para Greta fazer nova mira.

-Onde estão os tiras quando se precisa deles? -disse alto. -Esses maníacos estão atirando em nós em pleno centro de Key West e não aparece nenhum guarda.

Depois da sugestão de Nick, Troy deu uma volta súbita no meio da rua e dirigiu-se para o lado oposto. Greta não estava preparada. Freou a Mercedes com violência, derrapou, bateu num carro estacionado e continuou a perseguição.

Não havia nenhum carro agora na rua onde estavam e a Mercedes ganhava terreno.

-Epa -disse Troy, temendo um novo ataque. Virou o volante para a esquerda, entrou numa viela, num estacionamento, e saiu por uma rua estreita. Uns instantes depois fez mais uma virada rápida e dirigiu-se para a entrada de um prédio. O carro ficou todo iluminado e Troy apertou o freio com força.

-Saíam todos! -gritou. Enquanto Nick e Carol tentavam entender o que estava acontecendo, Troy deu as chaves do carro para um homem alto de uniforme azul.

-Estávamos tomando uns drinques -disse. Eles ouviram o rinchar do freio da Mercedes. -E essas pessoas aí atrás -continuou alto para uma meia dúzia de pessoas que olhavam, inclusive dois manobreiros que estavam por ali -estão armadas e tentando nos matar.

Era tarde demais para Greta e Homer escaparem. Troy tinha entrado no estacionamento do hotel Miyako Gardens e já havia outro carro na entrada circular atrás da Mercedes. Greta deu marcha a ré, bateu no para-choque do Jaguar que estava atrás e depois tentou fugir amassando o Ford de Troy. Troy e o homem uniformizado se abaixaram quando Greta bateu na porta aberta do Ford, perdeu o controle da Mercedes, e foi de encontro à cabine do estacionamento. Quando Carol e Nick saíram cambaleando do carro, quatro seguranças abordaram Greta e Homer.

Troy foi até onde estavam os amigos.

-Alguém se machucou? -Carol e Nick fizeram um gesto negativo com a cabeça.

Troy deu então um grande sorriso. -Acho que agora esses dois estão em boas mãos -disse.

Carol abraçou-o.

-Foi uma ideia brilhante vir até aqui -disse ela. – Por que pensou nisso?

-Pássaros.

-Pássaros? -respondeu Nick. -De que está falando, Jefferson?

-Bem, professor -disse Troy, abrindo a porta do hotel elegante e seguindo os amigos para dentro do saguão – quando eles estavam quase nos pegando na última vez, vi que provavelmente iam nos matar porque tínhamos roubado seu ouro. E fiquei pensando se realmente haveria pássaros no céu. Minha mãe sempre me disse que havia.

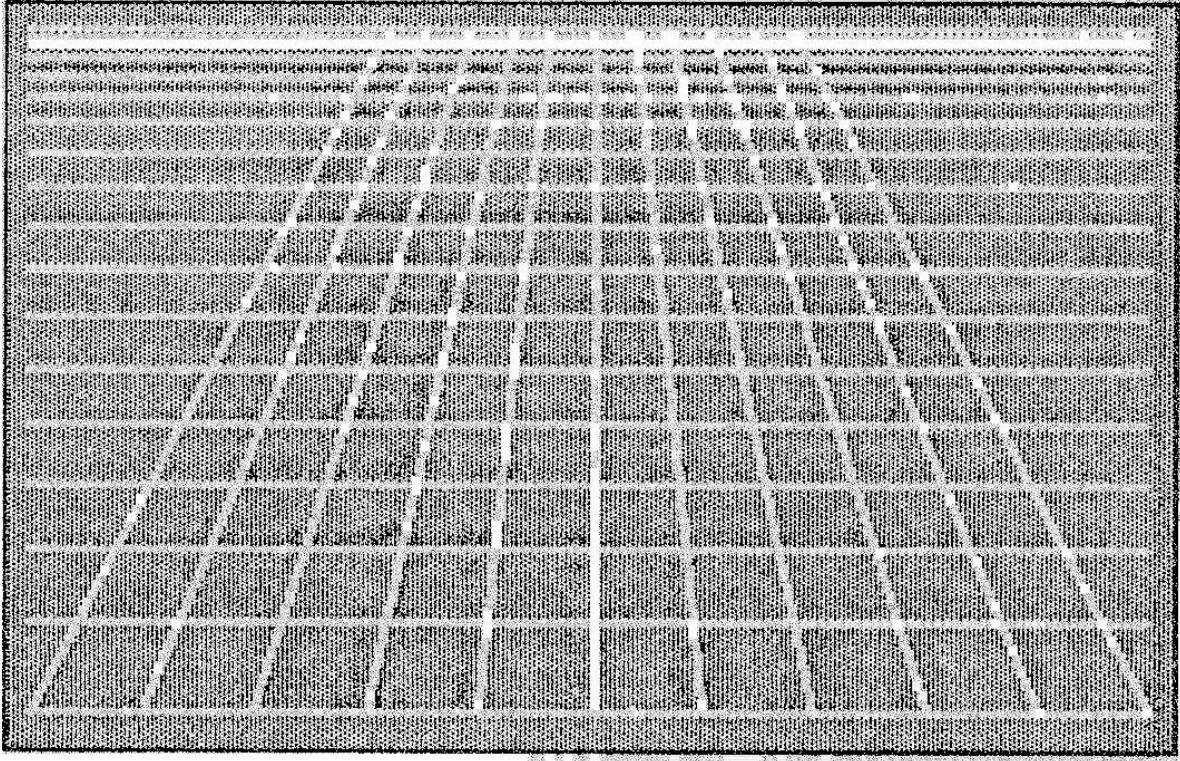
-Troy -disse Carol sorrindo -, isso não faz o menor sentido. Explique direito.

-É exatamente isso -disse ele. -Olhe em volta. -No saguão do Miyako Gardens havia uma bela gaiola de quatro andares, com arames finos entrelaçados, debaixo de um céu estrelado. Centenas de pássaros coloridos brincavam entre as parreiras e palmeiras, dando ao saguão do hotel uma verdadeira atmosfera tropical.

-Quando pensei nos pássaros -continuou Troy, sem conseguir conter mais a risada -lembrei que estávamos próximos deste hotel e o plano me veio rapidamente à cabeça.

Os três ficaram juntos olhando a gaiola. Carol estava no meio e deu as mãos aos dois.

REPATRIAÇÃO



Sob o mar verde-esmeralda a nave espacial repousa tranquila. Estranhas criaturas semelhantes a peixes nadam à volta, observam o visitante dos céus e continuam seu caminho. A inspeção final antes do desembarque tem início. Quando a inspeção termina, uma porta no fundo da nave se abre e uma esfera metálica dourada, com diâmetro de cerca de 12 centímetros, aparece. A esfera está presa sobre uma plataforma comprida e estreita. As rodas sob a plataforma lançam-na por uma rampa e depois pelo fundo arenoso do mar.

O veículo chato e sua carga desaparecem ao longe. Após uma longa espera a estranha plataforma móvel volta à nave espacial sem a esfera dourada. A rampa desliza até o veículo, as portas se fecham, e a nave prepara-se para o lançamento. Logo depois a grande nave vai subindo pela água até quase chegar à superfície do mar esmeralda.

Depois se transforma, acrescenta asas, flaps móveis e outros dispositivos de controle, e rompe a superfície da água, parecendo temporariamente um avião.

Sua subida ao céu azul iluminado pelos dois sóis é rápida e magnífica. A velocidade orbital é alcançada num abrir e fechar de olhos. Já na órbita acima da atmosfera, os aerofólios são recolhidos e a nave espacial faz sua viagem final em torno do planeta Cantor. Ao completar uma órbita inteira, a nave acelera rapidamente e entra de novo no frio e escuro espaço interestelar. A terceira entrega está feita; faltam nove a serem feitas nessa missão de 60 miliciclos.

Três miliciclos se passam. O próximo planeta fica a apenas seis sistemas de distância, outro planeta oceânico orbitando em torno de um único sol amarelo de estabilidade fora do comum. O quarto berço será depositado ali, no terceiro corpo a partir da estrela, um planeta cujo período de movimento em torno do seu sol central é tão curto que faz 14 revoluções em um miliciclo.

Antes de chegar ao destino, a nave espacial faz um desvio. mergulha fundo na atmosfera rica em hidrogênio do maior planeta do novo sistema, cumprindo assim dois objetivos. Sua velocidade em relação à estrela central é significativamente diminuída através da conversão de energia cinética em calor dissipado, e seu reservatório de matéria-prima e compostos químicos primitivos, dos quais o equipamento de produção de bordo fabrica todos os acessórios e peças sobressalentes, está parcialmente reabastecido. Depois de sair da atmosfera densa, o viajante interestelar cobre a distância final até seu destino em

seiscentos nanociclos.

Durante a abordagem, o programa automático do computador central passa por uma sequência bem testada, com a intenção de descobrir se alguma das condições no planeta de destino mudaram desde as últimas observações sistemáticas e completas realizadas três ciclos antes. Como o conteúdo de cada berço foi projetado individualmente, baseado na ambientação do planeta específico onde os zigotos devem crescer e se desenvolver, qualquer mudança importante nessa ambientação poderia reduzir drasticamente a probabilidade de sobrevivência das espécies repatriadas. Sob o comando do computador, uma bateria de sensores remotos avançados é enviada para confirmar as especificações do projeto original para o planeta.

Mas os instrumentos não confirmam as suposições do projeto original. O ambiente mudou. Não marcadamente, não como se tivesse sido retrabalhado em escala maciça por uma inteligência avançada para alguma finalidade específica. Os dados iniciais sugerem fortemente, ao contrário, que durante o último ou os dois últimos ciclos alguma inteligência superior surgiu causando um impacto raro na superfície do planeta e na sua atmosfera

Enquanto os sensores continuam sua inspeção do planeta de destino, uma coisa ainda mais estranha é descoberta. Há satélites artificiais, milhares deles, na órbita em volta do planeta. Uma espécie que viaja pelo espaço faz agora desse planeta sua casa. Um alarme soa no computador central da nave espacial. Os zigotos e o sistema do berço destinados a esse planeta não foram projetados para lidarem com nenhuma outra espécie avançada.

Contudo, os brilhantes engenheiros da Colônia tinham previsto que pelo menos um dos doze planetas de destino poderia ter mudado significativamente durante os três ciclos que se sucederam às últimas observações regulares. Um protocolo de contingência para lidar com situações novas foi programado para a sequência de abordagem.

Essencialmente, este protocolo pede uma análise cuidadosa das novas condições do planeta, avaliação do impacto dessas condições baseada nos parâmetros fundamentais de sobrevivência, e depois, pressupondo que a avaliação do impacto seja satisfatória, transferência, quando possível, de novas informações para a infra-estrutura eletrônica responsável pela educação das espécies repatriadas após a entrega do berço.

Uma das sub-rotinas especiais do protocolo de contingência lida com a emergência surpresa de uma nova espécie que viaja no espaço. A primeira ação da sequência é o exame de um dos satélites em órbita para avaliar sua tecnologia sofisticada. Com grande cuidado a nave espacial interestelar diminui a velocidade para abordar um dos satélites artificiais que geralmente permanecem imóveis acima de uma única região do planeta giratório abaixo. Usando algoritmos supervelozes armazenados no computador de comunicações, a nave procura e estabelece o comando e as frequências de telemetria de seu vizinho. Mas as tentativas para comandar realmente o satélite falham, sugerindo um complicado código de proteção dentro dos receptores e/ou um complexo procedimento de comando.

Sem poder comandar o satélite, e portanto avaliar sua capacidade, a nave visitante não pode concluir qual o estágio tecnológico da nova espécie viajante. O protocolo de contingência pede, nesta situação, que se tente “capturar” o satélite para que ele atue nesta análise, desde que os dispositivos a bordo do satélite não ofereçam perigo.

Esta ramificação particular na lógica do programa da nave espacial foi assunto de intenso debate por parte do Comitê de Engenheiros durante o processo de planejamento vários ciclos antes. Muitos dos engenheiros mais experientes acharam que era muito arriscado incluir uma lógica assim básica mente devido à possibilidade de uma cultura paranoide emergente poder armar seus satélites com dispositivos destrutivos dificilmente reconhecíveis e desarmáveis.

No entanto argumentou-se, com base em evidências históricas de toda a galáxia, que como a maioria das civilizações incipientes abolem os armamentos e a agressão antes de se tomarem viajantes do espaço, a ausência de um dispositivo de destruição ou proteção claramente identificável era mais uma evidência para permitir a captura cuidadosa e o desmantelamento de um satélite. E todos concordaram que as informações detalhadas sobre o status tecnológico de novas espécies que resultariam de tal “engenharia inversa” seriam extremamente valiosas para que se completasse a avaliação do risco às espécies repatriadas.

Grandes braços manipuladores estendem-se da nave espacial, apanham o satélite de inspeção e colocam-no numa grande sala com teto abobadado. Um exército de pequenos robôs eletrônicos ataca-o imediatamente, cobrindo toda a sua superfície com sondas e artefatos. Trilhões de bites de dados sobre o satélite são

armazenados no principal banco de dados do computador da nave. Os novos viajantes não são muito avançados tecnicamente. De fato, o algoritmo do computador conclui ser surpreendente eles não terem nem mesmo aperfeiçoado o lançamento e a manutenção de tantos satélites.

Há uma explosão na sala. Uma assombrosa sequência de acontecimentos se sucede logo após a explosão, enquanto a nave espacial aciona seus dispositivos de proteção para deter a expansão da bola de fogo e atenuar o dano causado pelo pequeno dispositivo nuclear que vaporizou o satélite hospedeiro. A explosão é rapidamente contida por técnicas desconhecidas, mas só depois de uma considerável destruição a bordo da nave interestelar.

Um elaborado autoteste ocupa a grande nave após a explosão. Uma análise computadorizada detalhada sobre os danos indica que a probabilidade de uma entrega bem-sucedida dos berços nos oito outros planetas seria muitíssimo maior se a missão fosse temporariamente interrompida para que fossem feitos alguns reparos. É imprescindível um porto seguro para que se processem os reparos, num ambiente conhecido com muito poucas variações. O computador principal decide, baseado nas restrições do sistema e subsistema que devem ser aplicadas durante os reparos, que o fundo raso do mar nesse planeta de destino é um lugar perfeito para tal hiato nos planos da missão.

A espaçonave desce para a atmosfera, reconfigurando-se novamente para expor um conjunto de aerofólios. Durante a rápida descida, a rota do vôo é atravessada por um veículo em forma de bala que acabou de ser lançado de um avião em grande altitude. A nave se aproxima e depois voa ao lado do míssil. A telemetria do míssil é interceptada pela nave e corresponde aos tipos de dados extraídos do satélite anteriormente.

O computador da nave usa sua enorme capacidade de processamento e trans-correlação de algoritmos para tentar decifrar o código de comando do minúsculo míssil. Finalmente consegue, e o visitante pode interagir com o projétil guiado.

A nave dá um comando para o míssil ler suas sub-rotinas de direção. Efetuando quadrilhões de cálculos por segundo, o inteligente computador do núcleo da nave interestelar deduz a estratégia do míssil. Uma imagem do alvo indicando o mar, perto do local escolhido para o veículo espacial, é comandada no algoritmo de direção do míssil. A nave espacial e o míssil mergulham juntos no golfo do México.

Os dois veículos pousam a cerca de três quilômetros um do outro no fundo do mar.

Dentro do programa de proteção contra erros cuidadosamente codificado da grande nave espacial, que comandou a operação imediatamente após a explosão do satélite, quatro atividades distintas transcorrem paralelamente. Um dos processadores procura nos arquivos de dados associados a este planeta específico para determinar que possíveis espécies nativas poderiam ter chegado a tal estágio de evolução e conseguido viajar pelo espaço com tanta rapidez. Junto com esta primeira série de cálculos há uma avaliação do impacto dessa inteligência local avançada sobre a possível sobrevivência dos zigotos repatriados. Entre as perguntas dirigidas pela avaliação há uma sobre que providências ativas podem ser tomadas agora pela nave para aumentar a probabilidade de germinação e desenvolvimento dos embriões bem-sucedidos.

Um terceiro processador do computador central desenvolve uma análise cuidadosa e detalhada do estado da nave espacial, inclusive cuidadosas avaliações de técnicas de reparo e materiais necessários para consertar todos os componentes danificados.

A quarta grande sub-rotina paralela dirige o trabalho dos pequenos robôs achatados que entram no mar, primeiro para verificar se o míssil é inofensivo e pode ser levado para a nave com segurança, e segundo para catalogar toda a flora e fauna da vizinhança caso algum tipo de camuflagem se torne necessária.

Os tapetes levam o míssil para a nave espacial, para uma análise mais detalhada.

Esta análise não revela maiores segredos. As semelhanças de engenharia entre o míssil e o satélite artificial anterior são simplesmente catalogadas nos arquivos de dados. A avaliação dos danos da nave espacial conclui que há a bordo toda matéria-prima e ferramentas necessárias aos reparos, exceto a quantidade necessária de ouro e chumbo, ambos feitos com extrema demora e dificuldade pelo transmutador.

Se houver alguma forma de se encontrar mais ouro e chumbo, a espaçonave estará pronta para deixar o planeta em três dias locais; se tiver de produzir o ouro e o chumbo por si, inclusive lixiviar os elementos em quantidades mínimas do mar a volta, o trabalho de reparo poderá levar trinta dias.

Os outros dois processadores chegam a conclusões prováveis igualmente interessantes.

Com base principalmente nos dados coletados durante o planejamento das espécies em perigo sete ciclos antes, dois tipos de animais, um terrestre e um aquático, são identificados como os únicos candidatos possíveis para o surto evolutivo que deu origem a viajantes espaciais num tempo tão curto. Na realidade, segundo o computador, se os seres humanos terrestres sobreviveram ao seu nadir anterior (por volta da época em que alguns espécimes foram removidos pelas naves do zoológico da Colônia) e não foram extintos, tiveram muito mais chance de se tomarem viajantes espaciais, especialmente em vista dos resultados das experiências feitas neles no Complexo Zoológico. Mas se, na verdade, os descendentes dessas criaturas bípedes, eretas e agressivas se tomaram viajantes espaciais, adverte o computador, então as chances dos zigotos sobreviverem até a maturidade se tomam extremamente reduzidas.

A não ser que algumas mudanças significativas na configuração do berço possam ser realizadas no local, ou o desenvolvimento dos repatriados não chegue ao conhecimento dos seres humanos durante um miliciclo.

O que mais preocupa a espaçonave extraterrestre, do ponto de vista da missão como um todo, é a possibilidade de ser descoberta pelos habitantes inteligentes e potencialmente hostis do planeta de destino num tempo relativamente curto. Se descoberta e seriamente ameaçada, a nave poderia deixar o planeta rapidamente e procurar outro porto para realizar os reparos; no entanto, viajar pelo espaço naquele estado seria muito arriscado. Outra alternativa seria a espaçonave mandar seus próprios robôs às minas desse planeta para extrair chumbo e ouro, o que garantiria uma viagem segura até o próximo destino, onde os metais pesados são abundantes.

Em qualquer dos casos, a descoberta prematura por terráqueos hostis certamente condenaria o berço de zigotos que seria deixado na Terra, caso viessem a saber que o berço provinha de uma nave espacial extraterrestre. Assim, a primeira ação empreendida pela nave espacial é checar, deslocar e depois esconder o berço Terra longe do veículo. Os tapetes localizam um ponto isolado, a 600 ou 700 metros de distância no fundo do mar próximo daquela área, e as plataformas carregam o berço metálico dourado e o depositam debaixo da saliência de uma rocha.

A fim de reduzir a probabilidade de ser descoberta, a nave altera sua superfície externa para ter maior semelhança com o fundo do mar à volta. Após várias análises complexas, o computador central conclui que a maior probabilidade de sucesso para toda a missão é tentar recrutar baleias ou seres humanos para fornecerem a quantidade necessária de ouro e chumbo, assim como as novas informações a serem transmitidas ao berço. Assim, a nave espacial executa os reparos imediatos, coloca-se num tempo de espera para o lançamento e inicia a tarefa de comunicação com os terráqueos.

Os dados colhidos pelos exploradores do zoológico há sete ciclos (cerca de cem mil anos terrestres) sugerem que as baleias e os seres humanos, naquela época tinham aproximadamente o mesmo potencial de inteligência. A linguagem das baleias era mais rica e mais complexa naquela época dessa investigação. Os exploradores do zoológico estudaram-na brevemente e registraram no nos arquivos os seus princípios fundamentais. Baseada nesses dados antigos, enquanto procura desenvolver algum meio de comunicação com os humanos, a nave espacial também tenta fazer contato com as baleias. Por elas não terem sofrido mudanças substanciais neste intervalo, as tentativas são parcialmente bem-sucedidas, as baleias compreendem que estão sendo chamadas, mas ficam muito confusas com as mensagens e incapazes de elaborar uma resposta.

Dois pequenos cardumes de baleias, contudo, decifram a mensagem transmitida no mar pela nave extraterrestre e nadam até ela. |Os robôs da nave examinam as baleias atentamente, mostrando-lhes o míssil capturado para ver se o reconhecem e concluem que elas absolutamente não podem ser os viajantes do espaço. Portanto são os seres humanos que deram um grane passo evolutivo que devem ser contatados e de certa forma induzidos a fornecer o chumbo e o ouro e as informações necessárias.

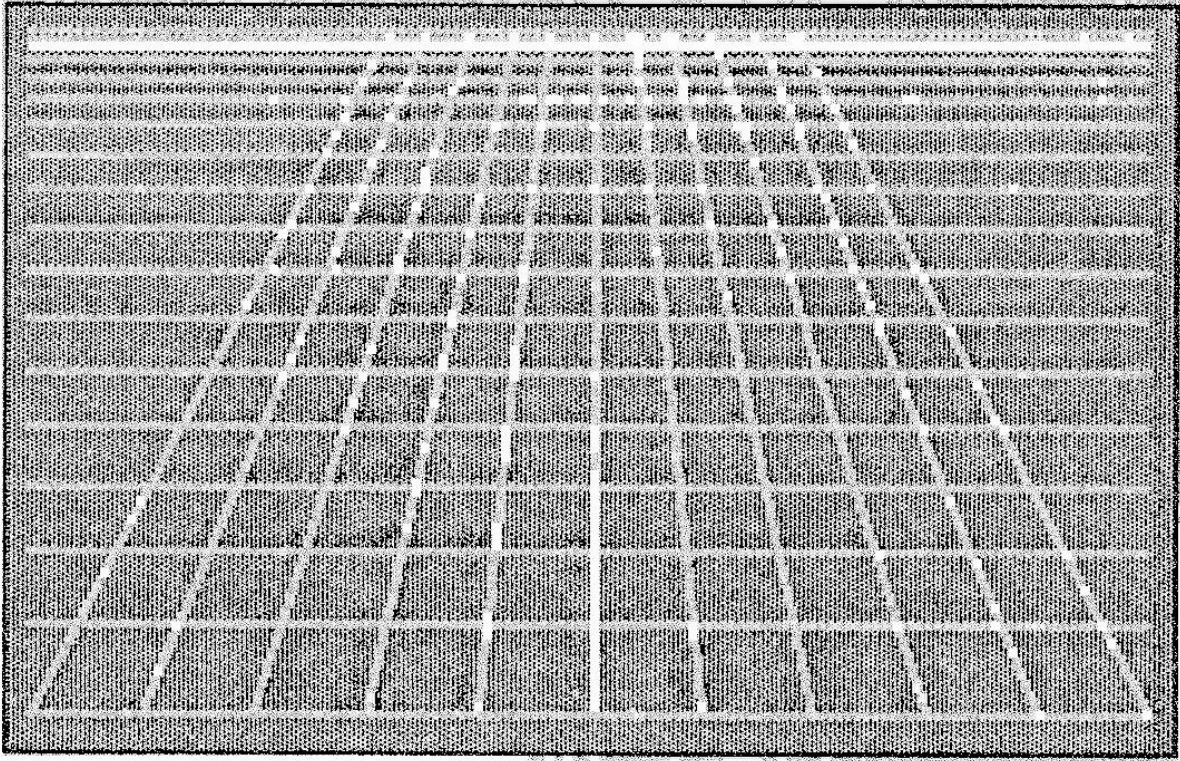
Antes da nave alienígena determinar o método a ser usado para contatar a humanidade, o acaso lhe oferece uma excelente oportunidade. Durante as últimas interações com as baleias, três seres humanos estão nadando pela vizinhança. Por uma incrível sorte, estes três encontram o berço colocado ali e levam-no para terra. Como medida de precaução, o computador da nave comanda mudanças temporárias dentro do berço para assegurar sua proteção e proporcionar mais monitorização do status com maior frequência. Mas ainda não há muito com que se preocupar. Os humanos não associam o berço à nave espacial. Além disso, com os zigotos nos estágios primários de desenvolvimento,

o berço tem uma estrutura extremamente resistente. Ter o berço nas mãos dos humanos nesta fase pode também ser visto como vantagem pelos extraterrestres; os receptores do berço podem ser comandados para ouvirem as conversas e então telemetrarem para a nave-mãe as informações que permitirão que ela aprenda os rudimentos da linguagem humana.

Os processos lógicos dos computadores extraterrestres são utilizados ao máximo para formular um meio de contatarmos os seres humanos a fim de pedir ajuda sem criar risco desnecessário tanto para o berço quanto para o resto da missão. Os computadores estão prestes a decidir pela retirada de ouro e chumbo das minas quando percebem, através de sua parcial compreensão da língua humana, que os três humanos que encontraram o berço talvez voltem àquela área. Todos os processadores da nave espacial se mobilizam para criar uma ambientação que induza os humanos a ajudarem-nos. O interior da nave é totalmente reconfigurado para a chegada dos humanos.

Pois se esse plano for bem-sucedido, há uma grande probabilidade de que a nave possa continuar sua missão, tendo depositado vitoriosamente os milhões de zigotos repatriados, mas sem ter interrompido o fluxo básico da vida na Terra. Essa era a meta inicial da missão.

DOMINGO



1

Já passava das duas da madrugada quando o Florida Queen saiu da marina em direção ao golfo do México. Carol e Troy ficaram juntos no tombadilho enquanto Nick manobrava o barco pela enseada.

-Então, menina -disse Troy -foi uma aventura inacreditável, não foi? E admito que eu também estou um pouco nervoso de pensar no que vamos encontrar no local de mergulho desta vez.

-Pensei que você sabia o que ia acontecer, Troy -replicou Carol, apontando a pulseira. -Eles não dizem tudo a você?

-Eles me dizem muita coisa, e estou conseguindo entender melhor as mensagens que me mandam. Mas como vou saber se estão dizendo a verdade?

-Já tivemos este mesmo problema com você algumas vezes -interrompeu Nick da cabine. O barco estava quase em mar aberto. As luzes de Key West iam ficando para trás. -Em última análise, especialmente quando nada faz sentido, é uma questão de confiança. Se eu me perguntasse logicamente por que estou indo para o golfo do México no meio da noite levando ouro, chumbo e informações a uns tantos extraterrestres que pararam aqui na Terra para fazer uns consertos...

Carol riu e interrompeu.

-Mas não há nenhuma lógica em toda essa série de acontecimentos. Troy já disse isso. Não estamos agindo com lógica. E também não penso que seja tanto uma questão de confiança. -Fez uma pausa e olhou para as estrelas. -É mais uma questão de fé.

Troy pôs o braço em volta de Carol e sorriu.

-Concordo com você, menina. Afinal de contas, nos não sabemos porra nenhuma. só eles sabem.

Carol bocejou. Fez-se silêncio no barco. Todos estavam muito cansados. Depois de os seguranças terem cercado Homer e Greta no Miyako Gardens, a polícia teve de ser chamada, naturalmente. Os policiais chegaram dez minutos depois, mas parecia que as perguntas que tinham a fazer não iam terminar nunca. Carol, Nick e Troy tiveram que dar um depoimento por escrito, cada um em separado. Homer e Greta não admitiram nada, apesar de os seguranças terem encontrado duas armas com eles e fragmentos de balas dentro do carro de Troy que correspondiam às armas. Homer telefonara para seu advogado e estava esperando sair sob fiança dentro de seis horas.

Quando os três finalmente chegaram na marina (andaram do hotel até lá, pois a polícia exigiu que o carro de Troy ficasse como prova) carregando as mochilas, Troy lembrou-se de que ainda não tinha ligado o novo sistema de navegação. Talvez por estar cansado ou por seus amigos terem ficado observando-o parte do tempo por cima do seu ombro, deixando-o nervoso, a verdade é que levou um bom tempo instalando e verificando o novo processador de navegação.

Nesse meio tempo, Carol e Nick haviam checado se os equipamentos de mergulho a bordo estavam completos. As roupas de mergulho que os homens tinham usado naquela noite ainda estavam com a Marinha americana. Nick lembrou-se que colocara equipamentos extras no barco para o grande grupo de Tampa que tinha alugado o barco para o fim de semana. Estava certo, mas um dos sistemas do regulador não funcionou bem durante a inspeção e teve de ser trocado por um sobressalente.

Na caminhada do hotel para a marina, Nick, Carol e Troy tinham chegado à conclusão unânime de que os três iriam ao encontro submarino com os extraterrestres da nave espacial. Não havia outra solução plausível. O barco poderia ficar ancorado em segurança. E nenhum dos três podia pensar em perder o clímax daquela aventura.

Nick entrou as coordenadas marítimas do local de mergulho no processador de navegação e ligou o piloto automático. Viu Carol bocejar de novo e ficou contagiado. Ao abrir a boca para dar um longo e relaxante bocejo, percebeu como estava exausto.

Deu a volta na cabine e descobriu dois colchoes de ar numa pilha de suprimentos. começou a inflar um deles soprando por uma válvula na ponta.

Carol chegou perto quando o colchão estava quase inflado. A luz do alto da cabine dava ao seu rosto um brilho especial. Ela é bonita até quando está cansada, pensou Nick. Andou até onde estava o outro colchão, que Carol tinha pegado e começava a inflar. É muito habilidosa. Nunca conheci uma mulher que fosse tão boa em tantas coisas.

Nick encheu o colchão de ar e colocou-o no fundo do barco. Carol estava ficando cansada, e ele ajudou-a a acabar de encher. Pegou umas toalhas e usou-as como travesseiro.

-Nós todos temos de dormir um pouco -disse ele à guisa de explicação. -Senão estaremos mal quando formos mergulhar.

Carol fez que sim e voltou para o outro lado da cabine.

-Tudo bem com você se Nick e eu tirarmos uma soneca? -perguntou a Troy. Ele sorriu e assentiu. --Acorde um de nós ou os dois daqui a uma hora -continuou ela se quiser usar um dos colchões. -Virou-se para sair. -Ei, Troy – chamou, antes de afastar-se.

-O que é, menina? -respondeu ele.

-Você sabe de onde eles vêm? -Apontou para o céu. Não se viam muitas estrelas devido à luminosidade intensa da lua. Já tinha passado do seu zênite e estava descendo para oeste.

Troy olhou para o céu e pensou um instante.

-Não, menina -respondeu devagar. -Acho que tentaram me dizer, talvez até duas vezes, mas não consegui entender o que falavam. Só sei que eles vêm de outra estrela.

Troy foi até onde estava Carol e deu-lhe um beijo no rosto.

-Durma com os anjos -disse. -E talvez você própria possa perguntar a eles quando acordar.

De onde vocês vêm? pensava Carol. E por que aportaram aqui, neste lugar, nesta época? Cobriu os olhos para tapar o brilho do luar e concentrou sua atenção em

Sirius, a estrela mais brilhante do céu. Vocês têm uma casa lá, em alguma outra estrela? Com pais, mães e irmãos? Vocês têm amor, mares, montanhas e música? E desejos, solidão, medo da morte? Por razões que não conseguiu entender, ficou com os olhos cheios d'água. Parou de olhar para o céu e voltou para o colchão de ar. Nick já estava deitado num deles, de costas, com os olhos fechados. Carol deitou-se no colchão ao seu lado, esticou a mão e pegou a dele. Nick levou a mão dela aos lábios e beijou-a suavemente, deixando-a cair sobre seu peito.

O sonho de Nick foi confuso. Estava no saguão principal de uma imensa biblioteca, com vinte andares de livros e escadas em espiral subindo pelas prateleiras.

-Mas você não compreende -disse ao funcionário, de pé por trás do balcão. -Eu preciso ler todos estes livros nesse final de semana, caso contrário não estarei preparado para o teste na segunda-feira.

-Sinto muito -respondeu o tímido funcionário, depois de procurar a lista de Nick pela segunda vez. -Mas no momento todos esses livros estão emprestados.

Nick começou a entrar em pânico. Olhou o altíssimo teto e aqueles andares cheios de prateleiras de livros acima dele. Viu Carol Dawson no terceiro andar, encostada no gradil, lendo um livro. Seu pânico diminuiu. Ela deve conhecer o assunto, pensou consigo mesmo no sonho. Foi até a escada e subiu correndo os três andares.

Estava sem respiração quando encontrou Carol. Ela lia um dos livros que ele tinha na lista.

-Oh, que ótimo -disse, arquejante -eu sabia, assim que vi você, que não teria mais de me preocupar.

Ela olhou-o intrigada. Sem mais nem menos, enfiou a mão. dentro das calças dele e segurou seu pênis. Ele teve reação imediata e inclinou-se para beijá-la, mas ela sacudiu a cabeça e deu um passo atrás. Ele perseguiu-a, imprensando-a contra o gradil. Ela reagiu, mas ele apertou-a contra si e conseguiu beijá-la. O gradil cedeu e eles foram caindo, caindo. Acordou antes de chegarem ao chão da biblioteca.

Nick estremeceu ao acordar. Carol o observava atentamente. Estava deitada,

apoiada nos cotovelos.

-Você esta bem? -perguntou, assim que ele abriu os olhos.

Nick levou alguns segundos para se adaptar depois daquele sonho tão real. Seu coração ainda batia descompassado.

-Acho que sim -disse. Carol continuava a olhá-lo. -Por que está me olhando assim? -perguntou ele.

-Bom -começou ela -eu acordei porque você estava falando. Até pensei que tinha ouvido meu nome umas duas vezes. Talvez tenha imaginado isso. Se não se importa com a pergunta, você costuma falar quando esta dormindo?

-Não sei -respondeu Nick, dando uma risadinha. -Ninguém nunca me disse isso.

-Nem Monique? -perguntou Carol, sem deixar de olhar para Nick. Sabia que ele estava tentando pensar numa resposta para a pergunta. Você está pressionando de novo, disse uma voz dentro dela. Deixe o homem fazer as coisas no seu próprio ritmo.

Nick olhou para o lado.

-Nós não dormimos juntos tantas vezes assim – disse suavemente. Houve uma longa pausa. -Além do mais -continuou, virando-se para Carol -isso aconteceu há vinte anos. Eu era muito jovem e ela era casada com outro homem.

Enquanto eles dormiam Troy tinha apagado as luzes do alto da cabine. A única iluminação no rosto deles era o reflexo da lua. Continuaram a se olhar em silêncio. Nick não tinha falado muito a Carol sobre Monique, mas muito mais do que a qualquer outra pessoa, inclusive seus pais. Carol sabia como ele tinha se esforçado para responder sua pergunta com honestidade. Deitou-se de costas de novo e estendeu a mão para Nick.

-Então aqui estamos, sr. Williams. Dois viajantes solitários no mar da vida. Os dois com mais de trinta anos. Muitos dos nossos amigos e colegas já se estabeleceram numa casinha de subúrbio com dois filhos e um cachorro. Por que nós não? O que temos de diferente dos outros?

A lua acelerava sua descida em arco pelo céu acima deles. Quanto mais baixa, mais estrelas podiam ser vistas no horizonte oposto. Nick pensou ter visto uma estrela cadente. Eu não teria como esconder meus sentimentos. Deixava de lado agora a conversa, imaginando o momento em que iria começar a se envolver com Carol. Ela não permitiria isso. Pelo menos eu não teria nenhuma dúvida quanto à posição dela.

-Quando estive na casa de Amanda Winchester na sexta-feira de manhã - respondeu finalmente Nick -ela me falou que eu procuro uma mulher imaginária, uma pessoa absolutamente perfeita. E que os meros mortais sempre são subestimados por mim. -Levantou a cabeça e olhou para Carol. -Mas eu acho que é outra coisa. Acho que talvez eu não esteja disposto a me comprometer por medo de rejeição.

Será que eu disse isso mesmo? pensou Nick, chocado consigo próprio. No mesmo instante achou que nunca deveria ter externado tal opinião. Suas defesas começaram a se armar e ele retesou-se para ouvir uma resposta insensível ou frívola.

Mas isso não aconteceu. Carol, ao contrário, ficou quieta e pensativa. Depois falou.

-Minha defesa é diferente da sua -disse. -Assim eu nunca me machuco. Escolho homens a quem admiro e respeito, companheiros intelectuais, se quiser, mas por quem não tenho nenhuma paixão. Quando encontro alguém que faz meu coração disparar, corro em outra direção.

Porque tenho medo, pensou ela. Medo de amá-lo tanto quanto amei meu pai. E eu não conseguiria sobreviver se fosse abandonada de novo.

Sentiu a mão de Nick no seu rosto acariciando-a com ternura. Ergueu-se, pegou na mão dele e apertou-a. Ele recostou-se para poder vê-la melhor, e ela percebeu que ele queria beijá-la. Apertou sua mão de novo, e ele, lentamente, pousou os lábios nos dela. Foi um beijo terno e adorável, sem pressão ou paixão declarada, apenas um gesto que tanto poderia ser o início de um caso amoroso quanto um único beijo trocado entre duas pessoas cujos caminhos tinham se cruzado por acaso. Carol sentiu o coração disparar.

2

Winters ficou no deck sozinho, fumando tranquilamente. Não era um barco grande, tinha sido anteriormente uma traineira, mas andava depressa. Eles só tinham saído do cais às quatro da manhã e estavam quase alcançando os fugitivos. O comandante esfregou os olhos e bocejou. Estava cansado. Soprou a fumaça e viu que do lado leste do horizonte já se percebia o início da alvorada. Para o oeste, na direção da lua, achou que tinha visto uma luz mortiça de outro barco.

Esses jovens devem estar malucos, pensou consigo mesmo, ao refletir sobre os acontecimentos daquela noite. Por que será que foram embora? Será que empurraram Todd escada abaixo sem que ele percebesse? Teria sido muito mais fácil se tivessem ficado lá até nos voltarmos.

Lembrou-se do olhar do tenente Ramirez quando interrompeu o telefonema dele com sua esposa Betty.

-Desculpe, comandante -tinha dito Ramirez, arquejante. -O senhor precisa vir imediatamente. O tenente Todd está ferido e nossos prisioneiros fugiram.

Dissera à esposa que não tinha ideia de quando voltaria para casa e fora com Ramirez até o prédio da administração, ao lado. No caminho começou a pensar em Tiffani, na dificuldade que tivera para explicar àquela menina de 17 anos que não podia jogar tudo para o alto e encontrá-la na festa.

-Mas você pode trabalhar qualquer dia ou noite, Vernon -dissera ela. -Essa é nossa única oportunidade de estarmos juntos. -Ela já tinha tomado muito champanhe.

Depois, quando Winters lhe disse claramente que estava quase certo de não poder ir à festa, e que provavelmente pediria a Melvin e Marc para levá-la em casa, Tiffani ficou frustrada e zangada e parou de chamá-lo de Vernon. -Tudo bem, comandante -dissera ela – acho que vejo você no teatro na terça-feira à

noite então.

Ela desligou o telefone e Winters sentiu o coração aos pedaços. Porra, pensou por um instante, estraguei tudo. Imaginou-se pulando para dentro do carro, esquecendo-se de Todd e Ramirez e o míssil Panther e indo até a festa para segurar Tiffani nos braços. Mas não fez isso. Apesar do incrível desejo, não foi capaz de afastar-se do dever. Se for para acontecer, pensou como consolo, essas chamas de paixão irão se reavivar. Mas mesmo com sua limitada experiência romântica, sabia que não era assim.

O momento é tudo num caso amoroso. Se o momento se perde, especialmente quando o ritmo da paixão está caminhando para um clímax, nunca é reconquistado.

Ramirez já tinha chamado o médico da base, e ele chegou no prédio anexo logo depois dos dois oficiais. Enquanto esperavam, Ramirez insistiu que devia ter havido jogo sujo, que Todd não poderia ter caído com tanta força a não ser que alguém o tivesse empurrado ou jogado pelos degraus de concreto. O tenente ficou inquieto durante o exame médico.

-Ele teve uma concussão grave -disse o médico depois de ter examinado os olhos de Todd. -Provavelmente vai melhorar, mas terá uma dor de cabeça atroz pela manhã. Nesse meio tempo vamos levá-lo para a enfermaria e suturar o corte na cabeça.

Para Winters aquilo não fazia sentido. Enquanto esperava pacientemente na sala ao lado para que os médicos e as enfermeiras terminassem a sutura na cabeça do tenente, tentou imaginar qual o motivo que Nick, Carol e Troy teriam para atacar Todd e depois fugirem. A repórter Dawson é inteligente e famosa. Por que iria fazer isso? Pensou que talvez os três estivessem envolvidos em alguma transação com drogas. Isso pela menos explicaria todo aquele ouro. Mas Todd e Ramirez não encontraram nenhuma indicação de drogas. Então, droga, o que estará acontecendo?

O tenente Todd ficou acordado durante todo o atendimento na sala de emergência, tendo tomado apenas anestesia local para reduzir a dor. Mas não estava muito lúcido quando respondeu às mais simples perguntas do médico.

-Isto as vezes acontece numa concussão -disse o médico da Marinha a Winters.

Talvez ele não diga coisas com muita logica nos próximos dois dias.

No entanto, por volta de duas da madrugada, logo depois de a cabeça de Todd ter sido raspada, suturada e coberta com atadura, o comandante Winters e o tenente Ramirez decidiram fazer-lhe perguntas sobre o que tinha acontecido. O comandante não pode aceitar a resposta de Todd, embora o tenente repetisse tudo duas vezes palavra por palavra. Todd insistia que uma cenoura de quase dois metros de altura, com fendas verticais na cara, tinha se escondido no banheiro e pulado em cima dele enquanto fazia pipi. Ele tinha escapado da primeira investida, mas a cenoura gigante o tinha seguido pela sala principal do anexo.

-E como foi exatamente que essa coisa...

-Cenoura -interrompeu Todd.

-E como essa cenoura atacou você? -continuou Winters. Meu Deus, pensou, este homem está pirado. Uma pancada na cabeça e ele enlouqueceu completamente.

-E difícil descrever com exatidão -respondeu o tenente Todd devagar. -Ela tinha quatro coisinhas penduradas nessas fendas verticais na cabeça. Todas elas tinham um ar ameaçador...

O médico entrou e interrompeu.

-Cavalheiros -disse, com aquele sorriso forçado de médico -meu paciente precisa de muito repouso. Certamente algumas dessas perguntas podem esperar até amanhã.

O comandante Winters estava estupefato. Ao ver o ordenança levar o tenente Todd da sala de emergência para a enfermaria, perguntou ao tenente Ramirez:

-O que pensa disso, tenente?

-Comandante, não tenho conhecimentos médicos...

-Eu sei disso, tenente. não quero sua opinião médica, quero saber o que o senhor pensa sobre a história da cenoura. -Droga, pensou Winters. Será que ele tem tão pouca imaginação que não consegue nem mesmo reagir à história de Todd?

-Comandante -respondeu Ramirez -a história da cenoura ultrapassa a minha experiência.

É o mínimo que se pode dizer. Winters sorriu para si mesmo e jogou o cigarro na água. Foi até a cabine de comando e checkou o aparelho de navegação. Estavam a apenas 11 quilômetros do barco que procuravam e se aproximando rapidamente. Puxou para trás o acelerador de mão e colocou o motor em ponto morto. Não queria chegar mais perto do Florida Queen até que Ramirez e os outros dois marinheiros acordassem e estivessem a postos.

Avaliou que ainda faltavam uns quarenta minutos para o sol nascer. Riu de novo sobre a pouca disposição de Ramirez de aventurar-se a comentar a história da cenoura de Todd. Mas o jovem latino é um bom oficial. Seu único erro foi seguir a cabeça de Todd. Lembrou-se de como Ramirez organizara depressa todos os detalhes daquela viagem, conseguindo transformar a traineira num veloz barco de alta tecnologia, convocando os dois marinheiros solteirões que trabalhavam com ele no setor de informações e estabelecendo uma ligação especial entre a base e o barco para que ficassem permanentemente a par da localização do Florida Queen.

-Precisamos segui-los. Realmente não temos outra escolha -dissera com firmeza o tenente Ramirez a Winters depois de verificarem que o barco de Nick tinha realmente saído da marina Hemingway logo depois das duas da manhã. -Senão não poderemos justificar a razão de termos ficado com eles sob custódia.

Winters concordara com relutância, e Ramirez organizara a perseguição. O comandante dissera-lhe para dormir um pouco enquanto formulava um plano. Que é simples.

Muito bem, vocês três, venham conosco e respondam às perguntas ou vamos autuá-los com base na lei de sedição de 1991. Agora, depois de pôr o barco em ponto morto, Winters já estava pronto para acordar Ramirez e os outros dois. Pretendia deter Nick, Carol e Troy assim que amanhecesse.

O vento mudou de direção e Winters resolveu verificar o tempo. Virou-se para a lua. O ar de repente ficou quente, muito quente, e ele lembrou-se de uma noite na costa da Líbia há oito anos. A pior noite da minha vida, pensou. Por alguns instantes vacilou ante a decisão de levar o plano adiante e perguntou-se se não

estaria a ponto de cometer outro erro.

Então ouviu o som de um clarim, e depois de mais ou menos quatro segundos outro som semelhante, porém mais baixo. Olhou à volta do plácido mar mas não viu nada. Então ouviu mais clarins e seu eco, ambos os sons vindos nitidamente do oeste.

Apertou os olhos na direção da lua, e viu o que lhe pareceu ser um grupo de serpentes dançando na água. Entrou na cabine de comando para pegar o binóculo.

Ao voltar para o tombadilho ouviu uma magnífica sinfonia. De onde vem esta música incrível? perguntou-se de início, antes de sucumbir completamente à sua beleza estarrecedora. Ficou estático, encostado no gradil, ouvindo atentamente. A música era rica, emocionante, cheia de desejos evocativos. Winters deixou-se levar, não só para o próprio passado onde suas memórias mais profundas estavam armazenadas, mas também para outro planeta, em outra era, onde serpentes orgulhosas e dignas, de pescoço azul, chamavam seus amados durante seu rito anual de acasalamento.

Estava enfeitiçado. Estava com os olhos cheios d'água quando levantou automaticamente o binóculo e focalizou as formas sinuosas e estranhas sob a lua. As imagens fantasmagóricas eram completamente transparentes, e a luz do luar as atravessava.

Ao observar os milhares de pescoços dançando acima da água, pulando para um lado e para o outro num ritmo. perfeito, e ao ouvir a música chegar ao último crescendo da sinfonia de acasalamento de Cantor, as lágrimas rolaram pelo seu rosto e ele jurou que o que via à sua frente, chamando-o com uma canção de saudade e desejo, era a imagem de Tiffani Thomas. Seu coração ficou aos pedaços com a combinação da música e a visão dela. Winters teve uma profunda sensação de perda jamais experimentada.

– Sim – disse a si mesmo, enquanto Tiffani continuava a lhe acenar à distância, estou indo. Desculpe, Tiffani querida. Vou vê-la amanhã Nós... Parou seu monólogo interior para enxugar os olhos. A música agora entrava no crescendo final, assinalando a verdadeira dança de acasalamento dos pares de serpentes cantorianas. Winters olhou pelo binóculo outra vez. A imagem de Tiffani desaparecera. Ajustou o visor e Joanna Carr entrou em foco, sorrindo

ligeiramente e desaparecendo também. Um instante depois a criança árabe da praia da Virginia apareceu dançando ao luar. Estava feliz e alegre, e também sumiu num segundo.

A música o envolvia. Um som forte, poderoso e pleno, expressando prazer não mais antecipado, mas agora sendo experimentado. Olhou pelo binóculo mais uma vez. A lua estava sumindo. Ao encostar na linha do horizonte, a imagem criada pelas serpentes dançando era deslumbrante. Viu claramente o rosto de sua mulher, Betty, e do seu filho, Hap. Sorriam para ele, com um amor profundo e duradouro. Ficaram ali no seu campo de visão até a lua sumir por completo no mar.

3

Carol tentava ajeitar sua aparelhagem de mergulho com dificuldade.

-Precisa de ajuda, menina? -perguntou Troy, chegando perto dela aos primeiros raios da alvorada. Já estava completamente pronto para o mergulho.

-Não uso uma coisa dessas desde minhas primeiras aulas de mergulho --disse, pouco à vontade com aquela aparelhagem antiquada.

Troy apertou o cinto na cintura dela.

-Está com medo, não está, menina? -perguntou, sem esperar a resposta. -Eu também. Meu ritmo. cardíaco dobrou.

Finalmente Carol ajeitou o equipamento.

-Sabe, Troy, até mesmo depois desses últimos três dias ainda estou fazendo força para acreditar que tudo isso está realmente acontecendo. Imagine escrever essa experiência para alguém ler. "Quando estávamos nos preparando para voltar a nave espacial alienígena..."

-Ei, vocês dois, venham cá -gritou Nick do outro lado da cabine. Carol e Troy foram até a proa do barco. Nick estava olhando o mar na direção do leste. Passou o binóculo para Carol. -Está vendo uma luz lá longe, à esquerda daquela ilha?

Carol mal conseguia ver a luz.

-Hum, hum -disse para Nick. -Mas e daí? não é normal que lá no mar haja outra embarcação?

-É claro -respondeu Nick. -Mas aquela luz não se move há quinze minutos. Está parada ali. Por que um barco pesqueiro, ou qualquer outro tipo de embarcação, estaria...

-Silêncio -interrompeu Troy, pondo os dedos nos lábios. -Ouçam -sussurrou -estou ouvindo música.

Seus companheiros ficaram em silêncio no deck. Por trás deles a lua desaparecia no mar. Acima das ondas suaves os três ouviram um tipo de clímax de uma sinfonia tocada por uma orquestra completa. Ficaram escutando durante trinta segundos. A música alcançou um pico, baixou ligeiramente e depois cessou de repente.

-Foi lindo -observou Carol.

-É estranho -disse Nick, aproximando-se dela. -Que diabo, de onde vira isso? Será alguém lá testando um novo sistema estereofônico? Meu Deus, se o som percorre 10 a 15 quilômetros, deve ser ensurdecedor de perto.

Troy estava um pouco afastado, concentrado em alguma coisa. De repente virou-se para os companheiros.

-Sei que isso parece loucura -disse para Nick e Carol -mas acho que a música era um sinal para mergulharmos.

-Ótimo -disse Carol. -Era disso que precisávamos para nos sentirmos seguros. Alguma espécie de aviso. Como se já não estivéssemos nervosos o bastante.

Nick envolveu-a com os braços.

-Ei, moça -disse -não dê para trás agora. Depois de todos aqueles comentários sobre uma experiência única na vida...

-É mesmo, vamos indo -disse Troy impaciente. Parecia ansioso e muito sério. Estou definitivamente recebendo uma mensagem para mergulharmos agora.

O tom solene de Troy mudou o ânimo do trio. Os três trabalharam juntos em silêncio amarrando as sacolas com boias contendo o ouro, o chumbo e os disquetes com as informações. O céu a leste clareava cada vez mais. Faltavam só uns quinze minutos para o sol nascer.

Enquanto trabalhavam, Carol notou que Nick parecia um tanto distraído. Logo

antes de saírem do barco foi para perto dele.

-Você esta bem? -disse com suavidade.

-Estou -respondeu ele. -Estou tentando descobrir se perdi completamente o juízo. Durante oito anos venho pensando o que faria se um dia viesse a ter minha quota completa daquele tesouro. Agora estou prestes a dar tudo isso para uns extraterrestres que só Deus sabe de onde vêm. -Olhou para ela. -Temos ouro suficiente para nos manter durante muito tempo.

-Eu sei -disse ela dando-lhe um abraço. -Admito que eu também pensei nisso. Mas na verdade, parte pertence a Amanda Winchester, parte a Jake Lewis, a maior parte ao imposto de renda... -Deu uma risadinha. -E é só dinheiro. Isso não é nada comparado ao fato de sermos os únicos seres humanos a ter contato direto com visitantes de outro planeta.

-Espero que você esteja certa -disse ele. -Espero não acordar amanhã sentindo que cometi um erro terrível. Todo este episódio tem sido tão bizarro que acho que minhas faculdades mentais não estão funcionando muito bem. Nem ao menos sabemos ao certo se esses extraterrestres são amistosos...

Carol colocou a máscara de mergulho.

-Nunca teremos todas as respostas -disse, dando-lhe a mão. -Vamos, Nick.

Troy foi o primeiro a entrar na água, seguido de Nick e Carol. Tinham combinado antes do mergulho que Carol levaria a lanterna e lideraria o grupo. Ela tinha mais mobilidade, pois os outros dois carregavam as sacolas. Tinham medo de terem dificuldade de encontrar a nave, e traçaram um plano elaborado de contingência para localizá-la. Não precisavam ter tido essa preocupação.

Dez metros abaixo do Florida Queen, praticamente no ponto exato em que a fissura tinha estado na quinta-feira, havia uma luz na água. Carol apontou para lá e os dois nadaram atrás dela. Ao chegarem mais perto viram que a luz vinha de uma área retangular de cerca de três metros de altura por seis de largura. Não conseguiam ver nada, a não ser uma espécie de tecido com uma luz suave por trás.

Carol hesitou. Troy passou por ela e entrou na área iluminada arrastando a

sacola.

Tudo desapareceu. Nick e Carol esperaram, Carol sentiu-se muito tensa. Calma agora, Dawson, pensou, É a sua vez. Você já esteve aqui antes. Respirou fundo e nadou para dentro do tecido. Sentiu uma espécie de plástico encostar no seu rosto e depois encontrou-se num túnel. Uma corrente rápida puxava-a para a direita. Desceu por um escorregador de água e caiu numa piscina rasa. Levantou-se, saiu da piscina e começou a tirar o equipamento de mergulho.

Troy estava de pé, a cerca de três metros da piscina. Ao lado dele um guarda já apanhara a sacola, abrira-a e separara agilmente as barras de ouro e de chumbo dos disquetes com as informações. Quando os olhos de Carol adaptaram-se à luz fraca à sua volta, viu que o guarda estava agora colocando o ouro numa pequena plataforma sobre rodas a cerca de 30 centímetros do chão. imediatamente após, o guarda colocou os disquetes de informações e os pesos de chumbo em duas outras plataformas.

Um tapete que estava encostado discretamente na parede a esquerda levantou-se, ativou as rodas debaixo das plataformas e dirigiu-as para um corredor próximo dali.

Carol tirou a máscara e terminou de livrar-se do equipamento de mergulho. Estava numa sala de tamanho médio, de certa forma semelhante as que ela e Troy tinham visto no início do último mergulho. As divisões curvas da parede eram pretas e brancas.

Havia uma pequena janela perto da piscina à sua esquerda dando para o mar. O teto era baixo e firme, a apenas uns 60 centímetros da sua cabeça, dando-lhe sensação de claustrofobia. Então aqui estou eu de novo, pensou. De volta ao País das maravilhas.

Desta vez vou tirar uma porção de fotos. Fotografou o tapete e as três plataformas até desaparecerem da sala. Depois mudou as lentes e tirou uns dez closes rápidos do guarda em pé ao lado de Troy. Tinha o mesmo corpo central em forma de ameba, como o que lhe aparecera no dia anterior, mas havia apenas cinco ramificações saindo da parte superior. Provavelmente tinha sido adaptado para essa tarefa específica de levar os objetos que acabavam de chegar.

Troy foi para perto dela.

-Onde esta Nick? -perguntou.

Meu Deus, pensou Carol ao virar e olhar para trás, para a piscina rasa. Quase me esqueci dele. Penitenciou-se por não tê-lo esperado. Afinal, ele ainda não esteve aqui embaixo...

Nick perdeu o controle no escorregador e caiu em cheio na piscina. A pesada sacola bateu com força bem acima dos rins. Levantou-se cambaleante, caiu de novo na água e finalmente ficou de pé outra vez. Com o equipamento de mergulho e o plástico fino da sacola amarrado no pulso, parecia ele o visitante espacial.

Carol e Troy riram ao ver Nick sair da piscina.

-Muito bem, professor -exclamou Troy, adiantando-se para dar-lhe a mão. -Um bom espetáculo. É uma pena não termos filmado sua entrada.

Nick desvencilhou-se do bocal. Estava sem ar.

-Obrigado por esperarem -gaguejou, olhando em volta. -Que lugar é esse?

Enquanto isso o guarda tinha se aproximado dele e já estava puxando a sacola com um dos seus apêndices.

-Espere um instante, seu monstrinho -disse Nick, perdendo o medo. -Deixe eu tirar meus pesos primeiro.

O guarda não parou. Um apêndice em forma de faca cortou a sacola abaixo da amarração no pulso de Nick. Depois pegou a sacola com o chumbo e o ouro e enfiou-a pela sua própria pele externa semipermeável. Podia-se ver a sacola ao lado das caixas retangulares de controle. O guarda virou-se e saiu apressadamente na mesma direção do tapete e das plataformas.

-De nada -Nick conseguiu dizer ao ver a estranha criatura desaparecer com o tesouro. Terminou de desvencilhar-se da roupa de mergulho e foi para perto de Troy Muito bem, Jefferson, você é o chefe aqui. O que vamos fazer agora?

-Bem, professor -respondeu -ao que me parece, nosso trabalho terminou. Se

vocês quiserem, podemos nos vestir de novo e pular por aquela janela lá. Estaríamos no barco em cinco minutos. Se entendi direito, esses camaradas extraterrestres estarão prontos para partir muito em breve.

-Quer dizer que é isso aí? Terminamos? -perguntou Carol. Troy fez que sim. Essa foi a experiência mais frustrante que tive desde a minha primeira relação sexual -comentou Carol.

Nick andava pela sala, caminhando na direção oposta à piscina e aos seus amigos.

-Para onde está indo? -perguntou Troy.

-Paguei muito caro para entrar aqui -replicou Nick. -Tenho pelo menos o direito de dar uma voltinha. -Carol e Troy seguiram-no. Atravessaram uma sala vazia, passando a uma saída entre duas divisões da parede do lado oposto. Entraram num corredor coberto, curto e escuro, podendo ver a luz do outro lado. Saíram em outra sala circular e muito maior, com o teto alto que Carol tanto apreciara quando da sua última visita.

Esta sala não estava vazia. No centro havia um cilindro translúcido gigantesco, fechado, com cerca de sete metros de altura e três de diâmetro. Vários canos cor de laranja e cabos roxos prendiam o cilindro a um grupo de máquinas embutidas na parede de trás. Dentro do cilindro havia um líquido verde-claro e oito objetos metálicos dourados boiando em alturas diferentes. Esses objetos tinham formatos diferentes.

Um parecia uma estrela-do-mar; outro, uma caixa; o terceiro, um chapéu-coco; a única coisa que tinham em comum era a superfície metálica dourada. Examinando o cilindro de perto, podia-se ver umas membranas finas no líquido. Essas superfícies efetivamente dividiam o volume interno e davam a cada um dos objetos de ouro seu sub-volume próprio.

-Tudo bem, gênio -disse Nick para Troy, depois de ficar olhando para o cilindro durante um minuto. -Explique qual é a utilidade disto. -Carol estava fotografando tudo. Estava quase acabando de utilizar as 128 chapas que podiam ser armazenadas num minidisco. Tinha fotografado o cilindro de todos os ângulos, inclusive closes de cada um dos objetos suspensos no líquido, e agora tirava fotos das máquinas da parede.

Parou para ouvir a resposta de Troy.

-Bem, professor... -começou Troy com a testa franzida, tentando concentrar-se. Pelo que consegui entender do que estão tentando me dizer, esta nave espacial está numa missão com destino a doze planetas espalhados nesta parte da galáxia. Em cada planeta os extraterrestres irão deixar uma dessas doze coisas de ouro que vocês estão vendo dentro do cilindro. Elas contém minúsculos embriões ou sementes que foram trabalhados geneticamente para sobreviverem em cada planeta específico.

Carol chegou perto deles.

-Então a nave vai de planeta em planeta largando esses pacotes com alguma espécie de semente?

-Isso mesmo, menina, só que há sementes de animais e de plantas dentro do pacotinho, além de robôs avançados que nutrem e educam as coisas em crescimento até elas alcançarem a maturidade. Então as criaturas poderio florescer por si próprias, sem ajuda.

-Tudo isso naquele pacotinho? -perguntou Nick. Olhou de novo os objetos fascinantes boiando no líquido do cilindro. Adorava a cor do ouro. De repente lembrou-se do tridente e imaginou milhares de embriões minúsculos sob a superfície externa dourada. Pensou como seria o crescimento daquele enxame no futuro. Era um tanto atemorizante criaturas trabalhadas geneticamente sobrevivendo no planeta Terra. E se elas não forem amistosas?

Seu coração se acelerou ao perceber o que o atormentava, parte subconscientemente, desde que começara a acreditar na história de Troy sobre os extraterrestres. Por que eles pararam na Terra em primeiro lugar? O que realmente querem de nós? Sua cabeça estava a mil. E se aquele tridente contiver seres destinados à Terra, extremamente avançados, pensou, então não importa se são amistosos. Nós seremos derrotados mais cedo ou mais tarde de qualquer jeito.

Carol e Troy conversavam em termos gerais sobre o modo como uma civilização avançada poderia usar sementes para colonizar outros planetas. Nick não prestava muita atenção. Não posso dizer a Troy e nem mesmo a Carol. Se as

extraterrestres souberem o que eu estou pensando vão me deter. É melhor eu fazer isso logo.

-Troy -ouviu Carol dizer quando começou a tirar mais fotos dos objetos do cilindro -é uma coincidência o tridente que encontramos na quinta-feira parecer tanto com um desses pacotes de sementes?

Nick não esperou a resposta de Troy.

-Desculpe -interrompeu em voz alta. -Esqueci uma coisa muito importante. Preciso voltar para o barco. Fiquem aqui e me esperem que eu volto logo.

Saiu às pressas da sala, passou pelo corredor e atravessou a sala de teto baixo com a janela dando para o mar. Ótimo, disse a si mesmo, nada vai me deter. Sem mesmo parar para colocar o equipamento de mergulho, respirou bem fundo e mergulhou pela janela. Teve medo de seus pulmões explodirem antes de chegar a superfície. Mas conseguiu. Subiu pela escadinha e entrou no barco.

Abriu imediatamente a gaveta debaixo das prateleiras dos equipamentos eletrônicos. Enfiou a mão e pegou o tridente. Podia sentir que a haste principal tinha engrossado consideravelmente. Estava com quase o dobro da grossura que tinha ao ser encontrado. Carol estava certa. Droga, por que não lhe dei ouvidos naquele dia? Tirou o objeto de dentro da gaveta o sol estava quase nascendo por trás dele. À luz percebeu que o tridente tinha mudado em vários sentidos. Estava mais pesado, os dentes na ponta do garfo estavam muito mais grossos e tinham crescido. Além disso, havia um buraco aberto dando para um interior macio e viscoso na ponta da maior das duas esferas.

Nick examinou-o cuidadosamente. De repente sentiu braços poderosos envolvendo seu peito e a parte superior do corpo, forçando-o a largar o tridente no chão do barco.

-Não se mexa -ouviu uma voz com um ligeiro sotaque dizer -e vire-se devagar. Não vamos lhe fazer mal se cooperar.

Nick virou-se. O comandante Winters e um marinheiro alto e gordo que nunca vira antes estavam na sua frente de calção de banho. O tenente Ramirez ainda o segurava por trás, mas foi aos poucos largando-o e ajoelhando-se para pegar o

tridente e entregá-lo a Winters.

-Obrigado, tenente -disse Winters. -Onde estão seus companheiros, Williams? perguntou a Nick. -Lá embaixo com meu míssil?

Nick não disse nada a princípio. Muita coisa estava acontecendo rápido demais. Estava com dificuldade de explicar a Winters a história da devolução do tridente à nave espacial. Assim que sentiu as mudanças na sua superfície externa, teve certeza de que aquele tridente era um dos pacotes de sementes.

Winters estudava o objeto.

-E o que significa esta coisa? -perguntou. -vocês tiraram muitas fotos disto. _

Nick estava fazendo uns cálculos. Se eu demorar muito aqui, Carol e Troy sem dúvida vão sair da nave. E os extraterrestres irão partir. Respirou fundo. Minha única chance é dizer a verdade.

-Comandante Winters -começou -por favor ouça com atenção o que vou dizer. Vai parecer fantástico, até mesmo despropositado, mas é a mais pura verdade. E se o senhor vier comigo, posso provar-lhe tudo. O destino da raça humana pode depender do que faremos nos próximos cinco minutos. -Fez uma pausa para organizar as ideias.

Por alguma razão Winters pensou na ridícula história da cenoura que Todd lhe contara.

Mas a seriedade que via no rosto de Nick persuadiu-o a continuar a prestar atenção.

-Continue, Williams -disse.

-Carol Dawson e Troy Jefferson estão agora a bordo de uma nave espacial extraterrestre superavançada, pousada exatamente debaixo deste barco. O veículo alienígena está viajando de planeta em planeta para depositar pacotes de seres embrionários geneticamente preparados para sobreviverem num planeta específico. Essa coisa dourada na sua mão é, num certo sentido, um berço para criaturas que poderão mais tarde florescer na Terra. Eu preciso devolver isso aos extraterrestres antes que eles partam, senão nossos descendentes talvez não

sobrevivam.

O comandante Winters olhou para Nick como se ele tivesse perdido o juízo, e começou a dizer alguma coisa.

-Não -interrompeu Nick. -Ouça. A nave espacial também parou aqui porque precisava fazer uns consertos. Numa certa hora nós achamos que tínhamos encontrado seu míssil. Também foi por isso que nos envolvemos nessa história. Nos não sabíamos sobre as criaturas do berço, por isso estávamos tentando ajudá-los. Uma das coisas que os extraterrestres precisavam para os consertos era ouro. Eles só tinham três dias...

-Deus do céu! -gritou Winters para Nick. -Você realmente espera que eu acredite nessa asneira? Essa é a história mais imbecil e mentirosa que já ouvi em toda a minha vida. Você está louco. Berços, extraterrestres que precisam de ouro para consertos... Suponho que vai dizer agora que eles têm quase dois metros de altura e se parecem com uma cenoura.

-E tem quatro fendas verticais na cara? -acrescentou Nick.

Winters deu uma olhada em volta.

-Você contou a ele? --perguntou ao tenente Ramirez.

-Não -continuou Nick abruptamente, enquanto o comandante parecia completamente confuso. -A cenoura não era um extraterrestre, pelo menos não daqueles que construíram a nave. A cenoura era uma projeção holográfica...

O perplexo comandante Winters sacudiu as mãos.

-Não vou ouvir mais nenhuma dessas bobagens, Williams. Pelo menos não aqui. O que quero saber é o que você e seus amigos sabem sobre a localização do míssil. Agora você virá conosco até o nosso barco de livre e espontânea vontade ou teremos de amarrá-lo?

Naquele momento, dois metros acima deles, uma criatura semelhante a uma aranha preta com dez patas, cujo corpo media aproximadamente dez centímetros de diâmetro, entrou sem ser percebida na cabine. Estendeu três antenas na direção deles e pulou para o lado, bem na nuca do tenente Ramirez.

-Aiii -gritou o tenente, caído de joelhos por trás de Nick e pegando a coisa preta que tentava dar uma dentada no seu pescoço. Durante um segundo ninguém se moveu. Então Nick pegou um alicate sobre o balcão e acertou a coisa uma, duas e três vezes para que ela largasse o pescoço de Ramirez.

Os quatro homens ficaram olhando-a cair no chão, voar para o berço que o comandante Winters pusera no chão para poder ajudar Ramirez, encolher-se até chegar a um décimo do seu tamanho e desaparecer dentro do berço pela abertura viscosa no alto da esfera. Em poucos segundos a abertura viscosa endureceu e todas as superfícies externas do berço ficaram rígidas de novo.

Winters estava pasmo. Ramirez fez o sinal-da-cruz. Os marinheiros davam impressão que iam desmaiar.

-Eu juro ao senhor que minha história é verdadeira, comandante -disse Nick com calma. -O senhor precisa descer comigo e ver com seus próprios olhos. Eu deixei meu equipamento de mergulho lá para poder vir rápido aqui e resgatar essa coisa. Podemos descer juntos com meu último tanque disponível e dividir o suprimento de ar.

A cabeça de Winters girava. A aranha de dez patas foi a gota d'água. Sentiu que estava à beira do desconhecido. Nunca vi ou ouvi falar nada parecido com isso, pensou. E há apenas meia tive alucinações fantásticas com acompanhamento musical. Talvez seja eu quem esteja perdendo o senso de realidade. O tenente Ramirez continuava de joelhos e parecia estar rezando. Ou talvez isso seja finalmente um sinal de Deus.

-Tudo bem, Williams -disse o comandante, surpreso de ouvir suas próprias palavras.

-Eu vou com você. Mas meus homens vão esperar aqui no barco até voltarmos.

Nick apanhou o tridente e deu a volta na cabine para preparar o equipamento de mergulho.

Carol e Troy levaram alguns segundos para reagir a repentina partida de Nick

-Que estranho -disse Carol finalmente. -O que você supõe que ele tenha esquecido?

-Não tenho ideia -disse Troy dando de ombros. -Mas espero que volte logo. Acho que eles não vão levar muito tempo para partir. E tenho certeza de que eles vão nos expulsar antes disso.

Carol pensou um instante e depois virou-se para olhar o cilindro.

-Sabe, Troy, essas coisas douradas são exatamente como o tridente que está lá no barco. Você disse...

-Não respondi isso antes -interrompeu Troy. -Mas você tem razão, é do mesmo material. Só percebi isso quando descemos aqui hoje; o que apanhamos naquele primeiro mergulho foi o pacote de sementes para a Terra. Eles talvez tenham tentado me dizer antes, mas eu não entendi.

Carol estava fascinada. Andou mais para perto e pôs o rosto junto da parede do cilindro.

Parecia mais vidro do que plástico.

-Então talvez eu estivesse certa quando achei que a coisa estava mais pesada e mais grossa... -disse, mais para si própria do que para Troy. -E dentro daquele tridente estão as sementes para plantas e animais melhores? -Troy fez que sim.

Começou uma certa movimentação no cilindro. As membranas finas que separavam os sub volumes estavam desenvolvendo o que pareciam ser arames direcionados que se enrolavam em torno dos objetos dourados. Carol recarregou a máquina fotográfica com um novo disco e correu em torno do cilindro, parando na melhor posição para fotografar o processo. Troy olhou para sua pulseira.

-Não há duvida, menina. Esses ETs estão definitivamente. se preparando para partir. Talvez seja melhor irmos andando.

-Vamos esperar o mais que pudermos -gritou Carol do outro lado da sala. -Estas fotos terão um valor inestimável. -Ambos podiam agora ouvir ruídos estranhos por trás das paredes. Os ruídos não eram altos mas eram estonteantes, pois

tinham um tom excêntrico e totalmente desconhecido. Troy ficou dando passadas nervosas ouvindo aquela escala de sons. Carol chegou perto dele.

-Além disso -disse -Nick pediu para esperarmos por ele.

-Tudo bem -respondeu Troy -desde que eles também esperem. -Parecia extremamente nervoso. -não quero estar a bordo quando esses caras deixarem a Terra.

-Ei, sr. Jefferson -disse Carol -você é quem devia estar calmo. Relaxe. você mesmo disse que achava que eles nos expulsariam antes de partir. -Fez uma pausa e ficou examinando Troy. -O que você sabe que eu não sei?

Troy afastou-se dela e caminhou em direção à saída. Carol correu atrás e segurou-o pelo braço.

-O que é, Troy? -perguntou. -Alguma coisa errada?

-Escute, menina -replicou ele sem olhá-la diretamente -eu só percebi isso há um minuto atrás. E ainda não estou certo do que isso significa. Só espero não ter cometido um terrível...

-Do que está falando? -interrompeu ela. -Você não está dizendo coisa com coisa.

-O pacote da Terra -explodiu ele. -Tem sementes humanas dentro também. Junto com árvores, insetos, plantas e pássaros.

Carol ficou olhando para ele, tentando compreender o que o preocupava tanto.

-Quando eles vieram aqui há muito tempo -disse, com o rosto crispado de preocupação -levaram exemplares de várias espécies para seu mundo. Lá foram aprimorados geneticamente e preparados para uma eventual volta à Terra. Alguns desses exemplares eram seres humanos.

O coração de Carol acelerou-se ao perceber o que Troy tentava lhe dizer. Então é isso, disse para si própria. Há super-humanos dentro daquele pacote que encontramos.

Não só flores melhores e insetos melhores, mas pessoas melhores também.

Mas ao contrário de Troy, a reação imediata dela não foi medo. Ficou tomada de curiosidade.

-Eu posso vê-los? -perguntou excitada. Troy não compreendeu. -Os super-humanos, ou sei lá como quer chamá-los... -continuou -eu posso vê-los?

Troy sacudiu a cabeça.

-Eles são zigotos minúsculos, menina. Mais de um bilhão deles caberiam na sua mão. você não conseguiria ver nada.

Carol não foi dissuadida.

-Mas esses caras têm uma capacidade tecnológica espantosa. Talvez possam... Parou. -Espere um instante, Troy. Lembra-se da cenoura lá na base? Era uma projeção holográfica e deve ter saído da base de informações desta espaçonave.

Carol afastou-se de Troy e foi para o meio da sala. Levantou os braços e olhou para o teto a dez metros da sua cabeça.

-Ei, vocês, quem quer que sejam -invocou em voz alta. -Agora eu quero uma coisa. Nós corremos um tremendo risco para conseguir o que vocês precisavam para os consertos. Vocês podiam pelo menos retribuir. Quero ver como é que nos poderíamos ser um dia...

À esquerda, não muito longe de uma das máquinas grandes embutidas e ligadas ao cilindro, duas divisões da parede se moveram e formaram uma passagem. Havia luz do outro lado.

-Vamos lá -disse Carol, exultante, para Troy -vamos ver o que nossos extraterrestres reservaram para nos agora.

No final do corredor curto havia uma sala quadrada pouco iluminada com cerca de seis metros de lado. Na parede oposta, iluminada por uma luz azul, que dava um aspecto surrealista ao cenário, havia oito crianças em torno de um modelo grande e brilhante da Terra. Quando Troy e Carol se aproximaram, perceberam que o que viam não era real, mas simplesmente uma sequência complexa de imagens projeta-das no ar em frente a eles. Mas o quadro diáfano era tão cheio

de detalhes ricos que era difícil acreditar que aquilo fosse uma projeção.

As crianças tinham de quatro a cinco anos de idade. Todas usavam apenas uma tanga fina branca cobrindo a genitália. Eram quatro meninos e quatro meninas. Dois pretos, dois caucasianos de olhos azuis e cabelos louros, dois orientais, e os dois últimos definitivamente gêmeos, pareciam uma mistura de toda a humanidade. O que

Carol percebeu imediatamente foram os seus olhos. As oito crianças tinham olhos grandes e penetrantes, de brilho intenso, e observavam atentamente a Terra diante deles.

-Os continentes deste planeta -dizia o menino preto -antigamente formavam uma única massa terrestre que ia de um polo ao outro. Isto foi relativamente recente, há cerca de 200 milhões de anos. Desde aquela época o movimento das placas sobre as quais as massas terrestres pousam mudou completamente a configuração da superfície. Aqui, por exemplo, pode-se ver o sub-contidente indiano separando-se da Antártida há 100 milhões de anos e movendo-se pelo mar, colidindo posteriormente com a Ásia. Foi essa colisão e a subsequente interação da placa que levantou o Himalaia, a montanha mais alta do planeta, até sua altura atual.

Enquanto o menino falava, o modelo eletrônico da Terra a sua frente demonstrava as mudanças continentais que ele descrevia.

-Mas qual é o mecanismo que faz com que essas placas e massas terrestres se movam com relação uma à outra? -perguntou a menina loirinha.

-Psss -cochichou Carol no ouvido de Troy. -Como é que podem estar falando em inglês e conhecer toda a nossa geografia? -Troy olhou-a como se estivesse desapontado e fez um movimento circular com as mãos. É claro, disse ela para si mesma, eles já processaram os disquetes.

-...então essa atividade resulta num empuxo do material das camadas profundas da Terra. Posteriormente os continentes se afastam. Alguma outra pergunta? -O menino preto sorria, apontando para o modelo à sua frente. -Aqui está o que vai acontecer às massas de terra nos próximos 50 milhões de anos mais ou menos. As Américas continuarão a se mover para o oeste, afastando-se da África e da Europa, e tomando o Atlântico Sul um oceano muito maior. O golfo Pérsico se

fechará completamente, a Austrália se movimentara em direção ao Equador, encostando na Ásia, e a baixa Califórnia e a área em volta de Los Angeles se separarão da América do Norte e se deslocarão em direção ao norte. Daqui a 50 milhões de anos, Los Angeles começará a se deslocar em direção às ilhas Aleutas. Todas as crianças observavam o globo em mudança completamente concentradas. Quando os continentes da superfície do modelo pararam de se mover, o menino oriental deu um passo para fora do grupo.

-Vimos esse fenômeno continental que Brian estava descrevendo em outros doze planetas, todos eles cobertos na sua maior parte por um líquido. Amanhã Sherry vai promover um debate mais detalhado sobre as forças interiores de um planeta que fazem com que o fundo do mar se expanda.

Uma imagem projetada de um guarda entrou pela esquerda e retirou o globo terrestre e várias outras coisas não identificáveis. O menininho esperou pacientemente o guarda terminar sua tarefa e depois continuou.

-Darla e David agora querem mostrar para nós um projeto no qual vêm trabalhando há vários dias. Vou tocar música enquanto Miranda e Justin vão dançar a coreografia que prepararam.

Os gêmeos viraram-se animados para os colegas. A menina falou.

-Quando aprendemos sobre o amor e as mudanças por que todos iremos passar depois da puberdade, David e eu tentamos visualizar como seria ter um novo desejo ainda maior do que os que conhecemos. Nossa visão conjunta transformou-se numa composição musical e numa dança., que chamamos de “A dança do amor”.

As duas crianças sentaram-se longe do grupo, quase ao lado da imagem, e começaram a mover os dedos rapidamente como se estivessem datilografando no chão.

Uma leve melodia sintetizada, agradável e animada encheu a sala. O menino louro e a menina oriental começaram a dançar no meio do grupo. No início os dois estavam separados, sem dar atenção um ao outro, cada qual absorto por completo em suas próprias atividades. O menino ajoelhou-se para pegar uma flor vermelha e branca tremulante na projeção holográfica. A menina brincava com uma grande bola azul brilhante enquanto dançava. Depois de algum tempo a

menina percebeu seu parceiro e aproximou-se dele hesitante, convidando-o a jogar bola com ela. O menino participou da brincadeira mas ignorou tudo que não fosse o jogo.

Isso é uma mágica, pensou Carol ao observar as imagens das crianças movendo-se com graça e absoluta precisão à sua frente. Essas crianças são maravilhosas.

Mas não podem ser reais. São também organizadas demais, contidas demais.

Onde está a tensão, a disputa? Mas apesar das dúvidas ficou profundamente comovida com a cena que estava presenciando. As crianças atuavam de comum acordo, como em grupo, fluindo harmoniosamente de uma atividade para outra. Sua linguagem corporal era aberta e destemida. Nenhuma neurose bloqueava seu processo de aprendizagem.

A dança. continuou. A música aprofundou-se quando o menino passou a prestar atenção à sua parceira e começou a enfeitar o cabelo dela com suas flores preferidas nos seus breves encontros. Os movimentos corporais mudaram também, os pulos lépidos e exuberantes da fase inicial deram lugar a movimentos sutilmente sugestivos feitos para avivar e depois provocar a libido. Os pequenos dançarinos se tocaram, se afastaram, e voltaram juntos abraçados.

Carol estava extasiada. Como minha vida teria sido diferente, imaginou, se eu soubesse tudo isso aos cinco anos de idade. Lembrou-se da sua amiga rica de infância Jessica, de Laguna Beach, com quem se encontrara mais tarde algumas vezes. Jessica fazia tudo antes, estava sempre na frente. Já tinha feito sexo com meninos antes mesmo da minha primeira menstruação. E veja o que aconteceu com ela. Três casamentos, três divórcios, e ela só tem trinta anos.

Tentou afastar as lembranças para poder concentrar-se na dança. De repente lembrou-se da máquina fotográfica. Estava tirando as primeiras fotografias das crianças quando ouviu um barulho vindo de trás. Nick estava entrando pelo corredor carregando o tridente na mão.

Nick começou a dizer alguma coisa mas Troy o fez calar-se, pondo os dedos nos lábios e apontando para a dança. O ritmo agora havia mudado. As duas crianças tinham posto a música no automático (parecia repetir alguns dos primeiros versos, mas com mais instrumentos, num padrão mais complexo) e juntaram-se à dança do menino louro e da menina oriental.

A primeira impressão de Carol antes de Nick falar alto foi que a dança agora explorava a amizade entre o casal e os outros.

-O que está acontecendo? -perguntou Nick. No momento em que ele falou, todo o cenário projetado desapareceu. Todas as crianças, a dança e a música sumiram num instante. Carol surpreendeu-se ao perceber que ficara desapontada e até mesmo um tanto zangada.

-Você estragou tudo -disse ela.

Nick olhou o rosto sério dos companheiros.

-Meu Deus -disse, segurando o berço -que recepção. Eu me dano para resgatar essa maldita coisa e vocês ficam danados quando volto porque interrompi uma espécie de filme.

-Para sua informação, sr. Williams -disse Carol – o que estávamos vendo não era um filme comum. Na verdade, aquelas crianças da dança. são da mesma espécie que as do seu tridente. -Nick olhou para ela com ar cético. -Diga para ele, Troy.

-Ela tem razão, professor -disse Troy. -Descobrimos isso enquanto você estava fora. Essa coisa que você está carregando é o pacote de sementes para a Terra. Alguns zigotos daí são o que Carol chama de super-humanos, geneticamente elaborados e com maior capacidade que você ou eu. Como essas crianças que acabamos de ver.

Nick levantou o berço ao nível do olho.

-Eu também tinha imaginado que essa coisa era um pacote de sementes. Mas que história é essa sobre sementes humanas? -Deu uma olhada para Troy. -Você está falando sério, não está? -Troy fez que sim com a cabeça. Carol fez que sim, e os três olharam para o objeto que estava na frente deles. Carol olhava alternadamente para o tridente e para onde a imagem das super-crianças tinha sido projetada. -Não parece possível – acrescentou Nick -mas se for, nada mais nos últimos...

-Então o que foi que você se esqueceu, Nick? -interrompeu Carol. -E por que trouxe essa coisa de volta? -Não obteve resposta imediata e continuou. -Aliás -

disse sorrindo -você perdeu o maior espetáculo do mundo.

-O que eu esqueci foi o tridente -respondeu Nick. -Passou pela minha cabeça, enquanto eu examinava aqueles objetos dourados do cilindro, que o nosso tridente poderia ser um pacote de sementes. E fiquei preocupado que pudesse ser perigoso...

O súbito som de música de órgão que invadiu o corredor vindo da sala grande atrás deles fez parar a conversa. Nick e Carol olharam para Troy. Ele colocou a pulseira no ouvido como se estivesse ouvindo-a e deu uma risadinha.

-Acho que é o aviso dos cinco minutos -disse ele. -É bom darmos a última voltinha e sairmos daqui.

O trio virou-se e voltou pelo corredor até a sala do cilindro. Ao chegarem, Carol e Troy ficaram espantados ao verem uma figura de roupa de banho azul e branca do outro lado da sala. Estava ajoelhado reverentemente ao lado do cilindro.

-Ah, sim -disse Nick com uma risada nervosa -esqueci de dizer. O comandante Winters veio comigo...

O comandante Winters sentiu-se muito bem na água, embora não mergulhasse há cinco anos. Nick descera sem nenhum equipamento, nadando ao lado dele e usando apenas um bocal de emergência conectado ao suprimento de ar das costas de Winters.

Apesar da urgência, Nick lembrou-se de que Winters era básica mente um neófito de novo e não se apressou na primeira parte do mergulho. Mas depois de Winters recusar-se várias vezes a segui-lo para perto da luz no mar, Nick ficou irritado.

Deu uma respirada mais forte no bocal sobressalente e agarrou Winters pelos ombros.

Com gestos, explicou ao comandante que ia atravessar a coisa plástica, ou o que fosse aquilo em frente a luz, e que Winters podia segui-lo ou ficar para trás, como quisesse. O comandante então deu a mão a Nick com relutância. Nick virou-se imediatamente e puxou-o através da membrana que separava a nave extraterrestre do mar.

Winters ficara completamente apavorado ao descer no escorregador de água dentro do veículo. Em resultado disso perdeu o equilíbrio e teve muita dificuldade de ficar de pé depois de cair na piscina rasa. Nick já estava fora da piscina e ansioso para encontrar-se com os amigos.

-Vou deixá-lo aqui agora uns minutos. -Apontou para a saída do outro lado da sala. -Estaremos na sala grande com teto alto do outro lado daquela parede. - Depois saiu carregando o estranho objeto dourado que trouxera do barco.

Winters ficou sozinho. Conseguiu sair com cuidado pelo lado da piscina e empilhou metodicamente seu equipamento ao lado dos apetrechos de mergulho restantes.

Olhou em torno da sala, notando as curvas das divisões brancas e pretas. Também sentiu a proximidade da sua cabeça com o teto. Segundo Williams, estou numa espaçonave alienígena que parou temporariamente na Terra. Até agora, a não ser por essa entrada estranha que não tive tempo de analisar, não vejo nenhuma comprovação de origem extra-terrestre...

Confortado pela lógica, atravessou a sala em direção ao corredor escuro. Mas seu alívio deu lugar à apreensão ao entrar na sala dominada pelo enorme cilindro com os objetos dourados boiando no líquido verde-claro. Arqueou as costas e olhou o teto abobadado de catedral, bem alto, e depois aproximou-se do cilindro.

Para ele, a relação entre o tridente que Nick segurava e os objetos dentro do cilindro foi instantânea. Esses devem ser mais pacotes de sementes destinados a outros mundos, pensou, esquecendo sua lógica insegura e dando um salto rápido para a fé. Com cenouras de quase dois metros e quem sabe o que mais para povoar alguns bilhões de mundos apenas da nossa galáxia.

O comandante andou em volta do cilindro como se estivesse sonhando. Rememorava continuamente o que Nick lhe contara logo antes de descerem e a cena espantosa que presenciara quando a aranha encolhera e pulara para dentro do objeto dourado. Então é tudo verdade. Todas essas coisas que os cientistas vêm dizendo sobre a possibilidade de grandes grupos de criaturas vivas existindo lá entre as estrelas. Parou por um momento ao ouvir estranhos ruídos por trás das paredes. E nós somos apenas uns poucos entre os muitos filhos de Deus.

Música de órgão, semelhante ao timbre que Carol ouvira ao terminar de tocar Noite feliz, mas com uma melodia diferente, começou a soar à distância pelo teto acima dele. Lembrou-se de música de igreja, e sua reação foi instintiva. Ajoelhou-se na frente do cilindro e juntou as mãos para rezar.

A música preenchia toda a sala. O que Winters ouvia era a introdução à Doxologia, o breve cântico que ouvira todos os domingos durante dezoito anos na igreja presbiteriana em Columbus, Indiana. Na sua cabeça estava novamente com 13 anos, sentado ao lado de Betty com a túnica do coro. Sorriu para ela e eles se levantaram juntos. Louvai a Deus, de quem todas as bênçãos fluem.

O coro cantava a primeira frase do hino e a cabeça de Winters foi bombardeada por uma sobreposição de lembranças dos seus 13 anos e de antes; uma série de imagens epifânicas de sua proximidade inocente e desconhecida com um Deus paternal, o Deus que ficava na parede atrás da sua cama ou logo acima do seu telhado, ou no máximo nas nuvens das tardes de verão que pairavam sobre Columbus. Ali estava um menino de oito anos rezando para que seu pai não descobrisse que fora ele quem pusera fogo no terreno baldio do outro lado da mansão Smith. De outra vez, aos dez anos, o pequeno Vernon chorara lágrimas amargas ao segurar seu cachorrinho morto, Runtie, pedindo ao onisciente Deus que aceitasse a alma do cachorro no céu.

Na noite anterior à encenação da Páscoa, a primeira vez em que Vernon O representara nas Suas horas finais, carregando a cruz ao Calvário, ele então com 11 anos não tinha conseguido dormir. À medida que a noite passava o menino entrava em pânico, com medo de ficar nervoso e esquecer sua fala. Mas então descobriu o que fazer. Pegou debaixo do travesseiro o pequeno Novo Testamento que vivia ali, dia e noite. Abriu em são Mateus 28. “Vão portanto”, dizia, “batizando todas as nações...”

Aquilo fora o bastante. Depois rezou e fechou os olhos. Seu Deus paternal e amigo enviara ao menininho uma imagem dele próprio desempenhando lindamente seu papel na encenação do dia seguinte. Confortado com essa imagem ele adormecera.

Louvem-no todas as criaturas aqui de baixo.

Com a segunda frase do cântico ressoando em seus ouvidos, suas lembranças passaram para Annapolis, Maryland. Ele já era um rapaz agora, nos últimos dois

anos de universidade na Academia Naval. As imagens que encheram sua cabeça eram todas do mesmo lugar, do lado de fora da bela capela protestante no meio do campus. Ele estava ou entrando ou saindo da capela. Passou a neve, a chuva, e ao calor do final do verão. Iria cumprir sua promessa. Tinha feito um trato com Deus, um trato comercial, cada um cumprindo a sua parte. Não era mais uma relação unilateral. Então, a vida tinha ensinado ao jovem e sério aspirante de Indiana que era necessário oferecer a esse Deus alguma coisa para poder garantir Sua transigência no trato.

Durante dois anos foi regularmente à capela duas vezes por semana. Ele realmente não ia ali para adorar Deus; correspondia-se com um Deus do mundo, um Deus que lia o New York Times e o Wall Street Journal. Eles discutiam coisas. Vernon lembrava a Deus que estava mantendo firmemente sua parte do trato e agradecia-lhe por manter a Sua também. Mas nem uma vez falaram sobre Joanna Carr. Ela não importava.

O assunto era entre o aspirante Vernon e Deus.

Louvai-O acima de tudo.

O comandante tinha curvado a cabeça inconscientemente quase até o chão na hora em que ouviu a terceira frase do cântico. No seu coração sabia as próximas paradas de sua viagem espiritual. Estava primeiro ao largo da costa da Líbia, rezando aquelas palavras horríveis, pedindo a morte e a destruição da família de Kadhafi. Deus tinha mudado enquanto o comandante Winters amadurecera. Era então um executivo, um presidente de alguma coisa maior que uma nação, um almirante, um juiz, alguma coisa remota, mas ainda acessível em tempo de real necessidade.

No entanto tinha perdido sua natureza clemente. Tomara-se inflexível e acusador.

Matar uma menininha árabe não era como queimar o terreno baldio do outro lado da mansão Smith. O Deus de Winters nessa época tomava-o pessoalmente responsável por todas as suas ações. E havia alguns pecados imperdoáveis, algumas ações tão hediondas que a pessoa poderia esperar semanas, meses ou anos nas antecâmaras da Sua corte para que Ele consentisse em ouvir o pedido de misericórdia e expiação.

Mais uma vez o comandante lembrou-se da sua busca desesperada por Ele após aquela terrível noite em que sentou-se no sofá ao lado da mulher e assistiu as notícias em vídeo-tape do bombardeio na Libia. Ela tinha ficado tão orgulhosa dele. Gravara todos os segmentos das notícias da CBS cobrindo as operações no norte da Africa, e quando ele voltou para Norfolk mostrara-lhe toda a gravação. Foi então que Winters viu todo o horror do que fizera. Lutando para não vomitar quando a câmara mostrou o revoltante resultado daqueles mísseis lançados dos seus aviões. Saiu pela noite cambaleando, sozinho, vagando até o dia amanhecer.

Estava à procura de Deus. Umas dez vezes nos três anos seguintes esse ritual se repetiu; ele vagava toda a noite, caminhando e parando para rezar, esperando ter algum sinal de que Ele estaria ouvindo suas preces. As estrelas e a lua daquelas noites eram deslumbrantes, mas não podiam lhe conceder o perdão, não podiam por fim ao tormento de sua alma.

Gloria ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.

E assim Deus se tomou escuridão e vazio para o comandante Winters. Depois disso, nas raras ocasiões em que rezou, não havia mais a imagem mental de Deus, nenhuma imagem Dele na sua cabeça. Havia apenas escuridão e vazio. Até aquele momento.

Ao ajoelhar-se perto do cilindro, ouvindo a frase final da Doxologia, ao rezar para que Deus perdoasse suas dúvidas, seu desejo por Tiffani Thomas e sua falta geral de orientação na vida, deu-se uma explosão de luz na cabeça de Winters. Deus falava com ele: Deus finalmente lhe dera um sinal!

Não era o sinal que vivia procurando, nem a prova de que Ele enfim o perdoara e aceitara sua penitência, mas uma coisa muito melhor. A explosão de luz que sentiu era uma estrela, uma fornalha solar formando hélio a partir do hidrogênio. Quando sua câmera mental recuou rapidamente, viu planetas em torno daquela estrela e sinais de inteligência em alguns desses planetas. Havia outras estrelas e outros planetas á distância. Bilhões de estrelas só nessa galáxia e, além dos vazios colossais entre as galáxias, mais aglomerações imensas de estrelas, planetas e criaturas vivas espalhando-se em distâncias incompreensíveis em todas as direções.

O corpo de Winters sacudiu-se de alegria e seus olhos encheram-se de lágrimas ao perceber como Deus tinha respondido tão completamente às suas preces. Ele

não se contentaria em simplesmente revelar a Winters que ele fora perdoado. Não, este Senhor de todo o imaginável, cujo domínio abrangia químicas levadas à consciência de milhões de mundos num vasto e incalculável universo, este Deus verdadeiramente onipotente e onipresente, tinha-lhe respondido além das suas preces. Tinha-lhe mostrado a unidade de tudo. Não se limitara as coisas de um indivíduo num pequeno e insignificante planeta azul orbitando em volta de um sol amarelo comum numa das ramificações em espiral da Via Láctea. Também mostrara a Winters como aquela espécie, com sua inteligência e espiritualidade, estava ligada a todas as partes de todos os átomos do Seu grande domínio.

Quando Nick atravessou a sala para encontrar-se com o comandante, os ruídos intermitentes por trás das paredes aumentaram em amplitude e frequência. Em volta do cilindro, próximo a uma das maiores máquinas auxiliares, abriu-se uma porta e dois tapetes, movendo-se como répteis, entraram na sala. Logo em seguida entraram dois guardas e quatro plataformas sobre rodas. Essas plataformas carregavam pilhas de material de construção. Cada um dos guardas levou duas plataformas para um canto da sala, onde começaram a construir pilares para a fixação do cilindro.

Os dois tapetes puseram-se diante de Nick no meio da sala. Ficaram de pé e inclinaram-se na direção da saída que dava para o mar.

-Estão nos dizendo que é hora de partirmos -disse Carol ao chegar com Troy perto de Nick.

-Eu sei disso -respondeu Nick. -Mas ainda não estou pronto para partir. -Virou-se para Troy. -Esse jogo tem alguma tecla para interromper o jogo? -perguntou.

-Eu preciso de mais tempo.

Troy riu.

-Acho que não, professor. E não há jeito de gravar o jogo e começar de novo.

Nick parecia estar pensando profundamente. Os tapetes continuavam a sinalizar.

-Vamos logo, Nick -disse Carol, segurando-o pelo braço. -Vamos antes que eles se zanguem.

Subitamente Nick avançou para um dos tapetes e mostrou o berço dourado.

-Tome -disse -pegue isso e ponha-o junto dos outros no cilindro. -O tapete encolheu-se e virou as pontas de cima dos dois lados. Depois juntou os lados verticais e apontou para Nick.

-Não preciso da pulseira para interpretar este gesto -observou Troy. -O tapete está simplesmente dizendo a você para levar o tridente de volta para o barco.

Nick sacudiu a cabeça e ficou quieto por um tempo.

-Este é o único? -perguntou para Troy, que não entendeu a pergunta. -Este é o único pacote de sementes para a Terra?

-Acho que sim -respondeu Troy depois de alguma hesitação, olhando para Nick com expressão intrigada.

Nesse meio tempo o nível de atividade na sala aumentara substancialmente.

Quando o comandante Winters se juntou aos três no meio daquela confusão, os guardas e as plataformas construía ativamente nos cantos, podia-se ouvir o barulho dos equipamentos por trás das paredes e a música do órgão se tomara mais alta e ligeiramente sinistra. Além disso, uma meia gigantesca, ou um tipo de cobertura acolchoada de material macio e flexível tinha se desdobrado acima deles no teto e descia lentamente sobre o cilindro. O comandante Winters olhava a sala admirado.

Ainda sereno e contente com a beleza e intensidade da sua epifania, não prestava muita atenção à conversa.

-Eles precisam levar essa coisa embora -dizia Nick seriamente para Carol e Troy. Não estão vendo? Agora é ainda mais importante, já que sabemos que há sementes humanas dentro disso. Nossos filhos não terão nenhuma chance.

-Mas as crianças são tão bonitas, tão inteligentes -disse Carol. -Você não as viu como nós vimos. Não posso acreditar que aquelas crianças sejam capazes de fazer mal a alguém ou a alguma coisa.

-Elas não teriam intenção de nos destruir – argumentou Nick -mas isso fatalmente aconteceria.

Os tapetes começaram a pular para cima e para baixo.

-Eu sei, eu sei -disse Nick, esticando de novo o berço para eles. -Vocês querem que vamos embora. Mas primeiro, por favor me ouçam. Nós os ajudamos, agora estou pedindo que vocês nos ajudem. Tenho medo do que possa haver nesse pacote, medo de que isso possa perturbar a estabilidade frágil do nosso planeta. Nosso progresso como espécie tem sido lento, intermitente, andando tanto para frente quanto para trás. O que quer que esteja aqui dentro, não importa o que, poderá ameaçar nosso desenvolvimento futuro. Ou talvez até fazê-lo parar por completo.

A atividade da sala continuava. Não houve nenhuma reação aparente ao discurso de Nick da parte dos tapetes impacientes, que agora iam um de cada vez até a saída para mostrar àqueles humanos burros o que estavam querendo que fizessem. Nick olhou suplicantemente para Carol. Ela olhou-o e sorriu. Depois de alguns segundos deu uns passos e segurou sua mão. Os olhos dos dois se encontraram quando ela começou a falar, e Nick viu uma nova expressão no seu olhar, alguma coisa semelhante a admiração.

-Ele tem razão, e vocês sabem disso -disse Carol para os dois tapetes. -Vocês não pensaram com o devido cuidado sobre o resultado desta missão. Mais cedo ou mais tarde seus embriões especiais e os humanos que já existem neste planeta irão se encontrar e haverá uma catástrofe. Se este pacote de sementes for encontrado no início do desenvolvimento dos super-humanos, estou certa de que os terráqueos se sentirão obrigados a destruí-lo. Que outro tipo de reação poderiam ter? A magnitude da ameaça talvez não seja inteiramente conhecida, mas é fácil reconhecer que criaturas geneticamente elaboradas por extraterrestres poderiam causar um problema colossal às espécies nativas deste planeta.

Troy estava logo atrás de Nick e Carol ouvindo atentamente o que ela falava. À sua volta continuavam os preparativos para a partida da nave. Os guardas e as plataformas tinham terminado de construir e instalar dois pilares que seriam conectados ao cilindro durante as vibrações mínimas do lançamento. Os berços dourados do cilindro não estavam mais visíveis; a cobertura tinha descido quase até o chão.

-...Então, se vocês não levarem de volta este pacote dourado, colocando-o talvez em outro mundo que ainda não tenha inteligência, haverá mortes desnecessárias. Ou suas sementes irão perecer antes da maturidade ou os humanos nativos como nós eventualmente serão dominados, se não forem mortos, pelos seres mais capazes que vocês elaboraram. Isso não parece uma recompensa muito justa pelo esforço que fizemos por vocês.

Carol parou para olhar quatro cordas estranhas se estendendo do alto e da base do cilindro, serpenteando no ar e finalmente se prendendo aos pilares nos cantos da sala. Os tapetes estavam cada vez mais agitados. Os dois guardas terminaram de supervisionar suas tarefas de pré-lançamento, viraram-se abruptamente para os quatro seres humanos e caminharam em sua direção.

Carol apertou a mão de Nick com mais força.

-Pode ser verdade que nosso desenvolvimento natural seja um processo lento e absolutamente insatisfatório – continuou, temendo a aproximação ameaçadora dos guardas -e é verdade que nós humanos cometemos erros, como indivíduos e como grupos. Contudo, vocês não podem deixar de ver que este processo imperfeito nos produziu, e nós tivemos bastante visão ou compaixão, ou o que preferirem chamar...

-Esperem -gritou Troy. Tirou o berço da mão de Nick e colocou-se no caminho de um dos guardas ameaçadores. Estava a poucos centímetros de duas hastes ameaçadoras com ramificações afiadas na ponta. -Esperem -gritou de novo. Milagrosamente toda atividade cessou. Os tapetes e os guardas ficaram imóveis, os ruídos da parede sumiram e até mesmo o órgão foi silenciado. -De todos nós -disse Troy bem alto, com a cabeça para trás na direção do teto -eu sou quem tem mais conhecimento da finalidade da missão de vocês. E quem tem mais a perder recomendando que vocês abandonem esta parte da missão. Mas concordo com meus amigos.

Tirou a pulseira e teatralmente enfiou dentro do guarda o berço e a própria pulseira.

Sentiu-se como se estivesse enfiando a mão numa tigela de massa quente de pão. Soltou os dois objetos lá dentro e retirou a mão. O guarda continuou imóvel. A pulseira e o berço continuaram dentro do corpo do guarda, onde Troy os colocara.

-Desde o início percebi que esta pulseira que vocês me deram me dava poderes especiais, aptidões que eu não possuía. Compreendi, sem saber os detalhes, que haveria uma recompensa contínua e substancial pela minha ajuda a vocês. E achei que finalmente, finalmente, Troy Jefferson seria alguém especial neste mundo.

Passou pelo atônito comandante Winters, que seguia os acontecimentos com pacífico desligamento, e foi para o lado de Carol e Nick.

-Quando meu irmão Jamie foi morto -começou de novo com suavidade -jurei que iria fazer o que fosse necessário para deixar minha marca na história. Durante esses dois anos que vaguei por todo o país, passei a maior parte do tempo sonhando acordado. Meus sonhos todos chegavam à mesma conclusão. Eu iria descobrir alguma coisa nova que abalaria o mundo, e ficaria rico e famoso da noite para o dia.

Deu um beijo em Carol e piscou o olho para ela.

-Gosto muito de você, menina -disse. -E de você também, professor. -Depois virou-se e encarou o cilindro coberto. -Quando saí daqui na quinta-feira à tarde, estava tão excitado que não conseguia me conter. Ficava dizendo a mim mesmo “Porra, Jefferson, olhe aí. Você vai ser o homem mais importante da história deste mundo infeliz.”

Troy fez uma pausa.

-Mas aprendi uma coisa muito mais importante nesses últimos três dias -disse. Uma coisa que a maioria de nós provavelmente nunca considerou. É que o processo é mais importante que o resultado final. O que se aprende enquanto se sonha ou planeja ou trabalha para atingir uma meta é que é essencial e valioso, e não a realização da meta em si. E é por isso que vocês devem agora fazer o que meus amigos pediram. Eu sei que vocês, ETs, tentaram me explicar nesses últimos minutos, através da pulseira que me deram de presente, que os novos humanos que estão depositando aqui irão nos levar, nós, seres primitivos, a uma era arrojada e maravilhosa.

Talvez isso seja verdade. E concordo que precisamos de ajuda, que nossa espécie é preconceituosa, egoísta. e problemática. Mas vocês simplesmente não podem

nos dar as respostas. Sem lutarmos para nos aprimorar, sem o processo de superarmos nossas próprias fraquezas, não haverá nenhuma mudança fundamental em nós, humanos.

Não ficaremos melhores. Iremos nos tomar cidadãos de segunda classe, acólitos num futuro planejado por vocês. Portanto levem seus humanos perfeitos de volta e deixem-nos melhorar por conta própria. Nós merecemos uma chance.

Depois que Troy terminou, ninguém se mexeu durante vários segundos. Então o guarda em frente a ele fez um movimento de lado, e Troy preparou-se para um ataque.

Mas o guarda encaminhou-se para a saída perto do cilindro. A pulseira e o berço ainda estavam à vista dentro do seu corpo.

-Tudo bem, pessoal -gritou Troy feliz. Nick e Carol se abraçaram. Troy puxou o comandante Winters pela mão. Quando estavam saindo, viraram-se uma última vez para olhar a grande sala. Cada qual viu a sala em termos das suas experiências específicas.

Os ruídos tinham começado de novo por trás das paredes. E os tapetes, as plataformas e os guardas saíam da sala pela porta ao lado do cilindro coberto.

Estavam a bordo do barco há apenas três ou quatro minutos quando de repente a água debaixo deles tomou-se muito turbulenta. Todos os quatro estavam estranha-mente quietos. O tenente Ramirez, frustrado, andava pelo deck tentando saber por algum deles o que se passara debaixo d'água. Até mesmo o comandante Winters praticamente ignorou o tenente, apenas sacudindo a cabeça ou dando respostas simples as suas perguntas.

Estavam certos de que a nave espacial estava prestes a ser lançada. Não imaginavam que ela iria deslizar suavemente por aquela área primeiro, para que eles não submergissem numa onda gigantesca, antes que saísse do mar em direção ao céu. A água ficou agitada durante vários minutos, e todos observavam o mar na esperança de ver o veículo.

-Olhem -gritou o comandante Winters excitado, apontando para um pássaro prateado gigantesco subindo ao céu, a cerca de 45 graus de distância do sol nascente.

Sua subida foi a princípio lenta, mas acelerava rapidamente à medida que ganhava altura. Nick, Carol e Troy se deram as mãos enquanto observavam o espetáculo maravilhoso. Winters deu uns passos e ficou perto deles. Após trinta segundos a nave desaparecia acima das nuvens. Não chegou a haver nenhum som.

-Fantástico -disse o comandante Winters.